

Um
**de AMOR
CINEMA**

UMA LISTA • DOIS CARAS • DEZ FILMES



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Victoria Van Tiem



Um
AMOR
de
CINEMA

Tradução
Débora Isidoro



VERUS
EDITORA

Editora: Raïssa Castro
Coordenadora Editorial: Ana Paula Gomes
Copidesque: Katia Rossini
Revisão: Renata Coppola Fichtler
Capa: Adaptação da edição e-book original
(© Pocket Star Books/Simon & Schuster)
Fotos da capa: Ann Precious/Shutterstock (tiras de filme)
Suravid/Shutterstock (mulher)
Projeto gráfico da versão impressa: André S. Tavares da Silva

Título original: *Love Like the Movies*

ISBN: 978-85-7686-393-9

Copyright © Victoria Van Tiem, 2014
Todos os direitos reservados.

Edição publicada mediante acordo com Lennart Sane Agency AB.

Tradução © Verus Editora, 2014

Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Verus Editora Ltda.

Rua Benedicto Aristides Ribeiro, 41, Jd. Santa Genebra II, Campinas/SP, 13084-753

Fone/Fax: (19) 3249-0001 | www.veruseditora.com.br

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

T44u

Tiem, Victoria Van

Um amor de cinema [recurso eletrônico] / Victoria Van Tiem; tradução
Débora Isidoro. - Campinas, SP: Verus, 2014.
recurso digital

Tradução de: Love Like the Movies

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-7686-393-9 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Isidoro, Débora. II. Título.

14-15720

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Revisado conforme o novo acordo ortográfico

Para meu marido, M., meu eterno protagonista, e nossos dois meninos maravilhosos, Kirken e Garrett — seu incentivo e apoio inabalável são nada menos que épicos

Para A.J., uma mulher que vive inspirada e, assim, inspira o melhor em todos que a cercam. Você é glamour de Holly wood no dia a dia, e eu sempre sentirei admiração e até certo deslumbramento

Em cartaz

- 1 Quase trinta, linda e florescendo
- 2 Pavor à segunda vista
- 3 A verdade nua e crua
- 4 Sintonia de amargor
- 5 Vestida para arrasar
- 6 Ligeiramente enrolada
- 7 Uma linda confusão
- 8 Como perder a cabeça em cinco dias
- 9 Meu adorável ex-namorado
- 10 Conselhos de casamento da minha melhor amiga
- 11 Uma linda sinfonia
- 12 Kenzi Shaw: no limite da razão
- 13 Ritmo perigoso
- 14 Os delírios cinematográficos de Kenzi Shaw
- 15 Armações fracassadas
- 16 Enquanto você traía
- 17 Gatinha e gato

18 Confusão a toda prova

19 Guerra é...

20 Cinismo para você

21 Digam alguma coisa

22 Quatro xingamentos e um chá

23 Finalmente amor

Epilogo Shane & Kenzi: feitos um para o outro

Estrelas da vida real



Quase trinta, linda e florescendo

Quando eu tinha nove anos, demiti minha mãe. Simplesmente escrevi “Você está demitida”, em letras vermelhas e brilhantes. Também desenhei uma margarida sorridente e um sapo.

Tudo bem, a flor estava demitindo o sapo, e as palavras foram escritas em um balão de quadrinhos sobre a cabeça dela. Mas, olhando com atenção, você veria o colar favorito de mamãe no pescoço do sapo.

Aquela foi minha estreia na sátira.

Infelizmente, não chamou a atenção de minha mãe. Ela jogou o desenho na gaveta da cozinha, com todos os outros: o pinguim que copiei de uma foto, o gato a que dediquei dias para conseguir fazer direito, até a borboleta com a anotação, na caligrafia da minha professora de arte: “Maravilhoso, que talento!”

Hoje, porém, não tenho de me preocupar com a atenção de minha mãe. O anel de diamante em minha mão praticamente garante isso. Bradley é um partidão. Loiro, forte e refinado, e quer se casar comigo. Serei a sra. Kensington Connors. Tremo por dentro só de pensar nisso.

Então, por que estou tão nervosa? Bradley me surpreende admirando o anel, sorri para mim de um jeito reconfortante e segura minha mão quando abre a porta da frente. Ele sabe como fico ansiosa perto de minha família e como estou animada para finalmente mostrar a eles o anel e começar a planejar o casamento.

Vamos para a cozinha, onde minha mãe e Ren estão cozinhando. O aroma de coisas muito doces invade de maneira intensa meu olfato. Tento ignorar o sentimento incômodo e familiar. Em vez de uma mulher de vinte e nove anos, sou outra vez uma menina de treze, desesperada pela aprovação delas.

— Oi — falo com um sorriso nervoso. Bradley beija o rosto de minha mãe e acena para Ren. Depois, pisca rapidamente para mim antes de ir para a sala de estar, onde meu pai e meu irmão, Grayson, falam tão alto sobre o sistema de saúde que consigo ouvir trechos da conversa.

Minha mãe deixa de lado a tigela de massa e limpa as mãos no avental.

— Aí está ela! Não a vemos nunca, não é, Ren? — ela diz, como se eu fosse uma visitante, não alguém que cresceu naquela casa. E vem me abraçar.

— Oi, mãe. — É um abraço rápido. Percebo que ela escolheu o vestido tubinho Jackie O casual e que o protege com um avental chique-desgastado, e Ren... uau, veste quase a mesma coisa. São como mãe e filha gêmeas. De repente, sinto ciúme. Quero gritar: *Arrume sua própria mãe!*, mas sei que ela perdeu a mãe quando era jovem, e eu deveria entender.

— Oi, Kensington, você está ótima — Ren me cumprimenta com um sorriso contido. Nada de abraço. Ela olha minha bolsa nova da Coach. Aquela que comprei depois de muita economia. — Vi que essas bolsas foram lançadas. Parece que todo mundo já tem. Estou de olho no modelo novo da Burberry.

Sorrio e assinto, num gesto de cabeça, reconhecendo que ela ainda reina, suprema.

— Então, vamos ver. Mostre. — Mamãe aponta para minha mão.

Sinto a vitória inflar-me o peito; uma pequena vitória no horizonte para o Time Kenzi. Sim, infelizmente estou contando. Até agora não consegui ficar na frente. O placar geral é mais ou menos este:

Time Ren: duzentos e setenta e cinco.

Time Mamãe e Papai: perdi a conta.

Time Grayson: quarenta e cinco, exatamente. Porém, desde que estou com Bradley, ele parece menos crítico.

Time Kenzi: quatro. Incluindo hoje.

Quatro pontos para uma vida inteira em segundo lugar. Fiz parte da corte do baile do colégio, mas não fui a rainha. Formei-me entre os dez primeiros alunos da sala, mas não fui a oradora da turma, como Grayson. Sou diretora de criação

em uma importante agência de publicidade, mas minha profissão não é tão séria quanto a medicina. Meu pai, Grayson e Ren são todos médicos.

Minha primeira vitória real foi quando levei Bradley para conhecer minha família. Eles o idolatram. Na verdade, ele se ajusta muito melhor que eu a este grupo de imitadores dos Kennedy. O segundo ponto foi completar um ano com ele. O terceiro ponto foi marcado na semana passada, quando Bradley e eu ficamos noivos. E, agora, o superanel certamente vai marcar meu quarto ponto.

Estendo a mão de modo que a luz que entra pela janela da cozinha ilumine o anel, criando o brilho perfeito.

Ren segura minha mão para olhar mais de perto.

— Ah! É fantástico, Kensington. O Bradley é bom demais com você.

O que ela quer dizer, na verdade, é que Bradley é bom demais *para* mim. Neste exato instante, eu me orgulho de Bradley por ele poder comprar uma joia de qualidade tão indiscutível e por ter um gosto tão refinado. Não importa se não combina com meu gosto pessoal. É da Tiffany's, é enorme e atende a todos os requisitos.

Ren faz careta.

— Ah, você devia fazer as unhas. Sua mão agora chama muita atenção, é melhor não estragar tudo com cutículas malfeitas. O Bradley merece esse capricho.

Ding. Time Ren: duzentos e setenta e seis.

Ela enfia a mão na bolsa, pega um cartão e o oferece a mim.

— Telefone e marque hora com a Cindy. Ela é fabulosa.

— É mesmo, acabamos de ter um dia de mocinha, está vendo? — Agitando os dedos, minha mãe exhibe as unhas brilhantes e rosadas.

Percebo que Ren usa a mesma cor de esmalte.

Dia de mocinha. Sem mim.

Admiro as unhas feitas e sorrio.

— Ficaram ótimas. Vou telefonar. Então, o que acha, mãe? O Bradley acertou, não? — pergunto, tentando reforçar minha vitória. É patético, eu sei.

— Ah, sim, querida. O Bradley escolheu maravilhosamente bem. — Sorrindo, minha mãe pede para Ren ir buscar mirtilos na geladeira e se concentra novamente na massa.

— Precisa de ajuda? — pergunto, me sentindo um pouco deslocada. — Quer que eu arrume a mesa ou separe os pratos?

— Não, transformamos essa etapa em uma ciência, não é, sogrinha? — Ren dirige a minha mãe uma caretinha, franzindo o nariz.

Por um momento, fico ali parada, mexendo no meu anel. Acho que é isso. O primeiro round do brunch de domingo dos Shaw está oficialmente encerrado. Tenho certeza de que falaremos sobre os planos para o casamento durante o almoço. É claro que sim. Não vou deixar que joguem essa etapa em uma gaveta, de jeito nenhum.

Por que não fiz as unhas?

Subo a escada para meu antigo quarto, que foi completamente desmontado e agora é o estúdio de scrapbook de minha mãe. Uma grande mesa quadrada de projetos foi construída para parecer uma peça da Pottery Barn, mas muito maior, com milhões de gavetas e nichos, cada um ocupado por diferentes letras adesivas e enfeites. O único resquício de mim que ainda resta no quarto se encontra, agora, na prateleira de cima do armário, em uma caixa fechada e rotulada: “Kensington”.

Suspirando, pego o celular e clico no aplicativo do Facebook. Estou sempre espiando o telefone para ver o que as pessoas postam. Depois, comparo tudo o que vejo com as coisas que estou fazendo, ou não, e isso me faz pensar no que eu deveria estar fazendo. A questão é que... acabo não fazendo nada diferente. Só perco horas da minha vida fazendo isso.

Como só havíamos informado nossas famílias sobre o noivado por telefone, esperei até hoje para anunciar a novidade oficialmente no Facebook. E a espera está me matando.

Duas novas solicitações de amizade. Clico no ícone e aceito a primeira, uma garota que conheço da academia. Congelo ao ver a segunda solicitação. *Não creio*. Aproximo o telefone dos olhos, encarando a foto pequenina. Meu peito fica apertado. Não pode ser. Ai, meu Deus. *É*.

É Shane.

Shane Bennett.

O mesmo Shane Bennett que partiu meu coração depois de quatro anos juntos. E agora ele quer ser meu amigo?

Sério?

A emoção desabrocha em meu peito. Nada de lágrimas, porém. Derramei lágrimas por ele às centenas, talvez aos milhares. O que sinto agora é só um eco da dor que surge cada vez que tropeço em alguma lembrança dele. Sombras daquela que senti um dia.

Ele se mudou da Inglaterra para o Meio-Oeste dos Estados Unidos, veio morar com os avós e cursar o ensino médio, e ficou para fazer faculdade. Foi lá que nos conhecemos. Não lembro por quê, mas começamos a conversar e nunca mais paramos. Estávamos sempre juntos. Ele era toda atitude e cabelo bagunçado. Eu adorava o cabelo dele.

Foi meu primeiro amor de verdade. Meu primeiro sofrimento de verdade. Meu primeiro *tudo* de verdade.

Olho para a caixa no armário. O rótulo deveria ser “Kensington e Shane”. Cada cartão que trocamos e todas as pequenas recordações estão guardados ali. Eu me aproximo, fico na ponta dos pés e cutuco a caixa até conseguir segurá-la e puxá-la para baixo. Dentro dela tem uma foto que estou desesperada para ver. Ela ficava sobre meu criado-mudo, em um porta-retratos; é assim que me lembro dele.

Coloco a caixa sobre a mesa de projetos e removo a tampa lentamente, como se as lembranças guardadas ali pudessem fugir de alguma forma.

Remexo o conteúdo, procurando. Há pilhas de cartões amarradas com barbante. Encontro uma munhequeira de tecido atalhado. Pego-a, aproximo-a do nariz e cheiro. O perfume dele desapareceu há muito tempo, mas a lembrança de ter usado a munhequeira para dormir ainda é forte. Guardo-a e continuo remexendo as fotos.

Comprimo os lábios numa linha fina quando a vejo. Shane apoiado na parede, a gola levantada e o bloco de desenho na mão abaixada. Aquele é o rosto para o qual eu dizia boa-noite, o que me recebia de manhã e do qual senti falta durante tanto tempo.

Olhando para a velha foto e o retrato do perfil do Facebook, eu os comparo. O mesmo cabelo escuro e ondulado. Os mesmos olhos cor de mel. O mesmo Shane.

Está mais velho, mas é ele. Definitivamente ele.

Um suspiro pesado me brota do peito. Por que ele não me disse que era tudo mentira? Eu teria acreditado. Eu queria que as coisas continuassem como eram.

Querida Shane. Mas ele não falou nada, só que sentia muito. E que não podia explicar porque...

— Kenzi? — É minha tia Greta.

— Estou aqui — respondo, jogando a foto dentro da caixa e recolocando a tampa. Prontamente a fecho e devolvo à prateleira.

— Sabia que te encontraria aqui. A comida está na mesa.

Ela veste calça jeans escura e uma túnica branca e larga. Um colar turquesa realça o azul dos olhos e o vermelho dos cachos, coloridos recentemente.

— Gostei do cabelo — comento sorrindo e apago a tela do celular.

Tia Greta ajeita os cachos na altura dos ombros.

— Sua mãe odiou. Ela diz que chama muita atenção.

Levanto uma sobrancelha.

— Não é essa a intenção?

Ela ri, uma risada afetuosa e profunda.

— É um bônus.

Não sei se ela considera um bônus incomodar minha mãe ou chamar atenção. Provavelmente, ambas as coisas. Tia Greta é considerada a ovelha negra, a não convencional, porque não se incomoda com o que os outros pensam. Está um degrau abaixo de mim, que sou a que nunca faz nada certo, mas pelo menos tenta, de acordo com a hierarquia da família Shaw.

Tia Greta toma minha mão para avaliar o anel e assobia.

— Uau. Isso deve ter custado uma fortuna. Qual foi a reação de Renson?

Tia Greta é a única que sabe do apelido que uso para me referir à superdupla Ren e Grayson. Faço uma careta e sufoco uma risada.

Ela sorri.

— Acredite, na próxima vez que a virmos, ela terá mandado acrescentar mais pedras à aliança dela. — E solta minha mão, indicando a porta com um movimento de cabeça. — Venha, vamos começar logo com isso.

Caminho atrás dela e pego o celular outra vez. Ainda não sei por que Shane faria contato comigo agora, depois de tanto tempo. *Espere*. A solicitação de amizade sumiu.

Cadê a solicitação?

Um nó se forma em meu estômago. Toco o ícone do aplicativo para abrir meu mural. A última notificação informa: “Kenzi Shaw começou uma amizade

com Shane Bennett e mais uma pessoa”. *O quê?*



O mais recente garotão da tia Greta se chama Finley. Parece legal, mas não me esforço para tentar conhecê-lo, porque ele não estará presente na próxima reunião familiar. Ele demonstra interesse demais em Ren, que ignora educadamente as perguntas intermináveis sobre sua cultura.

— A Ren é de Chicago, Fin — diz tia Greta, lançando-lhe um olhar severo de “já chega”.

— Como vão as coisas no hospital, Grayson? Conseguiu usar o vídeo 3D para ajudar na toracoscopia? — pergunta meu pai, enquanto acrescenta molho picante aos ovos.

Grayson se detém, mantendo o prato vazio no ar.

— Sabe, eu usei o equipamento na semana passada. É uma ferramenta eficiente. Vou sugerir o investimento à diretoria.

— Bom, bom — responde meu pai, e passa para Ren algo semelhante a panquecas de linguixa. — Alguma coisa animadora na pediatria? — pergunta a ela ao puxar o prato de volta.

— Ah, sempre tem alguma coisa interessante quando trabalhamos com crianças — Ren comenta, sorridente.

Papai faz um gesto de aprovação com a cabeça, come mais um pouco e olha para Finley.

— Então, Finley, o que você faz?

Bradley põe mais duas linguixas no prato e recusa as panquecas que minha mãe tenta servir.

— O Bradley não come carboidrato, mãe — eu lembro.

Finley alinha as costas e pigarreja.

— Sou da área de vendas. Agora, telefones. Sempre trabalhei vendendo alguma coisa.

— Bom, bom — responde meu pai. — O Bradley é gerente de vendas na Safia, no centro da cidade, a maior agência de publicidade em Indianápolis. Ele cuida de todas as minhas compras de mídia. — Papai tem um spa clínico aqui no Village, onde é possível aplicar botox, fazer preenchimento labial e marcar consultas para cirurgia plástica, tudo no mesmo lugar. Não entendo bem que eles se orgulhem tanto de Bradley por seu emprego, mas que o meu, de diretora de criação, seja considerado frívolo. Trabalhamos na mesma agência, ambos em cargos importantes.

Bradley assente e balança o garfo para enfatizar o que diz.

— Isso me lembra, tenho alguns números organizados para aquele horário vespertino do Canal 6 sobre o qual falamos.

Espero Bradley terminar de falar sobre os horários em que donas de casa com 2,3 filhos em escolas particulares e com rendimento acima de seis dígitos assistem à televisão. Sorrio e movo a cabeça, concordando com tudo, mas por dentro estou fervendo de agitação, ansiosa para discutir nossos planos de casamento.

Tia Greta pisca para mim e interrompe o discurso monótono de Bradley.

— Kensington, vocês já marcaram a data?

Todo mundo olha para mim. Eu me animo. É minha vez. *É isso.* Meu estômago dá um pulo.

Bradley segura minha mão e sorri ternamente.

— Ainda não temos nada definido, mas na primavera, talvez? O que você acha?

— Talvez — respondo, animada com a ideia. — Na primavera pode ser bem legal...

— Ah! Não consigo mais segurar. Adivinhem o que também vai acontecer na primavera? — Ren dispara, com uma efervescência incomum na voz. — Um bebê! Estou grávida!

— Ah! Ah, meu Deus! — minha mãe grita e se levanta para correr até o outro lado da mesa. Seus braços envolvem Ren e Grayson em um abraço coletivo. — Ela está grávida! Vou ser a vovó Shaw!

Todos gritam e aplaudem. É como em Vegas, quando alguém ganha o prêmio no caça-níqueis.

Ding. Ding. Ding. Ding. Time Ren: duzentos e setenta e sete. Não, trezentos! Quinhentos! São pontos demais para contar. Ela ganhou o grande prêmio!

Meu pai está falando sobre ser chamado de vovô. Grayson explica que não podiam adiar os filhos para sempre, porque Ren já tem vinte e nove anos. Quer dizer, meu Deus, ela tem *quase* trinta. Até Finley aperta a mão de meu pai para dar os parabéns. Mamãe grita, me informando que não tenho tempo a perder, que Bradley e eu deveríamos apressar o casamento para acelerar as coisas.

Tia Greta olha para mim como se dissesse: *Eu entendo, querida.* Forço um meio-sorriso para convencê-la de que está tudo bem. Quer dizer, é claro que estou feliz por eles.

Um bebê.

É o grande prêmio.

Ainda não tenho trinta anos, então dá tempo.

Olho para o meu anel de noivado e imagino um novo cartaz com “Você está demitida” escrito em letras vermelhas de caneta de ponta grossa. Dessa vez, é para minha cunhada. Nada de flores ou sapos para ela.

Ela já tem um bebê.



Nós nem falamos sobre o casamento.

Jogo a bolsa sobre a bancada da cozinha, tiro o casaco e abro a geladeira para pegar o vinho. Foi um longo dia. Em vez de me sentir animada e feliz, estou esgotada. Lembranças do brunch dos Shaw, da súbita reaparição de Shane e do grande anúncio de Ren giram em minha cabeça, me deixando tonta.

A garrafa de vinho branco está aberta e gelada, e sirvo a bebida em uma taça. Bradley prefere os de qualidade, mas mantém em meu apartamento um estoque de vinho branco e doce, mais barato, porque sabe que eu gosto. Bebo um gole e me apoio na bancada, deixando o sabor frutado desmanchar o nó que se formou em minha garganta.

Um bebê é uma notícia importante. É o primeiro neto. Tenho certeza de que, quando superar a surpresa do anúncio, minha mãe ainda vai querer discutir o casamento e me ajudar com os detalhes. É claro que vai. Sou sua única filha e há muito para fazer: encontrar um vestido, escolher o lugar... Ainda nem marcamos a data.

Ela gostou do anel.

Levanto a mão para admirá-lo. Por que não gostaria? A pedra brilha e irradia as quatro qualidades fundamentais: pureza, lapidação, cor e quilates. Talvez eu deva incluir mais uma. Loucura. Porque *eu* não gosto dele.

Quer dizer, gosto, mas não é o anel que eu teria escolhido. É tradicional e muito grande. Talvez grande demais. Não contenho um sorriso ao lembrar que Bradley disse que era o que eu merecia.

O anel não importa, de qualquer maneira; é lindo e eu estou feliz. Vou me casar e dar mais um passo para a formação de uma família. Bradley quer muitos filhos, um time de futebol. Eu ficaria feliz com um. Talvez dois.

Pelo menos uma menina.

Olhando para o nada, imagino aulas de balé e recitais de dança. Eu poderia participar, ajudar com os figurinos. Uma vez fiz um tutu para minha boneca com o saio de um dos meus vestidos. Lembro-me de minha mãe aos gritos porque o vestido era de algum designer famoso. Minha filha vai nascer com cabelo? Bradley nasceu careca, e eu não tinha nem o suficiente para prender um laço. Minha mãe o colava na minha cabeça com fita adesiva.

Ren provavelmente terá uma menina.

Tudo bem. Eu serei a próxima. Tem tempo.

Termo de beber meu vinho e encho a taça novamente. Faço a mesma coisa depois de cada brunch da família Shaw, me torturando com a contagem mental de pontos, a fim de determinar se correspondi às expectativas da minha família. Nunca venço. Não sei por que pensei que hoje seria diferente.

Mais um gole para me fortalecer e caminho até minha mesa, onde me sento e acesso o Facebook.

Distraio-me por quinze minutos inteiros.

Meu coração bate um pouco mais depressa quando digito “Shane Bennett” na caixa de busca. Pequenas faíscas de excitação explodem dentro de mim quando o rosto dele aparece, relacionado entre meus amigos. Todo adulto. *Mas terá ele*

realmente crescido? Shane tinha ideias grandiosas, mas faltava a realização. Ele quase nem ia às aulas. Na verdade, eu fazia muitos de seus trabalhos.

Bebo mais um gole e estudo a foto. O cabelo ainda é ondulado e bagunçado, embora mais curto. Uma sombra de barba lhe cobre o queixo. Os lábios esboçam um sorriso.

Meu Deus, ele ainda é lindo. Isso é tão irritante.

O plano diabólico que criei inclui postar várias fotos do meu anel enorme, posts aleatórios sobre como estou incrivelmente feliz e como sou bem-sucedida, e então, depois de alguns dias — preciso ter certeza de que ele vai ter tempo para ver tudo —, encerrar a amizade.

Eliminá-lo.

De novo.

Para sempre.

Adeus.

Sopro uma mecha de cabelo que cai sobre meus olhos. Tonya, uma amiga nossa da faculdade e agora minha colega de trabalho, foi quem descobriu que ele me traía. Eu não queria acreditar, mas, quando perguntei diretamente a ele, seu rosto fez aquela coisa da expressão que não combina com as palavras, e eu soube. Senti.

Depois disso, quando ele tentou explicar, eu me recusei a ouvir. Então ele foi embora para trabalhar na Inglaterra com o pai, e eu fiquei aqui sozinha. Acabou.

Nós acabamos.

Suspiro. *Eu acabei.* Saio do Facebook e ponho o pijama.

Minha cabeça está cheia de bebês e de Shane Bennett. Preciso me acalmar. Amanhã teremos uma apresentação importante no trabalho. Bradley nos quer descansados e prontos. Mas não estou descansando.

Enterro a cabeça no travesseiro e me cubro. Se Bradley estivesse aqui, pelo menos eu estaria aquecida. Ele é como minha fornalha pessoal, e meus pés estão frios. Eu devia ter deixado Bradley ficar, mas disse que não me sentia bem. E não me sinto mesmo. Meu coração foi parar no estômago.

Em *De repente 30*, a personagem de Jennifer Garner, Jenna, quer ter trinta anos e, graças a um pó mágico, acorda e descobre que tem, e que sua vida é tudo o que ela esperava que fosse. Até ir mais fundo e descobrir que as conquistas têm um preço. Mas ela consegue recomeçar.

Onde está o meu recomeço?

Tenho quase trinta anos e minha vida é... *o quê?* Tudo que deveria ser, mas ainda não é boa o bastante. *Eu* não sou boa o bastante. Lutando contra as lágrimas, olho para o teto. Hoje deveria ter sido um daqueles momentos especiais que a gente lembra para sempre. Deveria ter aquelas cenas de felicidade que vemos no cinema. Uma cena em que o pai não acredita que sua garotinha vai mesmo se casar e a mãe derrama lágrimas de alegria.

Em vez disso, só eu fiquei com as lágrimas, e meu grande momento acabou como a cena excluída de um filme.



Pavor à segunda vista

Sentada no carro no estacionamento da agência, leio o feed do Facebook. Shane não postou nada. Mas solicitou minha amizade, o que me permite fuçar seu perfil. Já minha mãe e Ren, ambas, atualizaram o status. O de Ren anuncia: “Bebê a bordo”, com um monte de curtidas e comentários dando parabéns. O de minha mãe diz: “Aqui é Patrice Shaw. Mal posso esperar para ser vovó!”

Nenhuma menção ao meu noivado. Não que eu tenha postado alguma coisa sobre isso, mas mesmo assim...

Respirando fundo, engulo a emoção que está muito próxima de emergir e digito: “Parabéns, Ren e Grayson”. Isso mostra que estou feliz e participando das coisas. Mesmo que eu não seja realmente parte das coisas... *estou* feliz por eles.

Desligo a tela, jogo o celular na bolsa e entro para me preparar. A grande reunião de hoje é em função da conta do Carriage House, um restaurante da moda que quer atrair casais de namorados aos fins de semana. O restaurante faz parte de um importante grupo, e Clive, nosso gerente-geral, quer a conta do grupo todo.

Se eu conseguir, ele prometeu me dar uma bonificação. O dinheiro extra poderá ser usado para o casamento, já que Bradley está decidido a pagar a maior parte da conta. Bradley cresceu sem muita coisa, por isso dá tanta importância à autossuficiência. Ele não quer nem considerar a hipótese de meus pais ajudarem, como fizeram no casamento de Grayson e Ren. Essa é uma das

coisas que amo nele. Infelizmente, isso também significa um casamento menor, permitindo ainda mais observação por parte das pessoas.

Preciso desse bônus, por isso preciso incorporar a mulher convincente, alguém como... Lucy Kelson, a personagem de Sandra Bullock em *Amor à segunda vista*. Ela é esperta, influente e conseguiu escolher entre dois envelopes muito parecidos pelo gosto. Uma garota muito astuta. Ela conseguiria o bônus.

Ao entrar, faço uma análise mental. Minha aparência é adequada para o papel: saia lápis elegante, blusa branca impecável e cabelos lisos e sem frizz. Eu conheço o papel: apresentar três opções visuais para o lançamento eficiente da marca. Agora, só preciso representar o papel para convencê-los. Pensar com astúcia, inteligência e confiança.

Quando entro no escritório, Clive está parado ao lado de minha mesa. Trabalho em uma sala grande e aberta, com os outros designers, porque assim fico perto da minha equipe.

— Bom dia — digo, sentando-me e ligando o computador.

Clive olha para os papéis espalhados sobre minha mesa, e suas sobrancelhas grossas se unem numa expressão frustrada. Eu tenho um método. É confuso. Ele precisa superar.

— Bom dia. Eu gostaria de ver as peças publicitárias de hoje mais uma vez. — A mão bate excessivamente na perna. — Quero ter certeza de que temos tudo pronto. — Ele veste um terno preto poderoso com camisa branca e gravata vermelha. É o mesmo traje que usa em todas as reuniões importantes. Diz que dá sorte. Espero que sim. Quero aquele bônus.

— Montei tudo ontem à noite — anuncio, radiante de entusiasmo. — As peças estão prontinhas na sala de reuniões. — Odeio essas verificações de último minuto. É tarde demais para mudar alguma coisa. O chefe de Lucy Kelson nunca questionava as escolhas dela. É claro, seu chefe era Hugh Grant. Clive é mais como Howard, o irmão da personagem, mas com cabelo.

— Trinta minutos — ele diz, olhando para o relógio, e sai para inspecionar as peças. Por alguma razão, Clive está especialmente ansioso com essa conta.

E está me deixando nervosa.

No momento em que faço o login no computador, abro a página do Facebook só para ver se, ah, não sei, meu noivado foi anunciado nos últimos cinco minutos.

A janela do bate-papo aparece, com seu ruído característico. Ellie deve estar online. Meus olhos descem ao canto inferior da tela.

Meu coração dá um pulo. *Não é a Ellie.*

Shane Bennett: Oi, Kensington.

Nunca era Kenz ou Kenzi. Sempre Kensington, e eu amava a forma como meu nome soava em seus lábios. Estou paralisada, olhando para o nome e para a foto dele. Faz anos, e ainda assim...

Posso senti-lo pelo computador.

Senti-lo.

Tudo bem, respire. Está tudo bem. Encurte a conversa e diga que precisa ir.

Fico mais ereta na cadeira e apoio os pés no chão, determinada a assumir uma atitude indiferente e superior. Como se redigisse uma importante obra literária, digito duas letras com precisão exagerada, depois aperto enter.

Kenzi Shaw: Oi.

Shane Bennett: Você está ótima.

Eu estou ótima? Não respondo. Em vez disso, olho para as palavras com a mandíbula tensa, os olhos bem abertos.

Shane Bennett: A foto profissional é boa, mas aquela com tinta no cabelo é a minha favorita.

Ele fuçou os meus álbuns?

Dou uma olhada rápida em minhas imagens e encontro as fotos profissionais, todas sérias e perfeitas. Bradley adora essas fotos, diz que estou linda nelas. Continuo procurando e encontro a que Shane mencionou. Estou sentada diante de uma tela, com um pincel na mão e tinta no rosto, e minhas tranças estão cobertas de manchas amarelas e azuis. Estou sorridente e imunda.

Eu devia trocar minha foto do perfil por aquela em que eu e Bradley estamos na festa à beira da piscina, na casa dos meus pais. Estamos rindo e felizes. Além

do mais, ele está sem camisa na maioria das fotos, e seus músculos são bem definidos.

Shane Bennett: Ainda está aí?

Kenzi Shaw: Trabalhando. Estou me preparando para uma apresentação importante.

Digito isso como se conversássemos o tempo todo e nunca houvesse existido nada entre nós. Minhas emoções borbulham como refrigerante cuja garrafa alguém sacudiu. Faz muito tempo. *O que ele está fazendo? Por que entrar em contato comigo agora?* Estou sentada na beirada da cadeira, olhando, incrédula, para a tela. Meu coração entalou na garganta. Isso é loucura.

Shane Bennett: Eu voltei para os Estados Unidos faz uns seis meses.

Minha mão cobre a boca. Ele está *aqui*? Não respondo. Em vez disso, pisco com força e espero, inspirando profundamente pelo nariz.

Shane Bennett: Vi *Uma linda mulher* esses dias na TV. Lembra?

De cada fala. Sorrio, apesar de tudo. É um dos meus favoritos. Tudo bem, todos são meus favoritos. Tem alguma coisa tão inocente e doce em filmes românticos. O mundo nem sempre faz sentido, mas, em uma boa comédia romântica, tenho a garantia de um final feliz. A garota sempre encontra o cara certo, aquele que realmente a *entende*, no nível mais básico.

Em *Uma linda mulher*, Edward vê Vivian como uma mulher esperta e especial. Ela quer desesperadamente acreditar que é assim.

Uma bolha de alegria se forma em meu peito. Aposto que Shane e eu assistimos a *Uma linda mulher* pelo menos umas cinquenta vezes. Tarde da noite, encolhidos no sofá. Rindo, recitando as falas. Trocando beijos no intervalo entre elas.

Sinto uma pontada familiar no coração, depois uma onda de culpa. Meu sorriso se apaga. Eu não devia estar pensando nisso.

Sou noiva e estou feliz.

Inclino o corpo para frente e digito rapidamente.

Kenzi Shaw: Preciso mesmo trabalhar. Desculpa.

Ah, meu Deus. Saio do Facebook e fico ali sentada, olhando boquiaberta para a tela. Com uma inspiração rápida para superar a confusão, me recosto na cadeira. O que *foi* isso?

Preciso recuperar o foco. Eu tenho uma apresentação. Um *noivo*.

Preciso ver Bradley.

Girando a cadeira, eu me levanto depressa e vou até a sala dele, espiando pela porta da sala de Tonya quando passo por lá. Ela está com um possível cliente e parece entediada. Sempre percebe, porque seus olhos ficam parados e o sorriso parece pintado. Se não fechar negócio em trinta minutos, ela prefere encerrar a conversa.

— É um jogo de números, meu bem — diz sempre.

Tonya estudou na mesma faculdade que Shane e eu. Éramos próximas. Na verdade, foi ela quem me avisou quando a vaga de diretor de criação aqui na agência apareceu, embora eu tenha a impressão de que se surpreendeu quando fui contratada. *Tonya sabe que Shane voltou?*

— Oi. — Sorrio para Bradley e me acomodo em uma das cadeiras diante dele. Sinto o cheiro de sua loção pós-barba. É um perfume de floresta, fresco e amadeirado.

Ele levanta a cabeça e sorri para mim, mas seu sorriso desaparece em seguida.

— Você está bem?

Minha cabeça parece saltar para trás.

— Como assim? Sim, estou ótima. — Não estou. Sou um coquetel de confusão. *É tão óbvio assim?*

Os ombros largos de Bradley se encurvam.

— Você ainda está chateada por causa de ontem, não é?

Dou de ombros.

— Sim, é claro. — Na verdade, não penso nisso há pelo menos quinze minutos. Mas antes, sim, definitivamente chateada. — É que... o momento do

anúncio da Ren. — Ele odeia toda essa situação entre mim, Ren e minha mãe. Não sei nem se entende essa história.

— Kenz, está todo mundo animado. É o primeiro neto.

Cruzo os braços e franzo o cenho.

— Eu sei, acredite, eu entendo. Um bebê é empolgante. Mas um casamento também é. *Nosso* casamento. Ela não podia ter esperado uma semana e deixado aquele dia para mim? — Ouço a amargura em minha voz e a apago mentalmente. Solto os braços e finjo analisar as unhas sem manicure. — É que... eu queria começar a fazer planos com todo mundo.

— Eu sei. E você vai fazer. Assim que as coisas acalmarem, você vai desejar que a sua mãe te deixe em paz.

Bradley gosta de resolver as coisas. Por ele, nós três nos sentaríamos e teríamos uma conversa madura para esclarecer tudo. Mas como uma vida de mágoas pode ser esclarecida quando só um lado as sente?

Levanto e caminho para a porta, forçando os lábios numa tentativa de sorriso.

— Tudo bem.

— Ei... *Está* tudo bem.

Era de esperar que a essa altura os homens já tivessem aprendido a interpretar a palavra “bem”. Não significa que está tudo certo. Significa que há mais para dizer, muito mais. Que ainda há sentimentos enterrados *bem* fundo. Mas que serão expostos uma hora ou outra. É só uma questão de tempo.

Aponto o corredor.

— Vou pegar água antes de começarmos. Quer também?

— Não, obrigado. Escute... — A expressão de Bradley fica tensa, e ele se inclina sobre a mesa. — Eu queria falar com você sobre uma coisa, mas não quero que se preocupe.

— Que coisa? — Paro na porta, já preocupada.

Ele baixa o tom de voz.

— A agência está passando por dificuldades. Financeiras.

Volto um passo. Estou surpresa.

— Do que você está falando? Quanta dificuldade?

— O suficiente para dependermos dessa conta para passar pelo próximo trimestre.

— Espere... O quê? — Agora estou paralisada, com as mãos na cintura. Fixo toda a atenção nele. Isso não faz sentido. *Temos trabalhado muito.*

— O Clive vai precisar fazer alguns cortes. Algumas demissões.

De jeito nenhum. Eu me aproximo mais e estaco diante da mesa, com os olhos bem abertos.

— É, e hã... Isso inclui o cargo de diretor de criação, Kenz.

— Espere. O cargo... ou *eu*?

— Os dois. Sinto muito.

Meus joelhos cedem. Apoio as mãos sobre a mesa para não me desequilibrar.

Bradley está falando depressa:

— O Clive pode economizar o seu salário e continuar funcionando só com alguns designers. Era assim no início. Ele vai conversar com você depois da reunião de hoje.

— E você me conta isso *agora*? Dez minutos antes da apresentação? — Eu me desgrudo da mesa e engulo em seco. Não sei o que mais posso dizer. *Eu ouvi direito?* Talvez eu tenha exagerado ao incorporar o papel de Sandra Bullock em *Amor à segunda vista*. Eu *preciso* desse emprego.

Ele passa a mão pelo queixo, com ar frustrado.

— Eu não queria te contar. Venho tentando convencer o Clive a estudar alternativas. Mas hoje de manhã ele comentou que ia falar com você, e eu não quis que você recebesse a notícia por ele... Sinto muito. — Ele se remexe na cadeira, fica mais ereto. — Escute, na pior das hipóteses, adiamos um pouco o casamento.

Adiar o casamento.

Adiar não é uma opção. Adiar significa esperar mais para começar uma família. Ren já está grávida e tem quase trinta anos! *Eu* tenho quase trinta anos.

Sinto lágrimas se formando nos olhos, ameaçando arruinar a maquiagem. *Merda.*

Bradley levanta a cabeça.

— Kenz, meu amor, vai ficar tudo bem. — Ele se levanta e contorna a mesa, parando diante de mim. Uma das mãos ergue meu queixo. — Tenho certeza que você vai conseguir a conta; você sempre consegue. De qualquer maneira, vamos

ficar bem. — Sua voz está firme, embora eu ainda possa ver preocupação em seus olhos.

— É, tá bom. Vamos ficar bem. — E, desta vez, “bem” tem outro significado. *Bem* ferrados nesta economia péssima. Forço um sorrisinho. — Eu, hã... só preciso de um minuto. Vejo você lá.

Como podemos ter tanto trabalho e enfrentar problemas financeiros? Não faz sentido. Meu emprego está em risco?

— Margaritas hoje à noite? — Tonya sugere, quando passo em frente à sua sala.

Recuo alguns passos e olho para dentro da sala. Ellie está sentada na cadeira lateral, com uma xícara de café na mão. Tonya vai conservar seu emprego. Ela é da área de vendas, ganha por comissão. Mas Ellie é programadora; não sei se está segura.

Sorriso com os lábios fechados e me apoio na porta. Um drinque com as meninas é uma boa ideia.

— Sim, contem comigo.

— E aí, sua família enlouqueceu ontem com os detalhes do casamento? — Ellie pergunta, antes de beber um gole do café. As palavras são o sal não intencional sobre a minha ferida.

— Ééé... não chegamos nem a falar sobre isso. Renson vai ter um bebê.

— Ah, meu Deus, jura? — Ellie arregala os olhos azuis e ri. — Imaginem o estardalhaço que ela vai fazer. Tudo de grife. Vai ser a Gravidzilla.

Gravidzilla. Gostei.

Tonya levanta uma sobrancelha.

— Pouco importa. Ia acontecer em algum momento. É o que as pessoas casadas fazem, não é? Têm filhos. Além do mais, a Kenzi é a próxima da fila.

— É, o plano é este: assim que nos casarmos, começamos a tentar. — Mas antes temos de chegar ao casamento. Pensar nisso faz meu coração sangrar. Eu não quero esperar. Quero planejar o casamento e ter minha família. *Eu* quero ser a Gravidzilla. Bem, sem a parte do “zilla”.

Tonya fecha a garrafa de água e torce o nariz.

— Meu bem, não vai acontecer se você esperar demais. E os planos para o casamento? Acabaram de ficar em segundo plano, perderam lugar para o mini-

Renon. Assim que a barriga da Ren começar a aparecer, a família vai entrar em modo bebê.

— Vadia — Ellie diz para Tonya e estreita os olhos.

— Tudo bem, essa eu mereci. — Ela levanta o queixo e olha para mim. — Mas a Kenz sabe que é verdade, não é, meu bem?

— Que parte? Sobre a minha família, ou sobre você ser uma vadia?

— As duas! — Ellie responde, rindo.

Embora Tonya seja competitiva em tudo, e eu quero dizer *tudo* mesmo, ela entende. Por isso a suporto. Mas, para ser franca, ela sempre esteve naquela área nebulosa entre amiga e “iniamiga”. Dou uma batidinha no batente da porta com uma das mãos.

— A reunião começa em cinco minutos. Vejo vocês lá.



O Carriage House é, tecnicamente, uma conta de Tonya, mas, sempre que há muito dinheiro envolvido, Bradley e Clive assumem o comando. Dois programadores estão sentados diante de Tonya à mesa de reuniões, discutindo a funcionalidade do site proposto. Provavelmente, ambos vão perder o emprego. Meu estômago embrulha.

— Oi. — Deixo minhas coisas sobre a mesa, depois me certifico de que meus três painéis com as peças publicitárias estão no lugar, na frente da sala. Satisfeita, eu me sento e apoio a testa na mão. Preciso me acalmar.

Continuo ouvindo as palavras de Bradley: *adiar o casamento*. Ainda nem começamos a fazer planos e eles já são tirados de mim. E agora meu emprego? Minha bonificação?

— Tudo bem? — Tonya pergunta, cutucando meu ombro.

— Defina *bem*. — Neste momento, meu celular emite o sinal do bate-papo do Facebook. É Ellie. *Modo silencioso*. Meus olhos encontram a mensagem

anterior, de Shane. Eu a seleciono e posiciono o aparelho diante de Tonya. Ela vai surtar.

Tonya aperta os olhos para a tela e em seguida os arregala.

— Ai, meu Deus! É o *Shane*! — E olha para mim, agitada. — Você voltou a falar com ele?

— Shhh... *Não*. Não. — Olho em volta para ter certeza de que Bradley não está escondido em algum lugar da sala. Ele e Clive devem estar no saguão, esperando o cliente, para acompanhá-lo a nossa sala de reuniões. — Ele me procurou — explico e percebo que os programadores se interessam pela conversa. — Não é nada, só um velho amigo de faculdade que a Tonya e eu conhecemos.

Tonya bufa e puxa meu braço, a fim de ver melhor.

— *Uma linda mulher?*

— Não é para *ler*. — Puxo o celular. Só queria que ela visse a foto.

Imediatamente, há uma comoção de passos e vozes. Clive traz à sala a equipe do Carriage House. Nós nos levantamos enquanto eles entram, e Clive começa a fazer as apresentações de um jeito casual. É algo meio confuso, com diversas pessoas trocando apertos de mão e dizendo o próprio nome.

Neste ponto, ainda não trabalhei com a equipe deles e não guardo os nomes. Minha cabeça está confusa. *Onde está o Bradley?* As pessoas se acomodam, sentando-se em torno da mesa. É isso. Serei a primeira a falar. Organizo minhas anotações, bebo um gole de água e me dirijo à frente da sala para começar a apresentação.

Clive levanta um dedo.

— Kenzi, um minuto. Ainda estamos esperando o dono do Carriage House... — Ele olha para a porta. — Ah, aí está ele.

Eu me viro e vejo Bradley e...

— Pessoal, esse é o sr. Shane Bennett.

Cuspo a água.

Estou engasgada. Sufocando. A água entrou pelo lugar errado. *Meu Deus, vou botar um pulmão pra fora*. Todos olham para mim quando me debruço sobre a mesa, sacudida por um espasmo. Levanto um dedo, pedindo para as pessoas esperarem. Não consigo parar de tossir.

Olho para a porta. *Merda*. É ele... É Shane. E está olhando para mim. Cubro a

boca e levanto um dedo outra vez, agora para pedir licença. Passo por ele correndo, quase vomitando, e vou para o banheiro.

Shane Bennett está aqui.

Quer dizer, está lá na sala. Eu estou no banheiro. Tusso bastante, pigarreio e jogo água fria na nuca. Isso não é coincidência. Ele devia saber onde eu trabalho. Sim, ele sabia tudo, o tempo todo em que conversamos.

Ai. Meu. Deus.

Eu disse a ele que tinha uma apresentação importante para fazer. Tento lembrar toda a conversa. *Ele é o cliente. Ele é o dono? Por que não me disse? Por que está aqui?*

A porta do banheiro se abre. É Tonya. Ela balança a cabeça, boquiaberta.

— Ai, meu Deus. Shane Bennett? Que bela saída, aliás, cobrir os clientes de cuspe e correr para fora da sala com um ataque de tosse. — Ela ri e examina o batom no espelho.

— Você podia ter me avisado. — Meu coração ainda bate forte no peito.

— Eu teria, se soubesse. — Tonya olha para mim pelo espelho. — O Clive e o Bradley foram a todas as reuniões. Só lidei com aquele grandalhão do marketing. — Ela se vira. — Escute, o chefe me mandou vir buscar a diretora moribunda. Respire fundo e controle-se. Você consegue, né?

— Sim. — *Não.* — Diga para o Clive que eu, hã, estou indo. — E olho para o espelho, arrumando a gola da camisa.

Ela também estuda meu reflexo.

Meus olhos encontram os dela.

— O que foi? Estou bem. Pode ir, eu vou logo atrás.

Penteio casualmente o cabelo com os dedos até que ela saia.

Quando a porta se fecha, desabo, apoiando as mãos na pia. *Ai, meu Deus. O Bradley sabe quem ele é? Não pode ser. Nem a Tonya sabia. Que diabo ele está fazendo aqui?* Minha cabeça gira, tentando entender. Shane Bennett é o cliente. A conta que preciso conquistar para não perder meu emprego, meu bônus e meu casamento.

Arrumo a postura e agito a cabeça para recuperar o autocontrole. Preciso me conter. E daí que banquei a Bridget Jones quando o vi? Isso é por tudo. Pela coisa toda. Nem sei bem o que é a coisa toda, mas quero tudo. Então, dane-se essa situação.

Dane-se ele.

Caminho de volta à sala de reuniões a passos determinados, mas paro diante da porta para estabilizar meus batimentos cardíacos. Inspiro profundamente... expiro devagar. De novo. Inspiro profundamente e... seguro... seguro... seguro e expiro. Solto o ar em um alto e sonoro *vuush*. Soo como um Darth Vader enlouquecido.

— Eu sou seu pai — falo e quase dou risada. É rir ou chorar.

— Então você trocou as comédias românticas por *Guerra nas estrelas*?

É chorar.

Congelo e fecho os olhos com força. É claro que é ele. Viro e encaro o Shane adulto, que segura uma xícara de café e parece se divertir com a situação.

— Oi, Kensington. — O “ens” se arrasta um pouco, e o resto pipoca como uma batatinha crocante em seu sotaque meio britânico, meio americano.

Fico momentaneamente atordoada com o som do meu nome em seus lábios.

— Eu não sabia quanto tempo você ia demorar, então... — Ele mostra a xícara, sem desviar os olhos dos meus.

Dou um sorriso forçado. Parece plástico, tenso. Não consigo deixar de notar as mudanças nele. Está mais velho, mais encorpado.

Um homem.

Pelo jeito como a camiseta preta de gola V cola no peito, deduzo que ele ainda pratica boxe, ou pelo menos faz musculação. Mordo o lábio e tento pensar em alguma coisa que soe incisiva e indiferente.

A sala de reuniões se abre com um clique.

— Ah, que bom, ela voltou. Agora podemos começar *de novo*. — Uma evidente irritação colore o tom de Clive. Ele puxa a porta e nos convida a entrar. — Kensington, por favor. — E aponta para a frente da sala.

— Sim, é claro. — Meu estômago está rodando.

Bradley me incentiva com um aceno de cabeça. Tonya sorri e pega minha garrafa de água quando passo. Fito-a com os olhos apertados.

— Claro — repito e olho rapidamente para Shane, que agora está sentado no fundo da sala, ao lado de Clive. Olho para meus painéis, removo a cobertura e a apoio na parede.

Eu vou conseguir. Sou Lucy Kelson, personagem de Sandra Bullock, fria e convincente.

— A Agência Safia desenvolveu três conceitos completos tomando por base as necessidades únicas de sua companhia no mercado. — Extraio as palavras da memória com esforço.

Meu coração dá um pulo quando olho rapidamente para Shane, antes de desviar o olhar.

— Cada um deles tem como foco uma abordagem ligeiramente diferente para chegar ao mesmo objetivo. — Minhas mãos tremem quando posiciono o primeiro modelo na base da grande lousa, depois o segundo, deixando o terceiro no cavalete, para que todos fiquem visíveis. Olho para os presentes na sala, com exceção de Shane. — Nosso primeiro conceito tem por centro...

— Você pode se afastar para o lado um instante? — Shane pede, inclinándose na cadeira para enxergar atrás de mim.

— Como? — Confusa, olho para ele, depois para Clive.

Clive faz um gesto com a mão, indicando que devo mudar de lugar, e é o que faço. Shane analisa cada painel. Com uma das mãos sob o queixo, considera os conceitos. A sala está em silêncio. Todos olham para ele. *Isso é loucura. Não é assim que a coisa funciona. Isso não aconteceria com Lucy Kelson.*

Dou um passo à frente.

— Eu ia começar a falar sobre o planejamento para cada...

— Sim, eu sei. Entendo. Cada um tem um enfoque. — Os lábios de Shane se distendem em uma linha dura. — Mas parece que você não considerou o meu.

— Como disse?

Ele se levanta e caminha até a frente da sala para olhar os painéis de perto. Fico sem ação. Isso nunca aconteceu antes. O cliente escuta, eu ofereço as opções e ele escolhe uma. Pode haver alguns ajustes, mas é assim que se faz. *O que ele está fazendo aqui na frente?* Clive dá de ombros quando olho para ele, sem saber o que fazer.

— Receio que algumas coisas não foram informadas a você.

Há uma pausa.

Do que ele está falando?

Ele sorri. Reconheço aquele sorriso que ele dá quando só quer ser educado. Já o vi centenas de vezes, mas agora há linhas de ambos os lados da boca. Estou completamente perdida. Clive bate a caneta na mesa.

Shane continua:

— O cinema. É um restaurante com cinema. Talvez não tenham transmitido a ideia de que o cinema deve ser tão importante quanto o restaurante, Clive. Mas, se esse conceito for bem-sucedido, nossa intenção é abrir filiais em vários lugares.

— Um cinema? *Dentro* do restaurante? — pergunto incrédula. Simplesmente escapa.

— É inesperado, não é? — Shane olha para mim com ar curioso.

Eu diria que este dia inteiro está sendo inesperado.

— Quero que o foco seja também no cinema, não só no restaurante. — Ele olha para Clive, depois para o grupo. — Queremos criar uma experiência. Ótima comida enquanto você assiste às melhores comédias românticas. É o suprasumo do programa a dois.

Clive agora está em pé e move a cabeça em sentido afirmativo.

— É claro. A Kenzi pode trabalhar com você nos detalhes. Não vai ser difícil adicionar esse aspecto.

Shane não espera minha resposta.

— Vamos usar momentos bem conhecidos de filmes clássicos como parte da marca e da experiência toda; filmes como, digamos, *Uma linda mulher*.

Meu estômago despenca. Olho surpresa para ele.

— Ah, eu adoro esse filme. Você não, Kenz? — Tonya comenta, olhando em seguida para um dos programadores. — A cena das compras é a melhor.

Meu Deus.

— Isso! Ótimo. Que outros filmes ou cenas? — Shane abre os braços, convidando os outros a opinarem. Ele dominou completamente minha apresentação.

Clive cruza os braços e levanta as sobrancelhas.

— Eu gostei de *Harry & Sally*.

— *Digam o que quiserem* é um clássico — opina Rand Peterson, diretor de marketing do Carriage House.

Tonya se debruça sobre a mesa para poder enxergá-lo.

— Sempre tem um karaokê ruim nesses filmes, e eles parecem se conhecer das maneiras mais malucas.

— É o chamado “encontro fofura” — explica Shane.

Tonya olha para ele, depois para mim, e dá um sorriso torto.

— Eu acho muito fofo.

Fuzilo Tony a com o olhar.

Shane a ignora e prossegue, animado:

— Podemos escolher as dez melhores cenas e filmes e incorporá-los à marca. E adicionar biografias de celebridades, curiosidades sobre cinema... O que acham?

A sala é tomada por um burburinho agitado. Aparentemente, todo mundo adorou a ideia.

Puxa-sacos.

Shane está olhando para mim. Agora, todos fazem a mesma coisa.

— O que eu acho? — Acho que perdi completamente o controle dessa apresentação e da minha Lucy Kelson interior. Em vez de exibir suas características convincentes e brilhantes, estou tão enrolada quanto um pretzel. Fito Shane diretamente nos olhos. — Bom, eu não sou muito fã de filmes românticos, mas...

— É, sim — Bradley me interrompe, confiante. — Você adora comédias românticas. Aposto que pode recitar todas as falas de cor.

Olho de Bradley para Shane. Todo mundo faz a mesma coisa. É como um jogo de tênis.

— Ah, esqueci. Agora você é fã de *Guerra nas estrelas*, certo? — Shane sorri. É evidente que está se divertindo.

Odeio esse cara. De verdade.

Clive se dirige para a frente da sala.

— Por que não trocamos e-mails com as dez cenas de filme preferidas de todo mundo, aí o sr. Bennett pode escolher suas favoritas para usar na campanha? — Suas sobrancelhas se erguem em sinal de expectativa. — Está bem assim, Kenzi?

Sorriso sem entusiasmo.

— É claro — respondo, consciente de que preciso fechar esse negócio. Tem muita coisa em jogo. *Tudo* está em jogo.

— Infelizmente, não tenho certeza de que isso seja suficiente — Shane se manifesta e olha diretamente para mim antes de se voltar para Clive. — Talvez eu precise repensar minha estratégia. É possível que outra agência seja mais apropriada.

O quê? Meu queixo cai. Não posso perder essa conta. *O que ele está fazendo?*
Ele sabia que eu trabalhava aqui. Por que ter todo esse trabalho só para abandonar tudo depois? Ele já me abandonou uma vez.

Não preciso de uma reprise.



A verdade nua e crua

— Mais duas margaritas, por favor — Ellie pede em meio à música.

Estamos sentadas diante do balcão no Champps; é um ótimo lugar para comer e beber alguma coisa depois do trabalho. Também é conectado ao Shopping Circle Center, o lugar preferido de Tonya. Sai do escritório mais cedo, mas não tive tempo de atravessar a cidade e ir à Casa de Artes Bates, meu lugar preferido. Então, peguei emprestado o dela.

Mas ainda não estou feliz.

Com o emprego em risco, fazer compras está fora de cogitação. Então, em vez disso, fiquei vagando pelo departamento de perfumes da loja Fossie's. No momento, cheiro a um misto de floral e almíscar. Eu não recomendaria essa mistura em particular.

Olho para a mesa em que estão Bradley e Clive. Quando ele telefonou, falei que ia sair com as garotas para beber alguma coisa, e ele achou que era um convite. O que eu podia dizer?

Tudo bem. Tanto faz. É por isso que estamos sentadas nas banquetas do balcão.

— Odeio isso. — Balanço a cabeça. Já contei a Ellie toda a história idiota sobre mim e Shane e o fiasco da apresentação, ou os destaques, pelo menos. Excluí quanto me sinto abalada. — Quer dizer, quais são as chances? O que eu vou dizer ao Bradley? — pergunto ao barman, que está passando tempo demais em nossa área do balcão.

Ele dá de ombros.

— E, meu Deus, Ellie. — Bato com a mão aberta na testa e balanço a cabeça outra vez. — Eu quase precisei da manobra de Heimlich. Foi tão constrangedor.

Ellie cutuca meu ombro.

— Não pode ter sido tão ruim assim.

— Foi, Ellie, foi *muito* ruim — Tonya diz atrás de nós. — E aí, meninas? — Ela fareja o ar e faz uma careta de nojo. — Eca, que cheiro é esse?

Reviro os olhos e suspiro.

— Eu estava escondida no departamento de perfumes da Fossie's.

— Caramba, Kenz, é para isso que servem aqueles papeizinhos, para testar os perfumes. Credo. — Ela agita uma das mãos no ar.

Faço um sinal para o barman pedindo outra rodada.

— Essa é por conta dela — aponto para Tonya. Bebo um gole e movimento os ombros, tentando aliviar a tensão no pescoço.

Olho rapidamente para Bradley e Clive. Sei que eles estão pensando em um plano para fechar o negócio. Na verdade, eu me sinto responsável, como se tivesse estragado tudo. Mas como eu podia saber que tinha um cinema no meio da história? Ninguém me falou. E não posso contar a Bradley como conheci Shane, não agora, pelo menos.

Mais um gole e olho para a porta, exatamente no momento em que Shane está entrando. É claro. Nossos olhares se encontram. *Isso, ponham a música e podem me matar agora.*

Engasgo com a margarita.

— Jesus, vai começar de novo? — Tonya bate em minhas costas quando viro para o balcão.

— Vai devagar, menina — Bradley fala atrás de mim.

Nem vi quando ele se levantou.

Tonya fica em pé e puxa o braço de Ellie.

— Vem comigo. Pedi alguma coisa para comer, vão servir na mesa.

Apoio a cabeça nas mãos e escondo o rosto quando Bradley se senta na banquetta a meu lado.

— O Clive está bravo?

— Não. Bravo, não. Preocupado.

Levanto a cabeça e olho para ele.

— Você acha que podemos realmente perder a conta? — Bebo um golinho do meu drinque.

— Não sei. — Bradley dá de ombros. — Na verdade, a culpa é minha. Eu sabia sobre o cinema, mas, toda vez que encontrava o cara, falávamos só sobre o restaurante, e daí... — Ele balança a cabeça.

Olho por sobre o ombro para a mesa deles. Shane levanta o copo para mim, num brinde debochado, depois sorri. Desvio o olhar.

Definitivamente, não posso contar ao Bradley agora.

— O Bennett não está convencido de que podemos transmitir o conceito. Como eu disse, a culpa é minha. Só preciso convencê-lo de que não haverá mais nenhum problema de comunicação. — Bradley gira o corpo e abre as pernas, colocando uma de cada lado da minha banqueteta. — Talvez, se *você* falar com ele, o Bennett fique balançado. — Ele inclina meu queixo e se aproxima.

Sei que ele não vai me beijar ali; estamos com um cliente, o que significa que ele se comporta como se ainda estivéssemos em horário de expediente. Mas, neste momento, me sinto tentada a beijá-lo de verdade. Não porque Shane está olhando ou algo assim. E ele está. Posso ver pelo canto do olho.

— Venha, vamos nos juntar ao grupo. — Bradley toca minha perna e sorri com ternura.

— Eu vou em alguns minutos, está bem? Só quero relaxar mais um pouco.

— O que acha de conversar com ele aqui, então? — Bradley acena para a mesa.

— Bradley...

— Só uma conversa rápida. Vai ficar tudo bem. — Ele afaga minha perna, ignora meu olhar ameaçador e volta à mesa.

Ótimo. Tonya ri de alguma coisa, mas dou as costas para eles. Dobro o canudinho e bebo um gole generoso.

— Oi de novo — diz Shane, acomodando-se na banqueteta ao meu lado.

Não digo nada. Olho para minha bebida e me pergunto se ainda teria alguma chance com a conta se por acaso ela fosse parar no colo dele.

— Não vai falar comigo?

Sinto o cheiro de sândalo misturado ao dele, e meu olfato registra a fragrância familiar. Meneio a cabeça, irritada.

— O que você está fazendo aqui?

— Ah, ela fala.

Olho para ele anunciando que é melhor não abusar da sorte. Shane ri.

Depois se inclina em minha direção e fala em voz baixa:

— Então, você está namorando aquele Bradley?

Sem olhar para ele, levanto a mão e balanço os dedos, exibindo o anel com a pedra enorme.

— Sério?

Ainda sinto os olhos dele sobre mim.

— Ah, não consigo ver...

Estendo a mão para perto de seu rosto.

— Não, *isso* eu já vi. Não consigo ver vocês dois...

— Não — interrompo e levanto um dedo na direção dele. Meu coração está disparado. Espero não parecer tão perturbada quanto me sinto. Odeio o jeito como ele me deixa nervosa. — Escute, não sei bem o que está acontecendo e não quero discutir com você, então, se quiser falar sobre trabalho, tudo bem. Mas...

Shane estreita os olhos.

— Estamos discutindo?

— Você vai trocar de agência? — pergunto sem rodeios.

Ele segura uma risada.

— Nossa, você não era tão direta assim.

— Muitas coisas mudaram — respondo com um olhar de soslaio.

Shane estuda minha roupa.

— Eu percebi. Quase não te reconheci no modelo corporativo... — Ele aponta para minha saia.

Alinho os ombros e bufo.

— Você vai ficar ou não, Shane?

— Bom, estive pensando nisso e... — Ele se recosta na banquetta. — Tenho uma proposta de trabalho para você. — Um sorriso dança nos cantos de sua boca.

Apoio um cotovelo no balcão e descanso o queixo na mão, fingindo não reconhecer a semelhança com uma fala do filme *Uma linda mulher*. Quer dizer, ele espera mesmo que eu responda como no filme? “Sim, eu adoraria ficar a sua

disposição. Mas você é um cara rico, bonito. Poderia ter qualquer garota de graça.”

Droga. Bradley tem razão, eu conheço todas as falas. Recupero o foco.

— Qual é a proposta?

— Quero que você viva comigo os dez momentos dos filmes. Faça isso e eu assino o contrato.

Sinto o calor subir por meu pescoço e se espalhar pelo rosto. *Ele está brincando comigo?*

— Momentos dos filmes? — Encaro-o, perplexa. — *Viver* os momentos dos filmes? Encená-los, você quer dizer? — Ameaço sorrir. Só pode ser brincadeira. — Tudo bem, então em *Os delírios de consumo de Becky Bloom*, eu vou andar por aí fingindo falar finlandês e você vai comprar uma echarpe verde para mim?

— É, de certa forma sim, mas esse filme não está na lista. Acabei de mandar para você um e-mail com os dez filmes que escolhi.

Abaixo a cabeça, num gesto incrédulo.

— É sério? Você está mesmo me chantageando com filmes? Não vou entrar nessa. Não sei nem se entendi tudo isso. E o Bradley não vai aceitar, então...

— Espere, espere... escute. — Ele levanta a mão. — Todo esse conceito do restaurante e do cinema... Bom, a parte do cinema foi inspirada em você... em *nós*, na verdade. — Ele se vira e olha para mim. — A verdade é que...

— Ha, a verdade. O que você sabe sobre verdade? — resmungo e bebo um pouco do drinque.

— Eu estava dizendo... quem entenderia esse conceito melhor do que você, não é?

Dou de ombros. Não sei o que dizer. Tento relaxar, apagar do rosto a expressão carrancuda, e reúno as antigas mágoas que foram trazidas à tona, com a intenção de enterrá-las novamente.

— Certo. — Shane coça o queixo. — E, se você está feliz com esse tal de Bradley...

— Sim, *muito* feliz. — Não consigo acreditar. *Que diabo?* Alinho as costas, ainda com o cenho franzido, me sentindo irritada e insultada. — O Bradley não deveria ter nada a ver com isso. O assunto aqui é trabalho. O *meu* trabalho.

— Tem razão. E o trabalho que vi hoje era bom, mas genérico. — Shane se inclina para trás e adota um tom mais suave. — Quero alguma coisa como você

costumava fazer. Como o que tem no seu álbum. E, se isso é algo que você não pode criar, então, sim, talvez outra agência possa.

Espera... Álbum? Que álbum? Pisco e desvio o olhar. *Meu álbum do Facebook*. Todos os meus abstratos e os desenhos das aulas de arte.

— Meus trabalhos da faculdade — digo quando o encaro.

— É. Na época em que você assistia a muitos filmes românticos. Sabia cada fala e conhecia cada história, e usava tinta nos cabe...

— Shane, isso foi há anos. Não sou a mesma garota. Eu cresci.

— Que pena. Porque o conceito que eu quero precisa daquela garota. Se você fizer a lista de filmes, talvez a reencontre. E, já que está tão evidentemente feliz no seu relacionamento, isso não deve ser um problema. — Ele abre a boca como se fosse dizer mais alguma coisa, mas muda de ideia. — Enfim, essa é a proposta.

— Você está falando sério? Mesmo?

— Sim, Kensington. É sério.

O clima entre nós fica ainda mais pesado. Puxo o copo para perto de mim, bebo um longo gole pelo canudinho e penso na proposta, refletindo sobre as palavras dele. Eu deveria me sentir capaz de passar algum tempo com ele, porque *estou* feliz.

— Tudo bem, vou fazer uma contraproposta — respondo e o fito, ajeitando-me mais ereta na banquetta. — Eu concordo com a sua lista de filmes se você aceitar minha cláusula.

— Cláusula? — Ele levanta as sobrancelhas.

— Sim, eu acrescentei uma condição a essa história toda com os filmes — digo, sentindo que finalmente recuperei o controle.

— Eu vou ter que comprar pacotes grandes de M&M's e separar todos os marrons? — Shane sorri.

Não retribuo o sorriso. Também finjo não notar que ele fez uma referência a *O casamento dos meus sonhos*.

— É uma cláusula sobre verdade.

— Sobre verdade?

— É. Quero toda a verdade, nua e crua. — Preciso falar, colocar tudo às claras. Meu coração vai explodir. — Na faculdade... quero saber por que você me traiu.

O sorriso dele desaparece.

— Eu não traí você.

— Não. — Balanço a cabeça em frustração. — Desse jeito não vai funcionar. Você quer participação, eu quero a verdade.

— Você quer fazer isso agora? *Aqui?* — Sua mandíbula enrijece. — Não vou entrar nesse assunto aqui.

Shane se levanta, joga uma nota de vinte dólares sobre o balcão, sem perceber que a conta está paga, olha para mim e espera.

O quê? Eu me viro e desvio o olhar. Ele balança a cabeça e caminha em direção ao banheiro. Não quer discutir o assunto aqui? Então não preciso estar aqui quando ele voltar. Pego minha bolsa e saio.

Posso ter desistido do conto de fadas, mas dessa vez não vou abrir mão de uma resposta. Como Vivian em *Uma linda mulher*, eu quero mais.



Deitada na cama, verifico o Facebook pelo celular. Ren tem cinquenta e três curtidas e vários comentários de parabéns abaixo de sua publicação “Bebê a bordo”. Eu bufo. Quero comentar: “O bebê está entediado. Novo tópico: o noivado da sua cunhada”.

O celular toca em minha mão, o toque especial da minha mãe. Ela nunca me liga tarde da noite. E se aconteceu alguma coisa? Eu me sento e atendo, com uma sensação de incômodo.

— Mãe? Tudo bem?

— Kensington? É a sua mãe.

— Eu sei. Está tudo bem?

— Sim, por que não estaria?

Agito a mão no ar.

— São quase onze horas. Você nunca me liga depois das seis da tarde.

— Ah, é claro que não, querida. Mas queria ter certeza de que você e o Bradley sabem dos planos da família para o sábado depois do próximo.

Por isso ela telefonou tão tarde?

— Hã... que planos da família?

— Bem, com notícias tão importantes, seu pai e eu achamos bom reunir todo mundo para comemorar. E, é claro, você precisa estar presente. Ah, espere, tem outra ligação. Alô?

— Você continua falando comigo, mãe.

— Ah — ela diz — Alô?

— Ainda sou eu, mãe. Você precisa apertar o botão para atender.

— Ah, sim — ela fala e a ligação cai.

Ela vai ligar de volta quando perceber que desligou na minha cara. Aposto que desligou na cara da outra pessoa também. Deito novamente e me concentro no que ela disse. *Uma reunião familiar para comemorar. E eu tenho que estar lá? É cedo demais para um chá de bebê.*

Quase perco o fôlego. *Uma festa de noivado?*

É claro que vão organizar uma festa para nós, é natural. Quer dizer, sou a única filha e meus pais adoram Bradley. Terei meu momento especial. Terei minha segunda chance. De repente, estou eufórica, flutuando em uma bolha de felicidade. Depois do dia que tive, eu realmente precisava disso.

Viu, Shane? Eu *estou* feliz... com coisas de adultos, como festas de noivado. A voz dele continua ecoando na minha cabeça. *Esse conceito precisa daquela garota.* O que ele sabe? Nada. Sou exatamente a mesma garota que era na faculdade, só que melhor.

O fato de não pegar num pincel há um bom tempo não significa que não seja uma artista. Eu ainda... Tá, tudo bem, de uns tempos para cá não tenho ido ao museu. Isso era um ritual semanal para mim. Sinto falta. E sinto falta de trabalhar no torno de cerâmica. Adorava transformar argila marrom e pegajosa em algo bonito.

E ainda assisto a comédias românticas. Não tenho dificuldade nenhuma para incorporar os filmes ao conceito; só não sabia que havia um cinema no restaurante. Não preciso “viver os momentos” com ele para concluir esse trabalho. Quem ele pensa que é?

Levanto o celular, clico no aplicativo de e-mail e releio a mensagem que Shane enviou. Ele deu à lista o nome de “Um amor de cinema”.

1. *Sintonia de amor*
2. *Uma linda mulher*
3. *O diário de Bridget Jones*
4. *Vestida para casar*
5. *Dirty dancing: ritmo quente*
6. *Gatinhas e gatões*
7. *Simplesmente amor*
8. *Digam o que quiserem*
9. *Mensagem para você*
10. *O casamento do meu melhor amigo*

Ele não especificou nenhuma cena. Pretende escolher aleatoriamente uma de cada filme? Não sei nem se entendo o que ele está propondo. Viro de lado, abraço o travesseiro e revejo mentalmente cada filme.

Uma linda mulher tem várias cenas ótimas. A das compras. A do jogo de polo com o vestido de bolinhas. *Adoro* aquele vestido. Ela está tão linda! E o chapéu? O chapéu é que faz o visual. Por que as pessoas não usam mais chapéus como aquele? Ah, a ópera, o jantar elegante com escargots. Será que Shane lembra que eu odeio frutos do mar?

Uma vez, quando seus avós foram visitá-lo, eles nos levaram para comer lagosta. Shane tentou não rir da minha cara enquanto eu enfiava os pedacinhos goela abaixo. Uma pequena e sigilosa animação acompanha essa lembrança. A culpa a destrói rapidamente, com uma pancada dura.

Merda. Entre filmes e lembranças, tudo se mistura.

Ligo a televisão para tentar limpar a mente, mas meu telefone toca e eu me assusto. Bradley. Finalmente. Eu esperava a ligação dele horas atrás.

— Oi — digo e bocejo imediatamente. Dá para perceber que ele está no carro. Eu estou no viva-voz e escuto o eco do que digo.

— Oi, amor. Queria ter certeza que você chegou bem em casa. Desculpe se te acordei.

— Não, eu ainda estava acordada. Cheguei em casa inteira. — Abaixo o volume da TV. — Está saindo agora do Champps?

— Hum, sim, o Clive e aquele Rand Peterson não paravam de beber. Chamei um táxi para o Rand e acabei de deixar o Clive na casa dele.

Ele sempre cuida de todo mundo, sempre protetor. Será um ótimo pai. Imagens de Bradley treinando o time da Liga Infantil invadem minha cabeça. Tudo o que Shane sabe é lutar boxe.

— E o tal do Bennett? — pergunto sem pensar.

— Está falando do seu ex?

Ai, merda.

— Aquele sobre o qual você não se deu ao trabalho de me contar? Agora entendo por que você estava estranha na reunião. — A voz dele está controlada, mas contundente. — É o seguinte...

Sento-me na cama, segurando o celular com as duas mãos, os olhos bem abertos.

— Você podia ter me contado, e agora me pergunto por que não falou nada.

— Tudo bem. — Levanto e acendo a luz. — Eu não sabia, até ele chegar hoje para a reunião. Fiquei completamente atordoada. Foi um choque. E depois, hoje à noite...

— Hoje à noite eu estava sentado bem do seu lado. — Tenho certeza de que ele está soltando o volante para gesticular. É o que sempre faz quando está irritado. — Éramos só nós, e você não disse...

— Bradley. Ele estava no bar. Vocês estavam bebendo com a equipe dele. — Ando de um lado para o outro, com o estômago embrulhado. — Você disse que o meu emprego dependia daquela conta. Que talvez tivéssemos que adiar o casamento! O que você queria que eu fizesse? Contasse tudo ali... E depois? E se você ficasse bravo?

Silêncio.

Volto para a cama e me jogo, de forma que minha cabeça quica no travesseiro.

— Desculpa. Eu não sabia o que fazer, está bem? Mas eu ia te contar quando você telefonasse. — Eu não estava nem considerando isso, para ser bem honesta. Sinto uma pontada de culpa.

— O cara é meio idiota, se quer saber minha opinião — ele fala em voz baixa.

— Sim! Ele é, não é? Quer dizer, sua pesquisa foi perfeita. E o jeito como ele dominou a reunião? O que foi aquilo? — Meus ombros relaxam de alívio. Acho que ele entende meu dilema ao não dizer nada. Acho que está tudo bem.

— Ele é um cretino, mas precisamos daquela conta. — Uma breve pausa. — Acho que a Tonya gostou dele.

Sento-me novamente, com as costas eretas.

— O quê?

— É, ela saiu logo depois dele. Você sabe o que isso significa normalmente.

Sei exatamente o que isso significa. O nó dentro de mim fica mais apertado. Tonya nunca sai cedo. Nunca. Principalmente quando é a única mulher, o centro das atenções, e existem negócios que podem ser fechados.

Ela não faria isso. Há regras sobre ex-namorados, normas claramente estabelecidas no mundo feminino.

— Hum, não acho que aconteceu alguma coisa entre a Tonya e ele. Nós três...

— Vocês três estudaram juntos na faculdade. Ele era seu namorado naquela época. Eu sei. Foi divertido ouvir a história *toda* contada por eles. E eu ainda tenho certeza que eles ficaram juntos hoje.

As palavras me atingem. Não sei o que dizer.

— Me desculpa, tá bom? — É sincero. — Por que você não dorme aqui hoje? Estou usando aquele babydoll de seda que você gosta. — É mentira, mas posso me trocar rapidinho. Na verdade, estou com o pijama felpudo da Hello Kitty que Ellie me deu no meu último aniversário.

Uma leve pausa, depois um suspiro frustrado.

— Já estou entrando na garagem de casa, Kenz. E, como ele não vai assinar o contrato por enquanto, tenho que pensar em outro jeito de...

— Espere. Ele disse isso? — Não acredito que ele vai levar essa história dos filmes adiante.

— Ele disse muitas coisas, mas sim. Disse que vai pensar. Escute, estou exausto, vou dormir um pouco e vejo você amanhã, está bem? Te amo.

— Também te amo. — É evidente que não está tudo bem, ou ele estaria a caminho daqui. Desligo o telefone, depois a televisão, e me deito sob o edredom.

Eu devia ter dito alguma coisa. Tonya *não ficou* com Shane, Bradley só falou por falar. Está com o ego ferido. E não posso culpá-lo por isso. Ele disse que ouviu *a história toda* de Shane e Tonya. E também disse que Shane vai pensar.

O que há para pensar? Se ele não consegue enfrentar a realidade, não devia ter aparecido. *Ai*. Agarro o travesseiro e cubro o rosto. Precisamos dessa droga de conta. Essa é a verdade nua e crua.

O que aconteceu depois que Vivian recusou a proposta de Edward em *Uma linda mulher*? Suspiro. Ele voltou em uma limusine com flores e subiu pela escada de incêndio, cedendo às exigências dela. Encolhida de lado, abraço o travesseiro e fecho os olhos com força.

Parece que sou eu quem tem que ceder. Esquecer *Uma linda mulher*; a exibição de amanhã será *Uma mulher suplicante*. E eu não estou ansiosa pela estreia.



Sintonia de amargor

As palavras de Shane me bombardearam a noite toda. E continuam me atacando quando entro na agência pela manhã. *Quero alguma coisa como você costumava fazer. O conceito que eu quero precisa daquela garota.* Elas zunem em minha cabeça como um enxame de vespas furiosas. Preciso de repelente.

Ótimo. Clive está me esperando. Parece agitado. Bem, somos dois. Ele faz um sinal indicando que devo segui-lo e, pouco depois, estou sentada diante dele, em seu escritório. A porta está fechada.

Uma onda de pânico me invade. *Shane terá realmente desistido do contrato?* Engulo em seco e tiro a jaqueta. Talvez nem haja nada para discutir. Ele pode me demitir agora. Imediatamente.

Dobro a jaqueta sobre as pernas e espero, preparando mentalmente minha defesa. Há quanto tempo trabalho aqui. A qualidade do meu trabalho. Os clientes do país inteiro com quem trabalhei. Eu sabia que o dia hoje seria de suplicar e rastejar, mas não pensei que esse seria o tema central.

Clive se senta na beirada da mesa e olha para mim, depois suspira devagar.

— Kensington, eu queria falar com você sobre a situação financeira da agência e como a conta do Carriage House é importante para nós.

Endireito as costas, ainda com um nó na garganta, e começo a falar:

— O Bradley já falou comigo sobre o assunto.

— Nós *precisamos* dessa conta, entende? — Ele está muito sério, e sua voz soa cada vez mais alta e aguda. — Foi sorte termos essa oportunidade, e agora...

— Nós tivemos essa oportunidade — eu o interrompo. Meu coração bate acelerado. Eu me inclino para frente e decido argumentar. — Especificamente por minha causa. Por causa do meu trabalho. — Minhas antigas artes da faculdade em um álbum no Facebook, mas ainda assim meu trabalho.

— Sim. Exatamente. Tem razão, Kensington. — Clive se levanta e aponta para mim. — E agora podemos perder a conta por causa do *seu* trabalho.

Uau. Meu estômago ferve. Isso não é justo. Fico ali sentada, sem saber o que dizer. Shane estava falando sério... Como vou explicar por que podemos perder a conta? O que Shane disse a ele na noite passada? Clive vai me demitir. Vai mesmo. Eu nunca fui demitida.

Clive suspira novamente e contorna a mesa, sentando-se.

— Escute, você precisa ser esperta. Precisa convencê-lo a ficar. Está entendendo? — Suas sobrancelhas sobem tanto que quase tocam a raiz dos cabelos.

Não acredito que vamos realmente chegar a esse ponto.

— Sim, e posso consertar tudo isso. Ele vai reconsiderar. — Eu me levanto, determinada. Já pretendia concordar com a coisa dos filmes. Tudo bem.

— Quero que você garanta que ele reconsidere. — Clive abaixa o queixo. — Faça o que for preciso, entendeu? *Qualquer coisa* — enfatiza. — Isso é muito importante.

Minha cabeça está girando. Clive assente outra vez, e, quando já estou achando que suas sobrancelhas não podem subir mais, elas sobem. Acho que entendo o que está insinuando, mas ele não fala abertamente.

Estreito os olhos para ele.

— Vou convencê-lo a reconsiderar por causa das soluções de design que posso oferecer, Clive. E ele vai ficar por isso. Essa é a *única* oferta na mesa.

Essa e a lista de filmes, mas não preciso mencionar a lista.

— É claro, exatamente. — Clive agita as mãos no ar, tosse e olha para mim. *E agora ele está fingindo que não insinuou nada.*

Ele se levanta e abre a porta.

— Não me interessa como você vai fazer, mas faça o que tem que ser feito. O Bradley tem as informações de contato. Pegue o número, telefone para ele e

convença-o. Resolva isso. — Sua voz é baixa, mas cortante. — Estamos entendidos?

— Sim. Perfeitamente — digo, mas não é verdade. Não entendo por que precisamos tão desesperadamente dessa conta. Como a empresa pode estar enfrentando dificuldades financeiras tão de repente? Não faz sentido. Clive está agindo de um jeito muito estranho. Tenho a sensação de que há alguma coisa errada.



Diante de minha mesa, massagueio a testa com o olhar fixo na sala de Bradley. O expediente já está longo demais. Olho para o relógio na tela do computador. Ele deve estar reunido com a equipe de vendas. A porta se abre. Lá vamos nós. As pessoas começam a sair. Fico em pé e caminho em linha reta em direção à porta de sua sala.

Além do assunto da conta, preciso falar com ele para me tranquilizar um pouco. Depois, vou procurar Shane, engolir o orgulho que finjo ter e lhe dizer que aceito a proposta, se ele faz tanta questão da lista de filmes. Já posso sentir o gosto dessas palavras, e são amargas.

— Oi — eu falo e fecho a porta antes de me sentar.

— Oi, amor. — Bradley levanta por um instante os olhos dos papéis que está examinando. Parece preocupado.

Eu me sento na beirada da cadeira. Talvez tenha interrompido alguma coisa.

— O que está estudando?

Ele consulta o relógio de pulso, abre a gaveta e procura alguma coisa dentro dela.

— Uma proposta em que estou trabalhando com o Clive. Se eu conseguir convencer meu cliente a investir mais, talvez o dinheiro seja suficiente para salvar o seu emprego, ou adiar as coisas, pelo menos. — Ele fecha a gaveta e, de novo, parece procurar alguma coisa entre as pastas empilhadas sobre a mesa.

— Bradley, espere... — *Ele ainda está bravo comigo?* — Acabei de conversar com o Clive. Tenho certeza que posso dar um jeito em tudo. Só preciso do contrato do Carriage House.

Bradley levanta a cabeça. O azul da camisa é mais forte que o de seus olhos, tornando-os quase transparentes. Ele bate com os dedos na mesa e comprime os lábios.

— Tem algo mais que eu precise saber, Kenz? Além de que ele é seu ex?

Sim, ele ainda está bravo.

— Não. — É uma resposta rápida. Rápida demais, talvez. Mesmo sem ter feito nada, sinto a culpa me atormentando. Levanto e limpo partículas imaginárias de poeira do vestido. — Não tenho ideia de qual é o problema. — Tecnicamente, não é mentira. — E, como já falei, eu não sabia que o cliente era ele — acrescento.

Bradley me olha por um momento antes de abrir a última gaveta da mesa. Segundos depois, tenho em mãos o contrato e todas as informações sobre o Carriage House.

Bradley consulta novamente o relógio.

— Droga, estou atrasado. — E se levanta, pegando o paletó. — Vou pedir para a Maggie mandar outra cópia por e-mail, acho. — Depois de beijar rapidamente meu rosto, ele se dirige à porta, onde se detém e olha para trás. — Ah, sua mãe mandou um e-mail nos convidando para alguma coisa no sábado depois do próximo. Você viu? Acho que eles vão dar...

— Ah, sim. Uma festa de noivado para a gente — anuncio, sentindo um esboço de animação.

Ele começa a caminhar em frente, e eu o sigo.

— Bom, também é um minichá de bebê para a Ren e o Grayson. Acho que o chá de verdade vai ficar para mais tarde, mais perto da data prevista para o parto.

Paro e levanto a cabeça conforme as palavras me cortam. Não é um sangramento moderado. É uma hemorragia.

— Sua mãe mencionou que a Ren deixou uma lista na Fossie's. Precisamos comprar um presente. Você pode cuidar disso? — Quando olha para trás e percebe que não estou mais seguindo seus passos, ele estaca. — Kenz?

— Vamos ter que dividir nosso jantar de noivado com a Ren, e ela *já* deixou uma lista na Fossie's? — Minha voz soa um pouco alta demais.

— Sério? É com isso que você está preocupada agora? — Ele permanece parado, a mão sobre a maçaneta da porta principal. Noto a tensão em sua mandíbula. As sobrancelhas estão erguidas. — Eu, hã... tenho que ir. — E abre a porta para sair. — Encontro você na academia.

Vejo Bradley sair, e tudo fica meio nublado através do véu de lágrimas. Aperto a pasta de cliente de Shane contra o peito e olho para a porta, que já se fechou. Ele está certo, mas... *droga*, eu não quero ser a coadjuvante da ladrazinha de cena. É o *meu* jantar de noivado. O *meu* momento. Ou era, pelo menos.



Minha cabeça estala, cheia de estática, e, para onde quer que eu me volte, a cena não fica mais clara. Debruçada sobre a mesa, fecho os olhos e aperto a região entre eles, sobre o nariz. Eu devia estar revendo os outros projetos da minha equipe, mas não consigo me concentrar.

Estou abalada com a repentina aparição de Shane, com o jeito como ele desenterrou o passado e bagunçou meu futuro, mas, se quiser ser absolutamente honesta comigo mesma...

Estou um pouco lisonjeada. E mais que um pouco confusa.

Quem poderia transmitir melhor esse conceito? A coisa toda foi inspirada em nós, ele disse. As palavras estão me deixando maluca. As que ele pronunciou e as que se recusou a dizer. Por que ele me traiu? Quando estávamos juntos, tínhamos aquela coisa de que todo mundo fala. Era o amor jovem e a ansiedade agridoce, e pela primeira vez eu me senti reconhecida só por ser eu. Era libertador e maravilhoso.

Então ele me traiu. E me senti enganada por acreditar que havia sido real. Para ele, pelo menos, não fora.

Respondo alguns e-mails da equipe enquanto tento pensar na maneira certa de abordar Shane. Não posso lhe contar que a empresa enfrenta dificuldades financeiras. Isso é informação interna. Assinei um acordo de confidencialidade, e em uma reunião eles deixaram muito clara a importância do sigilo. Não posso nem contar que meu emprego está em jogo.

E não é que eu *posso* perder o emprego. Clive disse que vou ser demitida *a menos que...* E Bradley está estressado com tudo isso.

Vou dizer apenas que exagerei na minha reação, que não queria sair correndo do bar na noite passada e que tudo bem — se representar algumas cenas do cinema pode ajudar na construção de seu conceito, eu aceito a condição. Viu? Não é tão ruim. Isso é tudo que tenho a fazer.

Abro a janela do bate-papo e procuro Ellie.

Kenzi Shaw: Você está aí?

Ellie-Bell: Snoopy.

Sempre que tem alguém perto do computador, nós digitamos “snoopy”. É nosso código secreto. Minha intenção era pedir reforço, mas estou sozinha.

Pego o celular, procuro o telefone dele na pasta e faço a ligação. Ouço os toques do outro lado. Talvez caia na caixa post...

— Alô? — É Shane.

É claro que é Shane. Eu liguei para ele. Abro a boca para falar, mas não produzo nenhum som. Em vez disso, sou inundada por lembranças de sua voz sonolenta ao telefone, quando cada um ia para sua casa durante as férias e nos feriados. Dormíamos assim, eu na minha casa, ele na casa dos avós.

— Oi. — Minha voz está fraca e distante. É um começo.

— Kensington?

— Sim. — Hesito, não sei por onde começar. — Hã... Tudo bem, é o seguinte... — Engulo em seco e despejo tudo de uma vez. — Não vamos desistir, já que a sua empresa e a nossa investiram tanto tempo nisso. Quer dizer, seria um enorme desperdício de tempo e dinheiro para todo mundo se você desistisse agora. O Clive ia ficar desapontado, e acho que podemos conversar sobre aquela ideia dos filmes, se você acha que pode ajudar na construção do conceito, porque somos...

— Muito sincero.

O tom seco me faz parar. O que ele esperava? Isso é loucura. *Faça o que tem que fazer. Meu emprego, meu casamento.*

— Shane... Eu, hã...

— Sim. Obrigado — ele diz a outra pessoa antes de voltar a falar comigo. — Por que você não me encontra no Círculo do Monumento em trinta minutos? — Há uma breve hesitação. — E, Kensington, leve o contrato.



Arranha-céus abraçam a rotatória do Círculo do Monumento e criam imensas muralhas de todos os lados. Esta é uma das coisas boas no centro de Indianápolis: tudo fica perto. É um clima de cidade grande espremido em poucos quarteirões.

— Então, aonde vamos? — pergunto a Shane enquanto atravessamos a pé a rotatória. Não pode ser muito longe, se vamos a pé.

— Bem aqui. — Shane desvia de um grupo de pedestres e me reencontra do outro lado, depois se senta no degrau do Monumento aos Soldados e Marinheiros. — Achei que seria bom passar algum tempo fora do escritório.

Com cuidado, eu me sento ao seu lado e fecho a jaqueta para me proteger do ar frio.

— Então... a minha família está organizando uma festa de noivado para mim e para o Bradley — conto, mencionando o nome dele para devolver alguns limites à cena. Puxo as mangas da jaqueta e cruzo os braços. — Minha mãe telefonou ontem à noite. Vai ser um festão. Um grande momento.

Ele não diz nada. Eu não paro de falar.

— A festa está marcada para o sábado depois do próx...

— Quer subir? — Ele fica em pé de repente e aponta a torre do monumento. Uma torre de oitenta e seis metros de altura.

— O quê? Subir? — Morei nesta cidade a vida toda. Trabalho no centro. Agora moro no centro, e nunca me aventurei a subir na torre do monumento.

Mas uma vez..

— Vamos comigo até o topo. É importante. Está na lista. — Shane já começa a subir a escada. — Você trouxe o contrato, certo?

Não me movo.

— Sim, mas...

— Mas o quê? — Ele desaparece além da primeira curva dos degraus.

Talvez Shane não se lembre desse lugar, mas eu lembro. E não me mexo. Em vez disso, pego o celular e clico no ícone do Facebook enquanto espero. Eu devia voltar ao escritório. Mas precisamos dessa conta. *Eu* preciso dessa conta. O que não preciso é do meu passado... do *nosso* passado voltando ao presente.

Contenho o riso ao pensar na noite passada, em todos nós juntos no bar, e posto um novo status: “O passado, o presente e o futuro entraram em um bar. Foi tenso”.

Ele não vai voltar. Guardo o telefone e vou em frente, irritada por ainda estar ali. Ele está parado perto do elevador. Quando dou os últimos passos, ele me vê e sorri, animado.

— Você primeiro, eu já paguei. — E estende um braço, indicando que devo entrar no elevador.

É brincadeira?

— Hum, não... Se você quiser conversar sobre o contrato ou sobre a lista de filmes, tudo bem. Mas isso não faz nenhum sentido. Então... — Cruzo os braços e balanço a cabeça. *Ele não lembra.*

Shane se aproxima de mim e apoia o ombro na parede.

— Lembra que você dizia que queria viver todos os momentos?

Levanto o queixo. Talvez ele lembre. Isso torna tudo ainda mais confuso. *O que Shane está fazendo?*

Seus lábios ameaçam um sorriso enquanto ele fala:

— Você dizia que não queria só se apaixonar, queria se apaixonar em um filme. Lembra?

Preso naquele olhar, fico paralisada ao ouvir suas palavras, *minhas* palavras.

— É uma fala de *Sintonia de amor*. Eu me lembro de dizer isso e de *acreditar* nisso. — Droga, eu me lembro de pensar que vivia isso.

Com ele.

Mas a vida não é um filme.

Shane se aproxima um passo. Está perto demais, mas não saio do lugar.

— *Sintonia de amor*. É o primeiro filme da lista. Então, vem... — Ele estende a mão como Sam, personagem de Tom Hanks. — Vamos?

Seguro a mão dele sem pensar, mas, assim que nossos dedos se tocam, meu estômago dá um pulo. Tudo bem, não há dúvida de que ele lembra. Isso não é só *Sintonia de amor*. É a nossa *Sintonia de amor*.

Solto sua mão num gesto furioso. *Ele não tem esse direito*.

Nós íamos nos encontrar no topo do monumento de Indianápolis no Dia dos Namorados, como Sam e Annie se encontram no alto do Empire State Building. Exatamente como no filme. Pensei que talvez, só talvez, ele me pedisse em casamento.

Em vez disso, terminamos uma semana antes. Logo depois de eu descobrir que ele havia me traído. Passei a data ali, naquela escada, sozinha, tentando entender o que havia acontecido. Naquela noite, Tonya fez questão de sair comigo, para me animar. Transformamos a situação em uma noite só para mulheres. E agora?

Sinto o orgulho me cutucar. Ele não pode simplesmente voltar à minha vida e trazer tudo isso de volta. Sinto as lágrimas se acumulando, prontas para escorrer. Recuo um passo.

— Você acha mesmo que vamos viver *agora* aquele Dia dos Namorados que perdemos? — Balanço a cabeça, incrédula. — Esse está fora da lista. Eu já vivi essa cena, e não foi a parte que eu queria ter vivido.

Foi a cena de me arrastar para fora da cama todas as manhãs... passar o dia todo me lembrando de respirar... tentando esquecer como, por um tempo, tudo havia sido incrível e perfeito. E eu não tinha uma dra. Marcia Fieldstone para me ajudar, nem minha família... Era só eu.

E foi horrível.

Ele voltou para a Inglaterra logo depois da formatura para trabalhar com o pai. Mesmo que não estivéssemos mais juntos, a sensação de fim definitivo, de não tê-lo mais por perto, deixou meu peito vazio. Como o do Homem de Lata. Só que eu não queria mais um coração.

Olho para ele.

— O que aconteceu na faculdade? Quero a verdade. — Minha voz é baixa, quase um sussurro, mas as palavras soam ensurdecedoras.

— Eu estraguei tudo, mas não como você pensa. — Sua voz também é baixa, e ele dá um passo em minha direção. — Sei que eu era um pouco inconsequente naquela época...

— As brigas, as aulas perdidas, as garotas...

— Boatos. As garotas eram boatos. — Shane me encara com determinação. — Eu adorava você. Eu te *amava*. — Seus ombros se encurvam e ele dá mais um passo para encurtar a distância que criei.

Volto ao ponto de partida e sinto a garganta fechada pela emoção.

— Kensington, com o pesadelo do divórcio dos meus pais e o jeito como eles me mandaram para cá, para os Estados Unidos, você era minha única alegria. As garotas eram só boatos.

— Então eu não entendo...

— Exceto uma.

Ah.

Ah.

Por alguma razão, ouvi-lo admitir o erro muda tudo. Talvez eu esperasse...

Shane passa a mão nos cabelos e se apoia na parede.

— Uma garota me beijou naquela festa, depois que você foi embora. Eu retribuí o beijo. Demos uns amassos. — Seus olhos buscam os meus. — Mas eu não transei com ela. A gente tinha bebido e...

Estou mais do que confusa.

É isso?

— Por que você não me contou? — Balanço a cabeça sem esconder a perplexidade. — Todo esse tempo, e foram só alguns amassos entre dois bêbados? — Estou furiosa outra vez, agora por um motivo diferente.

Shane abaixa a cabeça. Seus olhos se fecham por um instante, depois ele os abre e respira fundo.

— Foi a Tonya.

Meu estômago se contorce. Aperto o anel de noivado no dedo. Sinto a dor do metal cortando a pele, mas é uma sensação que me distrai dos outros sentimentos.

— A *Tonya*? A mesma Tonya que me contou sobre a traição, me levou para beber e...

— Kensington, não foi...

Levanto as mãos.

— Não, não. Não diga que não significou nada. Porque significou. Significou nosso rompimento, lembra? Independente de você ter transado com ela naquela época ou ontem à noite.

— O quê?

— O Bradley disse que ela saiu logo depois de você, e que vocês dois...

Ele nega num gesto de cabeça, mas não diz nada. Tem mais alguma coisa. Eu sinto. *Meu Deus*, ainda tem mais.

Olho para o chão, lembrando como esperei que ele lutasse por mim.

— Naquela época, eu não te deixei explicar, mas você também não tentou, não é? Simplesmente ficou mais fácil ir embora. Não foi isso? — Eu digo as palavras, mas não quero acreditar nelas. Prendo a respiração e sufoco uma onda de emoção, torcendo... Olho para ele sem realmente levantar a cabeça.

Ele está olhando para mim. A verdade está em seus olhos.

— Sim.

Sim.

— Eu não planejei nada, mas o que aconteceu facilitou a volta para casa... facilitou deixar você, sim.

Uau.

Isso é surpreendentemente pior, de algum jeito, e... mais doloroso.

Dói de verdade.

Lágrimas estúpidas se formam. A voz que tentei calar por tantos anos agora desperta, canta triunfante em um megafone imaginário. *Você não é boa o bastante. Você não é boa o bastante.*

Meus lábios se distendem em um sorriso que não mostra os dentes, mas impede as lágrimas.

— Tudo bem... Certo, missão cumprida. Fico feliz por ter dado certo para você e...

— Eu tinha vinte e dois anos, Kensington. — Shane se coloca na minha frente. Seus olhos mergulham nos meus com intensidade. — Meu pai estava irredutível, queria que eu fosse trabalhar com ele. Minha mãe tinha voltado a beber. Ela estava devastada por causa dos constantes casos do meu pai, e nenhum dos dois sabia o que fazer comigo. Era um maldito pesadelo. Eu não sabia o que estava fazendo.

Não consigo me mexer. Tudo em mim quer fugir, mas não consigo sair do lugar. *Por que ele ainda tem esse efeito sobre mim?*

— A Tonya disse que eu seria egoísta se levasse você comigo. E estava certa em vários sentidos. Você só falava em começar seu ateliê. Mas isso não me deveu. Você foi para casa passar o feriado e eu telefonei. Todos os dias.

Não. Ele não telefonou. Estou balançando a cabeça. Meu coração está disparado. Levanto a cabeça e encontro seus olhos.

— Do que você está falando?

— Kensington, a sua mãe...

Sinto o dardo entrando em meu peito.

— Minha mãe? — As palavras vão e vêm enquanto tento me lembrar. Minha mãe nunca gostou dele. Achava que o relacionamento era intenso demais. Que ele não era uma boa influência. Não tinha um caminho sólido. E meu ateliê? Ela nunca achou que fosse uma boa ideia. Meu Deus, agora tudo começa a fazer sentido.

— ... ela foi muito firme quando me aconselhou a deixar tudo como estava. Disse que éramos jovens demais e que eu não tinha nada para oferecer. E, francamente, ela estava certa.

Meu estômago se revira. Como ela teve coragem? Minha mãe sabia o que eu sentia. Shane tenta segurar minha mão, mas não permito.

— Se eu pudesse voltar no tempo, Kensington, eu teria ficado. Pensei... Sei lá. — Ele franze o cenho e meneia a cabeça. — Mas você nunca montou seu ateliê, não é? Quer dizer, agora...

— Agora? — Recuo um passo. — *Agora* eu vou me casar.

Abro a bolsa e pego o contrato, depois enfio a outra mão lá dentro em busca de uma caneta.

— Cumpra a sua parte no acordo...

Shane pega o contrato e a caneta, e nossas mãos se tocam. A sensação me faz arrepiar por dentro.

— Escute, eu não ia realmente te chantagear, não sou tão inescrupuloso, mas...

— Você acha que vai ajudar no desenvolvimento do conceito. Entendi. Desde que isso fique só entre nós e não ultrapasse nenhum limite, tudo bem.

— É claro. — Ele sorri. — Você vai se casar.

— É.

Meu emprego está salvo, por enquanto. Clive vai ficar eufórico, e Bradley, provavelmente aliviado. E estamos de acordo... nada de ultrapassar limites. Então, por que estou tão enrolada em ironias? O que eu quero, o que eu queria, o que tenho...

O que eu tenho. O que não tenho.



Vestida para arrasar

Às vezes, quando economizo o suficiente, saio com Ren para fazer compras e investir em um guarda-roupa sólido. Alguma coisa de grife que passe pelo teste das tendências. Ela adora esfregar seu conhecimento de moda na minha cara, o que sempre resulta em uma tarde longa, mas também em grandes achados.

Minha última compra foi um vestido de alfaiataria com gola retrô em estilo Peter Pan. Ele é ajustado, com cintura alta, e só usei uma vez. Mas hoje vou usá-lo. Ele me deixa com ar confiante, indica que estou compenetrada e pronta para fazer negócios. Traga aquela garota para trabalhar! Só espero que não pareça que estou me esforçando demais. Não é um vestido que eu usaria normalmente na agência.

A traição de Tonya me deixou furiosa, mas não tenho nenhuma intenção de tocar no assunto com ela. Passei a noite toda acordada pensando nisso. Abordar o assunto seria lhe dar munição para usar contra mim. Se eu confrontá-la, ou ela vai negar tudo, ou vai minimizar a importância do que aconteceu. De um jeito ou de outro, ela se queixaria para Bradley, dizendo que tive uma reação exagerada, e ele certamente questionaria por que ainda me importo, se tudo aconteceu há quase sete anos com meu ex-namorado. O mesmo ex que agora é nosso cliente. Isso criaria mais tensão entre Bradley e Shane e, por consequência, um problema ainda maior entre mim e Bradley. Na verdade, estou orgulhosa de minha atitude racional.

Se é verdade que devemos manter os amigos próximos e os inimigos mais próximos ainda, uma inimizade deve ser mantida no escuro. Na lista negra.

Com uma xícara de café fresco, volto à minha mesa no exato instante em que Clive abre a porta de sua sala. Bradley e Shane surgem logo atrás dele. Com as costas absolutamente eretas, abro um novo documento no Word e digito loucamente, como se acabasse de ter uma grande ideia e não conseguisse controlar o fluxo.

Eles estão vindo para cá. Sem levantar a cabeça, digito a mesma sentença e depois improviso: “Tempestade de ideias e não consigo controlar o fluxo. Toneladas de ideias. Muitas ideias...”

Shane está parado diante de minha mesa.

— Bom dia, Kensington. — Os cabelos negros estão penteados para trás, e noto a sombra da barba em seu queixo. Os lábios se curvam ligeiramente, e meus olhos são atraídos por eles.

Sou tomada de assalto pela lembrança daqueles lábios pressionados nos meus. Estou nos braços de Shane, atrasada para a aula, e estamos rindo. Nos beijando. Ele não me deixa ir.

Mas deixou.

— Oi, amor — diz Bradley, parando atrás dele antes que eu possa responder. Está bonito e elegante com a camisa azul que comprei em seu último aniversário.

Espio por cima da tela de meu laptop e sorrio radiante para ele, ignorando Shane.

— Bom dia. O que temos para hoje? — Continuo digitando frases aleatórias, porque estou ocupada demais para parar. Digito: “Ocupada demais para parar”.

— Pensei em sairmos para fazer uma sessão de brainstorming. Talvez avançar na lista — Shane responde para o meu perfil, porque ainda estou olhando para Bradley. Meu *noivo*. Que ainda está bravo comigo.

Paro e faço o possível para parecer pesarosa.

— Ah, hoje é quarta-feira. O Bradley e eu sempre almoçamos juntos na quarta. — Pronto. Olho para ele.

Bradley se remexe, meio sem jeito.

— Ah, sim. Desculpe, não vou poder ir. A Tonya e eu temos uma reunião com a Sinfônica de Indianápolis sobre uma nova iniciativa. — Ele estreita um pouco os olhos. — Vestido novo?

Sinto meu rosto esquentar.

— O quê? Não, você já viu antes. — E é verdade. Olho para ele com cara de você-não-sabe-o-que-está-dizendo.

— Lamento sobre o almoço, mas talvez a reunião de hoje renda ingressos para a apresentação da sinfônica.

— Ótimo — respondo e sorrio ainda mais. É um sorriso radiante, luminoso, dirigido só para ele. Eu adoro a sinfônica. É uma desculpa para caprichar no traje, e o teatro é lindo. E também gostei de Bradley ter falado dos ingressos na frente de Shane. *Viu? Somos felizes.* De fato, estou eufórica.

Bradley bate na minha mesa e sorri.

— Gostei do vestido. Você está linda. — Ele move a cabeça em direção a Shane, num cumprimento silencioso. Nada de sorrisos. — Bennett — diz e sai da sala em direção a seu escritório.

Muito bem, Bradley. Vou vestir alguma coisa de seda para ele no fim de semana. Olho para a tela do computador e continuo ignorando Shane, caso Bradley... Sim, ele acabou de olhar para trás. Sorrio. Ter Shane aqui o incomoda. Só preciso tomar cuidado para não piorar a situação e continuar concentrada no que está em jogo: emprego, bonificação, casamento e família... Em outras palavras, *tudo*.

Shane continua ali parado.

— Então, a que horas você pode sair? — Ele passa para o meu lado da mesa e olha para a tela.

O que ele está fazendo? Tento abrir a agenda do Office, mas já fechei a aba. Não posso simplesmente fechar o laptop. Vai parecer que estou escondendo alguma coisa.

A janela do bate-papo aparece na tela. É Ellie. Shane consegue ver a tela? Não sei. Sinto um calor na nuca quando leio a mensagem.

Ellie-Bell: Seu ex, o sr. Inglês, já viu você nesse vestido? Ficou de queixo caído?

Viro-me depressa para distraí-lo.

— Que tal por volta do meio-dia? Tenho certeza que vai dar tudo certo. — Minha voz treme com o esforço de tentar parecer indiferente.

— Na verdade, eu marquei um almoço no shopping. Pode me encontrar lá por volta das quatro? Na entrada principal?

— É claro. Ah, pode ser na frente da Fossie's? Tenho que comprar um presente para o chá de bebê da minha cunhada, então podemos nos encontrar depois?

— Na frente da Fossie's, às quatro. — Shane se vira para sair, mas olha para trás e deixa o olhar passear por toda a extensão de meu vestido. — Só para constar, prefiro seus macacões. Mas entendo por que o Bradley gosta desse vestido. — Um sorriso insinuante distende seus lábios.

Sem dizer mais nada, ele sai da sala e me deixa morrer lentamente de vergonha. Apoio a cabeça nas mãos. *Ai...* o vestido. Eu só queria parecer confiante, preparada, pronta para fazer negócios.

O status do meu Facebook agora deveria ser apenas “lol”. Só que no meu caso não significaria “risos” — lol parece uma pessoa se afogando, o que resume bem como estou me sentindo; e, como ela, não acho a menor graça.



Vou ao balcão das listas, digito o nome de Ren e espero a impressão. Ainda nem pensei em fazer uma lista. Com a sorte que tenho, quando chegar a hora do meu chá de panela, minha mãe vai querer fazer um enorme chá de bebê para Ren. Meu estômago se contorce e azeda.

Observo a lista de Ren sair lentamente da impressora: conjunto de berço e cômoda de mogno, cadeira de balanço para amamentar, carrinho de bebê para todos os tipos de terrenos... Não tem nada por menos de quatrocentos dólares. *O que ela está pensando?* Quando levanto a cabeça, vejo Shane no corredor central, andando em minha direção. Ele chegou cedo. Desvio de uma mulher que empurra um carrinho com uma das mãos e segura um bebê com a outra. A menina tem lindos cachos dourados e bochechas redondas. Quando acena para mim com a mãozinha rechonchuda, não consigo conter um sorriso.

Fico séria novamente enquanto me aproximo de Shane.

— Ei, você chegou cedo. Combinamos às quatro, certo? — Aponto para o lugar de onde saí. — Eu ainda nem comecei.

Shane olha para o relógio.

— Ah, é verdade. Tudo bem, não tem problema. — Ele aponta para o departamento infantil e volta a andar. — Quando nasce o bebê da sua cunhada?

— Ah, hum, só na primavera. — Eu o acompanho. *Ele vai comigo?* — Parece que o meu jantar de noivado virou uma mistura de noivado com prévia de chá de bebê em família, então vamos dar os presentes agora. — Minhas palavras têm uma nota não intencional de ressentimento.

Shane parece confuso.

— Espere, você não disse que a sua mãe tinha planejado tudo? Por que a mudança repentina?

Meu rosto fica quente. Esqueci o que havia falado antes.

— Hum, acho que entendi errado. A ligação caiu e acho que, bom... — Desvio os olhos e abaixo a voz. — Sabe como é, eu deduzi.

— Algumas coisas nunca mudam. — Shane bufa, meneia a cabeça e olha ao redor. — Já volto.

Sinto um calor reconfortante no peito, provocado pelas palavras dele. Shane convivia com minha família e entende como me sinto. Ele sempre ficou do meu lado.

A essa altura, acho que minha família pode simplesmente esquecer o jantar de noivado. Vamos fazer a reunião só para Ren. A situação toda parece uma obrigação, de qualquer maneira. Como se eu fosse um inconveniente atrapalhando o dia especial de Ren. *Não sou boa o bastante para merecer um dia só meu.*

Minha atenção é atraída por uma mesa expositora com vários sapatinhos de bebê. Eles são de tricô e imitam botas da moda. Deslizo os dedos para sentir a textura e um sorriso idiota transforma meu rosto. São tão fofinhos! Levanto a cabeça e descubro que Shane está olhando para mim, do outro lado da mesa.

— São tão pequenos. — Franzo o nariz. — Você consegue imaginar os pezinhos e os dedinhos que cabem nesses sapatos?

— Consigo imaginar um monte de coisas.

Meu corpo todo fica tenso. Um tsunami inesperado de emoções confusas me inunda sem aviso, me invadindo em um instante. Desvio o olhar. Olho para todos os lados. Os sapatinhos. Minhas mãos. As dele.

Espere.

— Para que esse leitor de código de barras?

Noto um brilho de humor em seus olhos.

— Bem, temos um acordo. E esse é o número quatro da lista, então pensei...

— *O que é o número quatro?* — pergunto, recuando. Antes que eu consiga pegar meu telefone para ler o e-mail, ele me oferece o leitor.

— Ah, e você é a Ren, se aquela mulher ali perguntar. — Ele inclina a cabeça para a direita, onde uma funcionária da Fossie's olha para nós com curiosidade. Um sorriso lento se espalha no rosto de Shane.

— Eu sou a Ren? Não posso fazer uma lista no nome da Ren, ela me mataria. E como você sabe o nome dela?

— Ela se casou com o seu irmão, tem o mesmo sobrenome... — O leitor apita.

Olho para o objeto que ele registrou. É um enorme cruzamento de porco com hipopótamo em cores fosforescentes, verde e rosa. Hum, *não*.

— O que você está fazendo? — Faço uma careta de desgosto ao olhar para o bicho de pelúcia. — Ela não vai querer essa coisa. — O quarto do bebê que Ren vai montar certamente não terá monstros em tons neon. Eu me aproximo e escaneio a etiqueta novamente, tirando o boneco da lista.

Ele repete o procedimento e devolve o monstro à lista.

Retiro-o novamente.

— Shane, para! Ela nunca colocaria essa coisa no quarto do bebê. — Escaneio mais uma vez a etiqueta e jogo o brinquedo longe. E agora, eu tirei o item da lista ou pus de volta?

Ele está escaneando objetos aleatoriamente. Eu o sigo e vou removendo tudo da lista.

— Espere. — Coloco-me entre o leitor de códigos e um horrível edredom para berço, estampado com o desenho daquele mesmo monstro. — Não vou bagunçar a lista da minha cunhada. Tenho certeza que isso não está na lista de filmes.

Mas é uma cena do filme... Arregalo os olhos.

— *Vestida para casar?* É o número quatro, não é? Eles registram coisas que a irmã dela odiaria. Não vou fazer isso com a Ren. — Não posso fazer isso. Posso? Meu monstrinho pessoal mostra sua cabeça feia. Ouço a voz de Ren: *É melhor não estragar tudo com cutículas malfeitas. Adivinhem o que também vai acontecer na primavera?*

Não, eu não posso estragar o momento dela, mesmo que ela tenha arruinado o meu.

— É isso ou o bar. Viramos algumas doses e cantamos uma versão barulhenta de “Bennie and the Jets”. — Shane levanta o leitor de código de barras e arqueia uma das sobrancelhas.

— Não. Definitivamente não. — Os personagens acabam juntos no carro depois dessa cena... E não vamos chegar a isso.

Ele passa o leitor, que apita.

— Tudo bem, espere. Para. — Olho para a lista de Ren e tenho uma ideia. — E se acrescentarmos algumas coisas? — Minha voz se suaviza. — Coisas *bonitas* dentro de uma faixa de preços razoável? — Seguro a lista para estudá-la.

Ele coça o queixo fingindo refletir. Os olhos semicerrados encontram os meus.

— Tudo bem, pode ser. Vai valer como uma cena.

Sorriso, aliviada.

— Ótimo, porque sou boa nisso — digo, segurando meu leitor, lembrando a cena do filme e esquecendo de mim mesma por um momento.

— Ela é boa nisso — Shane diz, rindo.

Tento não debochar.

— Você está citando *Vestida para casar?* Você realmente viu esse filme? — Fico feliz por ele saber do que estou falando. Caso contrário, essa situação seria bem esquisita.

Quer dizer, ainda é.

— Talvez eu tenha aprendido a gostar de filmes românticos. Mais do que deveria. Viu o que você fez? Acabou comigo. — Seus olhos procuram os meus enquanto andamos pelos corredores da loja.

Eu me viro, tentando evitar outra viagem pela terra das lembranças. Vou me casar e Shane está... Não sei o que ele está fazendo.

— Ah, veja. — Shane segura um cofrinho cafona em forma de carneiro.

— Este é o banco em que a Ren vai depositar todo o dinheiro do bebê — digo sem pensar, como James Marsden em *Vestida para casar*.

Ele escaneia a etiqueta do carneirinho.

— Não, Shane, foi só uma referência ao filme. Ela não vai querer essa coisa.

Ele vai registrando várias etiquetas, em uma sequência de bipes: trens, girafas, até um cofrinho em forma de tartaruga folheado a prata.

Caminhando atrás dele, olho a bancada expositora, mas ele registrou tantas coisas e tão depressa que não sei nem por onde começar.

— O que é isso? — Shane segura um travesseiro amarelo com a forma da letra C.

Sorriso, tolerante. É uma almofada utilizada para apoiar o bebê durante a amamentação, entre outras coisas. Dou de ombros e finjo não saber.

— Talvez seja um travesseiro de viagem para o bebê?

— Sim, porque até o Júnior precisa de conforto para viajar de avião. — Ele o coloca em torno do pescoço, e o travesseiro cai sobre seus ombros. — Os bebês americanos são enormes.

Reviro os olhos e continuo andando.

— Então, quantos? — Shane pergunta, passando por lençóis e cobertores para berço.

Paro com o leitor erguido e tento decidir o número de jogos de lençol.

— Bebês. Quantos bebês? Tenho certeza que você já discutiu esse assunto com o Bradley. Vamos ver, ele quer o número estatístico, o 2,5, certo? — Ele se debruça sobre um berço, a fim de registrar o edredom.

Meu estômago se comprime.

— Eu quero... é... — Parece errado falar sobre isso com ele. Olho para um porta-retratos, depois desvio o olhar.

— Certo. Entendo. Então, quando vai ser o casamento? Você e o Príncipe Encantado já definiram a data?

Olho feio para Shane e me sinto subitamente na defensiva.

— Acabamos de ficar noivos e... Na primavera, talvez

— Pelo menos o anel é autêntico — ele resmunga, e o leitor apita.

— Espere. O que você quer dizer com isso? — Olho para o chocalho prateado em forma de urso na mão dele, e uma ruga surge em minha testa. — E tire isso da lista.

Shane se detém e olha para mim. Apoia o leitor na têmpera, como se escolhesse as palavras.

— Eu acho que você quer uma cerimônia. Não um casamento.

— O quê? — reajo. *Quem ele pensa que é?*

Shane sorri, com uma das sobrancelhas erguida.

Espera...

Por que ele está parado desse jeito?

— Eu disse... Não acho que você quer um casamento. E você diz.. — Com a cabeça inclinada, Shane faz um gesto com a mão, me convidando a completar a frase. — Tenho as falas escritas em cartões, caso você tenha esquecido. — E começa a levar a mão ao bolso.

É sério? Sim, ele tem cartões. Balanço a cabeça, perplexa.

Shane os estende para mim.

— Ou eu posso recitar suas falas e você repete. Vamos ver, eu disse...

— Eu entendi. Só... — Revejo mentalmente a cena de *Vestida para casar*, com os personagens principais. — Tudo bem, você disse: Eu acho que você quer uma cerimônia, blá, blá, blá, e eu digo... Qual é o seu problema? — Sorrio ao lembrar do diálogo. — Você planejou um casamento elegante e ela te deixou no altar ou alguma coisa assim? — Falo sem muita vontade, só para continuar a brincadeira. Se recitar trechos de filmes nos fizer ganhar a conta, a solução é simples e não deve causar problemas.

— Bingo — Shane declara, apontando um dedo. E isso é tudo. Essa é a fala.

Silêncio.

Não lembro o que vem em seguida, porque estou intrigada com a estranha expressão em seu rosto.

Não consigo decifrá-la.

Seus lábios se curvam.

Penso em minhas falas novamente. *Ela te deixou no altar ou alguma coisa assim?*

Ah. No filme, o personagem Kevin Doyle foi deixado no altar. Shane quer dizer que ele...

— Shane, desculpa, eu... pensei que estávamos só recitando trechos do filme. Não tive a intenção de...

Os cantos de sua boca se erguem.

Meus olhos se estreitam.

— Você está brincando comigo?

O sorriso dele agora é mais largo, e eu pego o enorme travesseiro de viagem do bebê, que não é um travesseiro de viagem, e o uso para bater nele.

— Ei, ei, isso não é tão macio — ele diz rindo, dando um passo exagerado para ficar fora de alcance caso eu decida repetir a agressão.

Eu repito.

Bato na cabeça dele. Depois, seguro o travesseiro embaixo do braço, recupero a compostura e, de novo, dou alguns passos em torno da bancada de bugigangas. Ele tem sorte por estarmos citando filmes, porque dizer que quero mais a cerimônia que um casamento de verdade seria ultrapassar o limite. Eu quero o casamento, sim. Mas não tem nada de errado em desejar também o grande momento da cerimônia. O que não quero é essa luz noturna em forma de hipopótamo.

Devolvo-a à bancada e pego um diário de gravidez. É em tom creme, com a capa forrada de tecido, envolto numa graciosa fita verde como fecho.

— Você devia dar isso para a sua cunhada — Shane opina, apontando o diário.

— Hum, não sei. — Ameaço deixá-lo sobre a mesa. — Ela provavelmente vai detestar, não tem nada a ver com ela...

— Não, tem a ver com *você*. Por isso ela vai amar. — Ele segue para o expositor seguinte. Mais bipes ecoam.

Olho para a coleção de objetos que ele acaba de adicionar à lista e suspiro. Amanhã, vou voltar à loja com Ellie para refazer a lista. E vou ter de ligar para Ren e avisar que acrescentei algumas coisas com preços mais razoáveis. *Depois* que fizer as correções, é claro. Olho novamente para o diário. Gosto dele.

O gigantesco travesseiro em forma de C é arrancado de onde está, embaixo do meu braço.

— Ei! — Viro no exato momento em que ele se choca contra minhas costas. — Ai! — Realmente, não é tão macio. De canto de olho, percebo a presença de uma funcionária da Fossie's. Ela nos observa.

Shane prepara outro ataque. Eu me esquivo e escapo.

— Shane — cochicho em tom severo.

Ótimo, lá vem ela.

— Com licença, o senhor não pode fazer isso na loja — diz a funcionária, apressando o passado. — Senhor? Senhor!

— Nós pedimos desculpas — responde Shane, mas me bate novamente. E, dessa vez, ele acerta.

Meu Deus, ele tem doze anos.

— Senhor, não é permitido...

— Desculpe — ele pede, sorrindo. — Última vez. Já terminamos. Só precisamos pagar pelo... — Ele levanta o travesseiro, apontando o diário em minha mão; em seguida, entrega os dois leitores de código de barras à atendente.

A caminho do caixa, pergunto:

— Vai levar o travesseiro?

— Por quê? Você acha que eu não devo?

Espero que ele esteja brincando. Shane para diante de uma prateleira, distraído com um globo de neve prateado que contém um carrinho de corrida. Ele segura o globo, e os flocos de plástico branco giram em torno da pista pequenina.

Ele não pode comprar uma almofada para amamentação. Estendo a mão para pegá-la.

Shane se encolhe.

O globo escorrega da mão dele. *Ai, merda!* Nós dois tentamos pegá-lo. É um jogo de batata quente: o globo pula primeiro nas mãos dele, depois nas minhas. Shane o agarra como um goleiro, mas eu o seguro com a ponta dos dedos. Ele aperta o globo e minhas mãos contra a barriga.

Por um momento, ficamos paralisados, meio abaixados e enroscados um no outro.

Sinto o calor de seu corpo. Seu cheiro invade meu nariz. Olho dentro de seus olhos. E, como o globo de neve, meu mundo é sacudido.

— Receio ter que pedir para se retirarem — diz a mesma funcionária da loja, agora atrás de nós.

Nós nos levantamos com cuidado deliberado. Mas eu me sinto um pouco desequilibrada. A culpa me envolve e aperta meu peito. *Por que eu me sinto culpada?* Não fiz nada.

Shane segura o globo e, satisfeito, exhibe-o diante da vendedora.

— Está vendo? Nem um arranhão. — Ele se vira para devolver o objeto à prateleira, e seu cotovelo encontra um urso de cristal. O urso cai em câmera lenta e se espatifa no chão com um estrondo.

A vendedora da Fossie's nem pisca.

— Dinheiro ou cartão?



Paro no semáforo e dou uma olhada no celular. Três chamadas perdidas. Uma é da minha mãe, as outras duas de Bradley. Digito a senha e espero a voz eletrônica anunciar o número e a hora da chamada pelas caixas de som do carro, ligadas ao celular pelo Bluetooth. A mensagem de Bradley é a primeira.

— Oi, amor. — Sua voz soa preocupada. — São quase seis e meia e estou na academia.

Ai, merda.

— Você podia ter ligado avisando que ia se atrasar. Eu, hum... vou esperar mais dez minutos antes de começar. Me ligue quando ouvir a mensagem.

Alguém buzina atrás de mim. O semáforo abriu.

— Já vou! — gesticulo e piso no acelerador.

Esqueci completamente a academia. *Como? Como eu esqueci?* Hoje é quarta-feira. Sempre vamos juntos à academia, às quartas e quintas. Olho para o relógio digital no console do carro. Quase sete e meia da noite? Uso o controle no volante para deletar a mensagem e espero para ouvir a próxima.

— Amor, onde você está? — Agora, seu tom de voz está definitivamente preocupado.

Eu me encolho no banco.

— Eu falei com o Clive. Ele disse que você saiu cedo, que tinha uma reunião com Shane Bennett fora do escritório. Você nunca faz isso. Me liga.

Deleto e espero a terceira mensagem.

— Oi, Kensington. Sou eu, sua mãe.

Eu sei que é você, mãe.

— Não sei por que você desligou na minha cara. Eu disse que ia atender outra ligação e que falaria com você em seguida.

— Foi você quem desligou, mãe — falo depois de ouvir a mensagem e entro na minha rua. Agora que sei que ela me impediu de receber os recados de Shane, queria ter desligado na cara dela.

— ... eu precisava falar com você sobre a reunião. Enfim, mandei o e-mail, portanto você já sabe. Mas eu queria ter certeza que você não vai comprar uma bolsa de fraldas, porque isso é o que...

Minha mãe continua falando. Ela não entende o conceito de recado. Pensando bem, conversar com ela não é muito diferente.

— É da Gucci e é linda, a cara da Ren. Ela vai adorar...

O telefone apita e a mensagem é interrompida, porque o limite de tempo acabou. Ela provavelmente continuou falando. Minha mãe comprou uma bolsa da Gucci para a Ren? Uma bolsa da Gucci para carregar *fraldas*? Entro na garagem do prédio e vejo o BMW de Bradley estacionado ali.

Ah, não.

Quando entro no apartamento, Bradley está sentado no sofá, com a televisão ligada e o celular colado à orelha.

— Estava ligando para você de novo. O que aconteceu? Está tudo bem? — A voz dele está tensa.

Jogo minhas coisas em cima da bancada.

— Desculpa.

Bradley se levanta e caminha até a cozinha.

— Eu fiquei preocupado, você não apareceu. E o Clive disse que você estava com o Bennett? — Seu queixo está contraído.

Consigo ouvir a pergunta que ele não formulou.

— Hum, é... Discutimos os melhores filmes e as cenas que devem ser usadas nas peças publicitárias. Ah, e fui à Fossie's comprar o presente do chá de bebê da Ren, como você pediu. — Abro a sacola com o diário de gravidez. — Viu?

— Com o Bennett? — Seu rosto expressa confusão.

— Não. Quer dizer, sim, mas... — Meu coração bate acelerado. O estômago borbulha com a culpa. — O Shane queria discutir o projeto. Ele estava em um

café no shopping, para um almoço de negócios, e a gente se encontrou lá. Nada muito importante. Dois coelhos, uma só cajadada.

Tudo verdade. E a culpa persiste.

O que é estúpido, porque não fiz nada errado, nem pretendo fazer. Abro a geladeira, procurando algo para beber, e arrumo algumas coisas, ganhando tempo. Se ao menos eu não tivesse esquecido a academia. Pego um suco e me viro.

— Eu devia ter telefonado, mas ele assinou o contrato, e isso significa que vamos trabalhar juntos... — Faço aquela cara de o-que-você-quer-que-eu-faça.

— Sim, eu sei... — Bradley muda de posição e cruza os braços. — Só não gosto desses encontros com ele depois do expediente. Fico incomodado. Então, isso tem que acabar.

Não é um pedido.

Não sei o que dizer. Olho para ele. Olhos azuis, sem reflexos dourados. Sinto um aperto por dentro. Ele está com ciúme. Talvez tenha todo o direito de estar. Como eu me sentiria se fosse ao contrário?

— Tem razão, me desculpa.

Seus braços caem ao longo do corpo, e a expressão tensa se suaviza um pouco. Bradley se aproxima, levanta meu queixo e se inclina para um beijo lento e delicado.

— Quer vinho? — Ele já está se servindo.

— Hum, quero. Vou trocar de roupa, volto já.

Mesmo com roupas casuais, Bradley é lindo. Com os cabelos claros bem cortados e a barba feita, está sempre elegante. Sufoco uma risada. Bradley é como George, o chefe de Jane em *Vestida para casar*. Perfeito. E Shane? Sim, ele é mais parecido com Kevin Doyle, definitivamente. O mesmo cabelo, porém com sotaque e a barba por fazer.

Ren é Tess, sempre roubando todas as cenas. Tonya pode ser a amiga de Jane, como é mesmo o nome dela? A que dorme com todo mundo; na verdade, ela é até um pouco parecida com Tonya. A atriz é a Judy Greer, mas eles mencionam o nome da personagem? Acho que não. Sinto uma onda de desânimo.

Sou parecida com Jane? Ela tinha medo de dizer não, sempre tentando agradar todo mundo. Eu não sou assim. Sou capaz de dizer não.

— Amor? O que você está fazendo?

O que estou fazendo? Reescalando o elenco de *Vestida para casar*.

— Já vou — respondo do quarto, enquanto visto a calça de moletom.

Quando volto à sala, Bradley está novamente no sofá, diante da televisão. Eu me aconcheço ao lado dele, e ele se inclina para me beijar. Seus lábios são quentes e se movem sobre os meus com naturalidade. Recuo e sorrio. *Ele é o George*.

Ele me dá um beijo rápido nos lábios mais uma vez.

— Vamos adiantar o casamento.

O desânimo se estampa em meu rosto.

— O quê?

— É, vamos marcar logo a data. — Ele muda de posição para me olhar de frente. — Agora que o seu emprego está garantido, por que esperar? O Grayson e a Ren vão ter o bebê na primavera, então talvez a gente possa marcar a data para os próximos meses. Para não coincidir.

Sento-me ereta, de repente furiosa.

— Por que estamos fazendo planos em função da gravidez da Ren?

— Não estamos. — Um grunhido baixo de frustração brota de seu peito. — Estamos tomando providências para que *você* seja o centro das atenções. Certo? — Ele se inclina para beijar meu nariz. — Sem coincidência de datas.

— E sem tempo para planejar também. — Eu me afasto e me recosto no sofá. Não quero esperar muito, mas... não quero fazer tudo correndo. E definitivamente não quero um casamento perto do Natal. — Como vamos conseguir aprontar tudo, quer dizer...

— Vamos contratar alguém para cuidar da organização. — Ele está realmente entusiasmado, gesticulando muito enquanto fala. — Pense nisso. Eu te amo, Kenz, e não quero esperar. Você quer?

— Não, mas... — Minha cabeça gira loucamente em torno de tudo o que temos para fazer. — Não vai dar certo. — Quero me casar, mas não quero uma coisa improvisada. — Talvez no fim de semana a gente possa conversar com a minha mãe sobre isso, ver o que ela acha. — Meu estômago embrulha. *Eu sei o que ela acha*. Se for mais conveniente para Ren, ela vai concordar.

— Ah, quase esqueci. Vou a Michigan no fim de semana assistir a um jogo em Lansing, de camarote. Vou acompanhar um cliente, então tenho que ir. Mas...

— Ele afaga meu rosto. — Consegui os ingressos da sinfônica para você. Leve a Ellie ou sua mãe. Vocês podem discutir a data do casamento.

— Tudo bem... — Dou de ombros com um sorriso breve. O dia do casamento de uma garota é o momento crucial. Não quero apressar as coisas. *Ele sabe disso, não?*

Ai, eu sou a Jane. Devia ter dito não, simplesmente não. Uma onda de pânico cresce em meu peito, me incomodando. É natural, especialmente nas atuais circunstâncias, com Shane aparecendo e a lista de filmes... Ah, filmes! Eu me levanto e sorrio.

— Vamos ver um filme? Talvez *Vestida para casar*? — Estou procurando o DVD.

— Que tal *A supremacia Bourne*? Ou *Duro de...*

— Não, por favor, você vai gostar desse. Vou até fazer pipoca.

Viu? Eu sei dizer não. Isso vai ser ótimo. Bradley e eu podemos criar nossos próprios momentos cinematográficos. Porque eu já tenho meu final feliz, certo?



Ligeiramente enrolada

Com a mídia social online, o mundo do marketing mudou. Isso significa menos designers e mais programadores. Antigamente, antes de eu trabalhar na agência, havia mais de vinte designers na equipe. Agora, com menos da metade desse número, ainda temos trabalho para vinte.

Olho para minha equipe e vejo que todos estão ocupados. Verifico o cronograma de projetos e confirmo que estamos soterrados de trabalho. Como é possível que haja “dificuldades financeiras”? Tenho mais dois projetos pequenos para delegar, mas ninguém está disponível. Redijo e envio um e-mail rápido para minha equipe, perguntando quem pode assumir um extra, depois apoio os cotovelos na mesa e seguro a cabeça como se fosse uma bola de basquete.

É tudo bem estranho. Tem muita coisa acontecendo, muito dinheiro entrando. *E para onde esse dinheiro vai?* Na verdade, eu gostaria de contratar mais um designer.

Dou uma olhada rápida no Facebook e noto que Ren está inundando o feed com atualizações constantes sobre o bebê. “O bebê Shaw vai ser rosa ou azul?” O Foursquare diz que ela está na Clínica de Ginecologia e Obstetrícia Carmel, e ela marcou minha mãe, indicando que estava com ela.

É claro.

Digito “Boa sorte!”, embora eu esteja necessitando mais disso. Preciso telefonar para Ren para falar sobre a lista de presentes. Preciso *consertá-la* antes. E tenho de voltar ao trabalho. Ganhar o contrato não é o mesmo que mantê-lo.



Ellie e eu estamos em um pequeno bistrô italiano no shopping. Estou sempre por aqui. Além das lojas incríveis, o lugar tem bons restaurantes e excelentes lanchonetes. Em outras palavras, carboidratos.

Dividimos uma porção de massas variadas: espaguete, ravióli e fettuccine. O acompanhamento é pão de alho, o que desequilibra completamente a balança de carboidratos.

— Tudo bem, você conhece toda a história com o Shane, certo?

Ellie assente e dá uma garfada.

Abaixo a voz e adoto um tom sério, de vida ou morte.

— Se você comentar alguma coisa sobre isso com alguém, e estou falando até dos detalhes mais ínfimos... — Inclino o corpo para frente, a fim de dar um efeito mais dramático. — Vou contar ao escritório inteiro que aqueles peitos xerocados na sala de almoço são seus.

Ellie para de mastigar.

— Você não faria isso.

— Faria e farei. Estou falando sério. — Tomo um gole de chá gelado, pigarreio e continuo: — Tudo bem, você sabe que foi a Tonya quem me contou sobre a traição do Shane na faculdade, certo? Pois eu descobri que foram só uns beijos entre dois bêbados em uma festa, e foi a *Tonya* que ficou com ele.

Ellie abre a boca. E a cobre com uma das mãos.

Assinto e fico em silêncio por alguns instantes, deixando a informação assentar.

— Espere, ainda tem mais. — As palavras estão envoltas em espinhos e arranham ao sair. — Quando eu voltei para a casa dos meus pais, o Shane ligou lá. No fim de semana seguinte. Minha mãe disse a ele para deixar as coisas como estavam. Para não me procurar mais.

Os olhos dela estão enormes.

Conto que Shane assinou o contrato, explico sobre a condição da lista de filmes, depois explico o que ela significa.

— Aqui, dá uma olhada... — Entrego a ela meu celular.

Ellie move os lábios a cada palavra que lê.

1. *Sintonia de amor*
2. *Uma linda mulher*
3. *O diário de Bridget Jones*
4. ~~*Vestida para casar*~~
5. *Dirty dancing: ritmo quente*
6. *Gatinhas e gatos*
7. *Simplemente amor*
8. *Digam o que quiserem*
9. *Mensagem para você*
10. *O casamento do meu melhor amigo*

Eu a observo e me sinto ferver por dentro. Por alguma razão, contar isso a alguém torna tudo... *o quê?* Real. Sim, talvez real demais.

As sobrancelhas dela se arqueiam.

— Não acredito que ele está fazendo tudo isso. Posso ficar com ele? — Ellie ri, olha novamente para a lista e abaixa a cabeça, desconfiada. — *Vestida para casar* está riscado. Aonde vocês foram ontem? O Bradley sabe sobre isso?

Meu coração dá um salto. Eu não devia ter contado nada. Minimizo a importância da história toda e digo que só registramos alguns presentes a mais na lista da Ren.

— Não foi nada. Só algumas falas do filme recitadas em uma cena semelhante, para inspirar a reformulação do projeto. Mas é melhor não contar a ninguém. Quer dizer, já é tudo bem esquisito.

Eu deveria me sentir aliviada, mas não me sinto. Estou pior que antes. Afogada em um mar de culpa. Nem o carboidrato está ajudando.

Decido mudar de assunto.

— Falando em esquisitice... Você notou alguma mudança na sua carga de trabalho? Ouvi comentários sobre a agência não ter faturado bem no último trimestre.

Ellie torce o nariz.

— Não, de jeito nenhum. Na verdade, o trabalho só aumenta. Não tenho nem conseguido acompanhar os prazos. Onde você ouviu isso?

— Não deve ser nada — declaro e, finalmente, levo uma porção de massa à boca. *Hum, que gostoso.* — Mas... — Conto o resto da história. Como trabalhamos juntas, essa conversa não pode ser considerada quebra do contrato de confidencialidade.

Ellie ouve com os olhos arregalados, o garfo parado no ar, e a reação dela só aumenta minha culpa. Eu não tinha a intenção de apavorá-la. Só queria saber sua opinião sobre Clive ter me pressionado a fazer o que fosse necessário para conseguir a conta de Shane, sobre a ameaça de demissões e os boatos de dificuldades financeiras, quando é evidente que não falta trabalho.

Sorriso para acalmá-la.

— Talvez o Clive tenha sido apenas, sei lá... dramático.

— Ele adora um drama — Ellie concorda.

— Certo. Quer dizer, se temos tanto trabalho, não há com o que se preocupar. Ou não deveria haver, pelo menos.



Shane chegou à agência há cerca de dez minutos, e Clive o levou para a sala de reuniões. Ele havia telefonado pedindo uma reunião com a equipe que trabalha em sua conta. Nem imagino por quê, já que ainda não criei nada. Estou nervosa e agitada. A porta está fechada.

Bato antes de entrar? É melhor.

Dou uma batidinha de leve na porta e giro a maçaneta, mas neste momento Tonya e Bradley aparecem no fim do corredor, e deixo cair a mão.

Sorriso sem entusiasmo.

— Oi.

— Oi, amor, tudo bem?

— O quê? Tudo, é claro. — Por quê, pareço culpada? Eu me sinto culpada.

Tonya passa por mim, abre a porta e sorri.

— Dessa vez não vai beber água.

Reviro os olhos e aviso que já volto antes de me afastar pelo corredor. Vejo Ellie e aceno para chamá-la.

— Estou recrutando seus serviços. A partir de agora, você faz parte do projeto do Carriage House. Eu explico depois. Vem. — Tomo-a pelo braço e voltamos rapidamente à sala de reuniões.

— Kenz, o que você está fazendo? — Ellie pergunta.

Faço um sinal para ela ficar quieta, abro a porta e praticamente a empurro para dentro da sala.

Tonya olha para Bradley.

— Ela não trabalha nessa conta.

— Eu recrutei a Ellie. Decidi que precisamos de uma perspectiva técnica feminina sobre a funcionalidade do projeto — declaro e puxo uma cadeira para ela. Faz sentido. Os outros programadores na conta são homens.

Preciso realmente de um conselho sensato sobre tudo isso, da voz da razão, de outro olhar sobre a situação. *Será isso uma situação?* Talvez eu só precise de alguém por perto, caso eu perca a cabeça e esmurre a Tonya.

Shane desliga o celular e o guarda no bolso.

— Muito bem, seja bem-vinda. — Ele sorri para Ellie.

Ela tenta disfarçar o sorriso largo e dá uma risadinha. Shane olha para mim sem entender. Tento expressar um “não sei”, mas nem imagino o que meu rosto está transmitindo.

— Acho que só falta o Clive, então. — Os olhos de Shane continuam fixos em mim.

Desvio o olhar, sinto o rosto queimar e surpreendo Bradley olhando de Shane para mim. Ellie continua encarando Shane, e Tonya está tomando água. E, só para constar, Shane e Tonya não estão se olhando. É importante deixar tudo claro.

— Tão refrescante — Tonya comenta brincando, depois de deixar o copo sobre a mesa e fingir que tosse.

— Isso é novo? — sussurro ao notar sua roupa. Nunca a vi antes, e parece ser de grife.

Tonya franze o cenho como se não soubesse do que estou falando. Tanto faz, ela sabe. E a roupa é nova. O pessoal de vendas ganha comissão. Ninguém faz compras quando não está ganhando dinheiro.

— Muito bem, vamos ver o que está pensando, sr. Bennett — Clive diz ao entrar na sala.

O quadro na frente da sala tem algumas peças impressas presas a ele e cobertas. Brinco com meu anel de noivado enquanto esperamos Clive se acomodar. Ele fecha a porta e se senta na beirada da mesa de reuniões, porque, aparentemente, não gosta de cadeiras. Shane descobre as peças, uma a uma.

— Muito bem, isso não vai demorar. Imprimir algumas ideias que, acredito, representam o que estamos procurando. Não quero que olhem só para o desenho, mas para os conceitos e os sentimentos que eles despertam.

Pânico. É esse o sentimento que desperta em mim.

As três peças são *minhas*.

Minha boca está semiaberta. Ele imprimiu cópias de desenhos que fiz na faculdade, os que estão no meu Facebook. Olho para Shane e vejo um sorriso confiante em seus lábios.

Dois desenhos são ilustrações românticas e figurativas de casais, em blocos de cores e linhas soltas. O terceiro é um retrato. Não sei como reagir. Clive se aproxima para inspecionar as peças. Todos estão atentos aos desenhos. Shane explica que imprimiu trabalhos que encontrou online e, por isso, a qualidade da impressão não é a melhor. *E se nada disso for muito bom?*

É meu pior pesadelo. Estou completamente exposta.

Shane olha para todos na sala.

— Talvez a artista possa fazer a gentileza...

Não, não, não, não...

— ... de trazer os originais para vocês verem. — E agora os olhos dele estão em mim.

Todos se viram.

Hum, merda.

— Esses desenhos não são da Kenzi — Bradley afirma e me encara, confuso.

Dou de ombros.

— São sim, da época da faculdade. Estão na casa dos meus pais. — Não explico que estão escondidos no fundo da caixa Kensington.

— Nunca tinha visto — diz Bradley, e olha para mim de um jeito que combina com o tom da noite passada. Ele não está no Facebook, só no LinkedIn, para estabelecer relações profissionais.

— Ah... estão no meu álbum do Facebook — explico depressa e me arrependo imediatamente. Agora vou ter de explicar a Bradley por que Shane é meu amigo no Facebook. Eu me sinto culpada, mas nunca tive a intenção de aceitar a solicitação de amizade dele.

Meus ombros ficam tensos. Shane está tentando provocar discórdia entre nós? É isso que ele quer?

— Os desenhos são simples, mas produzem uma forte resposta emocional. — A voz de Shane soa carregada de energia. — Um olhar e você sente o que a imagem está retratando. — Ele aponta para o primeiro quadro, de um casal abraçado com uma paisagem urbana esboçada atrás. — Amor.

Estou fervendo por dentro. Shane nem imagina quando pintei aquela imagem ou por quê. Somos nós. Bem, não literalmente, mas nossos sentimentos transferidos para a tela naquele casal.

Ele aponta o segundo quadro: um casal de mãos dadas em um parque.

— Romance. E este aqui...

Tonya franze o cenho.

— Sem querer ofender, Kenz, mas as cores estão invertidas nesse último desenho.

É um retrato em expressionismo abstrato, e a técnica das cores é intencional. Usando pinceladas largas e tons opostos, criei uma justaposição dinâmica. A pessoa retratada era só uma modelo na aula, mas seus olhos intensos me cativaram. Ainda cativam.

— Na verdade, Tonya, é isso que me atrai. Imagine essa mistura de cores e imagem realista em murais espalhados pelo saguão.

Levanto a cabeça. *Murais* com o meu trabalho?

— Eu comprei licenças limitadas para o uso de cenas de filmes e quero misturar as cenas com este tratamento para a web, o material de marketing e o cinema. — Ele olha em volta e encontra meu olhar. — É assim que quero as peças publicitárias.

Clive se levanta.

— Bem, não vejo problema nenhum. A Kenzi pode começar imediatamente. Ótimo. Eficiente e direto. Quem dera todas as minhas reuniões chegassem tão rápido a uma conclusão.

Todos se levantam, e a sala é tomada por várias conversas. Shane pega o celular para atender uma ligação, e Ellie se aproxima de mim.

— Você pintou mesmo aqueles quadros? — Ela parece impressionada.

Até Bradley continua olhando para minhas obras.

Isso é diferente de um álbum online. Não há onde se esconder. Estou sentada bem aqui. Sou eu naqueles quadros, nua, exposta. Inspiro profundamente e prendo o ar, tentando conter as lágrimas. Estou muito abalada. E me sinto *vista*.

Olho para Shane. Ele me observa do outro lado da sala, com os lábios levemente curvados e o celular grudado na orelha.

— Ah, quase esqueci — diz Tonya em voz alta, chamando a atenção de todos. — Sexta à noite vamos fazer uma reuniõzinha para comemorar o noivado do Bradley e da Kenzi. Eu mando um e-mail.

Do que ela está falando?

Tonya responde ao meu olhar confuso.

— Ia ser surpresa, mas, quando o Bradley me contou que vocês vão adiantar o casamento, não tive tempo de planejar nada. E, francamente, não sei como vocês vão organizar o casamento em seis semanas. — Ela bufa, demonstrando desaprovação.

Que diabo é isso?

— Seis semanas? Caramba! Por que você não me contou? — A voz de Ellie é pura animação.

Hã... porque eu não sabia. É como estar naquela cena de *A proposta*, quando a personagem de Sandra Bullock anuncia que eles estão noivos, mas eles não estão.

Porém eu estou.

Só não concordei com seis semanas. Olho para Bradley com cara de sobre-o-que-ela-está-falando.

Ele está apertando a mão de Clive.

— Obrigado. Sim, vai ser tudo muito rápido, mas...

— Rápido é pouco — Clive responde e levanta uma sobancelha, fitando minha barriga.

Agora todo mundo olha para mim.

Espere. *O quê?*

Estou vivendo um momento. E não é um bom momento. Olho para Shane, do outro lado da sala de reuniões, parado diante de meus trabalhos de arte da faculdade. Ele desligou bruscamente o telefone e está me encarando. Estou confusa. Constrangida.

E não estou grávida.

Há suspeita no rosto de todo mundo ali. E todos os olhos parecem estudar minha barriga.

Eu a encolho.

Cintas modeladoras serão uma peça constante no meu guarda-roupa de agora em diante. Talvez uma em cima da outra. Quem sabe um macacão.

Agora, não só não terei tempo nem dinheiro para planejar o casamento que realmente desejo como viverei eternamente cercada de dúvidas. Quero tentar engravidar imediatamente depois de dizer o sim, o que vai dar a impressão de que eu já estava grávida.

Penso em *O casamento do meu melhor amigo*, antes de eles passarem por baixo da ponte a bordo do barco, quando ele diz: “A gente se compromete com o casamento, e então há um impulso, e a gente esquece que escolheu isso”.

Eu escolhi o casamento. Mas não me comprometi com um prazo de seis semanas. Não escolhi induzir todo mundo a pensar que estou grávida.

Esse é outro filme.

Isso é encrenca. A raiva provoca um tremor que me percorre a espinha. Onde Bradley estava com a cabeça? Tenho vontade de quebrar uma cadeira na cabeça dele. Não discutimos os detalhes de nada!

Clive estala os dedos na frente do meu nariz, depois repete o gesto duas vezes, numa sucessão mais rápida.

— Você me ouviu, Kenzi? Alôôô!

— Hã? — Olho para ele.

— Nossa confraternização anual com os clientes está marcada para a próxima terça-feira, depois do expediente, no River Paintball. Lembra? Esteja vestida para matar — ele diz e ri da própria piada. — Já que você não pode

participar por causa da... — De novo ele olha para minha barriga, e dessa vez levanta as sobrancelhas.

— Clive, eu não estou... — aponto minha barriga e balanço a cabeça, olhando em seguida para Bradley.

— Ah, sim, é claro. — Clive ri e estala a língua, depois continua discutindo o jogo com Bradley.

Bradley permanece impassível, como se a história toda nem fosse com ele. Meus olhos encontram Tonya e Shane no fundo da sala. Eles falam em voz baixa, olhando às vezes para mim.

E essa é minha deixa. Olho furiosa para Bradley e me dirijo à porta em passos firmes.

Saída pela direita — isso é *Noiva em fuga*.



Uma linda confusão

Sentada em um banco do shopping, observo as pessoas que passam. O teto do átrio é de vidro, e um raio de sol ilumina meu rosto. É delicioso sentir o calor na pele. Meu celular toca sem parar: primeiro Bradley, depois Ellie e agora minha mãe. Suspiro e atendo. O que posso dizer? Deve ser masoquismo.

— Oi, mãe.

— Oi, Kenzi. É a tia Greta. Estou usando o celular da sua mãe.

Ah, graças a Deus.

— Sua mãe e eu estamos com a Ren, almoçando e falando sobre o bebê, e ela me pediu para ligar e perguntar se você recebeu o recado sobre a reunião para comemorar o bebê e o noivado. Acho que ela mandou os convites e, bem, você pode imaginar.

Merda. Preciso consertar a lista.

— Ah, sim, recebi uma parte do recado. A mamãe falou mais que o tempo da mensagem de voz. — Prendo o celular entre a orelha e o ombro, levanto do banco e começo a andar em direção à Fossie's.

Tia Greta dá risada.

— Não me surpreende... Você está bem?

Não.

Pigarreio, surpresa por ser assim tão óbvio.

— Sim, é só um probleminha com um cliente.

— O que aconteceu? Que cliente?

— É que, hã... o cliente é Shane Bennett.

— *Aquele* Shane Bennett?

Paro de andar e me sinto meio zozza.

— É, ele voltou. Está complicado.

— Sim, imagino que isso pode ser complicado. O Bradley sabe do seu passado com o Shane?

Por onde eu começo? Chego mais perto da parede para não atrapalhar o fluxo de transeuntes e seco a umidade embaixo dos olhos.

— Kenzi?

— Sim, o Bradley sabe. Não ficou nada contente, mas conseguimos a conta. Ah, e ele quer adiantar o casamento para perto do Natal. *Este* Natal. Daqui a seis semanas. — Algumas lágrimas escorrem em meu rosto. — E simplesmente anunciou o casamento para todo mundo no escritório. — Minha voz treme, interrompendo as palavras.

— Isso sugere que ele está com ciúme. Não deve ser nada sério. Se quer esperar, diga isso a ele. — Minha mãe chama tia Greta ao fundo. — Kenzi, não deixe que tomem decisões por você. Sua mãe raramente aprova o que eu faço, e ela pode não concordar com as suas escolhas, mas é você quem tem que fazê-las, entendeu?

— Teoricamente — murmuro. Acho que ela não me ouviu.

— Só por curiosidade, como está o Shane? A aparência, quero dizer.

Meu silêncio é a única resposta de que ela precisa.

— Foi o que pensei. — Ela ri. — Escute, a feitora está ficando nervosa aqui. Acho que a nossa mesa está pronta. Me ligue a qualquer hora que precisar, está bem? É sério. E se dê um tempo para entender as coisas. *Por favor*. Te amo, docinho.

— Também te amo. E obrigada — respondo e encerro a ligação.

Bradley vai ouvir tudo que eu tenho a dizer sobre esse anúncio envolvendo as seis semanas, mas dizer a ele que quero esperar? Como vou explicar essa mudança? Antes, quando ele cogitou a possibilidade de adiar o casamento, eu quase surtei. E, agora que ele quer acelerar as coisas, também estou surtando?

Mas é *impossível* planejar um casamento de conto de fadas em seis semanas. Até mesmo nos filmes.

Em *Noivas em guerra*, Liv e Emma ficam malucas com o prazo apertado, que é de três meses e meio. Em *O casamento dos meus sonhos*, Mary enlouquece planejando o casamento de Steve e Fran em três meses. E isso tudo em um filme! E não estamos em um filme.

Acho que eu só esperava que o dia do meu casamento fosse como no cinema.



O leitor de código de barras apita com cada remoção e inclusão de objetos na lista, enquanto caminho pela loja de departamentos Fossie's. Seguro o celular com o ombro e converso com Bradley enquanto arrumo a lista de Ren. Bem, ele está falando, e eu o ignoro abertamente.

Sua voz ecoa, o que me faz deduzir que ele está no carro.

— Escute, me desculpa. Não pensei que adiantar o casamento seria um problema. Pensei que você ia ficar animada. Já conversamos sobre isso.

Engulo a raiva e tento reprimir as palavras duras que continuam invadindo minha cabeça. Foi uma idiotice, mas não foi por mal.

— Bradley, a gente conversou mesmo sobre adiantar. Mas eu estava pensando em seis ou sete meses. Não em seis *semanas*!

Passo o leitor na etiqueta do elegante jogo de banho, apesar de gostar mais das toalhas com capuz e orelhinhas de animais.

— Tudo bem, você tem razão. Acho que me empolguei.

Empolgar é pouco. Seguro a toalha de animal e sorrio. Tão bonitinha. *Por que ainda estou acrescentando coisas?*

Talvez devamos mesmo nos casar em seis semanas. Quem sabe fugir? Quanto mais cedo nos casarmos, mais depressa poderemos começar a tentar. Quem se importa com o que os outros pensam? Minha mãe nem telefonou para falar sobre os planos para o casamento... Paro, porque posso sentir as lágrimas

voltando. Eu *quero* engravidar. *Quero* começar a tentar. Mas também quero a grande festa de casamento. E parece que a sincronia das coisas está errada.

Será que vou viver esses momentos?

Não se forem tirados de mim.

— Amor?

— É muito cedo, tá bom? Tem tanta coisa para fazer. Temos que encontrar um lugar, mandar fazer os convites, o vestido, organizar a recepção. Seis semanas é pouco tempo, Bradley. Quero manter o que combinamos sobre a primavera. — Pronto, falei. *Viu?* Fiz a minha escolha. Não sou como a Jane de *Vestida para casar*, afinal.

Por que não posso ter um casamento chique e grandioso? Não sou obrigada a desistir disso também. Um enorme e fofo urso de pelúcia olha para mim com seus brilhantes olhos de botão.

— Tudo bem, vamos conversar sobre isso. Talvez hoje à noite? Vou encontrar o seu pai para uma conversa rápida sobre a aquisição de mídia que ele quer fazer, e acabei de chegar. Mas te vejo daqui a pouco, e sinto muito mesmo. Tudo bem?

— Sim. Tudo bem. — Desligo o celular e pego o urso. É bege e branco e implora para ser abraçado. Talvez eu é que precise de um abraço. Envolvero com os braços e o aperto.

— Kensington.

Levanto a cabeça e vejo jeans escuro e uma camiseta com gola V. Cabelos bagunçados e olhos com reflexos dourados. Sofrimento do passado e confusão do presente.

— Como você sabia onde...?

— A Ellie achou que você podia estar aqui, consertando... — ele aponta o leitor de códigos na minha mão.

Obrigada, Ellie-Bell. Continuo examinando os objetos que já olhei, com o urso embaixo do braço. Não quero me separar dele.

— Você tem filhos? Que você saiba? — O tom é mais agressivo do que eu pretendia. — Desculpa, não era isso...

— Não. Não tenho filhos. — Ele engancha os polegares nos bolsos do jeans e se aproxima de mim.

O divórcio dos pais de Shane foi difícil, e me lembro de ouvi-lo falar como a vida já é dura o bastante sem acrescentar crianças à receita.

— E não quer ter, certo?

— Eu nunca disse isso. Mas não me meteria nisso com qualquer uma, não.

Ele acha que estou grávida. Vejo em seus olhos. Afasto o urso discretamente, pela última vez, e me viro para colocá-lo em uma cadeira de balanço perto de mim.

— Com licença! — a vendedora de ontem fala em voz alta e caminha em nossa direção. E acena para chamar nossa atenção.

Shane levanta as mãos numa debochada demonstração de inocência quando ela se aproxima.

— Já estamos saindo. Viu? Aqui — eu digo e lhe entrego o leitor de código de barras. — Já terminei.

Ela bufa enquanto saímos e olha feio para Shane.

— Eu ia procurar um vestido para sábado à noite — comento, à medida que deixamos o departamento infantil e caminhamos para a escada rolante. — A Ellie vai comigo à apresentação da sinfônica, já que o Bradley vai viajar. — Olho para ele de canto de olho e desvio o olhar em seguida. Não sei por que eu disse isso. Não devia ter dito nada.

A voz de Shane soa mais baixa.

— Por que vocês adiantaram o casamento? Seis semanas é... bom, é pouco tempo, quase nada.

— Eu *não* estou grávida, Shane.

O rosto dele expressa alívio. Eu acho. Sim, ele está aliviado.

Não espero que ele diga alguma coisa.

— E não adiantamos o casamento. Não sei onde o Bradley estava com a cabeça. Ele mencionou a possibilidade ontem à noite, depois que perdi a hora da academia, mas... — Paro. As palavras soam erradas, como se eu estivesse traindo Bradley simplesmente por dizê-las. — Enfim, vamos dar um jeito nisso. — É mais um resmungo, quando saímos da escada rolante.

Paro e olho para ele.

— Bom, eu vou... — aponto o departamento feminino.

— Comprar um vestido?

— É, então... — inclino a cabeça.

— Você sabe que um dos filmes da lista tem uma cena de compras. E você precisa de um vestido.

Torço o nariz.

— Ah, não sei. Hoje o dia foi...

Os olhos de Shane encontram os meus, e um meio-sorriso distende seus lábios, me provocando.

Pego o celular e abro meus e-mails, rolando a tela até encontrar a lista de filmes. Minha mente entra em modo turbo quando leio os títulos. Meu estômago protesta. Meus olhos se erguem e encontram os dele.

— *Uma linda mulher.*

— É.

As palavras de tia Greta cochicham no fundo dos meus pensamentos. *Se dê um tempo para entender as coisas.* Olho para o departamento feminino, depois para ele.

A música “Pretty Woman”, de Roy Orbison, tema do filme, começa a tocar em minha mente, e eu visualizo a cena. Edward e Vivian andando depressa pela rua, enquanto ela afofa os cabelos rebeldes. Pouco antes de entrarem em uma loja, Edward olha para ela e diz para parar de se remexer.

São só compras. Eu ia de qualquer jeito.

Eu me permito.

— Podemos pular a parte de cuspir o chiclete, certo?



A área de roupas femininas da Fossie's é ampla e cheia de sofás e poltronas para os maridos e acompanhantes esperarem. É muito elegante e acolhedora, com mármore branco e um lustre de cristal. Shane parece à vontade e contente.

— Com quem você está falando? Ou está só imitando o filme? Bancando o Richard Gere comigo? — É o segundo telefonema que ele atende desde que chegamos. O primeiro foi rápido, sussurrado. Não consigo deixar de pensar que

talvez fosse uma mulher do outro lado. Tenho certeza de que ele está saindo com alguém, provavelmente com várias mulheres.

Shane cobre o fone com a mão.

— É o Clive. Ele acha que estamos em uma reunião externa para discutir as peças publicitárias, com base na nova direção do projeto. — E aponta uma pilha de roupas em cima do sofá, coisas que a vendedora trouxe para mim. — E estamos. Agora, volte aos vestidos. — Ele faz mais um gesto indicando as roupas, depois fala ao telefone: — Sim, sim, acho que podemos levar a campanha para o rádio, mas só nos horários de trânsito intenso.

Tudo bem, talvez seja Clive. Meu estômago reage, e não é de um jeito positivo. Prometi a Bradley que não haveria mais reuniões externas com Shane... Ou ele se referiu a reuniões depois do expediente? Acho que sim, depois do expediente. E se Clive contar a Bradley? *O que estou fazendo?*

Estou fingindo atuar em *Uma linda mulher*, salvando meu emprego e vários outros enquanto garanto a satisfação do cliente. Estou só fazendo compras. É só isso.

Meus olhos encontram os de Shane no exato instante em que ele encerra a ligação. Desvio o olhar rapidamente e começo a examinar as roupas. Escolho dois vestidos e levanto um em cada mão. Shane dá de ombros para o primeiro, curto e de seda, e assente com um sorriso de aprovação para o longo preto com decote profundo.

Em seguida, guarda o telefone no bolso e se levanta.

— Mary Kate, Mary Francis, vamos precisar de mais opções — Shane diz para as vendedoras, cujos nomes nem começam com Mary. Ele está radiante. Acho que se diverte tanto quanto elas. Shane explicou que estamos vivendo uma cena de *Uma linda mulher*, até recitou algumas falas. E elas estão fascinadas.

— Você gosta deste, querida? Que tal vermelho? O vestido que ela usa no filme não é vermelho? — pergunta a primeira Mary, mais velha.

— Não, acho que é roxo. Não é? — pergunta a vendedora mais jovem, que ele está chamando de Mary Kate.

— Sandy — chama a primeira. — De que cor é o vestido em *Uma linda mulher*? Aquele da cena em que eles vão à ópera?

Sei que o vestido era vermelho, mas quero um amarelo, como o que a personagem de Kate Hudson, Andie Anderson, usa em *Como perder um homem*

em dez dias. Quando ela vira e mostra as costas nuas, olhando timidamente para Matthew McConaughey, dá para perceber que se sente linda. Quero me sentir daquele jeito.

— Ah, vocês vão à ópera? — a outra Mary pergunta a Shane quando saio do provador usando o vestido preto e longo.

— À sinfônica — digo e giro para Shane admirar o efeito. Percebo que alguém trouxe um café para ele. Definitivamente, este é um momento Richard Gere. Elas sorvem cada palavra com sotaque britânico que ele diz. Algumas coisas nunca mudam. Observo, curiosa, como ele interage com a Mary mais nova. Ela é bonita, tem um sorriso fofo e sedutor, mas ele não está flertando. Hum, talvez algumas coisas tenham mudado.

— Então... na pilha do “talvez”? — pergunto sorrindo. Estou encolhendo a barriga, caso ainda reste alguma dúvida.

— Três vezes talvez — Shane responde com um sorriso torto.

Uma resposta alusiva a *Três vezes amor*, outra comédia romântica. Engraçadinho. Mary Kate parece ter aprovado. Volto ao provador com outro vestido, azul-escuro e com uma fenda lateral bem alta.

— Você vai gostar desse, meu bem. Deixei os sapatos no provador.

Não sei qual Mary disse isso. Ponho o vestido. É bonito; o tecido é macio, e o caimento é bom.

Quando saio do provador, Shane está recostado na cadeira, tomando o café e olhando para mim. Tenho toda sua atenção. A intensidade de seu olhar me deixa nervosa, por isso abaixo a cabeça e ajeito o vestido.

— Misericórdia — ele diz e deixa a xícara sobre uma mesinha.

Dou risada. Ele também está pensando na canção, na parte em que Roy Orbison diz “Mercy”. Aposto que teria trazido a trilha sonora, se soubesse que faríamos isso hoje. Ainda estou sorrindo.

Os olhos de Shane estão grudados nos meus enquanto ele se aproxima. Prendo a respiração. Borboletas recém-surgidas testam suas asas, causando uma sensação de tremor interno. Ele sorri e fala baixo:

— Este vai para a pilha do “sim”.

Um calor me invade e percorre da cabeça aos pés, sem permissão. Recuo um passo e quase caio com a força da sensação.

Shane se vira, segurando um cartão de crédito.

— Tenho que ir, mas... — Ele olha para cada uma das vendedoras. — Mary Kate, Mary Francis...

— Eu sou a Mary Kate, ela é a Mary Francis, lembra? — uma delas aponta para a outra com um sorriso bobo no rosto, o que me faz rir.

— É claro que sim — Shane responde, em seu apropriado sotaque. — Ela precisa de um vestido sensacional, sapatos e todas as peças íntimas. Posso confiar em vocês para cuidarem bem dela?

As duas assentem.

— Ótimo. Bom, ela fica com o meu cartão.

O silêncio que se segue é desconfortável.

— Eu disse: “Ela fica com o meu cartão”, e vocês dizem... — Shane acena como se desse uma deixa. — “E nós vamos...”

— Ah! — As duas dão risada e se entreolham. — E nós vamos ajudá-la a usá-lo.

— É isso aí — ele aprova, rindo.

Ele se aproxima de mim outra vez, e as vendedoras se ocupam arrumando os vestidos que já experimentei, mas noto que não se afastam; obviamente, ainda ouvem a conversa.

— Obrigada — eu digo e sorrio, constrangida. — A distração foi... bem-vinda. Mas eu posso pagar. Quer dizer, não precisa levar isso tão longe ou...

— Eu insisto. Eu quero pagar. Mas vou pedir uma coisa em troca.

Torço o nariz.

— Não sou uma prostituta de verdade, lembra?

Por cima do ombro dele, vejo as Marys se olharem e rirem. Os cantos da boca de Shane também se elevam num sorriso travesso.

— Bom, então acho que vou ter que te pedir outra coisa.

Eu o encaro e não movo um músculo; chego a ter medo do que ele vai dizer. O que ele vai dizer? Eu vou me casar. Isso é demais. Eu não posso...

— Uma gravata.

Inclino a cabeça.

— Uma gravata?

— É. A bela Vivian compra uma gravata para Edward, lembra?

Dou risada e concordo com a cabeça.

— Tudo bem. Eu... vou achar uma gravata para você. — Isso eu posso fazer. Não vou ultrapassar nenhum limite.

Shane recua um passo, mas para.

— Então, eu tenho que voltar para a...

— Você tem que voltar? — *Ele vai embora de novo?*

— Para a fazenda. Eu não moro aqui, lembra? São três horas de viagem. Vou para lá agora, mas volto amanhã à noite. Se precisar de alguma coisa, é só ligar.

— Ah, certo. Não, tenho certeza que não vou precisar de nada, então... — Dou um passo para trás e aumento a distância entre nós. — E logo vou ter alguma coisa para apresentar. — Porque é disso que estamos tratando... a conta.

Shane assente, começa a caminhar para a saída, mas se volta e recita a fala do filme em voz alta, de modo que as Marys ouçam:

— Agora é com você, eu preciso ir. — Sorri para mim. — E você está linda.

Mary Kate corre para acompanhá-lo até a porta, perguntando se vai voltar logo e Deus sabe o que mais. Provavelmente lhe passa o número de seu telefone. Completamente atordoada, eu o vejo partir.

Mary Francis olha para mim e balança a cabeça.

— Se deixar esse homem escapar, é porque não o merece.

Meu estômago se contrai. *Foi ele quem me deixou.*

— Ah, hum, nós não somos... você sabe...

— Eu fico com ele — diz outra mulher, atrás da porta do provador. Esqueci que ela estava lá.

Todas nós rimos.

Tudo bem, eu confesso, estou adorando tudo isso. A parte dos filmes. Só as cenas do cinema. Estou completamente envolvida nisso e preciso me conter, pelo menos um pouco. Porque, neste momento, eu me sinto como Vivian. Sinto que sou especial. Quero ir atrás de Shane e declarar: “Grande erro. Grande. Enorme!” E não sei nem como me sinto em relação a isso. É tudo muito confuso.

Pego mais alguns vestidos e volto ao provador. Mas, em vez de experimentá-los, sento na banquetta estofada. Lágrimas turvam minha visão, então fecho os olhos e me recosto na parede. Posso comprar minhas próprias roupas, e essa coisa de filmes tem a ver com o conceito de Shane, não comigo, mas me atinge pessoalmente.

No filme, nós nos identificamos com Vivian quando ela diz: “Se as pessoas sempre te colocam para baixo, você começa a acreditar nisso”. As palavras dela para Edward ecoam em todas nós, eu acho.

Bem, ecoam em mim.

E nem sempre são palavras óbvias que geram esse sentimento. Talvez seja a falta delas, ou a falta de atitude.

Não sou boa o bastante para merecer uma conversa de verdade. Minha mãe nunca conversou comigo sobre os motivos para achar que Shane não era uma boa influência. Nunca conversou de verdade comigo sobre nada.

Não mereço um pedido de desculpas. Tonya nunca se importou com como suas atitudes me magoam. A justificativa de minha mãe, o “Bom, tudo acabou bem, não é?”, não equivale a um pedido de desculpas, e sim a “Que importância tem isso? Que importância tem *você*?”.

Um inconveniente para amar. Fundir minha festa de noivado com o chá de bebê da Ren é só um exemplo de como ela faz o que é preciso, em vez de ficar animada e feliz por estar fazendo aquilo. Meus momentos são cheios de culpa porque significam esforço e custo para alguém, e sempre me lembram disso.

— Tudo bem aí, meu bem? Precisa de outro número?

Fungo, seco o rosto e pigarreio.

— Hum, tudo bem. Será que você pode encontrar um vestido amarelo? Longo?

Ela avisa que volta logo, e ouço quando pede ajuda para encontrar o vestido. Na cena das compras de *Uma linda mulher*, o que realmente importa não são as roupas, ou quanto elas custam, ou como ela fica linda. Quando Vivian sai da loja, não é só uma *linda* mulher — ela é uma mulher *diferente*.

E isso sempre me toca.

Por isso torcemos por ela. Queremos que Vivian se sinta especial. Precisamos vê-la acreditar nisso.

E eu preciso acreditar nisso, no que se refere a mim. Talvez eu precise que as coisas sejam diferentes.



Como perder a cabeça em cinco dias

Bradley estava fora, em uma visita de vendas, quando voltei ao escritório. Ele deixou um bilhete em cima de minha mesa avisando que me pegaria às seis para irmos à academia. *Ai*, não quero ir à academia, mas não posso desistir, depois de ter faltado na noite passada. Embora tenha esse direito, considerando a palhaçada que ele fez com a história das seis semanas. Mando uma mensagem de texto para ele, avisando que teremos de dar uma passada rápida na casa de meus pais antes.

Por alguma razão, não consigo parar de pensar em meus trabalhos que Shane imprimiu. Só quero vê-los, deslizar os dedos na tela. Sentir a textura em relevo. Não sei... talvez levá-los para casa e deixá-los em algum lugar visível.

Depois de responder aos últimos e-mails do dia, alongo as mãos e bocejo, então me levanto de um salto e vou à sala de almoço encher minha garrafa de água. Sempre me esqueço de levá-la à academia. Assim, posso deixá-la na bolsa.

Ellie e Tonya estão sentadas à mesa. *Ótimo*. Não estou com disposição para lidar com Tonya Duas Caras. Percebo que a xerox dos peitos misteriosos desapareceu novamente do quadro de avisos e balanço a cabeça.

— Vão colocar outra, Ellie-Bell — comento, inclinando a cabeça para o espaço vazio e posicionando a garrafa sob a torneira do bebedouro.

— Não faz mal. Eu tenho pena dessa pobre garota — responde Ellie e come um pouco de sua salada. Depois de ontem, ela está tentando equilibrar a dieta,

reduzir o consumo de carboidratos, e vai passar os próximos dias comendo apenas alimentos verdes e amarelos. — Não tive tempo de terminar meu almoço — explica, ao notar que estou olhando para o prato.

Tonya bufa e estreita os olhos.

— Isso nunca vai acabar. É só ter um bom original e vamos ter que olhar para aquela xerox de peitos pelo resto da vida. Quem faria uma tatuagem naquele lugar? — Ela se recosta na cadeira e reclinava a cabeça. — Espere, Ellie-Belly, você não tem uma tatuagem?

Ellie olha rapidamente para mim quando me junto a elas. Sempre suspeitei de Tonya, mas nunca pude provar nada, por isso não a acusei.

— Como vão as coisas com a conta de Shane Bennett? — Ellie pergunta e come mais uma porção de salada.

Ela só está mudando de assunto, mas, sério? Precisamos mesmo falar sobre isso?

— Tudo bem. Ainda estou trabalhando no layout, nada que mereça ser mencionado. — Fecho a garrafa de água.

— Eu estava pensando em fazer mais uma tatuagem. Talvez um coração — diz Tonya, olhando diretamente para Ellie e apontando o próprio seio. — Talvez por aqui...

— Então, você e o Shane namoravam, é? Tenho a impressão de que ele ainda gosta de você. Não acha? — Ellie fala apressadamente, olhando para mim e girando o garfo na salada.

O que ela está fazendo?

— Bem, isso explica as escapadas por aí. — Tonya toma um gole de sua bebida e levanta uma sobrancelha. — Pelo menos foi o que eu ouvi.

— Você *ouviu*? — Meu coração está acelerado. Meus olhos buscam os de Ellie. Quando você conta um segredo para alguém, não há mais segredo. É como acender um pavio extremamente longo. Você sabe que a chama vai percorrer toda a distância, sabe que a explosão é inevitável. *O que ela contou a Tonya?*

Tonya apoia os cotovelos na mesa.

— Então, você e o Shane outra vez?

— O quê? Não... — As palavras jorram de minha boca carregadas de sarcasmo. — Eu estou noiva, Tonya. Diferente de algumas pessoas, eu não costumo mentir nem agir pelas costas de gente de quem finjo ser amiga.

Tonya fica pálida. Ellie indica a porta com a cabeça. Todas nós olhamos para lá. Terry, do departamento de vendas, está parado, com uma xícara vazia na mão. Ele pisca e mostra a xícara, como se pedisse permissão para pegar café. Ellie dá de ombros.

Ficamos nos encarando em silêncio, esperando Terry sair. Minhas narinas estão dilatadas, a respiração ofegante. Tenho que fazer um grande esforço para não agredi-la fisicamente. Ellie mantém os olhos bem abertos e continua comendo a salada, talvez para não precisar dizer mais nada. Boa ideia. Posso bater nela também.

Assim que Terry sai, continuo:

— Você achou mesmo que o que você fez ficaria em segredo para sempre? Acreditou que ele não ia me contar? Como você teve coragem?

Tonya comprime os lábios em uma linha fina e, sem dizer nada, levanta, abre a geladeira, guarda a garrafa de água na porta e a empurra com força. O refrigerador inteiro treme com a violência do impacto, e os copos de plástico empilhados em cima dele quase caem. Em seguida, ainda sem dizer nada, ela sai. *Inacreditável.*

Olho de soslaio para Ellie.

— Eu só falei que ele foi procurar você e acabou ajudando. E que vocês passaram um tempo juntos ontem. — Ela abre a boca e a enche rapidamente de alface. — Nada sério.

Mas é sério. Quando alguém pede para você guardar um segredo, é para guardar segredo. Ellie pode ter desencadeado a sequência de mísseis que dará início ao efeito dominó da destruição.

Eu me debruço sobre a mesa e falo em tom severo:

— E se a Tonya falar sobre isso com o Bradley e ele ficar zangado? Eles são amigos. Ela pode falar. Então o Bradley pode ir falar com o Shane, que pode ficar furioso e desistir do contrato. Precisamos dessa conta, Ellie.

— Kenz, desculpa. Mas eu só falei que vocês estiveram juntos. Só isso, e que o encontro tinha a ver com trabalho. Você está ficando paranoica.

Estou? Não tenho tanta certeza. Talvez seja consequência da culpa. Você começa a imaginar quem sabe o que e acaba desconfiando de todo mundo. Tomo um pouco de água e balanço a cabeça.

Como cheguei a este ponto? No último domingo, Bradley e eu estávamos animados para exibir meu anel de noivado e começar a planejar o casamento. Então, *bum*, Ren está grávida. Shane volta, meu emprego está em risco e Tonya se revela a inimiga número um. Adicione à mistura a insinuação de um casamento por gravidez, uma festa de noivado compartilhada e minha mãe... Não sei nem como processar minha mãe.

Apoio a cabeça nas mãos. Passaram-se cinco dias. Sério, nem uma semana.



Bradley e eu paramos na casa de meus pais a caminho da academia. Ele está lá embaixo conversando com minha mãe e meu pai enquanto vasculho o armário do meu antigo quarto, procurando os trabalhos que fiz na faculdade.

Entre e subi direto, para evitar minha mãe. A conversa sobre Shane não pode acontecer na presença de Bradley, não com tudo que está acontecendo.

Equilibrada em cima de uma banqueta, passo a mão por baixo e em torno da caixa Kensington, examinando toda a área da prateleira mais alta do armário. Pensei que minhas pinturas estivessem ali, mas não, não tem nada. *Onde elas estão?*

Olho em volta, tentando imaginar onde ela pode ter guardado minhas pinturas. Desço da banqueta, dou uma olhada em algumas caixas que vejo no chão, mas só encontro material para os scrapbooks. Talvez os trabalhos tenham ficado no meio de tudo aquilo. Ainda não consigo vê-los.

— Mãe — chamo da porta do quarto. — Mãe?

Ouço as vozes lá embaixo, mas eles não me escutam.

— Mãe — repito, descendo a escada.

Quando entro na cozinha, encontro Bradley e meu pai sentados à mesa, enquanto minha mãe serve café a meu pai, e Ren observa tudo em pé, ao lado da pia. Seus cabelos estão presos num rabo de cavalo e ela usa calça jeans, completando o look casual. Ela acena para mim, com um sorriso suave.

— Oi. Hum, mãe, onde você guardou meus trabalhos da faculdade?

— O quê, querida? Não sei do que você está falando. — Ela mal olha para mim. — Quer creme com o café? Comprei aquele irlandês que você gosta — diz a meu pai, depois olha para Ren. — Como está se sentindo?

Meu pai estende a xícara enquanto minha mãe vai buscar o creme na geladeira.

— Olá. — É Grayson, no hall de entrada. Ouço a porta fechar atrás dele. Como Grayson e Ren moram na mesma rua, eles praticamente vivem na casa de meus pais.

— Estamos aqui — responde minha mãe e despeja na xícara uma quantidade suficiente de creme para mudar a cor do café de meu pai. — Ren, você devia estar sentada. Você passa muito tempo...

— Mãe, sério, só paramos aqui por isso. Os trabalhos estavam embaixo da minha caixa, no quarto. Lembra? — Estou arrepiada.

Grayson entra na cozinha.

— Oi, Bradley, eu vi seu carro. Não consegui ligar de volta, desculpa. Foi um dia maluco. O que aconteceu?

Bradley olha para mim, depois para ele.

— Que tal almoçarmos amanhã?

Grayson concorda com um movimento de cabeça.

— Claro, só telefone antes para eu confirmar se posso sair...

Não estou mais ouvindo. Continuo atenta a minha mãe, que se ocupa com a louça.

— Mãe?

— O que é? Kensington... meu Deus. — Ela para e vira para mim, irritada e com um prato em cada mão.

Ergo os ombros.

— Minhas pinturas?

Sua expressão está confusa.

— Tudo que era seu está naquela caixa. — E vira novamente para guardar um copo no armário sobre a pia.

— Elas estavam *embaixo* da caixa. Eram umas cinco pinturas. Pense, por favor. Você não guardou em outro lugar?

Depois de guardar mais um copo, ela se vira, já com a mão em outro na lava-louça.

— Bem, se não estão lá, não sei o que lhe dizer. E, para ser franca, estou precisando de espaço naquele armário. Então, se quiser aquela caixa, é melhor levar com você. Grayson, quer café? Acabei de fazer.

— As pinturas sumiram? — Alguma coisa se encolhe dentro de mim. Eu já estava perturbada, e agora isso? É demais. — *Você se livrou delas?* — Estou gritando e sei que meu olhar é fulminante. Viro-me para meu pai. — Você deixou a mamãe jogar as pinturas no lixo? Eram da faculdade, *meu trabalho*. — Eram pedaços de mim.

Bradley parece confuso. Papai levanta as mãos para mostrar que nem imagina do que estou falando; Ren olha para mim e abre a boca para dizer alguma coisa, mas minha mãe é mais rápida.

— Kensington, você não pode esperar que eu cuide das suas coisas da faculdade, né? — Ela balança a cabeça. — Você queria café?

É isso?

Recuo um passo sem saber o que dizer. Ela não tem noção. Não entende.

— Os troféus e os prêmios do Grayson ainda estão em exibição no porão desde os tempos do colégio, mas... as minhas pinturas? Você jogou fora as minhas pinturas? — Não é nem uma questão de enfiar em uma gaveta, ela as jogou fora. As pinturas se foram.

Da mesma forma que ela fez Shane desaparecer.

Sem dizer mais nada, subo a escada correndo, pulando os degraus. Ela nem telefonou para perguntar. Duvido até que tenha olhado para as pinturas. E nem sabe do que estou falando! Mas acreditava saber o que era melhor para mim e Shane? Ela não tinha o direito. Lágrimas transbordam de meus olhos. Tudo se funde em uma grande e turva confusão.

Na ponta dos pés, cutuco a base da minha caixa para trazê-la mais para a borda da prateleira e tirá-la de lá.

Desço a escada e passo pela cozinha. Grayson está falando sobre jogar golfe com Bradley. Meu pai está conversando com Ren sobre o quarto do bebê. Não paro.

— Estou indo — é tudo que digo. Nem sei se me ouviram. Neste momento, não me importo. A caixa está equilibrada sobre um lado do quadril enquanto abro

a porta. Não me dou o trabalho de fechá-la, continuo andando em direção ao carro. Ouço Bradley me seguindo.

— Kenz? Kenzi!

Já estou abrindo o porta-malas quando ele aparece na varanda. Bradley se inclina para o interior da casa por um momento.

— Ei, Grayson, eu telefono amanhã. Até mais, pessoal.

Bato a tampa do porta-malas e respondo ao olhar confuso de Bradley com outro que diz: *Nem pergunte.*

Ele não pergunta.

Mas deveria ter perguntado.



Há regras tácitas para se exercitar em uma academia, um código que todos seguem. As normas não são anunciadas em lugar nenhum. Mas todo mundo as conhece.

Primeiro, há os fusos horários do mundo das academias. O início da manhã é para todo mundo: novatos, especialistas do fitness e intermediários. A tarde é para os competidores obstinados da musculação e para as rainhas da aeróbica. E a noite é reservada para a nata. O pessoal bacana e em forma.

Pode olhar à vontade. Também vão olhar para você. Treinar é opcional.

Bem, ainda estou furiosa, então o treino é necessário. Bradley e eu chegamos um pouco tarde por ter parado na casa de meus pais. *Ótimo, a Tonya apareceu.* Provavelmente marcou horário com Troy.

Odeio me exercitar com ele. O cara é uma pilha de músculos e nos envolve em competições idiotas, sobre as quais só posso deduzir que servem para divertilo. Quem se importa com quantos polichinelos e agachamentos conseguimos fazer em menos de três minutos?

— Você vai treinar com a Tonya? — Bradley pergunta. A conversa está forçada. Não quero falar e ainda estou brava com ele pelo que aconteceu antes.

Estou brava com todo mundo.

— Acho que vou ficar na aeróbica, queimar energia — aviso e entrego minhas coisas para que ele guarde no armário.

— Tudo bem — responde Bradley, se inclinando para um beijo antes de se dirigir à área da musculação.

Eu me esquivo e pego os fones de ouvido. Não quero seu beijo. Queria sua compreensão. Seu apoio. E agora só quero me desligar do mundo e ficar com minha música, queimar todos os carboidratos que andei comendo e esquecer de tudo.

Tonya está se aquecendo na esteira. Ela veste shorts de corrida e regata amarela com sutiã embutido. Para mim, essas camisetas são ótimas. Mas Tonya precisa de um sutiã reforçado. Ninguém parece se importar por ela não ter pensado nisso, especialmente o rapaz com quem está conversando.

Segunda regra do mundo das academias: nunca escolha um equipamento de aeróbica ao lado de alguém se há outros disponíveis, a menos que você conheça a pessoa e tenha certeza de que sua presença será bem-vinda. Não sei se serei bem recebida, mas aquele é o único equipamento disponível.

Ligo a esteira ao lado de Tonya e a ignoro. Programo a inclinação no nível dois e a velocidade do aquecimento no nível três, o que representa uma caminhada vigorosa.

— Hoje você apareceu. — Tonya está com o queixo tenso.

Nem pensei nisso. Ontem, não deixei só Bradley esperando; eu havia combinado de encontrar Tonya também. *Será que ela acha que vamos conversar?*

— O Troy disse que pode começar nosso treino em dez minutos — Tonya anuncia, aumentando sua inclinação para o nível três e mantendo a voz fria.

— Não vou treinar com o Troy. — Aumento a velocidade para três e meio. — E você? Vai pedir desculpas, pelo menos?

Ela lê minha tela e aumenta inclinação e velocidade para quatro, sem dizer nada.

Vadia. Aumento minha velocidade para quatro e meio.

— Sério? — Tomo um gole de água e sinto a onda de frescor. — Francamente, foi você quem me contou que ele tinha me traído... — Respiro depressa algumas vezes. — Só que foi com você. *Com você!*

Ela fica boquiaberta.

— Espere. Estamos falando do Shane? Na faculdade? — Ela balança a cabeça. — *Ai, meu Deus!*

— Sim, *ai, meu Deus!* Você podia pelo menos se desculpar.

— Essa história com o Shane foi há um milhão de anos, Kenz. — As palavras saem entrecortadas. — Não... significou... nada.

— Significou *tudo!* — Piso nas laterais fixas da esteira e olho para ela. — Você disse que ele tinha me traído! — Agora, o tom calmo e controlado é pura fúria. — E eu acreditei *completamente* em você!

Tonya também pisa nas laterais e respira profundamente.

— Você ia abandonar tudo para ir com ele para a Inglaterra.

— E você sabotou minha vida? — *Não acredito nisso.* A frustração com minha mãe, Bradley, Shane, com ela, tudo vem à tona com um rugido. — Sabe de uma coisa, Tonya? Você é uma falsa mentirosa! — digo em voz alta. E, assim que as palavras saem da minha boca, percebo que as pessoas me ouviram. Bradley olha para nós com uma expressão assustada.

— Menos, por favor! — Ela limpa a testa com a toalha e a joga de volta sobre o console, retomando a corrida. — Honestamente, ele podia ter contado que fui eu, podia ter implorado para você perdoar. *Mas não fez nada disso!* E é esse o verdadeiro motivo da sua fúria.

As palavras me atingem como uma faca no coração.

— Vai se ferrar. — Incendiada pela raiva e pela adrenalina, volto à esteira e aumento a velocidade para cinco. As solas do tênis batem fortemente na esteira de borracha. Essa é uma corrida séria.

Ela revira os olhos, iguala sua velocidade à minha e aumenta a inclinação em um nível. Agora está em nove!

Aumento a velocidade para cinco e meio e a inclinação para dez. Gotas de suor se formam na raiz dos meus cabelos. Minhas pernas não são tão longas quanto as dela, e estou correndo. Em elevação.

Ela bufa, olha minha tela e depois para mim. *Não...*

Pá! Inclinação doze. Seus cabelos estão colados ao rosto, mas Tonya não pode soltar o corrimão da esteira para afastá-los.

A inclinação máxima da máquina é quinze. Sei onde isso vai parar. É tipicamente Tonya, sempre competindo comigo. E ela não vai vencer. *Não desta vez.*

Pressiono o botão e seguro, passando pelo doze e chegando ao treze. *É isso mesmo!* Para não perder o equilíbrio, seguro o corrimão com as duas mãos. Meus pés se movem com um *tump tump* rápido, enquanto tento acompanhar o ritmo.

Tonya dispara dardos em minha direção com o canto dos olhos. Minha máquina apita e acende um aviso luminoso. REDUZA A VELOCIDADE. REDUZA A VELOCIDADE. Minha frequência cardíaca está em 175!

Não! Cansei de todo mundo hoje. Meus pés batem na esteira, a máquina continua apitando, o motor geme alto.

Tonya está apertando o botão e chegando ao nível catorze. Não quero passar para catorze. *Merda!* Isso é ridículo. Ela está inclinada, agarrada ao corrimão, tentando acompanhar o ritmo.

Nossos pés batem com força na esteira, na louca corrida encosta acima. Parecemos malucas. Agora as pessoas estão olhando. Posso ouvi-las reunidas a nossa volta, testemunhando essa demonstração de idiotice.

Troy se coloca entre nós. Rindo como um idiota, ele repete:

— Vai, vai, vai!

Outras pessoas fazem coro:

— Vai! Vai! Vai!

Tonya não se importa. Minha mãe não se importa. Bradley se importa? Shane algum dia se importou? Chega. Em *Como perder um homem em dez dias*, a personagem de Kate Hudson, Andie, pergunta a Ben: “Verdadeiro ou falso: vale tudo no amor e na guerra?” A resposta determinará quanto ela vai aprontar com ele.

Bem, minha resposta é: “Falso”. Não vale tudo! E estou farta de pessoas aprontando comigo, mentindo para mim. Se Tonya quer guerra... Levanto a mão bem alto e *pá!*

A esteira se eleva. Nível quinze!

O topo!

Ha! Eu venci!

Explodem aplausos e gritos.

Troy aperta o botão de parada e as esteiras descem; a velocidade é reduzida.
Graças. A. Deus.

Nós duas desmoronamos, encharcadas de suor e sem fôlego. Merda, meu peito está arfando, tentando absorver o ar. Estou enjoada. Tonya cobre a boca com a mão e corre para o banheiro. Bradley a segue com os olhos, fitando-me em seguida. Seus lábios se movem para perguntar: *O que está acontecendo?*

É isso que ele pergunta? Juro, se ele chegar perto e falar alguma coisa, eu não respondo por mim.



Meu adorável ex-namorado

É sexta-feira. Passei a manhã toda em minha mesa, pintando alegremente a nova peça conceitual para o Carriage House. Não com tinta de verdade, mas com um programa de pintura digital, usando um tablet e caneta apropriada. Também estou conversando com Ellie e observando o relógio.

Meus colegas organizaram uma festa de noivado para mim e Bradley no Ditty's, depois do expediente. E, diferentemente da festa na casa de meus pais, essa não vai ser compartilhada com ninguém. Tonya estava enganada. A barriga de Ren nem precisou começar a aparecer para meus pais esquecerem os planos do meu casamento.

Eles nunca nem pensaram nisso.

Escolhi cuidadosamente a roupa, para adequá-la ao trabalho e à festa. Estou com um vestido cinza, sem mangas, que comprei com Ren há algum tempo e sapatos incríveis. No escritório, uso um cardigã sobre o vestido, e prendi os cabelos em um rabo de cavalo frouxo. Assim que acabar o expediente, cardigã e rabinho desaparecem.

Tonya deixou um copo do Starbucks em cima da minha mesa hoje de manhã. Ela não vai pedir desculpas, mas sabe por que estou brava, pelo menos. Minha mãe ainda não sabe por quê, mas se desculpou duas vezes, a primeira por e-mail e a segunda por mensagem de voz, na qual perguntou se recebi o e-mail. Por que enviar um e-mail se você vai telefonar?

Ellie-Bell: Ele chamou mesmo as duas de Mary Kate e Mary Francis?

Kenzi Shaw: Sim, e elas entraram completamente no lance do filme.

Ellie-Bell: Estou morrendo. MORRENDO! Quero um momento *Uma linda mulher*.

Não falo com Shane desde ontem. Olho a janela do bate-papo do Facebook a todo instante, para ver se a bolinha verde aparece ao lado do nome dele. Tenho certeza de que na fazenda tem internet. Talvez não, a bolinha não aparece. Será que ele já está voltando? Não sei. Não está online, o que é bom, porque não quero que ele saiba que eu estou. Posso desativar o bate-papo, mas aí não saberia se ele está online. Um raciocínio muito maduro.

Usando como fundo as imagens de filmes que Shane forneceu, estou quase terminando de preencher as cores em outra camada. Eu a chamo de camada lusco-fusco. É minha expressão pessoal para a base de uma pintura. Os detalhes do trabalho aparecem depois, para lhe dar forma e perspectiva.

Não consegui dormir, e precisávamos terminar a peça conceitual do Carriage House, por isso cheguei algumas horas mais cedo. Estar novamente imersa no processo de criação é calmante, quase terapêutico. Talvez necessário.

Michelangelo é conhecido por ter dito que cada bloco de pedra traz dentro de si uma estátua — e libertá-la é o trabalho do artista. O mesmo vale para a pintura. O trabalho final já existe, só precisa ser revelado. Tentei explicar a Bradley como isso funciona, mas ele não entende realmente o que quero dizer. Não tenho certeza nem de que eu entendo. Apenas aceito essa verdade.

Usando a caneta e o tablet, começo a criar as linhas para definir as imagens principais de filmes. Neste momento, estou trabalhando na do pôster de *Simplesmente amor*.

Adoro a história de Colin Firth e sua governanta, que só fala português. Um dos meus momentos preferidos é quando ele caminha pela cidade com a família dela inteira atrás. Ele faz o pedido de casamento no idioma dela, e ouve a resposta no dele. O idioma não é uma barreira.

Mordo o lábio e me perco no sentimento de... *de quê?* Estou completamente envolvida com tudo isso. *E era esse o propósito, certo?* Não era isso que Shane queria? Lembrar quanto eu amava essas comédias românticas e transferir esse

amor para o meu trabalho. Esse era o objetivo da lista de filmes. Abro o e-mail e leio os títulos mais uma vez.

1. *Sintonia de amor*
2. *Uma linda mulher*
3. *O diário de Bridget Jones*
4. *Vestida para casar*
5. *Dirty dancing: ritmo quente*
6. *Gatinhas e gatos*
7. *Simplemente amor*
8. *Digam o que quiserem*
9. *Mensagem para você*
10. *O casamento do meu melhor amigo*

Olho para a tela e sou tomada pelo desânimo.

Tem a ver com o *conceito* dele, não comigo. E esses são momentos de filmes, não a vida real. Quase desejo que Shane nunca tivesse voltado, porque a comparação é um pouco deprimente.

Levanto a cabeça e vejo Bradley se aproximando. Minimizo a janela do bate-papo e continuo misturando cores, tentando obter um castanho-avermelhado intenso, mas, como estou pintando com o sistema de cores digital RGB, minha mistura primária resulta em uma sujeira marrom-acinzentada.

— Oi, amor. — Bradley dá uma olhada no monitor e depois se apoia na mesa, de costas para o meu computador.

Ele está bonito. Elegante e sofisticado em uma camisa branca impecável. Bradley olha meu cardigã pink com cinto da mesma cor e franze o cenho.

— Está chamativa hoje.

— Ah, é. Acho que sim. — Eu não havia pensado nisso, simplesmente senti vontade de usar alguma coisa colorida.

Bradley chega mais perto e abaixa o tom de voz, embora não tenha mais ninguém ali.

— Escute, estive pensando no que você disse sobre o casamento, e, se você quer na primavera, será na primavera. Não me importo. Eu só quero você.

Paro de misturar minha sujeira e olho para ele. Olhos azuis e luminosos me encaram. Ele só *me quer*.

— Mas você pode considerar pelo menos a possibilidade de adiantar um pouco as coisas? Por favor? — Seus lábios se distendem num sorriso suave, e ele me entrega um post-it. — Eu almocei com o Grayson hoje, e ele disse que a Ren conhecia uma pessoa. E acabou de telefonar para me passar o número.

Olhei para a anotação. “Bethany Chesawit. Organização de casamentos.” O número de telefone e o endereço estão anotados embaixo do nome. Balanço a cabeça.

— Bradley, nós nem escolhemos a data.

— Eu sei, mas veja... — E aponta o post-it. — Ela é uma das melhores e deve um favor à Ren, por isso encaixou você na agenda na próxima segunda-feira. Assim, você vai ter uma ideia de quanto tempo é necessário para preparar tudo.

— Espere, *eu* vou ter uma ideia? Você não vai?

— Não. Esqueceu? Vou viajar hoje, depois da festa, e volto na segunda à noite. Por que não leva a sua mãe? Ou a Ren?

Ellie-Bell: Ok, voltei.

Ele vira a cabeça ao ouvir o som do bate-papo, mas o ignora.

— Escute, o casamento será quando você quiser, mas, quanto mais cedo nos casarmos, mais depressa podemos começar a tentar. — E sorri, acanhado. — Sei lá, acho que estou pronto. Tenho pensado muito nisso ultimamente.

Meu coração dá um salto. *Ele tem pensado nisso*. Quase posso ouvir o tique-taque do relógio biológico. Vou fazer trinta anos. Olho para Bradley, para os cabelos loiros e os olhos azuis, e não consigo deixar de pensar na menininha que vi no shopping. As características do pai são responsáveis pela cor de olhos e cabelos?

Dou de ombros e sorrio.

— Tudo bem, pelo menos vou ter uma ideia de quanto tempo é necessário. Mas... — Levanto um dedo. — Não estou prometendo nada. E, definitivamente, esqueça as seis semanas. — Isso é tudo que eu sempre quis. Casamento, uma família... e ele está pronto.

Bradley afasta uma mecha de cabelo de meu rosto, se aproxima e me dá um beijo recatado, depois olha para a tela.

— Isso é para o Bennett?

— É... — Estou satisfeita em ver como o trabalho está indo bem. Na verdade, estou orgulhosa. Viro a tela para que ele possa enxergar melhor.

Ele nem olha.

— Quanto mais rápido terminar, mais rápido ele estará longe daqui.

— Ei, eu estava te procurando. — Clive está parado na porta de sua sala, apontando para Bradley.

— Até mais tarde. — Ele pisca antes de sair.

Eu o vejo se afastar. Ombros largos, elegante e dourado. Este é Bradley. Eu o amo. Temos uma ótima base para começar a construir, e ele está pronto.

Talvez não seja uma vida de cinema, mas ainda pode ser boa.



Quando Ellie e eu voltamos de nosso almoço tardio, a porta da sala de reuniões está fechada. Nada muito importante por si só. Quer dizer, portas são abertas e fechadas o tempo todo. Mas Shane ficou de voltar para se reunir com Clive e Bradley, e tenho quase certeza de que ele está lá.

Um dia sem Shane por perto clareou um pouco minhas ideias. Dissequei a situação por todos os ângulos e perspectivas e cheguei a uma conclusão.

Ele é um fantasma, um namorado do passado cujo súbito reaparecimento conjurou velhos sentimentos. E esses sentimentos se misturaram aos momentos dos filmes. É o estresse do casamento, do trabalho, do anúncio da gravidez da Ren, da Tony a. Muita coisa ao mesmo tempo.

Ellie disse que eu deveria fazer um teste, que ela chamou de TFB. Teste do Frio na Barriga.

Depois de um dia sem ver Shane e sem novos momentos de filmes para confundir as coisas, não deve mais haver nenhuma confusão quando voltarmos a

nos encontrar. Na verdade, não deverá passar de uma ocorrência comum. Sem fogos de artifício, talvez só uma pequena faísca para representar uma antiga chama. Só isso. E essa é uma reação perfeitamente aceitável.

Estou ansiosa para me submeter ao TFB, porque assim vou poder deixar para trás toda essa BSS, Bobagem Sobre Shane. Casamento tem a ver com estabilidade e família, com alguém em quem você pode confiar. Não com uma atração persistente por alguém em quem não confia. O TFB vai provar que sou capaz de manter o passado e seus fantasmas bem enterrados.

— Ei, Kenzi, está animada com a festa de noivado? Está quase na hora — diz Maggie, nossa recepcionista, ao voltar à mesa para atender ao telefone.

Sorriso, radiante.

— Mal posso esperar. Obrigada.

Meu sorriso se apaga com o estalo na porta da sala de reuniões. É isso. Operação TFB começando.

Kenzi Shaw: Começou. Aguenta aí.

Com uma das mãos, fecho a janela do bate-papo e outras que estão abertas, e roo a unha do polegar da outra mão. Imediatamente, me ocupo olhando para o trabalho em progresso na tela. Por cima da tela, consigo ver as pernas de quem está saindo da sala.

Jeans escuro. É ele. Sempre de calça jeans. Ele não se move. Nada se move. O escritório parece silencioso, quieto. O único som é do meu coração disparado.

Levanto os olhos com cuidado e o vejo parado na porta, conversando com Clive. Ele veste um suéter justo com gola em V por cima de uma camiseta, e noto que não fez a barba. Não lembro se é dura ou se fica mais macia no fim do dia. Mas me lembro de um dia em que a raspei para ele. Espalhei a espuma em seu rosto e comeci a deslizar a lâmina lentamente, com cuidado, até que ele deu um pulo, como se eu o tivesse cortado. Era brincadeira, e acabamos numa guerra de creme de barbear.

Clive está se afastando. Olho depressa para a tela, de forma que agora só posso ver os pés de Shane outra vez. Ele não se move. O que está fazendo? Posso *sentir* seus olhos em mim. Meu coração bate ainda mais alto.

Lentamente, levanto o olhar.

Meu estômago dá um pulo.

Ele está olhando diretamente para mim.

É exatamente como na primeira vez em que o vi na faculdade. Olhei para o outro lado da sala de aula e lá estava ele, despenteado, com uma camiseta amarrugada e os olhos castanho-acobreados. Olhando para mim. Toda uma conversa aconteceu entre nós, sem palavras, mas compreendida.

Agora é a mesma conversa, só que dessa vez é proibida.

Os cantos de sua boca se levantam levemente enquanto ele sustenta meu olhar. Eu devia desviar o olhar, mas não faço isso. Sinto uma onda de emoção crescer em meu peito. Roo a unha e percebo que um sorriso tenta escapar por trás de minha mão. Contorço o rosto tentando contê-lo.

Não faça isso. Não sorria. Segure-se... Ele sorri e... *ai, meu Deus*, que sorriso.

Enorme frio na barriga. Duplo.

— Está aí um sorriso que eu não vejo com frequência — Bradley fala atrás de Shane.

Meu estômago despenca como uma pedra.

É claro, Bradley pensa que o sorriso é para ele, porque vem em minha direção e é *meu noivo*. O sorriso *deveria* ser para ele.

Ai, meu Deus. Eu falhei.

Eu devia ser capaz de controlar tudo isso.

Impedir o passado de prejudicar meu futuro.

Não estou mais sorrindo.

— Oi — falo com entusiasmo forçado quando Bradley se aproxima. Aposto que pareço culpada. Eu me sinto culpada. Estou fervendo por dentro.

Ele se senta na beirada da mesa, como Clive costuma fazer. Olho para a sala de reuniões, mas Shane voltou lá para dentro.

— Estive pensando, acho que você devia ligar para a Ren sobre a reunião com a organizadora de casamentos na segunda-feira. Talvez isso aproxime vocês duas. Pode ser bom para vocês.

Ele está resolvendo. Ajudando.

Eu estou falhando.

— Tá, tudo bem, talvez ela goste. Vou telefonar agora mesmo — respondo e pego o celular. Tudo o que ele quiser. Sou a pior das noivas. O pior dos seres humanos.

— Ótimo. Bom, preciso terminar algumas coisas antes de sairmos. — Ele bate com as mãos nas coxas e se levanta. — Pego você em meia hora, mais ou menos. — E segue, sorridente, para sua sala.

Olho em volta, quase convencida de que todo mundo testemunhou a interação e pode enxergar através de mim, ler meus pensamentos.

Ellie-Bell: E aí?

Kenzi Shaw: Como é aquela fala de *O casamento do meu melhor amigo*?

Depois que ela diz “Eu sou um lixo”?

Ellie-Bell: Do que você está falando?

Kenzi Shaw: É “Você é pior”. E eu sou pior. Sou o fungo que se alimenta do lixo. O caldo que escorre da sujeira.

Ellie-Bell: Isso é fala de algum filme?

Não exatamente. Minhas costas estão tensas. Os músculos da nuca e dos ombros começam a sofrer espasmos. Olho novamente para a porta da sala de reuniões. Esqueça os fogos de artifício, nosso TFB produziu TNT. É um fracasso épico. E sou eu quem vai explodir. Todos os meus planos. Tudo o que eu quero. Um grande *cabum, cataploft, bum*, e para quê?

O conceito do cinema — é para isso que Shane está aqui. O fato de ele não acreditar em minha relação com Bradley não quer dizer nada. Não é como a personagem de Julia Roberts, Julianne, em *O casamento do meu melhor amigo*, quando ela implora que Michael a escolha, que a deixe fazê-lo feliz.

Não, Shane disse que seria divertido trabalharmos juntos, que ninguém entenderia esse conceito melhor do que eu e se desculpou pelo passado.

Tudo bem, antigos sentimentos ainda existem de minha parte. E daí? Relacionamentos não giram em torno apenas de fogos de artifício. Os fogos morrem com o tempo, certo? Alinho as costas e seguro a caneta no ar. Meu coração fica apertado.

Passaram-se sete anos.

Ele é como Connor Mead, o personagem de Matthew McConaughey em *Minhas adoráveis ex-namoradas...* E eu, como a personagem de Jennifer Garner, Jenny Perotti. O que ele dizia? Procuo o trecho no Google. Aqui... “O poder, em

todo relacionamento, é de quem se importa menos.” É verdade. Se ainda estou atolada em sentimentos antigos, Shane ainda tem poder sobre mim.

Sempre teve. E não apenas sobre mim. Sobre todas as garotas. Não que eu não me importasse com todas aquelas meninas da faculdade que pensavam ter uma conexão especial com ele; só me acostumei com isso. Se bem que a Mary paqueradora da Fossies não conseguiu atrair a atenção dele. Shane só olhava para mim.

De qualquer maneira, preciso de um caça-fantasmas.

Ah, preciso ligar para Ren! Digito os números depressa, com os olhos grudados na porta da sala de reuniões.

— Alô?

— Ren, oi. É a Kenz. — Meu Deus, eu *sou* a minha mãe. — Bom, é claro que você sabe que sou eu...

— Oi.

— Então, estou ligando para perguntar se você não quer me encontrar na segunda-feira no escritório da organizadora de casamentos. O Bradley disse que ela é sua amiga, então...

— Ah, eu me programei para isso. Mas só posso acompanhar o começo da reunião. Assim pelo menos você vai ter alguém para te conduzir na direção certa.

Sim, porque não sou confiável agindo por conta própria. Bem, talvez não seja mesmo. A lista de presentes surge em minha cabeça — é, não é hora de falar sobre isso.

— Tudo bem, encontro você lá na segunda, então.

Ela me lembra de vestir alguma coisa adequada, antes de desligar apressadamente para ir ao encontro de minha mãe e do decorador. Elas estão planejando o quarto do bebê. Não pode planejar meu casamento, não pode guardar minhas pinturas, não entende por que estou chateada, mas...

A ideia de simplesmente casar em segredo se torna cada vez mais atraente. Talvez devêssemos casar logo, antes que eu faça alguma besteira e Bradley também me abandone. Massageando a nuca, giro os ombros para aliviar a tensão. Preciso trabalhar em vez de pensar.

— Kenzi, como vão as coisas com o novo conceito do Bennett? — É Clive, que contornou minha mesa e está olhando por cima do meu ombro para a tela do

computador. Nem ouvi quando ele entrou. Todo mundo funcionando em modo fantasma.

Aumento o zoom da imagem para que ele possa ver a colagem inteira, todas as cenas de filmes fornecidas por Shane. Os dez títulos de nossa lista são fáceis de identificar, e tem alguns extras, como *Harry & Sally: feitos um para o outro* e *A garota de rosa-shocking*. É uma imagem larga e menor na altura, que pode ser recortada de acordo com a necessidade, para a criação das imagens individuais de marketing.

— O Shane já viu? — Clive pergunta, ainda parado atrás de mim. Ele mastiga o chiclete de um jeito barulhento. Sinto cheiro de hortelã.

— Não, ainda não. Queria progredir um pouco mais e...

— Não, está bom assim, ele vai adorar. Melhor salvar o arquivo e avisar que o trabalho está quase pronto.

— Mas não está.

— Bom, eu quero cobrar a segunda etapa do processo e acho que esse material é suficiente. — Clive cruza os braços e mastiga, olhando para a tela com a cabeça inclinada.

Como cobramos em três parcelas, recebemos a primeira na assinatura do contrato. A segunda parcela é paga na aprovação do projeto conceitual, e a terceira, na entrega do trabalho completo. Nunca vi Clive tão ansioso para cobrar de um cliente. E ainda não está pronto. *Eu não estou pronta.*

Antes que eu possa argumentar, Clive se vira para sair da sala.

— Ah... — Ele para e volta alguns passos. — Eu os convidei para a festa depois do expediente. Ia levá-los a algum lugar de qualquer maneira, já que vieram de longe.

Espere...

— Quem? — Meu coração acelera.

Clive arregala os olhos.

— O Peterson. O Bennett. Os *clientes*.

Minha bolha de eu-aguento-tudo-isso explode. E respinga na minha roupa da festa de noivado, e não tenho tempo para me trocar.

Clive gesticula com a mão, demonstrando indiferença.

— Não tem problema, tem?

Ele convidou Shane para a minha festa de noivado.

Sim, acho que *podemos* ter problemas.



Conselhos de casamento da minha melhor amiga

Tirei o cardigã e soltei o cabelo. Porém talvez tenha desenvolvido uma cauda de diaba. Estou surpresa por ninguém ter pisado nela ainda. Sinto-me ingrata e desmerecedora.

Eu deveria estar feliz.

Esta noite é minha e de Bradley, e o Ditty's é um dos meus lugares preferidos no centro de Indianápolis. É um bar e restaurante com piano tocado ao vivo na hora do jantar, e um pianista adicional sobe ao palco mais tarde para dar um tom de duelo à diversão. À meia-noite, o ambiente se transforma em um karaokê coletivo, com todo mundo colaborando para um divertido concerto.

Minhas emoções vão de um extremo ao outro quando entramos, e sinto minha cauda de diaba balançar como a de um gato agitado.

— Lá estão eles — diz Bradley, apontando para a fileira de mesas agrupadas em um canto do salão. Sua mão repousa em minhas costas e me guia delicadamente em direção a nosso grupo.

Metade do pessoal do escritório já chegou. Uma garçonete serve bebidas para Tonya e Ellie, e Maggie, a recepcionista, acena para nós. Algumas pessoas da programação estão ali, e a maioria dos representantes de vendas. Não vejo Clive, Rand Peterson nem alguém que costuma usar calça jeans.

— Ei, garota, olhe só para você — Tonya comenta com o canudo entre os lábios. Ela exhibe outra roupa cara que nunca vi antes. E deve pensar que um café do Starbucks resolveu todos os problemas.

Tanto faz. Se eu fizer disso algo muito importante, só vou conseguir arruinar a noite e envolver ainda mais Bradley em meu passado com Shane.

O barulho de várias conversas se mistura ao dos pratos e da música. Já existe no bar uma inconfundível energia. O pianista toca “Knock on Wood”. Cada vez que ele canta o refrão, as pessoas o acompanham com batidas nas mesas. Não consigo não pensar em *Casablanca*. Há uma canção no filme com esse verso no refrão, e eles fazem a mesma coisa. Não é a mesma canção, mas é parecida.

— Você está linda, Kenz — Ellie fala mais alto que a música, e me sento ao lado dela.

— Obrigada, Ellie-Bell, você também está. — Inclino-me em direção a Tonya e forço meu melhor sorriso. — Podemos conversar amanhã? — Eu devia ser atriz, porque continuo numa sequência épica de encenações. Não estou preparada para simplesmente deixar isso para lá. Eu mereço uma explicação, mesmo que não venha acompanhada de um pedido de desculpas.

— Sim, tudo bem. — Um sorriso aliviado se abre em seu rosto. — Amanhã, com certeza.

Em poucos minutos formamos um grupo de vinte pessoas. Todos conversam, as bebidas fluem em abundância e os petiscos chegam. Tudo ótimo. Admito que é bom ver toda essa gente reunida ali por nossa causa. Quase esqueço tudo. Sorrio para Bradley e bebo um gole do meu drinque.

— Ai! — pulo e olho para Ellie.

Ela me chutou. Com força. Seus sapatos de bico fino poderiam ser considerados armas letais.

Ela move a cabeça e me olha com cara de adivinhe-quem-está-aqui. É quando vejo Clive, Rand Peterson e Shane caminhando em nossa direção. Nada de frio na barriga. Estou completamente travada.

Há cadeiras vazias a nossa frente. Bem diante de mim e de Bradley. Isso significa que ele vai passar a noite toda olhando para nós. O feliz casal de noivos. Eu me contorço por dentro. Como posso recuperar o equilíbrio se vivo tropeçando nele?

— Oi — falo quando eles se aproximam, e dou uma risadinha rápida de alguma coisa que Bradley disse. Não sei nem o que foi.

Tonya sorri e joga o cabelo de um jeito provocante.

— Oi, rapazes. Não teria festa sem vocês.

— Considerando que sou eu que pago a conta — Clive responde ao se sentar.

— É, tem isso. — Ela olha para Shane, sorri e abre bem os olhos. — Oi, Shane. Você está incrível.

Bradley se volta de repente e olha para ela com cara de “vai devagar”. O que significa isso?

Shane puxa a cadeira diante de mim enquanto olha para Tonya.

— Eu nem troquei de roupa, mas obrig...

— Você não acha, Kenz? O Shane não está lindo? — Ela levanta as sobrancelhas.

Agora sou eu que olho para ela com cara de “vai devagar”. O que ela está fazendo? Pensei que estivéssemos em trégua. Shane desvia o olhar dela para mim, com um sorriso confuso.

Finjo que não escutei e demonstro uma repentina fascinação pelo que o pianista está fazendo. Sim, ele está tocando piano.

O braço de Bradley descansa sobre o encosto de minha cadeira, e ele se recosta, aparentando tão irritado quanto eu. Ele não deve estar feliz por meu ex estar aqui. Clive foi um cretino por tê-los convidado. Na verdade, não sei ao certo se ele sabe de alguma coisa. Ele tem estado tão focado na conta de Shane que duvido que tenha prestado atenção em alguma outra coisa.

— O quê, Ellie? Não ouvi. — Olho para ela e inclino o corpo em sua direção. Ela faz uma careta confusa e cochicha em meu ouvido:

— Eu não falei nada.

Olho para o grupo e rio.

— É verdade. — Esse não pode ser meu plano para sobreviver a esta noite.

Bradley está conversando com Terry, de vendas, sentado a seu lado esquerdo. Pego meu copo e bebo um gole. Penso em pedir mais um drinque.

Shane está olhando para mim.

Meu estômago dá um pulo. *Droga.*

— Você está linda, Kensington.

Outro pulo. Falhei de novo no TFB. Sorrio involuntariamente e sinto o rosto queimar. Tenho certeza de que estou vermelha. Bradley se vira. Estou certa de que ele ouviu e vai perceber meu rubor. Dou mais um gole no drinque, me sentindo quente e com muita sede de repente.

— Bennett, a Kenzi me falou que logo terá o conceito pronto. Então, você vai voltar para a fazenda? Você mora em uma fazenda, não é?

Sim, ele ouviu.

Clive se apoia sobre os cotovelos.

— Ah, é uma fazenda, sim, mas fica na região do lago Michigan, perto de La Porte. Uma propriedade linda numa grande cidade turística... Estive lá quando fizemos o primeiro contato com o Carriage House, que aliás fica na fazenda. — E olha para Shane, esperando confirmação.

— Sim, é isso mesmo. Esperamos poder abrir em um ano. — Shane assente com modéstia.

— É uma instalação incrível, Shane. Impressionante — Clive acrescenta.

Clive esteve lá? Shane está realmente abrindo um restaurante desse porte? Não consigo evitar a surpresa. Talvez eu esteja até um pouco impressionada. Quer dizer, eu sabia que Shane era o proprietário, mas acho que não registrei a informação como um fato real. O garoto que conheci sempre tinha grandes ideias, mas não ia além delas.

— Falando nisso, a Kenzi devia ir lá dar uma olhada. — Clive gira o copo de cerveja entre os dedos. — Se vai expor os murais dela lá, ela devia ir conhecer o espaço. — Ele pisca um olho. É a piscada vamos-deixar-o-sr.-Bennett-feliz. Toma um gole da cerveja, os olhos fixos em mim por sobre a borda do copo.

Tonya bate palma uma vez.

— Ah, seria incrível! A Kenz ia adorar!

O que ela está fazendo? Avalio a situação e me sinto dividida entre dois cenários. Ou ela está me protegendo, ou me esfaqueando pelas costas. De novo.

Shane olha para mim. Seu olhar me diz para não falar nada. Não vou contar de jeito nenhum que já conheço a fazenda. Foi há muitos anos, e agora não é o momento para falar sobre nosso passado. Já é estranho demais ele estar em minha festa de noivado.

Shane olha para Clive.

— Acho que pode ajudar mesmo. — E se recosta na cadeira. — Volto para lá na terça-feira à noite, depois do nosso jantar. — E olha novamente para mim. — Se quiser conhecer o restaurante e o cinema, eu posso te levar. E você também é bem-vindo, Bradley, é claro.

Bradley bufá. Seu queixo está levantado.

— Mas é uma fazenda, não esqueça — Shane acrescenta com os lábios comprimidos.

Clive não deixa Bradley responder.

— Bem, não podemos mandar o escritório inteiro em uma visita de negócios, não é? Bradley, você e eu temos uma reunião com o pessoal da franquia Colts na quarta-feira de manhã.

Clive o encurralou. A conta da Colts é importante. Bradley está furioso. Percebo pelo sorriso forçado e pelo modo como ele batuca com dois dedos no copo de cerveja. Não tiro sua razão.

Bradley se concentra em Shane.

— Então podemos contar com tudo pronto até, digamos, a próxima sexta-feira? — Ele olha para mim com expressão ainda severa. — No máximo, certo?

Concordo num movimento de cabeça. Minha garganta fecha. Não me atrevo a engolir ou responder.

— Ótimo. Tenho certeza que o Shane gostaria de voltar para sua vida rural — diz Bradley, depois dá um longo gole. Seu braço agora descansa sobre mim, não mais no encosto da cadeira. Os dedos afagam meu cabelo. Há uma inegável tensão.

— Eu *adoro* festas do escritório — diz Tonya. — Ai!

Tenho certeza de que Ellie a chutou.

— Shane, vocês vão passar o fim de semana na cidade? — Ellie pergunta. — Ai... mas que diabo!

Esse chute foi meu. Ellie sabe que Bradley vai para Lansing e só volta na segunda-feira à noite. A última coisa de que preciso é Bradley preocupado enquanto estiver fora.

A garçonete chega acompanhada por mais duas colegas, todas carregando bandejas de comida. *Graças a Deus*. Eles pediram porções antes de chegarmos, para facilitar. Pratos variados são depositados no centro da mesa. Todos começam a se servir, a maioria falando sobre a comida... com exceção de mim.

Estou debruçada, com o queixo apoiado em uma das mãos, num repentino torpor. Clive acabou de me proporcionar uma viagem com pernoite na companhia de Shane Bennett. Esvazio meu copo em um longo gole e peço outro drinque.

Concordamos que não haveria presentes; o jantar era mais que suficiente. Mas Maggie está passando alguma coisa por baixo da mesa e rindo. Está acontecendo alguma coisa. Pego Clive e Maggie cochichando. Eles fingem inocência quando percebem que estou olhando.

Ellie parece prestes a explodir. Ela ri e olha para um cartão, depois para Bradley.

— Então, como você e a Kenzi se conheceram? — pergunta em voz alta.

Todos param o que estão fazendo para ouvir.

— Ah, foi... no trabalho — diz Bradley. Ele parece tão confuso quanto eu. Ellie sabe como nos conhecemos, por que está perguntando? E o que são aqueles cartões? Percebo que todos têm um em mãos.

— Que sem graça — diz Tonya.

Clive acena, animado, e segura o cartão entre os dedos.

— Vocês têm que apimentar a história. Inventar alguma coisa.

— Espere, deixa comigo — Shane declara, rindo. Ele também fala alto, mas não tem um cartão. — Foi em um hospital psiquiátrico.

— *O quê?* Acho que vocês beberam demais — Bradley exclama e olha em volta, confuso.

Todo mundo cai na risada.

Ellie lê seu cartão e grita:

— Não foi por causa da Dionne Warwick? — É como uma peça mal ensaiada em que todo mundo tem um papel.

— Ah, é minha vez. — Maggie se levanta, olhando para o cartão. Ela encontra sua fala deslizando o dedo e, com uma entonação dramática, berra: — Quem é Dionne Warwick?

Todo mundo grita ao mesmo tempo:

— Sacrilégio!

Estou rindo. *Caramba, entendi.* Sei o que eles estão fazendo. O restaurante inteiro assiste a uma cena de *O casamento do meu melhor amigo*. Eles estão recitando as falas do filme. Recitando mal, mas é a cena do jantar de ensaio do casamento.

Esqueço tudo e me envolvo completamente no momento.

Shane olha em volta, com um sorriso largo.

— Tenho certeza que o Bradley olhou para a linda Kensington e, naquele momento... naquele exato momento... — Ele agora olha diretamente para mim.

Fico transfixada, com um sorriso bobo colado no rosto.

— Ele soube que podia estar apaixonado...

O cara ao piano começa a tocar, e todos olham para ele.

Exceto eu. Exceto Shane.

Os primeiros versos de “I Say a Little Prayer” são cantados, e me perco neles, me perco nesse momento.

O bar explode em um coro alto:

— *I say a little prayer for you!*

Pulo, assustada, e rio. Isso é incrível.

Outro verso se segue à explosão musical. O restaurante inteiro está cantando o refrão:

— *Forever and ever, you'll stay in my heart...*

Bradley parece completamente perdido. Shane está radiante. Eu estou perplexa. Todo mundo participa. *Todo mundo!*

— Está na lista! — grito para Shane em meio ao coro, me esquecendo de tudo. Foi por isso que ele e Rand ficaram. Foi tudo planejado. Clive sabia, todos sabiam! Meu coração transborda. Este momento não tem a ver com redescobrir um sentimento que vai se transferir, através da minha arte, para o conceito de Shane. Isso é *para mim*. Ele fez isso por mim, e é a coisa mais legal que já vi.

— *Forever and ever, you'll stay in my heart...*

— Que diabo está acontecendo? — Bradley grita, rindo, o que provoca uma histeria coletiva.

— *O quê?* Não! Não — digo quando a garçonete segura minha mão. Ela me puxa em direção ao piano. Maggie e Ellie apontam e cantam. O coro está animado, e, quando olho para minha mesa, jogo a cabeça para trás e dou uma gargalhada. Lágrimas escorrem dos meus olhos. *Isso é demais!*

Todo mundo do escritório, exceto Bradley, balança as mãos sobre a cabeça usando enormes luvas em forma de pinças de lagosta e canta:

— *Forever and ever, you'll stay in my heart...*

Ah, meu Deus, como eu... adoro *tudo isso*.



— Acho que preciso rever o filme — Bradley repete pelo que parece ser a centésima vez. É tarde e ele está de partida para Lansing, então contorna a mesa e agradece a todos pela presença, apertando-lhes a mão.

Maggie e Clive já pegaram seus casacos, e Clive está pagando a conta.

— Já volto — aviso a Ellie. — Vou acompanhar o Bradley até a porta. — Segurando a mão dele, caminho a seu lado até o saguão. Na verdade saltito. Ainda estou exultante.

— Você se divertiu? — Ele para na porta e segura minha outra mão.

— É claro! — Foi realmente um bom momento.

— Não tenho ideia do que aconteceu aqui. Aquela coisa de cantar com as pinças de lagosta — ele comenta, rindo. — Eu sei que você me fez assistir àquele filme, mas...

— Eu gostei muito. Na verdade, amei. — Sorrio com sinceridade.

— Bem, tenho certeza que a sua família está planejando um belo jantar de noivado para a gente. — Ele solta minha mão e acaricia meu rosto.

— O plano da minha família é misturar o jantar com um minichá de bebê para a Ren. O que eu acho desnecessário. — Balanço a cabeça. — E não vai ser tão legal quanto foi aqui.

Ele inclina a cabeça.

— Eu não sabia que você gostava de luvas de lagosta e...

— Ah, eu gosto.

Ele ri e me puxa para perto.

— Tudo bem, então. Vou me lembrar disso quando for comprar presente de aniversário, Natal... Você não vai sentir falta de nada. — E se inclina para beijar meu nariz. — Queria não ter que ir. Você não vai ficar, vai?

— Não. Não muito, pelo menos. Além do mais, estou com a Ellie.

Ele olha para trás de mim, para a mesa, e, antes que eu perceba, seus lábios estão sobre os meus. Quando recua, sorri maliciosamente e me dá um tapinha no traseiro.

— Eu ligo para você quando chegar lá.

Sem me virar, sinto os olhos de Shane em mim. Sei que ele nos observa. E sei que a demonstração de Bradley foi para ele. Mas isso é tudo que sei. Esta noite estou em um cabo de guerra entre a lógica torta e a emoção pura.

Bradley vira e vai embora. É isso. Nenhum arroubo emocional sobre como me ama ou como a noite foi especial. Não, só um “ligo para você quando chegar lá” e um tapinha no traseiro. Bem, ele disse que queria não ter que ir.

Volto à mesa, onde mais alguns se despedem. A maior parte de nosso grupo foi embora. Tonya está vestindo o casaco. Espere, Tonya está de saída? Revejo mentalmente quem acabou de sair. Conheço o jogo dela. Terry, de vendas, é casado e não faz o tipo dela. Rod e Patrick, da programação, saíram há algum tempo. Acho que formam um casal, então *ela* não faz o tipo deles.

— De olho em alguém novo? — pergunto.

— Só cansada. — Ela fecha a jaqueta e puxa o cabelo preso na gola.

— Ah, tá. Não pense que não notei todas as roupas novas.

Ela pendura a bolsa no ombro, olha além de mim e ergue o queixo.

— Vai me contar o que está acontecendo de verdade com o solteirão número dois ali?

Meu estômago reage.

— Exatamente — diz Tonya, antes que eu possa responder. — Tenha uma boa *noooite* — cantarola e se dirige à porta. — Ligo para você amanhã — ela diz em voz alta por cima do ombro.

Pouco me importa. Viro e dou uma olhada no lugar. Ellie está conversando com Rand Peterson perto do balcão do bar, e todos já foram embora.

Exceto Shane.

Ele vem na minha direção. Controlo o nervosismo e vou ao encontro dele. Estou confusa. Sei que ele não disse nada para me fazer pensar que quer algo mais, mas as atitudes, tudo o que tem feito...

Shane levanta um dedo me pedindo um minuto e volta para o piano. Diz alguma coisa e entrega algo esverdeado ao pianista, que começa a tocar a conhecida introdução de “As Time Goes By”.

Sério? Dou risada. É *Casablanca*. Tudo bem, ele ainda está no modo grandes filmes. Está só sendo engraçado. Ela não era casada com outro homem, e essa

era a música deles? Casais começam a encher a pista de dança. Shane desvia deles e se aproxima de mim.

Torço o nariz numa careta.

— Ele não fica com a garota, você sabe.

— Não. *Ele* não fica.

Meu coração dá um salto.

— O que você está fazendo? — pergunto, quase num sussurro.

Ele segura minha mão e, com o outro braço, enlaça minha cintura, puxando-me para perto.

— Dançando. — Com os lábios próximos a minha orelha e o corpo inclinado, cochicha: — Estamos dançando.

Recuo um pouco, para poder ver seu rosto.

— Só vim agradecer por esta noite e... eu estou *noiva*. E, para ser honesta...

— Minhas sobranceiras estão próximas, minha voz treme. — Você está complicando as coisas. — *Pronto, falei.*

Um sorriso endiabrado distende seus lábios. Seu olhar desliza por meu corpo e volta, até encontrar o meu novamente.

— Então você devia ter escolhido outro vestido.

Uau. O sorriso é inevitável.

— *Encontro de amor?* Sério?

Shane me puxa para perto.

— Kensington, não é nada complicado. É só uma dança.

Mas eu *sinto* como algo complicado. Isso também é um filme. Meryl Streep começa a ter um caso secreto com o ex.

A mão dele está morna em contato com a minha. Ele me segura tão perto que posso sentir o calor de seu corpo, sua respiração perto da minha orelha. Fecho os olhos com força para expulsar a culpa. Sim, é simplesmente *muito* complicado.

Estou me aproximando. Acho que bebi mais do que devia. O cheiro de almíscar e sândalo invade meu olfato enquanto nos movemos. É familiar, reconfortante, mas não é seguro.

— Gostou da cena do filme? — Ele envolve meu braço no dele, apertando-o contra o peito. Agora estou completamente acolhida, colada, grudada em Shane. Cercada pela tentação.

— Uhum, muito — murmuro, ainda dançando. Ainda perdida.

Ouço a risada suave perto da orelha.

— Acho que o Bradley não gostou.

Ainda ferrada.

— Ele não entendeu, só isso.

— Ele entende você?

Minha respiração fica presa na garganta. Minha expressão é de desânimo.

— Porque eu acho que não. Acho que ele não te entende nem um pouco, Kensington.

Recuo um passo e perco o ritmo da música, que agora parece estar alta demais. Shane ainda segura minha mão, o braço ainda enlaça minha cintura, mas agora há um espaço entre nós, uma distância repentina, feita de antigas mágoas e novas questões. Como: Tudo isso tem a ver com o conceito ou comigo?

Shane se inclina para frente, com uma expressão determinada no rosto.

— Você está com o Bradley porque teoricamente parece bom. Ele tem a aprovação dos seus amigos e da sua sagrada família.

Retiro a mão da dele.

— Você não sabe de n...

— Sei. Você tem uma ideia preconcebida do que quer e ele se encaixa no papel, certo? Já estive nessa mesma situação. Quase casado.

Meu queixo cai. *Quase casado?*

— Mas, quando dei um passo atrás, percebi que aquela não era a vida que eu queria para mim. Ela não servia. E o Bradley não serve para você. Acho que você sabe disso. Só tem medo de desapontar sua família ou de correr riscos.

— E não deveria ter medo? Não fui eu a desapontada? — *Não acredito que eu disse isso.* Dou um passo para trás, e alarmes disparam em minha cabeça e em meu coração. Grandes ideais e nenhuma realização. Ele também me deixou. Talvez pelo mesmo motivo. *O que estou fazendo?*

Percebo em seu rosto que ele está procurando as palavras certas para dizer.

Não aguardo que ele as encontre. Meus pés já estão em movimento. Não foi assim que pensei que as coisas aconteceriam. Na verdade não sei o que pensei, ou penso, ou qualquer outra coisa.

Engulo lágrimas frustradas e atravesso a pista lotada em direção a Ellie e Rand. Ellie termina mais um drinque. Ela não está melhor do que eu para dirigir.

Merda.

— Rand, você se importa de dar uma carona para mim e para a Ellie? Agora, por favor? Sinto muito, eu, hã, tenho que ir. — Mordo o lábio. Isso é tudo que vou dizer.

Rand olha para alguma coisa atrás de mim. Shane, imagino. Depois olha para mim e se levanta.

— Sim, é claro. Sem problemas.

Pego minha bolsa e caminho para a porta sem esperar ninguém, sem olhar para trás. Sei que Shane não está me seguindo. Uma cena de *O casamento do meu melhor amigo* surge em minha cabeça. Quando Julianne está seguindo Michael, e George pergunta pelo telefone: “Quem está seguindo você? Ninguém! Você já tem sua resposta”.

O problema é que eu não fiz a pergunta.

Não tenho certeza de que quero fazer.



— Obrigada por ficar — digo a Ellie, rolando embaixo do edredom para olhar para ela. Não suportaria ficar sozinha esta noite. Dei-lhe uma camiseta e uma calça de moletom para dormir, mas quase não consegui trocar de roupa. Nem tirei a maquiagem. Ainda estou um pouco alta.

— Tudo bem. Você me livrou de dormir com o Rand — ela responde e puxa o cobertor. — Dormir com você é muito melhor.

Rio baixo.

— Mas você gosta dele, não é?

— Sim, ele é engraçado. Me faz rir. Mas é como um gigante. O que você acha que isso significa com relação a...

— Ao tamanho do pé? — Rio de novo.

— Puta merda! Eu devia me preocupar de verdade, então. — Ellie ri e se apoia sobre um cotovelo. — E aí, vai me dizer o que aconteceu?

— Você gosta do Bradley, certo? — Não sei nem onde isso vai dar.

— Hum, sim. Todo mundo gosta dele. Ele é ótimo. Por quê?

— O Shane não gosta. Ele disse que o Bradley não me entende, que parece bom teoricamente, que a minha família... — Não termino, porque sinto um aperto no peito. A garganta dói com o esforço que faço para respirar.

Ellie se senta e coloca o travesseiro no colo.

— Sua família te deixa maluca. Todo mundo sabe disso.

Eu também me sento e me recosto na cabeceira da cama, abraçando os joelhos.

— Kenz, posso dizer uma coisa sem você me jogar para fora da sua cama?

Aperto os joelhos com mais força.

— Desde que seja como eu sou encantadora e talentosa...

— Bom, isso também. — Ela me cutuca de leve com o cotovelo e sorri. — Escute, o Bradley é ótimo. Eu gosto dele, de verdade. Mas, quando você e o Shane estão juntos, você fica diferente. Tem alguma coisa entre vocês. Não passei muito tempo com vocês, mas até eu posso ver.

— Mas é só isso. Ele não disse que quer alguma coisa comigo, só que o Bradley não serve para mim. E ele quer que eu me lembre da garota que fui para conseguir criar esse conceito para ele.

Respiro profundamente e olho para o teto.

— E de repente estamos dançando, e é maravilhoso e terrível, e eu poderia morrer, porque isso me faz lembrar o que tivemos. Talvez o que eu ainda quero ter. — Viro e olho para Ellie. — Até os motivos dele para estragar tudo na faculdade fazem sentido. Mas ele contou que quase se casou, então é claro que ainda não é capaz de se comprometer com nada e com ninguém. Não sei, é que...

Ellie afasta os cabelos do rosto e se apoia no travesseiro sobre as pernas.

— O quê?

— É que senti que essa noite teve realmente a ver *comigo*, sabe? — Suspiro e balanço a cabeça. — Tenho certeza que estou sendo uma idiota e confundindo tudo.

— Você sabe que o Shane planejou toda aquela coisa de cantarmos no restaurante. — Ela sorri. — Sim, foi ele. E me fez achar as luvas e mandar os e-mails para todo mundo, como se eu tivesse planejado a situação toda. Mas foi

ele. E até telefonou para o Ditty, para ter certeza que teria alguém tocando a música para a gente.

Ellie me encara, mas não digo nada. Estou processando. Ele realmente fez tudo isso por mim.

— Tudo bem, vamos tentar de outro jeito. Do que você gostava no Shane quando estavam juntos?

— Por quê?

— Responda.

— Não sei. — Forço uma expiração. — Ele era meu melhor amigo. Adorava minha arte, e estou dizendo que ele adorava sinceramente. — Alinho as costas e abraço os joelhos outra vez. — Sempre me senti especial quando estava com ele. O Shane segurava minha mão mesmo quando tinha outros caras por perto. É claro, se alguém dissesse alguma coisa, ele chutava o imbecil. — Dou risada. — Eu adorava vê-lo treinar boxe. Toda atitude e adrenalina... O suor deixava o cabelo dele ainda mais enrolado. E a voz, o jeito como ele diz meu nome e realmente me escuta.

— Você quer dizer *escutava*, o jeito como ele escutava você. — Seus lábios se curvam ligeiramente num sorriso. — Você disse “escuta”.

Afundo de costas na cama e puxo o edredom sobre mim.

Ellie o puxa de volta, expondo meu rosto.

— Agora fale do Bradley.

— Ele é o Bradley. Atencioso, atento às coisas práticas e responsável. Deus sabe que nem sempre sou prática. — Retiro os braços de sob o edredom e os posiciono ao longo do corpo, prendendo o corpo embaixo da coberta. — E, sim, minha família o ama. E daí? Eles têm mesmo que amá-lo. Por que não? Ele conversa sobre política e saúde com meu pai e o Grayson. Minha mãe e a Ren ficam babando toda vez que ele dispara na direção delas aquele sorriso de Ken. É até engraçado.

— Isso é o que a sua família gosta, Kenz.

— Eu gosto dessas coisas — explico, na defensiva.

Ellie torce o nariz, em seguida deita de lado e olha para mim.

— Não, você gosta do fato de sua família gostar dele.

— O que você está querendo dizer, Ellie?

— Só estou dizendo que, para a sua família, o Bradley é *adequado*.

— E? — levanto as sobrancelhas.

— E você não é.

Silêncio gritante.

Não sei bem onde me adéquo. “É impressionante a clareza que vem do ciúme psicótico.” Rio comigo mesma. Essa é a fala do filme, mas não estou com ciúme. Sou... *o fungo*.

Ellie se encolhe embaixo do cobertor e abraça o travesseiro.

— Ei, não estressa, está bem? Você vai resolver tudo isso. — Ela parece sonolenta. — E amanhã temos a sinfônica. Garanto que você vai se divertir — ela fala em meio a um bocejo lento. — E pense em como vai ficar linda com aquele vestido amarelo.

O vestido que Shane me deu.



Uma linda sinfonia

Já fiz a maquiagem e acabei de arrumar o cabelo. Só preciso pôr o vestido e os sapatos e estarei pronta para ir à apresentação da sinfônica com Ellie. Ela vai passar para me buscar em menos de uma hora. *Ingressos*. Eu os pego no quadro de cortiça da cozinha e guardo na bolsa.

Ellie foi embora cedo para uma aula de ioga e me deixou sozinha o dia todo com meus pensamentos. Não é uma boa combinação. Tonya não telefonou. *É claro*. Deixei duas mensagens.

O telefone de Bradley só dá caixa postal. Se ele está no jogo, provavelmente não ouve o celular tocando. De qualquer maneira, não sei o que quero dizer. E, como ele está com clientes, não teremos nenhuma discussão importante que possa mudar nossa vida. Seria uma conversa capaz de mudar nossa vida? Não sei. Talvez.

Continuo pensando na noite passada. Como Shane fez todo mundo ler as falas de *O casamento do meu melhor amigo* e representá-las. Tenho repassado essa cena muitas e muitas vezes na cabeça, como se a selecionasse de um menu de DVD. Foi o momento perfeito, como no filme, mas a estrela era eu.

Shane planejou tudo para mim. Bradley está animado apenas com o que minha família planejou. Um dia dividido com Ren. É um pouco desconcertante. Quer dizer, e quanto ao que eu gosto?

E depois teve a dança.

Uma dança. Extremamente próximos. Lenta, muito lenta.

Bradley não me tirou para dançar. Foi nossa festa de noivado e ele não dançou comigo. Não é sua culpa, ele não gosta de dançar, mas mesmo assim... As palavras de Shane rodam em minha cabeça como um tubarão.

Ele se encaixa no papel, mas não serve para você.

Ele tem a aprovação da sua sagrada família.

Você tem medo de desapontá-los.

Fecho os olhos e tento acalmar os pensamentos. A verdade é que Shane está certo, pelo menos sobre uma coisa. Eu *tenho* medo.

De tomar a decisão errada. De me arrepender. *Dele*.

Sento diante do computador e acesso o Facebook para me distrair.

Meu novo status: “Algumas pessoas precisam de legenda”.

Suspiro e leio as atualizações do feed. A página está lotada de fotos do novo cachorrinho de Tina. Sim, fofo de todos os ângulos. E Shannon, do colégio, adicionou mais uma foto de gato. Este está nos braços de um bombeiro sem camisa. Clico em “Curtir”.

Surpreendentemente, não vejo nenhuma atualização de Ren nem de minha mãe. Nenhum link relacionado a coisas fofas de bebês nem fotos do progresso do quarto. Na última vez em que soube, elas estavam considerando o tema de Arca de Noé. Agora não tem nada. As atualizações cessaram.

Estranho.

Meu telefone vibra e eu o pego, grata por mais uma distração. É Ellie. Deslizo o dedo na tela e consulto o relógio. É bom que ela não tenha desistido.

— Você está a caminho, certo? — Levanto, pego o vestido e o tiro do cabide com cuidado.

— Sim e não. Tudo bem se nos encontrarmos lá? Preciso passar na casa da minha mãe para pegar o vestido que eu quero usar. Pensei que estivesse aqui.

— Encontro você no saguão, mas só porque está me pagando para isso.

— Quê?

Dou risada.

— É de *Uma linda mulher*, quando o Edward telefona para avisar que vai encontrar a Vivian no saguão do hotel. Depois ele fala: “Eu disse para não atender o telefone”. Mas ele liga de novo e, é claro, ela atende. — Dou de

ombros e imito o tom cantado com que Julia Roberts responde a Richard Gere.

— “Então pare de me ligar...” Lembra?

— Humm, não. — Ellie ri.

— Ah, tudo bem. Desculpa, ainda estou no modo filmes. Vejo você lá.



Estou no bar do Teatro Circle, com uma bebida diante de mim, e nenhum sinal de Ellie. O teatro existe ali desde sempre. O ambiente histórico e charmoso é suavemente iluminado por lustres cintilantes de cristal. As únicas coisas mais brilhantes são os diamantes usados pelas mulheres. Meu mega-anel de noivado combina bem.

Adoro meu vestido. Não é exatamente igual ao que Kate Hudson usa em *Como perder um homem em dez dias*, mas é parecido. Tem a mesma silhueta alongada e o mesmo tom de amarelo solar.

Olho ao redor mais uma vez, procurando Ellie. Ela já deveria estar aqui. Estou vestida para impressionar e desesperada por uma noite mergulhada no drama da orquestra, não no meu. As pessoas começam a entrar no auditório.

Onde ela está?

Meu celular vibra. Se Ellie me deixar plantada aqui sozinha, juro que faço um pôster em tamanho natural da xerox de seus peitos. Não é ela. Não reconheço o número. Pressiono “Ignorar”, e, antes que eu possa guardá-lo, o celular vibra outra vez, exibindo o mesmo número. E se Ellie perdeu o telefone e está usando o de outra pessoa? E se o carro dela quebrou? As hipóteses começam a se acumular, e atendo depressa, antes que a ligação caia na caixa postal.

— Alô?

— Oi, Kensington.

Paro de respirar por uma fração de segundo. Não é a Ellie.

É o Shane.

Abro a boca para dizer alguma coisa, mas não sai nada.

— Alô?

— Como conseguiu meu número? — Parece uma pergunta lógica. Não dei meu número a ele. Conversamos pelo Facebook. Bem, acho que liguei para ele uma vez.

— A Ellie, ela...

— Você falou com a Ellie? Ela já devia estar aqui. — Eu me sinto mais ereta. — Ela está bem? — E se houve um acidente? Talvez ela esteja no hospital.

Shane ri baixinho.

— Receio que ela tenha ficado presa em outro compromisso. Um jantar com o Rand. Pobrezinha.

— O quê? — Ela não morreu, só me deu bolo.

Vou matá-la.

— É. Então, receio que ela não possa comparecer. E seria uma tragédia deixar você sozinha em uma apresentação da sinfônica. Quem veria seu novo vestido amarelo?

Franzo a testa.

— Eu não disse de que cor é o meu vestido. — Não penso. Sei que eu lhe disse para que precisava do vestido, foi esse o motivo para o dia de compras. Mas ele não viu o vestido, e eu não contei como era. E por que ele está telefonando, em vez de Ellie?

— Aposto que você está sentada no bar com uma bebida, mas ainda não tocou nela.

Olho para o copo cheio. Estou apreensiva. *Que diabos...?* Olho em volta e por cima do ombro, tentando não ser óbvia.

— E agora está procurando. Imaginando... É possível? Ele está aqui?

Putá merda. Ele está recitando as falas de Rupert Everett no fim de *O casamento do meu melhor amigo*. Ele está aqui. Só pode estar. Shane, não Rupert Everett. Eu me levanto e examino o saguão.

— E de repente a multidão se abre e...

Olho para a porta, analiso o rosto das pessoas de terno e vestido, e então... *ai, meu Deus*. Meus olhos se detêm em um homem a cerca de vinte metros de mim. Ele usa terno escuro, tem os cabelos bagunçados e segura um celular junto da orelha. Está andando em minha direção. Um sorriso convencido se espalha no rosto com a barba por fazer. E ele é absolutamente lindo.

— Elegante, estiloso e *radiantemente* belo. — Ele acentua os Rs, como no filme. Nossos olhares se encontram. — E vem em sua direção, com os movimentos de um felino selvagem.

Ai, meu Deus. Seu sorriso é largo. Não acredito que ele está aqui. De terno. Todo arrumado. Quando para na minha frente, ele desliga o telefone. *Deus, até o cheiro dele é bom.*

Minha mente tenta encontrar alguma coisa para dizer. E eu, que só queria me perder na sinfônica e esquecer meu drama... em vez disso, estou nadando em drama.

A gravata me chama atenção. É a que comprei para ele. Eu a deixei ontem, com as coisas dele, na sala de reuniões, enquanto Shane estava no escritório de Clive. Depois, não pensei mais nisso.

— Já pode desligar, Kensington. — O sorriso ganha suavidade.

Ah. Dou risada e abaixo lentamente o aparelho para desligá-lo.

Engulo em seco. Isso é perigoso. Dessa vez, não é nele que não confio. Eu deveria correr. Simplesmente virar e sair correndo, mas não consigo me mover.

— Você está atrasado.

— Você está deslumbrante. — Ele balança a cabeça, ainda com aquele sorriso manso no rosto.

A próxima fala é “Você está perdoado”, e eu o perdoei, pois ele se explicou, se desculpou, mas não estou pronta para dizer as palavras, encenando ou não. Sinto meu rosto corar.

— Não é exatamente o vestido de *Uma linda mulher*, troquei para...

— É melhor.

Meus olhos se estreitam com um sorriso lento.

— O que você está fazendo aqui?

— Está na lista. Número dois. *Uma linda mulher.*

Inclino a cabeça.

— Já fizemos...

— A oportunidade se apresentou, quem sou eu para discutir? — Ele dá de ombros. — E acho que está faltando alguma coisa.

Não pode ser. Esta era a fala: “Acho que está faltando alguma coisa”. É o momento em que Edward e Vivian estão saindo para ir à ópera. Transfiro o peso

do corpo para uma perna só, e um arrepio de expectativa substitui o choque de vê-lo. Sei o que vem depois.

De trás das costas, ele tira um estojo retangular de joalheria. Meus olhos estão fixos na caixa azul. Olho da caixa para ele e não consigo esconder um sorriso. Estou zozna. Isso é demais.

Os olhos castanhos de Shane brilham. Ele me dirige um sinal com a cabeça, indicando que devo ir em frente, e segura a caixa com uma das mãos, posicionando a outra para abri-la.

— Não fique muito animada, não vale um quarto de milhão, como no filme.

Mas estou animada. Inclino o corpo para frente e levo a mão ao pescoço quando ele levanta a tampa do estojo. É... é... *ai, meu Deus*. Dou risada.

— É bala? Um colar feito de balas? — Pequenos discos coloridos estão enfileirados em um fio elástico.

— Lanchinho da sinfônica — ele responde com um sorriso torto. E torce o nariz — Custou vinte e cinco centavos. Podemos ficar com ele.

Ele me pregou uma peça.

— Não vou usar isso — digo com firmeza, ainda sorrindo. Minhas bochechas começam a doer.

— Você tem que pegar, pelo menos.

Sei que ele vai fechar a caixa assim que eu estender a mão para ela. Exatamente como no filme. E mal posso esperar.

Levanto o olhar e vejo que um casal bem-vestido de idosos parou, interessado em nossa conversa. A mulher assente e sorri, entusiasmada, me estimulando a ir em frente. Aproximo a mão do estojo lentamente, meus dedos quase tocando o interior da caixa. Minha expressão é determinada, olho para Shane e faço meu...

Snap!

Eu pulo. A mulher ri alto, atraindo olhares curiosos de outras pessoas que passam por ali. Sorrio para ela. Depois para ele. Ela segura o braço do marido e sorri para mim mais uma vez, antes de seguir para o auditório. *Que maravilha.*

— Caso eu esqueça de dizer mais tarde... — Minha voz treme com a repentina onda de emoção. Lágrimas molham meus cílios. — Eu me diverti muito esta noite.



— Quer voltar para dentro? — Shane pergunta, enquanto caminhamos ao longo do canal. Saímos no intervalo do concerto e estamos passeando sem pressa pelos canais artificiais do centro de Indianápolis.

— Não, aqui está bom. — Olho de soslaio para Shane, que parece sentir frio, já que estou com o paletó dele.

Percorremos um lado do canal, atravessamos e estamos quase no mesmo ponto onde começamos. Já contei a ele todas as curiosidades de *Uma linda mulher* que consegui lembrar enquanto caminhávamos. Por exemplo, que Richard Gere improvisou a cena em que fecha o estojo com o colar. Não fazia parte do roteiro. E a famosa risada de Julia foi tão cativante que eles a mantiveram. Foi de verdade. Um momento do filme que é real e duradouro. Não pode ficar melhor.

Há pontes sobre o canal a intervalos de mais ou menos um quarteirão, e barcos a remo atracados nas beiradas fazem um ruído característico, balançando sobre a superfície da água e se chocando contra as margens de concreto.

Shane morde um disco do meu colar de bala, tirando-o do cordão elástico, e olha para mim. Estamos em silêncio há alguns minutos. Balanço o braço de um lado para o outro, sacudindo os pingentes da pulseira e produzindo um tilintar repetitivo e calmante enquanto caminhamos.

Uma voz secreta dentro de mim sussurra avisos sombrios. *Estou indo longe demais.* Talvez não consiga voltar. Mas, neste momento, não sou a pessoa que se importa com o que diz a voz. Nem estou noiva. Tenho vinte e poucos anos e estou apaixonada em um filme.

E isso também é real.

— Ele não vai fazer você feliz, Kensington. *Era nisso que ele estava pensando?* Afasto o cabelo do rosto e olho para longe. Vejo as pessoas saindo do teatro. O concerto deve ter acabado. Os manobristas estão ocupados pegando os

tickets para ir buscar os carros dos clientes. Táxis estão enfileirados e prontos. Preciso ir. Mas não estou preparada para o fim disso.

Também não estava preparada na primeira vez.

Não mencionamos a discussão que tivemos na minha festa de noivado. Não sei nem se posso dar esse nome ao que aconteceu. Mas estive pensando nisso, e desta vez estou mais preparada para responder.

Minha voz soa calma e firme.

— Você não pode voltar aqui depois de uma eternidade e... e declarar que a minha vida não é boa o suficiente, Shane. — paro e olho para ele. — Só porque você é o garoto perdido original e não quer sossegar, não significa que tem o direito de julgar quem quer.

— Não sou um garoto. — A voz de Shane soa mais baixa. — E não estou mais perdido.

Começo a andar de novo, sem saber o que dizer.

Shane está olhando para mim.

— Por que você acha que não quero sossegar? Eu quero. A diferença é que não vou me acomodar.

Olho para ele, mas só por um instante.

— Eu tenho vinte e nove anos, quase trinta, e alguém que a minha família ama, que eu amo, que nunca mentiu e não me abandonou, quer casar comigo. E eu quero uma família. — Olho para o canal e, em voz baixa, quase para mim mesma, pergunto: — Então, por que eu deveria esperar? — Engulo em seco e aguardo. Não acredito que perguntei isso.

Shane dá um passo à frente e vira, usando as mãos para me impedir de seguir adiante. Olhos castanho-acobreados mergulham nos meus com intensidade.

— Por mim. Você deveria esperar por mim.

As palavras dele fazem meu coração parar. Não há como não entender o significado do que ele disse. Não consigo respirar.

Shane afasta os cabelos do meu rosto e ergue meu queixo. Está a poucos centímetros de distância. Não me movo. Não tenho como me mover. Ele está se inclinando, os olhos fixos nos meus.

Sinto meus lábios se abrirem em expectativa, depois o sinto. Seus lábios nos meus. Tão leves que a sensação é um sussurro. Ele me beija com cuidado

deliberado. Suave. Lento. Intoxicante.

Estou atordoada. Meu coração ecoa no ouvido. Minhas mãos estão abertas sobre o peito dele, prontas para empurrá-lo, mas... *não estou empurrando*. Suas mãos se engancham em meus cabelos e me puxam para perto, aprofundando o beijo. A textura áspera da barba pinica meu rosto. Seu gosto é familiar e novo ao mesmo tempo. Ácido e doce dançam em minha língua. Ai, meu Deus, eu quero... Eu... me afasto.

Preciso ir embora.



Kenzi Shaw: no limite da razão

“All by Myself” não precisa gritar no aparelho de som, eu mesma estou cantarolando a canção. Há uma embalagem vazia de batata frita e uma garrafa quase vazia de vinho a meu lado, no sofá. Diferentemente da abertura de *O diário de Bridget Jones*, tenho mensagens, seis delas. Três de Ellie, duas de Shane e uma de Bradley, e não quero ouvir nenhuma.

Tirei o lindo vestido amarelo e troquei pelo confortável Victoria's Secret cor de rosa. Belo segredo, é só um conjunto de calça e blusa de moletom. O capuz cobre minha cabeça, e amarrei o cordão com tanta força em torno do rosto que só sobra espaço para ver o filme e despejar vinho na boca. Aqui me sinto melhor. Não sei por quê. Mas pretendo ficar desse jeito por um tempo. Meu telefone toca de novo. Fico me perguntando por que a pobre Bridget não recebe nenhum telefonema.

— Eu ligaria para você, Bridget.

Termino minha bebida e caminho até a geladeira, certa de que Bradley me deixou com um bom estoque de vinho doce. Aí está, mais um exemplo de que Bradley é bom. A culpa me agarra pelo pescoço e me estrangula.

Shane me beijou.

E eu não impedi. Por que não impedi? *Por mim. Você deveria esperar por mim.*

Abro outra garrafa, me sirvo de um copo e pego o celular. A única pessoa que deveria telefonar, de quem eu esperava uma ligação, não se incomoda com

isso. Então, sim, eu ligo para Tonya. Raciocínio muito coerente.

A mensagem gravada começa. Blá, blá, blá, deixe seu recado. Eu sabia que ela não ia atender.

— Oi, Tonyz, sou eu. A gente não ia conversar hoje? Você não pode me ligar?

Dou impulso para me desencostar da parede, mantenho o celular encaixado dentro do capuz e escorrego pelo hall nas meias felpudas. A cada palavra, aumento a velocidade.

— Sabe de uma coisa? Um café *não é* um pedido de desculpas. — Viro e sigo na direção oposta, escorregando como se patinasse no gelo, com uma das mãos erguida para garantir algum equilíbrio. — Francamente, como você pôde fazer isso comigo? E nem pedir desculpas? Você ficou com o meu namorado, mentiu para mim sobre isso e basicamente nos separou.

Balanço a cabeça, piscando para conter as lágrimas enquanto escorrego pela sala de estar, imitando uma patinadora bêbada ao som da minha trilha sonora mental de “All by Myself”. E, graças a Deus, eu estou mesmo sozinha. Posso imaginar a cena.

— Então, acho que eu mereço pelo menos um “me desculpa”, você não acha? O que não significa que vou desculpar.

Estou dando a volta na mesa de centro, vomitando cada pensamento aleatório que me surge na cabeça. Lágrimas escorrem livremente em meu rosto. Sei que o tempo da mensagem acabou, ouvi o bipe, mas continuo falando, fazendo movimentos malucos, parando só para beber grandes goles de vinho antes de começar novamente.

Os “ses” pipocam como milho na panela. *Se* eu não tivesse saído da festa naquela noite. *Se* Tonya não estivesse lá. *Se* Shane não a tivesse beijado.

Paro.

Se eu não tivesse correspondido ao beijo de Shane.

Abaixo a mão, o telefone preso entre os dedos. Meu coração está cheio de tristeza e culpa.

Minhas pernas cedem e caio no chão, ao lado do celular. Desligo o aparelho e deixo o pensamento fluir. Tonya beijou Shane e me contou que ele havia me traído com alguém. Por isso terminei com ele. Shane nunca me falou que havia sido com ela, nem que foram só uns amassos idiotas. Ela também nunca disse nada.

Esta noite, correspondi ao beijo de Shane. Meus olhos se abrem. Não sou melhor que nenhum deles. Foi só um beijo idiota? *Vou contar ao Bradley? Vou terminar com ele?* Lágrimas quentes lavam meu rosto.

Meu Deus, o que estou fazendo?

Alguém bate à porta. É mais de meia-noite. Shane não sabe onde eu moro. Bradley só volta de viagem na segunda-feira à noite.

As batidas se repetem.

Vai embora. Quero ficar sozinha.

Mais uma vez, batidas.

— Kenz? Abre a porta.

De algum jeito, consigo chegar à porta. Olho pelo buraco do meu capuz para o buraco do olho mágico. Vejo o rosto de Ellie.

— Ellie? — Fico feliz por vê-la.

— Kenzi, você está bem? Eu telefonei várias vezes. Abre a porta. — Ela bate outra vez.

— Ela está aí.

Espere, quem está com ela? Tento desesperadamente entortar o olho, para enxergar a outra parte do corredor.

— Quem está com você?

Ouço a voz dela falando com alguém, mas só vejo uma Ellie distorcida ao telefone. Sua boca parece gigantesca pelo olho mágico.

— O Rand. O Shane disse que você saiu correndo. Vai abrir a porta?

— Você está com Rand Peterson? — Gosto de dizer o nome dele. — *Rand Peterson?*

Isso me faz lembrar a cena de *O casamento dos meus sonhos* em que Jennifer Lopez está bêbada e não consegue entrar em seu apartamento. Ela lê os nomes dos moradores e aperta todos os botões de campainha.

— Rand Peterson? Você conhece Nancy Pong? Se algum dia precisar de açúcar emprestado, não posso ajudar, porque você não me conhece. — Viu? Estou criando meu próprio momento cinematográfico. Não preciso daquela lista idiota.

— Kenz, deixe a gente entrar. O Shane quer saber se pode passar aqui, se você está bem.

Ah, droga, não.

— Ele está no telefone? Diga a ele... diga a ele... — Tento lembrar a fala de *O casamento dos meus sonhos*, quando o personagem de Matthew McConaughey volta e bate na porta dela. Afasto as pernas escorregando e seguro a maçaneta para não perder o equilíbrio enquanto penso. Ellie e Rand estão falando alguma coisa, mas o som está abafado. — Ah! Diga a ele que é simples. Eu amo o Bradley e ele me ama. Então, além das medidas do Shane para o smoking, isso é tudo que preciso saber. Por favor... — *Vá embora*.

Mas eu não quero que ele vá embora. E também não quero suas medidas.

— Kenz, que raios você está falando? — Mais batidas. — Ele quer muito vir aqui. Posso dar o endereço? Por favor?

— Não. Não faça isso! — Escorrego até o chão e caio com um baque. — Estou bem. *Bem embriagada*. — Graças a Deus, porque senão isso teria doído.

São necessários mais três “Sim, estou bem” e a promessa de telefonar para ela de manhã para que eles finalmente vão embora.

Depois de um tempo, levanto e vou procurar *O diário de Bridget Jones* nos meus DVDs. Encontro, insiro o disco no aparelho e me encolho no sofá. Meu rosto está marcado de lágrimas, a cabeça gira por causa do vinho, e meu mundo inteiro está de cabeça para baixo.

Mentalmente, vejo minha futura filha de cachinhos dourados. Ela balança um cartaz me demitindo. Enxugo os olhos e canto baixinho o tema da abertura, mas mudo a letra para “I’m gonna be all by myself”. A tela fica turva, através de novas lágrimas. *Merda, eu estou sozinha*.

— Mesmo assim, eu ligaria para você, Bridge.



Shane e Bradley telefonaram de novo esta manhã. E minha mãe. Ainda não ouvi nenhum dos recados, mas estou ligando para Ellie. Quer dizer, ela veio até aqui para ter certeza de que eu estava bem. Eu nem sabia que ela gostava de verdade

de Rand Peterson. De repente, percebo que estive tão alheia a tudo que não dissesse respeito aos meus problemas que nem lhe perguntei nada.

Digito seu número e espero. Escuto o terceiro toque e massajeio um lado do quadril, onde tem uma mancha roxa deixada por minha estreia como patinadora bêbada na noite anterior. Surpreendentemente, minha cabeça está bem. Talvez vinho seja a melhor escolha.

— Kenzi? — ela sussurra.

— Oi, Ellie, desculpa.

— Tudo bem? — Escuto seus movimentos pelo apartamento. — O Shane ligou de novo, perguntando se eu tinha notícias suas.

— Por que você está cochichando? — pergunto, também num sussurro.

— O quê?

— Ellie, por que você está cochichando?

— O Rand está aqui.

— O quê? Rand Peterson! — grito ao telefone

Ela faz um *shh* do outro lado da linha. Retomo o tom sussurrante:

— Ele passou a noite? Vocês...?

— Eu sei, é que... eu gosto dele, Kenz. — Posso ouvir o sorriso em sua voz.

— E aí, tem alguma verdade naquela teoria sobre o número do sapato?

Ela ri.

— Não posso falar agora. — Escuto barulhos. — Mas você devia ligar para o Shane. Tá bom? Ligue para ele e depois para mim. Preciso saber o que aconteceu.

Nós duas precisamos.

— Tudo bem. Até mais tarde, Ellie-Bell. — Desligo o celular. Não vou ligar para Shane. De jeito nenhum. Sinto uma dor pesada no peito. O que eu diria?

Ligo para a caixa postal e ativo o viva-voz do aparelho. Decidi ouvir os recados, pelo menos. A voz de Ellie é a primeira a soar.

— Kenzi, o Shane acabou de me ligar querendo saber se falei com você. Onde você está? O que aconteceu? Me liga.

Deleto e passo para o próximo recado. Ellie de novo.

— Kenzi, atenda! Estou começando a ficar preocupada. Se não me ligar logo, vou até aí.

Hum, acho que eu poderia ter evitado essa parte. Deleto.

— Kensington.

Meu coração salta quando ouço a voz de Shane. Fico paralisada, olhando para o telefone, os olhos bem abertos.

— Eu não queria... Escute, você pode me ligar de volta? Por favor?

Aperto o 9 para salvar a mensagem. Não sei por quê.

— Oi, amor. — A voz de Bradley soa rouca, como se ele estivesse adoecendo. — Queria ter certeza que você chegou bem em casa depois da sinfônica. Me ligue quando chegar, ou mande uma mensagem. Estou surpreso por você ainda não estar aí. Vou esperar acordado. — Sua voz transmite preocupação.

Um nó se forma em minha garganta enquanto deleto a mensagem e espero a próxima. Há uma pausa antes do começo do recado. Sei que é Shane.

— ... eu teria passado por aí. Kensington, por favor, me liga.

Salvo a mensagem.

— Oi, amor. — Bradley de novo. — A Ellie falou que você não se sentiu bem ontem à noite. Espero que não seja nada sério. Telefone amanhã à noite, quando voltar. Te amo.

Ele me ama. E agora Ellie está mentindo para encobrir minhas mentiras.

Meu Deus, eu me odeio.

Deleto o segundo recado de Bradley. Tenho uma grande dívida de gratidão com Ellie, por ter se colocado como intermediária. O que vou dizer a Bradley? Se não lhe contar o que aconteceu, não serei diferente de Shane ou de Tonya. Mas, se eu contar, a conta estará perdida para sempre. Bradley vai matar Shane. E eu com certeza vou perder o emprego. Ele pode até terminar o noivado.

Massageando a nuca, tento aliviar um pouco a tensão e espero a mensagem seguinte.

— Oi, Kensington. Sou eu, sua mãe.

Sim, mãe, eu sei que é você. Pelo menos ela não ligou para Ellie.

— O que achou dos convites? São maravilhosos, não são? Já recebemos as confirmações de presença. Todos estão muito animados.

Convites. Não olho a caixa de correio há alguns dias. Se o casamento for cancelado, o que direi à minha família? Meu peito dói só de pensar em estar lá sozinha, sabendo que aquele deveria ser meu dia também.

— Quero que você chegue cedo para ajudar. Ah, a Ren me contou que indicou aquela organizadora de casamentos exclusivíssima que é amiga dela. Não deixe de agradecer. Ela vai ficar devendo um favor por causa disso. Bem, preciso desligar. Vou encontrar as meninas para almoçar.

Delete. Delete e delete. Sim, lá foi ela.

Queria ir também. Coloco novamente o capuz do moletom na cabeça, e o cordão fica pendurado.

Ele me beijou.

Tudo bem, ele me beijou. Eu correspondi, depois parei de corresponder. Mas não queria parar. Aperto o cordão do capuz. Meu nariz de Pinóquio é a única coisa visível. Serei racional e lógica, e *honest*a. Eu posso ser honesta. Estou sozinha aqui.

Ouço as palavras de Shane: “Ele não vai fazer você feliz, Kensington”. Como ele pode saber? Bradley não mentiu para mim. Bradley não me abandonou. Não, ele está comigo. Está aqui agora e quer começar uma família.

Fecho os olhos quando imagino a vida com Bradley. Teríamos uma bela casa, disso tenho certeza. Começaríamos imediatamente a tentar ter filhos. Ele contrataria uma babá, mas talvez eu ficasse em casa para cuidar das crianças. E ele concordaria com isso. Eu teria tudo que minha família espera para mim.

E quanto ao que eu espero para mim? E quanto a estar apaixonada como em um filme? Bradley será meu cavaleiro de armadura brilhante?

Seja honesta.

Bradley me ama. Ele é estável e seguro... Mas onde está o fogo? Tenho certeza de que com ele eu passaria no Teste do Frio na Barriga criado por Ellie.

Nenhum frio. Esse filme é um fracasso.

E quanto a Shane? O fogo está lá, mas... e a substância? Ele realmente mudou tanto desde a faculdade, ou serei apenas um interesse momentâneo? Ainda não vejo a continuidade.

Aperto ainda mais o cordão do capuz. Como vou encarar todo mundo amanhã? E Ren? Vamos nos encontrar no escritório da organizadora de casamentos logo cedo.

Será que deve haver um casamento?



Ritmo perigoso

“Quando possível, faça o retorno. Quando possível, faça o retorno.” A voz feminina de robô do GPS soa irritada. Continuo perdendo o retorno. Não é intencional.

“Quando possível...”

— Ah, pelo amor de Deus, estou retornando! — grito para o aparelho. O escritório da organizadora de casamentos precisa de uma placa maior. É segunda-feira, e estou grata por Bradley ter marcado essa reunião. É uma razão legítima para tirar um dia de folga do escritório. Preciso disso.

Estou enjoada. Como vou me controlar na frente de Ren? Ah, lá está.

“Em cem metros...”

— Cala a boca, eu já vi. — Aperto o botão para encerrar a navegação do GPS. Meu plano para enfrentar tudo isso é simples. Cumpro a promessa de me reunir com a organizadora e fico de boca fechada. Ren não vai ficar conosco por muito tempo, só vou ter que manter as aparências por alguns minutos.

Sou invadida por uma onda de tristeza. Mais um grande momento que deveria ser divertido e empolgante. E, de novo, está tudo arruinado. Dessa vez a culpa é minha.

De qualquer maneira, acho que resolvo tudo em menos de uma hora, no máximo.

Passar pela porta da Wedding House me dá a sensação de entrar em algum tipo de universo alternativo. O sistema de som toca “I Honestly Love You”, e

tudo é cor de rosa e branco. É como se um monstro chique-desgastado tivesse invadido o lugar e vomitado.

Aterrisei em Oz e fiz alguma coisa que enfureceu o grande e poderoso mágico.

Sufoco uma risada. Sapatinhos vermelhos. Exatamente como Cinderela: tudo sempre volta aos sapatos.

— Você deve ser a futura sra. Bradley Connors! — diz uma mulher maluca, coberta de babados, quando me aproximo do balcão. — O noivo está a caminho? — ela pergunta, cantarolante, e franze o nariz.

Meu coração fica apertado. Não sei se haverá um noivo depois que eu falar com ele.

— Ah... não. Minha cunhada deve chegar a qualquer momento.

O sorriso dela se apaga, como se eu tivesse falado algo desagradável.

— Ah, bem, não tem noivo. Tudo bem, sente-se. Vou avisar a Bethany que você veio sozinha e terá a ajuda de um membro da família. O outro casal já chegou.

Outro casal? A reunião será compartilhada? É claro que sim. Respondo com um sorriso forçado e a vejo sair da sala.

Meia hora no máximo.

O sino da porta de entrada anuncia a chegada de Ren.

Imediatamente, noto que ela está pálida e com os olhos inchados.

— Oi. Tudo bem?

— É claro que não. — Ela se senta ao meu lado e bufa. — Estou grávida. Se não é o enjoo, é a fome, e o Grayson não entende. — Com a bolsa sobre as pernas, ela se recosta na cadeira. — Quem disse que isso é divertido nunca engravidou, evidentemente. *É horrível.*

Meu estômago se contorce. Ela reclama da gravidez e meu casamento pode ser cancelado, o que significa que estou ainda mais longe de me pôr no lugar dela. Pelo menos Ren vai ter o bebê no fim de tudo isso. E eu terei o quê?

Talvez o que eu mereço.

Meu telefone toca. Ainda estou filtrando as ligações, mas é Ellie, então atendo.

— Oi, Ellie.

— Kenz... — ela fala em um tom agitado —, eu tentei...

A música soa repentinamente mais alta, e a porta dupla atrás da recepcionista se abre com um *vuussh*. Uma loira pequenina aparece.

— Sou Bethany Chesawit, organizadora de casamentos. — A voz dela é fina; o sorriso é tão branco que ofusca. O suéter azul é excessivamente decotado, a saia é curta e esvoaçante, e os sapatos têm dez centímetros de salto. — Ah, Ren, não me avisaram que você estava aqui. — Ela a abraça e beija duas vezes, de um jeito rápido e aéreo.

Depois olha para mim e estende a mão.

— Kenzi? — A voz de Ellie me traz de volta à realidade.

— Ah, Ellie. Ligo para você daqui a pouco. — Desligo o celular e estendo a mão para apertar a de Bethany, mas ela a posiciona de um jeito esquisito. Está virada para baixo, como se ela fosse a realeza, e eu, a súdita que deve beijar sua mão. Seguro a ponta de seus dedos e sacudo rapidamente.

Estou na zona do casamento e acabei de conhecer a fada do casamento.

Quinze minutos *no máximo*.

Nós a seguimos pela porta para a Terra do Sempre-Sempre. Não estou inventando. Sobre a porta, há de fato uma placa onde está escrito “Terra do Sempre-Sempre”. Em torno das letras, há corações e flores. Odeio Ren por ter marcado essa reunião. Sério-sério.

— Bem, temos o dia inteiro planejado. Precisamos escolher música, flores e cores — ela fala com sua voz aguda enquanto nos leva por um corredor com papel de parede listrado em rosa e prata. — Esta sala será nosso quartel-general.

Ela puxa uma cadeira para mim, na frente da mesa, e pega um livro de uma prateleira presa à parede.

— Para começar, precisamos de um tema. — Ela exhibe um sorriso radiante demais e franze o nariz, a exemplo da recepcionista. — O outro casal já começou. Vou ver como estão e já volto.

Ren abre o livro rapidamente e começa a virar as páginas com fotos de casamentos que a organizadora planejou.

— Então, quais são as cores? — ela pergunta.

— Hum, ainda não decidimos.

Ela arqueia as sobrancelhas.

— Como assim, você não sabe quais são suas cores? Essa é a primeira coisa que precisa escolher. — A cor de Ren é a da podridão. Ela não parece nada bem.

— Kenz, você não parece muito entusiasmada com nada disso. Eu fiquei eufórica quando estava planejando meu casamento. — Mais uma página, e ela vira o livro para me mostrar. — Você não está animada?

Balanço a cabeça e dou de ombros, e ela vira a página novamente.

— E se eu estiver confusa?

Não acredito que isso saiu da minha boca. E dito para Ren.

— Bem, bobinha, é para isso que estou aqui. Para ajudar a guiar suas escolhas. Mas, francamente, você podia estar um pouco mais entusiasmada. Ah, este aqui — ela diz, batendo com o dedo na página, sem entender o que eu realmente quis dizer.

— Confusa em relação ao Bradley. — Pronto. Falei. *Mas por que eu disse isso? O que estou fazendo?* Minha garganta seca, e me preparo para a reação de Ren.

Ela olha para mim.

— O quê? Você está confusa sobre... — A mão cobre a boca, e ela se inclina para frente. E empalidece. Ela vai... Ai. Ai, meu Deus. Em um instante, ela se levanta e corre para o banheiro.

Não era essa a reação que eu esperava. Meu celular vibra novamente, mas não tenho chance de atender a ligação.

— A Ren está bem? — Bethany pergunta quando volta à sala.

— Ela está grávida — explico. — Sabe de uma coisa? Sou realmente grata por ter me encaixado na sua agenda, de verdade. Mas com o Bradley fora e a Ren passando mal... acho melhor marcarmos para outro dia.

Ouçoo vozes no corredor.

— Sra. Chesawit, lamento interromper, mas o noivo da srta. Shaw conseguiu chegar a tempo.

Meu coração dá um salto. Sério? Bradley voltou mais cedo? Talvez ele realmente quisesse estar presente. Talvez este possa ser um bom momento para nós dois. A recepcionista dá um passo para o lado, e atrás dela está...

Shane.

Antes que eu possa dizer alguma coisa, Bethany já se pôs a apresentar seu discurso da extraordinária organizadora de casamentos, a mão estendida para ela apertar, beijar ou algo assim.

Shane franze o cenho e olha para mim, depois novamente para ela.

— É um prazer, mas receio que tenha havido um...

Eu me levanto e corro para eles.

— Podem nos dar um momento? Vocês não se importariam, não é? — peço por entre os dentes enquanto praticamente as empurro porta a fora.

— Ah, hum, é claro, vou dar uma olhada na Ren. — Bethany sorri, mas parece confusa.

Fecho a porta e me viro para olhar para Shane.

— Que diabos você está fazendo aqui?

— Você não retornou minhas ligações, não apareceu para trabalhar, então...

— Então você invade uma reunião com a profissional que vai organizar meu casamento? Como você sabia... — Balanço a cabeça para clarear as ideias. — Sabe de uma coisa? Não importa. A casamenteira conhece minha cunhada. A Ren. *A Ren!* — Estou sussurrando, mas é como se gritasse. — E ela está aqui. *Agora.* — Bato no ombro dele. — Onde você estava com a cabeça?

Isso tudo é demais. Estou entrando em pânico. Surtando.

Bato nele outra vez.

— Ei! — Shane sai de minha linha de fogo. — Só preciso conversar com você.

— Por isso disse que era o Bradley?

Ele franze o cenho.

— Não. Eu ia esperar lá fora, mas não consegui falar nada, na verdade. A mulher dos babados...

— O que a Ren vai pensar? O Bradley vai ficar sabendo que você esteve aqui. — Tenho que dar um jeito nisso. Minha respiração está ofegante.

Ouçoo um toc-toc e alguém entreabre a porta.

— Querida, a Ren teve que ir embora. Ela não está se sentindo bem, disse que telefona mais tarde. — A porta se abre mais um pouco, e a cabeça de Bethany surge no vão. — E marcar para outro dia não é uma opção. Minha agenda está *muito* cheia. Mas, como vocês dois estão aqui, podemos continuar, certo?

— Pode nos dar só mais um minuto? — Meu sorriso é largo e forçado.

Depois de um instante, ela torna a fechar a porta.

No panorama geral das coisas, até que a situação não é tão ruim. De verdade. Não é um furacão, nem uma série de tufões violentos varrendo uma

cidade indefesa, e também não são incêndios vorazes queimando a floresta. Não é nem uma inundação. Não. Trata-se de uma pane temporária, uma sequência de erros que precisa ser racionalizada e resolvida.

Se elas pensam que Bradley está aqui, não vão mencionar a presença de outro homem, certo? Só preciso confiar em Shane e acreditar que ele vai ficar de boca fechada agora; confiar em Ellie e ter certeza de que ela vai ficar de boca fechada no futuro; e talvez eu tenha que contratar alguém para matar Rand, já que ele sabe sobre a sinfônica.

Sim, é só isso, dez minutos de encenação, no máximo.

Olho para Shane e aponto o dedo na direção de seu queixo, falando por entre os dentes:

— Você é o Bradley. Faça de conta ou eu te mato. E controle o sotaque.

— Controlar o sotaque? — Shane pergunta com um sorriso divertido no rosto. Seus olhos brilham.

Outra batida e a porta se abre.

— Desculpem, a agenda está apertada. — Bethany entra. — Tudo certo?

Shane estufa o peito.

— Sim, estamos prontos, não é, *amor*? — Ele soa tenso e esquisito.

Está brincando comigo?

O sorriso de Bethany treme quando ela o encara. Deixo escapar uma risada nervosa e olho para ele como se dissesse “deixa disso”. Shane dá de ombros e sorri.

Ai. Meu. Deus.

Pensando melhor, um furacão ou um terremoto seriam bem-vindos. Como é o ditado? Daqui a cem anos, ninguém vai se importar com a limpeza da sua casa, com quanto dinheiro você tem, blá, blá, blá. Mas eles não conhecem minha mãe nem Ren. Elas se importariam. Cem anos não são nada.



Bethany foi e voltou várias vezes, dividindo-se entre o outro casal e nós. Aparentemente, falamos demais, e o supercasal é muito rápido e decidido.

— Já decidiram que esquema de cores vai mostrar aos convidados “essa é a nossa assinatura, isso somos nós, isso é quem somos”?

Existe um esquema de cores para isso-está-completamente-ferrado?

Não olhei de verdade para as fotos. Estive virando as páginas sem vê-las e resmungando ameaças veladas em voz baixa. Tudo está perigosamente próximo de se revelar, de uma mentirinha à seguinte.

— Hã... vamos fazer tudo bem simples, em tons diferentes de rosa e branco — anuncio com uma risada nervosa, fechando o livro com um barulho alto. Não me importa. Não realmente. Invente alguma coisa e me deixe ir embora.

— Certo, muito bem. Então venham comigo, temos que escolher a música para sua primeira dança.

— Ótimo. — Levanto depressa e derrubo a cadeira. Seguro-a antes que atinja o chão e rio outra vez, com nervosismo. Estou uma pilha de nervos. Francamente, não vou aguentar tudo isso por muito mais tempo. Acho que ela sabe. Vai ter que ser um tiro duplo — Rand Peterson e a organizadora de casamentos. Dois por um. Talvez eu consiga um desconto.

— Venham comigo, pombinhos. — Ela nos leva ao corredor. — Vou chamar o outro casal. Só um segundo. Vai ser *super!* — Ela franze o nariz e espera que nós dois nos retiremos da sala.

Por que essa mulher faz isso? Por que acabei de fazer a mesma coisa?

Sigo em linha reta pelo corredor em direção à porta, atravessando o mar de papel de parede rosa e branco, sem esperar por Shane. Se há outro casal, pelo menos não vamos ter que conversar.

Entro na sala de música e estaco, perplexa. É uma miniatura de salão de baile.

— Kensington, vai dar tudo certo — Shane diz, ao parar atrás de mim.

Viro e o encaro, no exato instante em que Bethany entra na sala seguida pelo outro casal.

— Kenzi? Kenzi Shaw? Ai. Meu. Deus!

Nada vai dar certo.

— Kenzi, sou eu, Liza Evans! Bem, futura Liza Evans Matison. Este é o Ryan. — Ela está praticamente quicando de entusiasmo. Para o noivo, Liza diz: — A

Kenzi e eu estudamos no mesmo colégio, minha mãe e a dela jogavam tênis no clube. Espere só até eu contar a ela quem encontrei!

— Oi. Uau. Não é incrível? — falo, tentando refletir seu entusiasmo. São muitas pessoas para abater a tiros.

Bethany usa um controle remoto para diminuir a intensidade das luzes. Um globo de espelhos gira, dependurado no teto, e uma balada de Celine Dion começa a tocar. Todos olham em volta, fascinados, quando a sala é transformada em uma discoteca.

— Muito bem, meus casais felizes. Peguem o parceiro e vamos dançar. — A voz de Bethany soa ainda mais fina quando ela fala alto, tentando superar a música. — Vamos tocar trechos das canções mais escolhidas para a primeira dança. Quando gostarem de uma, gritem “pare”.

Pare!

— Dançam! — Ela bate palmas duas vezes, o que me faz pular, assustada.

“The Power of Love” brota dos alto-falantes. Liza exclama que essa é a melhor música de todos os tempos. Ela e Ryan se abraçam e começam a girar e a rir. Estou a um passo de um completo e definitivo esgotamento. Ellie disse a Shane onde eu estava. Ela também está na minha lista de nomes para o pistoleiro de aluguel.

— Dançam! — Bethany bate palmas novamente.

Shane estende a mão, eu a pego e assumo minha posição. Ele ri baixinho.

— Pare com isso! — resmungo. A música passa para um ritmo mais acelerado e fazemos o possível para acompanhá-la. — Não tem graça — acrescento quando rodamos, mas chega a ser quase engraçado. — É um desastre, um completo desastre. E *você!* Ou concorda com tudo, balançando o pescoço feito um boneco de mola, ou fica falando como um John Wayne transtornado. — Recuo e olho para ele. — E a mãe dela conhece a minha! *Só pode ser brincadeira!* — Viramos.

Liza e o futuro marido estão dançando e conversando. Bethany oscila ao som da música, com os olhos semicerrados. Acho que ela está meio chapada.

— Continuem até se sentirem emocionados com alguma coisa — Bethany fala no meio da música, depois aperta um botão do controle remoto que está segurando. Agora ouvimos “Crazy Love”, de Brian McKnight.

— Isso é loucura — murmuro. É só uma dança. Sou só uma esposa de mentirinha. *Esposa de mentirinha*. Jennifer Aniston e Adam Sandler. Ela finge ser noiva dele. Minha vida é mais parecida com um filme do que eu pensava. *Tudo bem, respire, dance, está tudo bem. Bem louco*.

Virmos e Bethany olha para nós, então eu sorrio.

— Eu não disse que era o Bradley, você disse... Lembra, *amor?* — Shane sussurra.

Estou estressada, mas a sensação do hálito morno em minha pele faz meu coração bater por um motivo diferente.

— Como eu ia explicar quem você é? — sussurro em resposta. — E pare de me chamar de amor. — Fecho os olhos e sufoco o riso. Ele fica ridículo imitando Bradley.

— Você podia ter dito que eu era um colega de trabalho. Então a gente podia combinar de conversar mais tarde.

Hum, não pensei nisso.

— Eu entrei em pânico — respondo, sentindo o calor do constrangimento queimar meu rosto.

Ele me puxa para mais perto.

— Não estou reclamando, Kensington.

Recuo para abrir espaço, atrevendo-me a olhar em seus olhos.

— Você não devia ter me beijado.

— Não beijo mais, a menos que você peça, e só se não tiver mais essa coisa no dedo. — Ele olha para o anel.

Sinto um aperto no peito. Sei o que ele está dizendo, mas não tenho certeza do que está oferecendo. O que ele está oferecendo, de verdade? Um romance? Um talvez? Uma vida?

Outro clique e a música muda bruscamente de novo. Agora é “(I’ve Had) The Time of My Life”, de *Dirty dancing*.

Estou sem fala. Nós apenas nos entreolhamos. Os lábios de Shane se distendem em um sorriso. A música está tocando, e o momento se apresenta. Mais uma cena de filme. Shane inclina a cabeça como se quisesse dizer “por que não?”.

— Será que pode deixar essa tocar até o fim, Bethany? — ele grita acima da melodia, sem esperar minha resposta e sem desviar os olhos dos meus. Shane

coloca as mãos uma em cima da outra sobre o coração. E bate no peito em um *tump-tump, tump-tump* duplo.

Tudo parece desaparecer, exceto ele. Estou atordoada, enquanto minha mente gira pelas cenas do filme.

— É um sentimento. Uma pulsação. *Ga-gum. Ga-gum.* — Sua voz é baixa, hipnótica. Shane segura minha mão e a põe sob a dele, enquanto mantém, com a outra, o gesto sobre o coração. — Feche os olhos, Kensington.

E me puxa para perto quando começa a se mover, ainda segurando minha mão junto ao peito, e posso sentir seu coração batendo. *Ga-gum. Ga-gum.* Tudo bem, pensamentos calmos. Oceano. Gaivotas.

Depois de um tempo, meu coração bate mais devagar, acompanhando o dele, e não consigo discerni-los. Eu me perco na melodia, cercada pelos braços de Shane, e me sinto balançar. Cenas de *Dirty dancing* se sucedem em minha cabeça, e vejo aquela em que Patrick Swayze ensina a personagem de Jennifer Grey a dançar. A ouvir. *Ga-gum. Ga-gum.*

Recuo um passo, sorrio e recito a fala do filme:

— Veja, braços de espagete, você tem que manter a postura. — Levanto os braços dele e aponto para o espaço entre nós. — Este é seu espaço de dança; este é meu espaço de dança.

Os olhos de Shane se acendem com um brilho divertido.

— Não quero espaço. — Ele me puxa de volta para perto.

— Isso! Você tem que manter a postura! — grita Bethany.

O mundo ressurge a nossa volta.

— É exatamente isso. — Ela vem em nossa direção, apertando o botão do controle remoto numa sucessão rápida. E para em “Hungry Eyes”. Bethany puxa os braços de Shane, depois posiciona os meus. — E é no dois. Um e dois. Muito bem. — Agora ela se move conosco. — Um e dois. Isso. Entenderam. Continuem. — Ela está atrás de mim, com uma das mãos em meu quadril, a outra entre minhas omoplatas.

Ah, de jeito nenhum.

— Isso, muito bem. Mantenham o queixo erguido.

Shane está sorrindo, olhando para ela por sobre meu ombro, depois para mim. Tento não dar risada. Essa não é exatamente a cena de filme que eu

imaginei. Estamos dançando como Johnny e Baby dançaram com Penny. Liza e o noivo pararam e estão olhando para nós três.

Shane ri.

— Temos que fazer o levantamento.

— O quê? — estaco, o que obriga Bethany a fazer o mesmo.

— É, o levantamento do filme. A Bethany pode mostrar para a gente, certo?

Shane se afasta.

— Não. — Não acho que temos capacidade para isso. Além do mais, eles treinaram na água e em um campo. Lugares macios.

— Ah, ele consegue. Você só precisa confiar nele. — Bethany aperta o botão do controle remoto e a canção recomeça. — Agora, Kenzi, você só precisa dar impulso e flexionar os joelhos quando se aproximar e pular. Ele faz o resto.

Meus olhos se movem dela para ele e de volta para ela. *Isso é sério?*

— Vamos lá. — Shane dá alguns passos para trás e estende a mão. Move o dedo indicador me chamando, como Patrick Swayze na apresentação final no resort.

Dou risada, certa de que vamos acabar no chão, em um amontoado de dor.

— Tudo bem. — *Não acredito que estou fazendo isso.* Flexiono os joelhos e apoio as mãos nas coxas para ganhar impulso. Corro para Shane com um sorriso idiota colado no rosto e, bem na frente dele, salto; sinto suas mãos em minha cintura e apoio as minhas em seus ombros. Ele me levanta e... e... — Ai, meu Deus!

Não conseguimos muita altura, mas também não fomos para o chão.

— De novo. Dessa vez, confie nele de verdade — diz Bethany.

Tudo bem. Volto ao ponto de partida, estou preparada.

Shane está pronto.

— Lembre-se, você vai me machucar se não confiar em mim. Não é essa a fala?

— Não foi isso que aconteceu?

Seus olhos ganham suavidade.

— Nunca mais, Kensington.

Meu coração dá um pulo. Eu corro. Ele segura minha cintura. Eu salto... e estamos... Ai, meu Deus! *Estou no alto! Estou no alto! Sou a Jennifer Grey! Ha, engula essa!*

— Mantenha a posição, Kenzi. Vocês estão conseguindo! — Bethany grita, animada.

Bem, estamos conseguindo alguma coisa. Não é nada gracioso, de jeito nenhum. Os braços dele não estão completamente estendidos, e eu me seguro nele, em vez de abrir os braços. Mas não está ruim. Liza e Ryan aplaudem e assobiam, dando saltinhos no lugar.

Ah... Ah, não.

— Ei! — estou me deslocando para frente. — Ai, aaaiii...

Shane recua depressa, tentando recuperar o equilíbrio. Instintivamente, abaixa as pernas e joga o corpo para trás, a fim de descer. Meus braços estão apertados em torno do pescoço dele, as pernas envolvem sua cintura.

Ele me segurou.

— Ai, meu Deus. — Estou rindo. — Desculpa.

Todos aplaudem.

Shane sussurra só para mim:

— Eu nunca vou me arrepender. — É a fala da cena final do filme. O fim do romance entre eles.

Mas não acredito que o nosso tenha terminado.



Os delírios cinematográficos de Kenzi Shaw

É terça-feira. Tive a noite toda para processar. Planejar. Quando entro no escritório, estou tentando manter as coisas em perspectiva. Pensando bem, o céu não caiu. Ren não sabia de nada quando falei com ela, e Bradley parecia normal quando falou comigo. Sendo assim, talvez a variedade de calamidades sobrepostas não tenha progredido para nada além disso — pelo menos ainda não.

Não tem ninguém no escritório. Acendo as luzes e deixo minhas coisas em cima da mesa. Tenho uma muda de roupas para o paintball depois do expediente, e uma mala pronta no carro, caso Clive ainda queira me fazer visitar a fazenda de Shane. Ou caso, no último minuto, eu decida fugir para Las Vegas.

Gosto dessa opção. É promissora. Meu plano B é me fazer feliz sozinha. Então, chamaremos Vegas de um sólido plano C.

Por enquanto, estou vestida para uma batalha de confiança. Minha batalha. Preciso de alguma coisa para enfrentar o dia. Saia cor de laranja, camiseta de manga longa e escarpins meia-pata formam a armadura que escolhi. A roupa anuncia que estou pronta para dominar o mundo.

Mesmo que eu não esteja.

Meus olhos vermelhos e inchados são um sinal revelador. Foi uma noite longa.

Não consigo acreditar que, no passado, quando eu estava na faculdade, minha mãe incentivou Shane a desistir de mim. Ou que Tonya pensou que seria um erro eu ir com ele para a Inglaterra. Por que todo mundo se sente no direito

de decidir por mim? Minha mãe, Tonya, Bradley, até mesmo Shane. As palavras dele surgem em minha mente: *Não beijo mais, a menos que você peça, e só se não tiver mais essa coisa no dedo.* Agora ele não está decidindo. Está me deixando decidir. Mas também não ofereceu nada.

Preciso que ele ofereça? Isso muda tudo? Não, realmente não. O passado aconteceu, e estou definindo meu futuro. Independentemente do que outras pessoas façam ou deixem de fazer.

Só espero conseguir me controlar e seguir meu plano.

Abro o laptop, faço o login e começo pelo Facebook. Nenhuma atualização de Renon nem da minha mãe. Muito estranho. Sei que Ren ainda não se sente bem. Espero não ficar enjoada como ela quando engravidar. *Se algum dia eu engravidar.* O plano B não traz essa garantia.

Como vai ser quando eu vir Tonya é uma das preocupações em minha mente. Sei que ela recebeu meus recados malucos do fim de semana, mas não me ligou de volta. *Posso condená-la por isso? Sim, posso.* E condeno.

Ela deveria estar me pedindo desculpas, explicando que foi uma idiotice. Devíamos brigar e gritar. Ela deveria demonstrar vontade de acertar as coisas, mas, em vez disso, nem se importa.

Porque eu não sou importante. Não sou boa o bastante. Levo as mãos abertas à testa e me debruço sobre a mesa. Só preciso ser boa o suficiente para mim. Para os meus padrões. Minha vida. Minhas escolhas.

Com um suspiro determinado, digito um e-mail rápido e genérico para Shane, pedindo um retorno sobre o meu trabalho. Ele precisa aprovar a segunda etapa da campanha do Carriage House. Meu projeto conceitual está bem adiantado, embora ainda falte muito para concluir a lista. Clive já perguntou pelo andamento do trabalho, a fim de cobrar a segunda parcela. Abro o e-mail anterior que Shane mandou com a lista de filmes, copio e colo no fim da mensagem.

Sei qual é a implicação de incluir essa lista. É uma declaração de que ainda estou disposta a prosseguir com nosso acordo. Que eu *quero* prosseguir...

Risco o número dez e o número cinco e, antes de perder a coragem, envio a mensagem.

1. *Sintonia de amor*
2. ~~*Uma linda mulher*~~
3. *O diário de Bridget Jones*
4. ~~*Vestida para casar*~~
5. ~~*Dirty dancing: ritmo quente*~~
6. *Gatinhas e gatos*
7. *Simplesmente amor*
8. *Digam o que quiserem*
9. *Mensagem para você*
10. ~~*O casamento do meu melhor amigo*~~

Abro a peça do Carriage House com as cenas de filmes e uso a caneta e o tablet para acrescentar traços finos e detalhes às imagens do pôster de *Sintonia de amor*. Estou usando dois pôsteres para a montagem: o principal, com Meg Ryan e Tom Hanks se olhando, e uma imagem do Empire State Building com o coração desenhado por janelas iluminadas.

Tarde demais para esquecer é uma refilmagem de *Duas vidas*, e o filme *Sintonia de amor* é baseado em ambos. Nos dois originais, não era Dia dos Namorados quando eles combinaram de se encontrar no topo do Empire State Building; era só um dia qualquer de janeiro.

E, em *Tarde demais para esquecer*, o personagem de Cary Grant, Nickie, é pintor. Um talento desconhecido, ele nunca tentou realmente vencer no mundo das artes, até ser inspirado por Terry, personagem de Deborah Kerr.

Isso me toca em muitos níveis. Com Shane, eu me sinto inspirada a tentar. Mesmo que seja sem ele.

O ícone de mensagem de voz aparece na tela do meu celular com o som característico. Respiro fundo, enxugo as lágrimas que se acumularam em meus cílios e ouço a mensagem. É de tia Greta.

— Oi, menina. Me ligue quando ouvir essa mensagem.

Só isso. Será que a organizadora de casamentos disse alguma coisa para Ren? Ren disse alguma coisa para minha mãe, que depois disse alguma coisa para tia Greta? Estou ligando para ela, me preparando para o pior. Meu coração bate

depressa. Queria controlar a distribuição do prejuízo ao longo do dia, não ser atropelada por ele.

— Você foi rápida.

— Oi, está tudo bem? — *Por que perguntei?*

— Sim, tenho certeza que vai ficar.

Ouçõ uma nota tensa na voz dela. Estou imaginando essa tensão? *Merda, não quero explicar o dia de ontem.* Ontem não faz parte do plano de hoje. E vou seguir meu plano.

— Você conversou com a Ren?

Ai, Deus. Meu plano está arruinado. Sinto o coração apertado.

— Não... Por quê? — Imagino o escândalo que minha mãe fez quando Ren lhe contou o que a organizadora de casamento provavelmente disse. Os fatos foram expostos. O plano C agora parece muito bom.

— Ela está ficando um tempo na casa da sua mãe. Só pensei que...

Espere.

— O quê? Eu falei com ela mais cedo. E ela não disse nada.

— O Grayson está se comportando como o adorável teimoso que é. E a Ren é a Ren, mas com um toque de desequilíbrio hormonal. Uma combinação deliciosa. Ela saiu de casa ontem.

— *Nããã!* A dupla perfeita Renson está brigando? — Talvez ela não estivesse só enjoada ontem.

Tia Greta ri.

— *Em guerra* descreve melhor. Ela conversou com você? Fez alguma confidência?

— Comigo? — Sinto meu queixo cair. — Por que ela conversaria comigo? Ela não está na casa da minha mãe? Tenho certeza que as duas...

— Não. Nem uma palavra. Sua mãe me ligou sem saber o que fazer. A Ren está lá, sentada e chorando. O Grayson até tentou, mas ela se recusa a vê-lo. O problema deve ser sério, se quer saber minha opinião. E sei que você provavelmente não percebe, mas acho que ela conta com você. Como se fosse a irmã que ela nunca teve.

Definitivamente, implicamos uma com a outra como irmãs.

Assim que me despeço de tia Greta, ligo para o celular de Ren. Preciso deixar uma mensagem, pelo menos. Nem sempre gosto dela, mas não a odeio.

Ensaio mentalmente o que dizer: *Estou preocupada, espero que as coisas se acertem, se precisar de algo me ligue, blá, blá, blá.* Sei exatamente o que dizer.

— Alô? — ela atende no primeiro toque.

Não sei o que dizer.

— Alô? — A voz de Ren treme, como se estivesse chorando.

— Ah, oi, desculpa. Pensei que ia cair na caixa postal.

Silêncio.

Ai, tudo bem. Recosto-me na cadeira.

— Você está bem?

É a pergunta que rompe o dique.

Ninguém havia pensado em perguntar? Sério? São vinte minutos de Ren chorando e me contando que Grayson não a apoia, não a entende e que ela não quer que minha mãe saiba demais porque vai se envolver e pode culpá-la pelos problemas. *Ah, essa parte eu entendo bem.*

Vinte minutos de como ela tem tido enjoos, e não só de manhã. Vinte minutos de não saber o que esperar quando o bebê nascer. Vinte minutos nos quais percebi que temos mais coisas em comum do que eu pensava.

— Sabe aquele dia que você ficou brava com a sua mãe por causa das pinturas da faculdade? E você disse a ela, quer dizer, a *todo mundo* como se sentia?

Ah, não. Eu me preparo para um sermão.

— Sei.

— Eu queria conseguir fazer isso. Dizer exatamente o que penso, mesmo que pareça maluca.

— Certo... — Não sei bem como reagir.

— O que eu quero dizer, Kenz, é... Eu sempre me preocupo que, se o Grayson me vir perder a cabeça, e estou falando sobre *realmente* perder a cabeça, como você faz, acho que posso... não sei, posso perdê-lo. — A voz treme e ela funga. — Perder todos vocês, talvez.

— Ren... — Não sei o que dizer.

— Mas você não se preocupa com isso nem em relação ao Bradley, e ainda nem é casada. Simplesmente fala o que pensa e nem se importa...

— Não, eu me importo. *Eles* é que não se importam. — Minha voz adquire uma nota diferente. — Eles não se importam nem um pouco! Por *isso* eu fico tão brava.

— Mas eles se importam, sim. Sua mãe ficou muito chateada quando você foi embora. Seus pais brigaram por causa disso.

Levanto o corpo na cadeira.

— Sério?

— É... — Ela inspira demoradamente.

Fico quieta por um instante, tentando processar.

— Sabe de uma coisa, Ren, somos família, certo? — *Não acredito que estou dizendo isso*. E ainda por cima é uma declaração sincera. — Não vamos sair correndo e sumir. E, para ser franca, eu adoraria ver você perder a cabeça de vez em quando. Não precisa ser tão perfeita. Na verdade, eu me sentiria menos maluca se você explodisse de vez em quando.

— Bom, essa coisa de gravidez é mais difícil do que eu pensei, é uma mudança enorme e... — A voz dela treme de novo.

— É mesmo uma mudança enorme. E o Grayson precisa participar e ajudar. Você precisa ir para casa agora e dizer a ele tudo o que pensa. Falar tudo mesmo. Garanto que você não vai perdê-lo. Ele te ama, só é... o Grayson.

— É, tudo bem. — Ela ri. — Vou fazer isso. Acho que vou realmente falar o que penso. Obrigada, Kensington. — Ela soluça e assoa o nariz. — E, Kenz... — Outro soluço. — Ontem você disse que estava confusa em relação ao Bradley?

Ela está passando por toda essa dificuldade e ainda se lembra disso?

— É... — É tudo o que consigo dizer, e minha voz soa baixa, pequena.

— Escute, mesmo estando brava com o Grayson, e ele é capaz de me deixar *muito* furiosa... ainda tenho certeza que ele é o amor da minha vida. O único cara para mim. Quem mais ia rir das minhas piadas idiotas? Ou fazer queijo quente para mim depois de um dia difícil? Entende o que eu digo? Isso tudo já é muito difícil, então você *precisa* ter certeza.

Agora, eu é que tenho lágrimas nos olhos. Ren não está me julgando. Não, ela só está me dizendo para ter certeza. *Uau*.

— Obrigada, Ren.



Entro na sala de reuniões e acendo a luz, inundando o ambiente com uma luminosidade pálida e amarelada. As três impressões de minhas pinturas ainda estão apoiadas no quadro. Não são tão ruins. É claro, agora não tenho mais os originais para poder comparar. *Minha mãe ficou chateada.*

Tiro o anel e o giro, distraída, entre os dedos. Talvez eu pudesse abrir meu ateliê. Nunca nem tentei. Por que não?

O casamento dos meus sonhos surge em minha cabeça. A cena em que Steve, que é noivo de Fran, fala com o amigo sobre Mary: “A Fran é ótima, mas... e se o que eu acho que é ótimo for realmente ótimo, mas não tanto quanto alguma coisa ainda melhor?”

E se não for?

Posso realmente ficar sozinha?

Passsei a noite toda pensando nisso. E Ren está certa, *você precisa ter certeza.* E eu tenho. Agora só preciso de coragem para agir de acordo com essa certeza.

— Ei, o que está fazendo aqui sozinha? — Ellie está na porta. Parece culpada. Ela não devia ter contado a Shane sobre a organizadora de casamentos ontem, e eu estou brava, mas não com ela. Não realmente.

— Oi — respondo, enxugando os olhos e virando para ela.

— Kenz, eu tentei avisar que o Shane estava a caminho. — Ela dá alguns passos para o interior da sala.

— É claro, depois de contar a ele onde eu estava, certo? — Eu me sento na cadeira.

— É, depois. — Ellie puxa uma cadeira e se senta também. — Mas eu juro que ele praticamente me obrigou a falar.

Estreito os olhos. Ellie deve ter pegado o endereço no Google e imprimido o mapa para Shane.

— Está tudo bem? Não parece.

Movo a cabeça para cima e para baixo e forço um sorriso pálido.

— Vai ficar.

— Então... — Seus lábios se levantam ligeiramente. — O que aconteceu ontem?

Dou risada, apesar de tudo, depois explico a confusão e como as pessoas pensaram que Shane era Bradley, e falo sobre a imitação ridícula.

Ellie olha para mim com ar incrédulo.

— Mas por que pensaram que o Shane era o Bradley?

Levanto o queixo, depois aceno como se a pergunta não fosse importante.

— É complicado. Enfim... — Conto sobre os passos de dança de *Dirty dancing* e sobre o outro casal, que os conheço e a mãe dela conhece a minha. Em seguida, me inclino para frente, chego mais perto dela e baixo a voz até quase sussurrar. — No sábado, depois da sinfônica, ele me beijou.

Ellie está boquiaberta, mas me preparo para o grande encerramento, o momento ai-meu-Deus. *Por que não?* Já estou enrolada mesmo.

— E ontem o Shane disse que não voltaria a me beijar, a menos que... — Bato no anel. — A menos que eu me livre disso aqui e cancele o casamento.

— Você vai cancelar o casamento? — Tonya está parada na porta.



— Então, o que quer comer? — Bradley pergunta quando caminhamos para seu BMW estacionado na garagem. Vamos almoçar, embora seja tarde. — Pizza?

Talvez, se fosse na Itália. Quero ir a qualquer lugar longe daqui. *É isso mesmo que vou fazer?* É preciso ter certeza. E eu tenho certeza. É isso que vou fazer.

— Hum, eu esperava que pudéssemos conversar.

O carro destranca as portas com um ruído.

— Tudo bem, podemos conversar enquanto comemos. Estou morrendo de fome.

O que estou fazendo? Não posso fazer isso. Mas vou fazer. *Ai, meu Deus, eu vou fazer:* Passei tempo demais medindo meu valor de acordo com os padrões de outras pessoas, e não posso continuar com isso.

Estou exausta de tanto tentar.

É hora do plano B, que é, na verdade, o plano E. De *Eu*. Mesmo que isso signifique que não tenho plano nenhum. O plano B só quer dizer que o plano A não funciona mais.

— Eu não posso me casar com você.

As palavras ficam suspensas no ar.

Bradley segura a chave na ignição, mas o movimento fica estagnado.

— Eu, hã... — Meu peito está apertado. Não quero magoá-lo. Não é essa minha intenção.

Ele parece confuso, mas inclina a cabeça para trás e levanta as mãos abertas.

— Se você não está satisfeita com a organizadora, ou qualquer outra coisa, amor, podemos mudar tudo.

Apesar do que está falando, a expressão dele revela que entendeu o que eu disse. Posso ouvir as batidas do meu coração. Não acredito que estou fazendo isso. *O que estou fazendo?* Mas a verdade é que eu sei o que estou fazendo.

Tiro o anel do dedo e o ofereço a ele. Lágrimas inundam meus olhos e transbordam.

— Me desculpa, Bradley. — É um sussurro, e é sincero.

Suas narinas se estreitam, resultado de uma inspiração profunda. Bradley desliza a mão pelo queixo e sopra o ar demoradamente.

— O que você está fazendo, Kenz? Isso é sério? O que a sua família vai dizer?

— O que a minha família vai dizer? — Ele está confirmando o que eu penso.

— Neste momento, não me interessa o que eles vão dizer. Por que você se importa com isso? — Novamente, empurro o anel na direção dele.

Seus olhos azuis procuram os meus. Bradley segura minha mão entre as suas, com o anel.

— Você sabe que eu te amo. Sabe que faz sentido ficarmos juntos. Podemos marcar o casamento para quando você quiser. Mas pense no que está fazendo, tudo bem? Não tome uma decisão irracional. — Ele solta minha mão, depois se recosta no banco.

Bradley não mentiu para mim. Não fez nada de errado. Ele disse que me ama.

— Eu te amo, Bradley. Mas...

Não é como nos filmes.

E aí está. A verdade. Meu verdadeiro, sombrio e profundo segredo. Chegou a hora de confessar.

— Eu acho... Não, eu *sei* que quero mais do que isso. Eu quero... — Viro para ele, decidida a fazê-lo entender. — Eu quero o que vejo nos filmes, quero...

— *O quê?*

— Não, escute. Quando os personagens principais se conhecem, você sente aquele calor e aquela esperança, sabe? E rimos, às vezes até surgirem lágrimas; rimos de todas as situações constrangedoras em que eles se envolvem tentando ficar juntos. E depois tem aquela romântica declaração de amor, e você se encanta porque eles finalmente estão juntos. E têm que estar. Você sabe disso. E, embora fosse completamente previsível, você chora. *Eu choro...* — Percebo que estou chorando e sorrindo, e provavelmente não faço o menor sentido.

Ele está balançando a cabeça, com o lábio superior retraído.

— Olha, eu não sei o que significa tudo isso, mas este é o mundo real e...

— Mas eu não quero o mundo real. Você não está me escutando.

— Tudo bem, vamos um pouco mais devagar.

Ainda segurando o anel, me recosto no banco. Isso é horrível. Lágrimas correm em meu rosto. *Se sei que essa é a coisa certa a fazer, por que é tão difícil?* Pigarreio e tento novamente.

— Eu sei que isso parece repentino, e talvez não seja compr...

— É o Bennett, não é?

Meu coração pula uma batida. Levanto a cabeça e olho para ele. Estou magoando Bradley. Balanço a cabeça.

— Não. Não é. Sou *eu*. Em algum ponto ao longo do caminho, sei lá, eu perdi de vista quem eu sou, o que quero para mim... E, sim, eu quero me casar e ter filhos, mas...

— Eu não entendo, Kenz. Quer dizer... — Ele está tenso, com uma expressão confusa.

E por que não estaria confuso? Eu ainda estou tentando entender.

— Bradley, me desculpa. Eu te amo, mas não é o suficiente. Não é...

— Chega. — Ele levanta a mão para me impedir de falar. — Não diga mais nada, por favor. Só... *Que merda, Kenzi*. — Seus olhos estão úmidos e ele parece devastado. Bradley liga o motor sem olhar para mim. — Só pense bem no que está fazendo. Eu, hã... preciso clarear as ideias.

A culpa me devora por dentro, feito ácido. Assinto e limpo as bochechas.

— Tudo bem. — Eu devo isso a ele. Devo-lhe a chance de digerir o que eu falei.

Minha mão treme quando toco a maçaneta.



Estou atordoada. Sentada diante da minha mesa, com os fones de ouvido, pinto furiosamente e ocupo as últimas horas do expediente. Eu devia ir embora para Vegas agora mesmo. Minhas malas estão prontas. Não tenho biquíni, mas posso comprar um lá. Ellie pode ir comigo. O que acontece em Vegas fica em Vegas, certo?

Eu poderia ficar em Vegas. Isso poderia acontecer.

Minha mãe ligou de novo. Não estou preparada para conversar com ela. Não sei se ela está ligando para falar sobre a organizadora de casamentos ou se Bradley telefonou para Grayson. Porque, se telefonou, é claro que Grayson contou para minha mãe.

Bradley não voltou. Acho que não posso culpá-lo. Ellie deve estar visitando algum cliente, e não está online. Vejo Tonya se aproximando pelo corredor. Ela não olha para mim. Sua boca está bem fechada, tensa, e seus passos rápidos a levam para a porta mais depressa do que é necessário.

Não acredito que cancelei o casamento. Estou arriscando tudo para quê? Não tenho nenhuma garantia de Shane. Nada. Ele me pede tempo, me envolve com essa coisa de lista romântica, depois recua e diz com aquela voz sexy e o sotaque britânico: “Por favor, termine o noivado, depois talvez eu te beije de novo”.

E o mais idiota é que... eu fiz exatamente isso. Terminei o noivado com um homem bonito e estável. Mas não foi por Shane. Eu não fiz isso por ele. É parte do meu plano. O plano subir-na-torre-e-resgatar-aquela-pessoa.

E quem estou resgatando?

Eu mesma.

A garota com tinta no cabelo que ainda acredita em contos de fadas, só que esta é a versão adulta. Porque talvez não exista um feliz para sempre com alguém; talvez tenha a ver com ser feliz consigo mesma.

Preciso pensar em um novo emprego também. E, se o que Clive disse é verdade, se estamos mesmo com problemas financeiros, procurar um novo emprego é uma decisão sensata.

Meu estômago se revira. Eu poderia abrir meu ateliê.

Então por que ainda estou com o anel? Por que não telefonei para tia Greta, ou para minha mãe, e dei a notícia? Ou para Ellie? Não falei com ninguém, só fico checando o celular para ver se Bradley ligou, e observando a porta para ver quando ele voltar. *Ele vai voltar?*

E quanto ao paintball com os clientes depois do expediente? Shane vai estar lá. Bradley também, provavelmente. Tonya não pode deixar de comparecer. Os cabelos em minha nuca se arrepiam quando olho para o relógio.

É como a bonança que precede a tempestade.



Armações fracassadas

O River Paintball parece um campo militar com obstáculos malucos. Fardos de feno e pneus de trator ocupam aleatoriamente o espaço entre fortes de madeira e muros de pedra. Estamos aqui para jogar em campo aberto, o que significa que nosso grupo vai dividir o espaço com outros. Há juizes e regras para a prática. Mas nem imagino quais são, porque não estou prestando atenção.

— Pare de olhar para ele — Ellie cochicha, enquanto ajeito meu traje de combate. Que é muito atraente, aliás: um macacão preto com zíper na frente e um logotipo gigante nas costas. Poderia ser um alvo.

— Ele quem? — Olho para ela. Shane está com Clive e Rand Peterson, ouvindo a ladainha do juiz. E equipado no estilo militar. Noto a tinta preta espalhada embaixo de cada olho e a arma apoiada no quadril, com um cinto de munição pendendo da cintura. O que seria muito sexy se a arma não fosse azul-neon com um visor transparente na parte de cima.

Não, ainda é sexy.

Percebo que ele olha em nossa direção. Provavelmente porque continuo olhando para ele. Finjo não notar.

— Vem cá. — Ellie suja meu rosto com uma coisa que parece graxa.

— Não acho que isso seja necessário — protesto, mas a deixo continuar.

Todo mundo do escritório está aqui, exceto Bradley. Ele não apareceu até agora. Tonya está ajudando Maggie, a recepcionista, a vestir o macacão. Elas conversam como se fossem melhores amigas, e Tonya fala com alguns de seus

clientes também. Ela se acha descolada demais para jogar, mas vestiu o macacão para apoiar a equipe. Não falou mais comigo depois de hoje à tarde. Não me importo. Não tenho mesmo nada para lhe dizer.

Só para constar: Shane não fala comigo desde ontem. Também não conversei com minha mãe, que telefonou duas vezes. Só conversei com Ellie, mas, quando ela notou que eu não usava mais o anel, eu disse que não queria discutir esse assunto.

— Lá vem o Bradley — Ellie sussurra e aponta para o outro lado do campo com uma expressão apavorada.

A minha não é lá muito diferente. Meu estômago parece cair até o chão. Ele chegou. Não acredito que veio. Francamente, eu não esperava que ele aparecesse. *O que vou dizer?*

Clive o vê e começa a andar em sua direção com o equipamento. Bradley está olhando para Shane. O que aconteceu com a intenção de clarear as ideias? Ele parece furioso. O queixo está tenso, as sobrancelhas quase se encontram. Queria saber com quem ele conversou. Tonya se vira e olha primeiro para ele, depois para mim.

Uma buzina soa, e podemos nos espalhar pelo vasto campo de obstáculos e barricadas. Deve haver uns trinta jogadores da Agência Safia, se incluirmos os clientes, e uns vinte outros no campo. Quando a segunda buzina tocar, será hora de começar a guerra.

— Ellie, vamos. — Agarro o braço dela com uma das mãos e minha arma de tinta com a outra. Estou me sentindo meio renegada e encenqueira. Estou furiosa com o mundo, furiosa comigo mesma e pronta para...

Ouço a segunda buzina.

— Merda! — Abaixo o capacete e começo a correr para a lateral do campo, onde grandes pneus de máquinas agrícolas formam pilhas. — O plano é o seguinte: vamos nos esconder.

— Esconder? Que tipo de plano é esse?

Tiros cortam o ar, zunindo como mosquitos.

— Um bom plano! — Agora estou correndo. Pessoas gritam e se espalham em todas as direções. Isso é insano. Monstruosos pneus de trator foram empilhados como uma escada. Subimos no primeiro, depois passamos para a pilha de dois pneus e caímos dentro da torre de três.

Os tiros e gritos soam abafados lá dentro.

— Em *Armações do amor*, ela corre e se esconde, e depois, no final, pula e consegue atirar na última pessoa que resta. Esse é o plano. — Uma bala de tinta explode num pneu no alto da pilha.

— Tudo que me lembro desse filme são os dedos no gatilho e o V de vitória — Ellie levanta os dedos fazendo o sinal da paz.

Outra bala passa zunindo e explode bem perto de nosso capacete. Gritamos, depois espiamos por cima dos pneus como marmotas, com apenas a ponta da arma de tinta para fora do esconderijo.

— Lá está o Bradley — diz Ellie, apontando com a arma. Ele parece Rambo, todo fúria e coragem. — E lá está o Shane. Eles estão trocando tiros. O Bradley está gritando alguma coisa. — Ellie olha para mim. — O Bradley acha que o Shane é culpado por você ter cancelado o casamento?

— Talvez. É, provavelmente — respondo, vendo os dois se esquivarem dos tiros que direcionam um ao outro. Rand está ao lado de Shane. Eles quase acertam Bradley, que é ajudado por Clive. *Onde isso se qualifica como um evento para fortalecer a equipe ou confraternizar com o cliente?* Maggie corre pelo campo aberto agitando os braços.

Ela é atingida! E cai. Está fora. *Ai, meu Deus, gente, parem de atirar nela!* Tonya sai da zona de segurança para ajudá-la.

— Tonya! — Ellie grita, acenando.

— O que você está fazendo? Dane-se a Tonya, ela nem está jogando! — berro, mas é tarde demais. Tonya sobe a escada de pneus e pula para dentro do nosso esconderijo.

— Ai, meu Deus. Que droga! — Ela escorrega até o chão, ofegante. — Essa coisa machuca! — E olha para mim quando faz essa declaração.

— Se você não está jogando, para que a roupa?

— Eles não me deixaram chegar perto do campo sem ela... Enfim, preciso falar com você. — Outra bala de tinta atinge a beirada do pneu e respinga no ombro de Tonya.

Nós três nos abaixamos ainda mais.

Eu bufo.

— Agora? Agora você quer conversar?

— Kenzi, escute, eu sinto muito, está bem? Não sei nem o que dizer. Eu só... Eu realmente não tive a intenção. Sinto muito, muito mesmo.

Olho para Ellie, depois para Tonya novamente. Por que se desculpar agora, se ela nunca o fez antes?

— Eu só... Merda. Foi antes de você vir trabalhar aqui. E depois, quando você veio, bom... o relacionamento de vocês não era sério, e depois ficou sério e a gente parou, mas aí aconteceu outra vez. Vocês estavam separados, ou brigados, pelo menos.

Espere. *O quê?* Outra bala de tinta passa sobre a nossa cabeça.

De repente, todo o barulho lá fora parece ter se fundido em uma coisa só. Vejo Tonya e ouço o que ela está dizendo, mas não entendo o significado. Olho para Ellie, que está de cabeça baixa. Sinto que estou abrindo a boca, mas não consigo formular nenhuma palavra.

Aí aconteceu outra vez. Vocês estavam separados. Meu queixo chega ao chão. *Bradley?*

Ela está falando sobre o Bradley!

— Ai, meu Deus. Você não sabia — diz Tonya, depois olha para Ellie. — Ela não sabia? Ai, merda. Pensei que você tivesse cancelado o casamento por isso. O Bradley disse que você devia ter descoberto. — Ela está em pé. Em pânico.

Uma sequência de tiros passa bem perto do peito de Tonya, disparada por alguém lá fora. Ela grita. Olho confusa para Ellie.

Ela está com os olhos cheios de lágrimas.

— Kenzi, eu acabei de descobrir, não sabia o que fazer.

Ela também sabia?

Tonya se abaixa outra vez.

— Kenz, não aponte isso para mim. O que está fazendo? Me desculpa, eu... — Ela levanta as mãos lentamente, num gesto de rendição.

Estou atordoada. *Não acredito nisso.* Tonya está de caso com Bradley? Tonya e Bradley. Tonya e Shane. Respiro pesadamente pelo nariz. Pisco para me livrar das lágrimas, recupero o foco e estreito os olhos, que agora são frestas furiosas.

Levanto a arma de tinta. Meu dedo se aproxima do gatilho.

— *Corre.*

Em um instante, Tonya pula e passa por cima do anel de pneus. Ouço seu grito quando alguém atira nela. Não consigo me mover. Ellie está chorando.

— Me deixa sozinha, por favor. — Quase não consigo pronunciar as palavras.

— Kenz, eu *acabei* de ouvir uma conversa entre eles. Juro.

A dor é como uma pedra dentro do peito.

— Eu terminei o noivado antes de saber. Então eu... Só me deixa sozinha. Por favor.

Ellie deixa o esconderijo, e uma bala de tinta passa raspando por sua nuca. Eu me sento e abraço os joelhos, encolhida dentro dos pneus de trator. Eu não precisava do alvo nas costas; acabei de descobrir que ele sempre esteve ali.

Eu me sinto mal, culpada. Estava preocupada por ter magoado Bradley, e todo esse tempo... Lágrimas quentes lavam meu rosto. Engulo com esforço, sufocando a necessidade de chorar e gritar.

Meu plano B acaba de se tornar um plano de sobrevivência.

Em todas as comédias românticas que vi, a garota nunca acaba sentada dentro de uma pilha de pneus de trator, traída pelo noivo e pelas duas melhores amigas. Tudo bem, eu terminei com ele primeiro, e Ellie não me esfaqueou pelas costas, não realmente. Ela acabou de descobrir. Mas Tonya me traiu.

Dois vezes.

O anel de noivado foi como o pino de uma granada; eu o tirei e meu mundo explodiu.

E agora?

Não vim de carro, não posso simplesmente ir embora. Posso ficar aqui e cobrir de tinta quem se atrever a mostrar a cabeça lá em cima. Isso seria bom.

Olho para a arma de tinta e considero a possibilidade por um momento. Ainda não disparei um tiro sequer. Está carregada, e Ellie deixou sua munição. Sinto uma efervescente descarga de adrenalina.

Talvez.

O barulho a minha volta rompe de repente a névoa que me domina a mente. Ainda ouço os gritos e zunidos de balas, mas percebo que o número de pessoas agora é menor. Ouço a fala de Patrick Swayze em *Dirty dancing*: “Ninguém deixa Baby de canto”. E ninguém deixa Kenzi num pneu. Ou num casamento. Ou em uma versão do que minha vida deve ser. Anos de frustração, dedicados a agradar as pessoas, agora borbulham, ameaçam transbordar.

E eu deixo.

Pego o cinto de munição de Ellie e o penduro no ombro. Devagar, levanto para espiar o campo.

— Kenzi? — É Ellie. Está chorando. Sua voz é fraca. Ela não saiu dali. Está abaixada do outro lado da pilha de pneus. — Desculpa. Eu te amo. Você é minha melhor amiga. — Suas palavras saem atropeladas. — Eu ouvi a Tonya ao telefone e não sabia com quem ela estava falando, mas depois ela disse o nome do Bradley. Eu ia te contar, eu juro.

Olho rapidamente em volta e pulo para fora da coluna de pneus para me juntar a ela. Seus olhos estão inchados e vermelhos. Minhas lágrimas voltam. Pisco para secá-las. Tenho que manter o foco.

— Tudo bem. Entendi. Também te amo. — Seguro o ombro de Ellie e dou uma sacudida determinada. — Quer fazer as pazes comigo? Proteja minha retaguarda.

O rosto dela expressa alívio, depois pânico.

— O quê? — Seus olhos vermelhos estão arregalados.

— Vou atacar — grito por sobre o ombro e corro. Salto sobre uma árvore caída, colocada estrategicamente, e corro em direção às tábuas empilhadas. Ouço Ellie gritar enquanto corre atrás de mim.

Tinta amarela passa zunindo perto da minha orelha.

Um pouco dela respinga em meu uniforme. Aponto minha arma para o cara que atirou. Ele está correndo e... *ha, idiota!*

— Toma essa! — grito para o sujeito que nem conheço. Ele está coberto de manchas roxas. A sensação é boa. Continuo atirando nele enquanto corro para o forte seguinte.

O desconhecido grita:

— Já estou fora, pare!

Não paro. Na verdade, disparo uma última rajada roxa em sua direção. Ele tem sorte por eu não ter uma boa mira.

Estamos do outro lado do campo, bem na frente de onde Bradley e Clive estão escondidos. Rand está atirando em Bradley. *Ótimo. Acabe com ele.* Vejo Shane. Outra saraivada de tiros, e alguém rola como um ninja para outra barricada.

— Kenzi! — Ellie me empurra quando dois homens correm em nossa direção, com as armas cuspidando tinta. Corremos gritando, mas então vejo Tonya.

Ela está perto da linha lateral do campo, ainda vestida e aparatada para o jogo, conversando com clientes. Entra a música tema, alguma coisa alta e febril. É hora da ação.

Eu me levanto.

— O que você está fazendo? — Ellie me puxa pela manga para me fazer abaixar, mas me recuso.

Começo a andar em direção a Tonya.

— Kenz!

Estou ganhando velocidade.

Atacando.

Atiro.

É aí que o filme entra em câmera lenta. Munição roxa brota do cano da minha arma em raios de cor, num movimento preciso. Porém isso não é um filme, e estou longe de ser precisa. Acerto o chão, uma cadeira, depois outra, e quase pinto um cliente perto dela.

— Kenzi, pare! — Bradley grita, agitando os braços, em desespero.

Eu não paro. Estou concentrada nas costas do alvo duas caras e traiçoeiro que corre, tentando fugir de mim. Um macacão, a mochila de alguém, *ha! Acertei a perna dela! Ha! A outra perna!*

— Espere! Kenz, pare!

Tonya se esconde atrás de uma árvore. Eu me aproximo dela. Espalho um reinado de terror violeta.

— Kenz, pare, ela pode estar grávida!

Eu paro.

O mundo todo para.

Meus braços perdem a força. A arma de tinta pesa entre meus dedos.

Tonya espia de trás da árvore, meio escondida. Está respingada de tinta roxa e dizendo alguma coisa, mas não entendo as palavras.

— Você está *grávida?* — Não falo alto o bastante para alguém ouvir.

Ela pode estar grávida?

Do Bradley.

Quando viro, todos estão olhando para mim. Clive. Os clientes. Minha equipe de design. Pessoas que não conheço. Vejo Maggie. Escuto Ellie dizer alguma coisa. E Shane. Vejo Shane. Ele vem em minha direção.

Ai, Deus.

Ele viu. Ele ouviu. *Ele sabe.*

Saio correndo.



Não estou de carro. *Deus, não estou...* Continuo correndo pelo estacionamento. Preciso sair daqui. *O que eu faço?* Penso. A adrenalina agora me encharca, correndo em minhas veias. Esqueça aquela história de lutar ou correr. Ela grita: SAI DAQUI!

Minha respiração está ofegante. Estou testando portas. Acho que aquele é o carro do Clive. Está trancado. O alarme dispara. *Merda!* Ouço vozes me chamando. E os vejo. Giro e olho em volta procurando alguma coisa, qualquer coisa. Vejo uma van promocional do River Paintball. Um garoto punk está descarregando coisas pela porta lateral.

— Quer ganhar cem dólares? — grito, correndo para ele. Falo como uma maluca. Pareço insana.

— O quê? — Seus olhos se arregalam. *Ele está usando delineador?*

— Duzentos. Você só precisa me tirar daqui! — Olho por cima do ombro. Eles se aproximam.

O garoto segue a direção do meu olhar.

— Hum...

— Ótimo. Vamos. Depressa. — Já estou no banco do passageiro. — Vamos! Ele corre, contorna a van e salta para o banco do motorista.

— Vai, vai, vai! — grito.

A van arranca, e vejo Shane e Ellie correndo pelo estacionamento, seguidos por Bradley e Clive. Eles se aproximam de seus carros. Era *mesmo* o carro de Clive.

Olho para o garoto atrás do volante. Ele tem cabelo moicano e aqueles brincos que parecem rosquinhas, um em cada orelha. Uma argola enfiada no

lábio inferior. Os olhos arregalados olham para mim a todo instante. Abaixo a cabeça e percebo que ainda estou carregando a arma de tinta. Livro-me dela.

— Não é um sequestro — aviso, levando a mão ao peito, praticamente em pânico.

— Tanto faz... Você disse duzentos, certo?

Movo a cabeça para cima e para baixo. Temos que pegar o dinheiro em meu apartamento. Minha bolsa ficou no campo de paintball, não estou com o cartão do banco. Pelo menos trouxe uma cópia da chave para poder entrar. Meu celular toca no bolso interno do macacão. Alguém buzina atrás de nós. *Sério?*

— Vai! Depressa! — grito e viro para trás tentando ver quem é. Clive. E Bradley está com ele. O idiota do Bradley. — Acelera! Ali, entre na 465!

— O quê? Que merda, dona. — Mas ele entra. Estamos na via expressa.

Meu telefone continua tocando. Eu o pego e, sem olhar para a tela, atendo e grito:

— *Que foi?*

— Kensington, sou eu, sua mãe. Espero que você não atenda ao telefone sempre assim. Meu pai do céu, não foi assim que a eduquei.

Abaixo o telefone e aponto uma placa.

— Para o norte. Continue para o norte — digo e me viro no banco. Minha mãe ainda está falando. Clive e Bradley ainda estão atrás de nós. A buzina soa persistente, e agora Ellie e Shane os seguem no Range Rover dele. Minha mãe continua falando.

— Mãe, mãe! Não posso falar agora.

— O que você está fazendo? Ouviu o que eu disse? Que história é essa de Trish Evans, sobre a filha ter conhecido seu noivo britânico no escritório da organizadora de casamentos? Britânico? O Bradley estava fora da cidade. Sabe que impressão isso passa?

Trocamos de faixa. Eles ainda buzina. Pelo telefone, eu escuto:

— O que está acontecendo, Kensington?

Ouvir meu nome me traz de volta.

— Mãe! Quer saber o que está acontecendo? Tudo bem. Eu estou na van de um campo de paintball com um mutante gótico adolescente. — Olho para o garoto. — Foi mal.

Ele dá de ombros.

— Estou tentando fugir do meu chefe e do Bradley, que agora nos seguem pela 465. Ah, e eu cancelei o casamento. É isso mesmo. Ele *não é* o amor da minha vida, entendeu, mãe? E sabe quem voltou à cidade? Adivinha. Vou dar uma dica: ele é *britânico*. E você o afastou de mim anos atrás. Não dá para ir mais depressa?

Eles estão ao nosso lado, buzinando e gritando. Meu motorista adolescente continua com os olhos arregalados, ouvindo meu discurso. Olho para trás, para ver se podemos mudar de faixa.

Minha mãe está falando de novo, mas eu a interrompo e prossigo, explodindo:

— Então eu cancelei tudo. Depois descobri que ele estava de caso com a Tonya. *Ele estava transando com a Tonya!*

— O britânico? — pergunta o adolescente.

— Não, meu noivo. O Bradley. Ela diz que aconteceu quando estávamos brigados e separados. Como se isso importasse. — Viro de costas e continuo falando ao telefone. — Ah, e sabe de uma coisa, mãe? Seu querido Bradley pode ter ido um passo além. A Tonya pode estar grávida. *Grávida!*

— Vadia — diz o adolescente.

— Eu sei — respondo, olhando para ele. — Então, não, não posso falar agora nem quero saber que impressão teve a cretina da mãe da Liza Evans ou se você aprova!

Minha mãe está em silêncio do outro lado. *Não acredito no que eu disse.*

Tem uma viatura da polícia atrás de nós.

— Preciso desligar.



— Me desculpa — digo ao adolescente pela quinta vez. É sua primeira multa. — Eu vou pagar.

Ele está olhando para frente, com as duas mãos no volante, porque aprendeu na autoescola que deveria fazer isso caso fosse parado. Ele me disse isso duas vezes. E vai fazer dezessete anos na semana que vem. O policial comentou o fato quando pegou sua carteira de motorista.

Clive e Bradley estão parados atrás de nós. Shane e Ellie estão atrás deles. O policial já abordou os três veículos e agora está voltando. Estamos aqui há algum tempo. O adolescente parece tenso.

— Pense no dinheiro que você vai ter para o seu aniversário — digo, no tom mais encorajador possível. Já aumentei os duzentos anteriores para duzentos e cinquenta.

Ele continua de cara feia. O delineador borrou.

O policial para ao lado da janela e devolve os documentos do garoto.

— Você — diz o guarda apontando para o menino — vai ser liberado com uma advertência. — Depois aponta para mim. — Você, desça.

— Descer? — *Merda, ele vai me prender? Vou para a cadeia?* Não trouxe minha carteira, não tenho nenhum documento. Abro a porta e olho para o garoto. — Eu mando o dinheiro para você. Prometo. Mando entregar no River Paintball.

— Vamos, venha comigo. — O oficial passa pela viatura e se aproxima do carro de Clive. O que ele está fazendo? Ando mais devagar, a fim de ver onde ele vai parar. O policial segue em frente, e eu vou atrás dele.

Quando estou passando pelo carro de Clive, noto que a janela está aberta. Abaixo para olhar para Bradley no banco do passageiro.

— Você é um cretino! — Depois olho para Clive. — Vou tirar alguns dias de férias, estou de folga até o fim da semana.

Clive assente e eu me afasto.

— Kenzi — Bradley chama, mas continuo andando até alcançar o policial. Ele está parado ao lado do Range Rover de Shane. Não consigo encará-lo. Não quero saber o que ele pensa de mim ou dessa confusão. Estou mortificada.

O guarda olha para Shane e Ellie.

— Levem essa moça para casa. Já ouvi o suficiente. — E olha para mim. — E você tem razão, ele é um cretino.

Não sei o que lhe disseram, mas neste momento tenho certeza de que esse é o policial mais legal que já conheci. Sorrio e abro a porta de trás do automóvel.

Clive e Bradley estão indo embora; o guarda volta à viatura; Shane olha para mim pelo retrovisor, como se quisesse dizer alguma coisa.

— Não — Ellie diz a ele e passa por entre os bancos da frente para sentar ao meu lado.

Shane deixa o acostamento sem falar nada e pega a saída seguinte. Temos que voltar ao campo de paintball para que eu pegue minhas coisas.

Descanso a cabeça no ombro de Ellie e suspiro. Toda a adrenalina de antes desapareceu, deixando em seu lugar um vasto terreno baldio. Abandonada, traída... e perdida. Estou sem direção.

O plano de hoje era V de vitória. Em vez disso, meu plano B, plano *Eu*, explodiu na minha cara. A única armação certa foi a do fracasso.



A van do paintball está de volta ao estacionamento. O adolescente conversa com um homem que deve ser seu supervisor. Eu ainda não disse nada. Ellie não saiu do meu lado. Vejo Clive e Bradley esperando por nós quando paramos. Ele pegou minha bolsa no armário.

— Vou buscar a bolsa, fiquem aqui. — Ellie sai do carro antes que eu possa dizer alguma coisa.

Shane sai em seguida. A trava da porta a meu lado estala e ele está parado do outro lado, diante da porta aberta. Não consigo levantar o olhar. Estou paralisada.

— Eu ainda gostaria de te levar para a fazenda. Lá é tranquilo e você vai ter seu espaço, está bem? — A mão dele segura a minha. Ele tem belas mãos. — Vem. — E me leva para o banco do passageiro. Sem dizer mais nada, Shane prende meu cinto de segurança e fecha a porta.

Ellie volta com as minhas coisas e as entrega a Shane. Antes de se afastar, ela bate na janela do meu lado. Olho para fora, e ela move os lábios formando as palavras “te amo”.

Também te amo, amiga.

Shane se senta diante do volante e liga o motor. Deixo os ombros caírem e me apoio na porta, com a testa colada à janela. Minha imagem distorcida me fita.

Faz sentido, tenho tinta no cabelo.



Enquanto você traía

Está escuro. Saímos da estrada principal e agora viajamos por uma estrada rural. Faróis passam em sentido contrário e iluminam o interior do SUV em lampejos breves. Shane está quieto, mas percebo que olha para mim de vez em quando, quando muda a estação do rádio ou ajusta o aquecedor.

Não sei o que dizer, por isso não disse nada. Nem uma palavra. Quer dizer, por onde começar? Hoje foi uma sequência de eventos catastróficos. O plano da minha vida não se desviou simplesmente em uma nova direção. Ele descarrilou, deu voltas, se enroscou em meu tornozelo e me pendurou no varal.

Sufoco uma risada, limpo a umidade dos olhos e massajeio a testa. Shane olha para mim como se estivesse intrigado.

— Tive um dia muito agitado — afirmo. Acho que voltei a falar. Sou recompensada por um sorriso afetuoso.

Ele assente e responde em voz baixa:

— Teve mesmo.

Tenho certeza de que ele pensa que a escolha foi feita por mim. A ideia expulsa o ar que sobrava em meus pulmões.

— Eu terminei com o Bradley na hora do almoço, antes de saber qualquer coisa. A Tonya pensou que o motivo do rompimento fosse ela e acabou contando tudo. — Olho para ele, depois para minhas mãos.

Meu dedo nu.

De repente, ele para no acostamento.

Levanto a cabeça.

— O que você está fazendo?

— Você não disse uma palavra durante duas horas e meia, Kensington. Então, se vai falar, eu quero ouvir. — Percebo que ele quer dizer que está interessado, não que espera uma explicação.

Roo as unhas, procurando as palavras certas.

— Eu terminei o noivado depois de conversar com você. Mas tomei a decisão ontem à noite — acrescento, querendo deixar claro que foi uma decisão minha, que não fiz nada movida por algo que ele disse.

As luzes de um carro que passa iluminam o nosso. Sombras se movem pelo rosto de Shane e realçam o dourado em seus olhos.

Lágrimas inundam os meus e molham os cílios, prontas para transbordar. Eu escolhi deixar Bradley. Mesmo. De algum jeito, encontrei coragem para admitir que ele não era o que eu queria. Mas ainda sinto o peso da tristeza, por abrir mão das partes que eu queria.

— Eu queria muito começar uma família. Ter um filho... — Enxugo os olhos. — E não sabia sobre a Tonya. Quer dizer, achei que ela estivesse saindo com alguém. Ultimamente ela tem usado muitas roupas novas de grife, mas não sabia que ela estava... Não até... bem, você viu — termino e me sinto idiota.

Shane se mexe no banco, estica o braço e segura minha mão.

Olho para a mão dele. Vejo como cobre completamente a minha. Quando recupero a voz, ela soa trêmula.

— Minha família não vai entender... Ninguém vai querer saber se estou bem. — Dou uma fungada. — Ou como eu me sinto. Ou se estou magoada. Tudo vai girar em torno de como isso afeta a eles.

Shane balança a cabeça.

— Eles sempre invertem as coisas. Sempre foi assim.

— Eu sei. Mas acontece que... Eu sei que isso nunca vai mudar. Racionalmente, sei disso, mas ainda me surpreendo. — E ainda dói. Dou de ombros. — Estou envergonhada com tudo isso.

— Você não devia estar envergonhada. Devia estar furiosa.

Lágrimas. Mais lágrimas. Sou uma torneira. Isso é mais que humilhante. Mas ele tem razão. Eu devia estar brava. Bradley me traiu, e Deus sabe por quanto tempo. E, enquanto ele me traía, eu tentava me convencer de que éramos

perfeitos juntos, de que eu tinha sorte por ele me querer, de que estava feliz por minha família gostar dele.

Shane leva a mão ao console e pega um pacotinho de lenços de papel. Assoo o nariz e pego outro lenço.

Levanto o olhar, mas não consigo encará-lo.

— O Bradley mentiu para mim. A Tonya mentiu para mim. *Duas vezes.* — Apoio a cabeça no encosto do banco. — Mas na verdade não importa se ele estava mentindo, porque eu estava mentindo para mim mesma, me enganando. Essa é a pior parte. Acho que no fundo eu sabia.

Shane muda de posição e me olha de frente. Por um momento, ficamos só nos encarando. A verdade está ali, nua e exposta entre nós como uma ponte.



Ouçoo um ruído. *O que é isso?* Pisco. Um raio de luz passa pela veneziana do quarto e se espalha na cama. Bocejo e abro os olhos. Estou na casa de Shane. A coberta está colada ao meu corpo. Eu me espreguiço sob ela. Mais barulho — pássaros; sim, é esse o ruído. Parece que há centenas deles lá fora. Espio o sofá por cima da coberta.

Shane não está aqui.

Sento na cama e aguçoo os ouvidos. Não escuto os passos dele por ali, então me levanto e espio por sobre a grade do mezanino. Não tem ninguém ali. Na noite passada, quando chegamos, não consegui ver direito a casa no escuro. É mais como um chalé; o interior é bem pequeno. Esta não é a casa principal que visitei com ele há anos.

Pego o celular em cima do criado-mudo, volto para a cama e me encolho embaixo da coberta. É como se eu estivesse a um milhão de quilômetros, mas não estou. Estou ao alcance de um telefonema. A realidade do dia anterior retorna e se instala no fundo de meu estômago.

Afasto o cabelo do rosto, olho para a tela do telefone e clico no ícone do correio de voz. A voz feminina e metálica anuncia que tenho treze mensagens. *Treze?* Contorço-me por dentro. E isso não inclui as chamadas perdidas, encerradas antes de cair na caixa postal.

A primeira é de Bradley.

— Kenzi, eu preciso falar com você. *Por favor.*

O som da voz dele é suficiente para encher meus olhos de lágrimas.

— Você não pode simplesmente ir embora sem me escutar. Você entendeu tudo errado. Precisamos conversar. Por favor.

Deleto. As oito mensagens seguintes são dele. Por que ele ainda se importa? Tonya pode estar grávida. Bradley parece mais desesperado a cada recado, e acho que esteve bebendo. Ele fala alto, e a voz soa pastosa.

Tem uma mensagem de minha mãe. Não escuto, deleto sem ouvir. E tem um recado de meu irmão.

Grayson ligou?

— Kensington, não sei bem o que está acontecendo. O Bradley me ligou e disse que vocês brigaram. Que houve um mal-entendido e você foi embora com outro cara. É isso mesmo, Kenz? Você está *noiva*, pelo amor de Deus!

Eu estava noiva. Ia me casar. As lágrimas agora correm livres.

— A mamãe ligou algumas vezes, está muito abalada com tudo isso. Ela estava chorando e disse que você ligou para ela bêbada ou algo assim. Você pode, por favor, telefonar para ela? E para o Bradley? Isso tudo tem que ser esclarecido. Desse jeito não está nada bom.

Deleto. Meu coração está na garganta, e o estômago está embrulhado. Tudo se confunde dentro de mim. Por que meu irmão nunca conversa comigo? *Essa história tem dois lados, Grayson. Minha família está chateada.*

Começo a ouvir a mensagem seguinte. A voz de Ren chama minha atenção.

— Oi, Kensington... Ai, meu Deus. Você está bem? — Ela está quase cochichando. — O Grayson está... bom, ele só está preocupado. — Ela disse a ele tudo que tinha para falar? *Será que eles fizeram as pazes?* — O Bradley não para de telefonar para ele. Me ligue quando puder.

Ela perguntou se eu estava bem. Deleto a mensagem e enxugo os olhos. Talvez eu ligue para Ren. A última mensagem é de Ellie.

— Ei, garota, queria saber como você está. O Bradley está péssimo. Bebeu um monte e passou aqui em casa ontem à noite. Nunca o vi daquele jeito. Ele disse que a Tonya estava tentando armar para ele e que ele não sabia o que fazer. Eu disse que ele devia ter mantido a calça fechada. Espero que não tenha feito mal.

— Você fez bem, Ellie-Bell — resmungo para mim mesma.

— E ele disse que não sabe se acredita nela sobre a gravidez, como se isso mudasse alguma coisa. Você sabia que o Bradley e a Tonya estavam juntos antes de você vir trabalhar aqui?

Não. Eu sabia que eles eram bons amigos, mas nunca imaginei que fossem mais do que isso.

— Imagino que sim, mas isso não justifica nada. E começar a ter um caso? Não interessa se foi quando você e o Bradley estavam brigados. Ela é uma vaca. Ah, sua mãe me telefonou, está muito chateada...

Fim da mensagem. Meu coração bate alucinadamente quando fico mais uma vez frente a frente com a minha vida. Enxugo as lágrimas e desligo o celular.

Um bebê.

Deito completamente escondida sob a coberta e cubro o rosto com as mãos. No filme *Enquanto você dormia*, Peter pede Lucy em casamento dizendo: “Minha família te ama. Eu posso te amar também”. Um argumento ridículo, mas não foi mais ou menos o que eu fiz? Não foi esse um dos motivos para eu aceitar o pedido de casamento de Bradley? Minha garganta fica apertada, e o dique explode com a pressão. Lágrimas molham minhas mãos, e tento respirar enquanto soluço incontrolavelmente.

No filme, Peter diz: “Foi preciso um coma para me acordar”. Ele se refere ao que era importante, ao que faltava em sua vida. Eu gostaria de saber se alguém pode me ajudar a esquecer. Queria dormir e esquecer tudo.



— Kensington?

Sinto a mão em meu ombro me sacudindo com delicadeza.

— Kensington. Acorde, dorminhoca. — É Shane. — Você não pode dormir o dia todo.

Dormi de novo? Nem ouvi quando ele voltou. Afasto os cabelos do rosto, abro os olhos e a luminosidade me incomoda. Está muito claro, mesmo embaixo da coberta.

— Desculpa. — Minha voz soa rouca. Pigarreio e tento de novo. — Que horas são?

— Já é de tarde. — O colchão afunda quando ele senta ao meu lado. — Vai passar o dia todo aí? — pergunta, puxando a coberta para abaixá-la um pouco.

Rápida, eu a puxo de volta e seguro.

— Vou. Talvez. — Acho que é um bom plano. Primeiro, aqui me sinto mais segura; segundo, posso imaginar como está minha aparência. Portanto estou me escondendo por mim e por ele.

Ouçoo Shane bufar.

— Você está bem?

Meus pensamentos estão acelerados.

— Não... — Tateio a cama procurando o telefone e o tiro de debaixo da coberta. — Eu ouvi os recados. Não devia ter ouvido.

Conto tudo sem sair do abrigo improvisado com o cobertor.

— Parece que o Bradley foi na casa da Ellie e até telefonou para o meu irmão, que ligou para mim. Minha mãe está chorando. O Bradley deixou um milhão de recados e encheu a cara. Agora ele acha que a Tonya pode ter mentido, que talvez nem esteja grávida e... não sei. Está tudo muito confuso.

Que bagunça.

Shane muda de posição, e o movimento me faz rolar para mais perto dele.

— Kensington, eu posso levar você para casa. Vou entender se quiser voltar e resolver tudo isso. Na verdade, você só viria para passar um dia, mas eu esperava...

Eu não devia ter escutado as mensagens. Devia ter mantido o mundo distante, em vez de encurtar essa distância com a porcaria do celular.

Não quero voltar. Todas essas coisas estão me esperando lá fora, e isso não é bom. Não estou preparada.

— Eu gostaria de ficar... A menos que... — Meu estômago se contorce. Talvez ele não queira lidar com isso. Por que ia querer? Toda minha insegurança vem à tona. — Quer dizer, eu entendo se você não quiser se envolver...

— Quero você aqui, Kensington. — A voz dele é baixa. — Quero que você fique.

Fecho os olhos e relaxo os ombros. *Ele me quer aqui.*

— Eu saí para correr. Vou tomar uma ducha e podemos ir para o Carriage House, está bem? — Ele fica em pé, e o colchão se levanta com a remoção do peso. — Ah, eu peguei algumas coisas para você. Deixei perto da janela. Aliás, você devia ir dar uma olhada, a vista é linda. Foi por causa dela que escolhi este chalé.

Consigo resmungar um agradecimento e continuo coberta até ouvir o barulho de água corrente. Depois, afasto a coberta e olho para o banheiro. A porta está fechada, então me sento e penteio o cabelo com os dedos. Perto da janela, encontro uma pequena sacola plástica com letras vermelhas impressas em um dos lados. Videolocadora Max. Ele alugou filmes para mim. Aposto que não tem TV a cabo neste lugar.

Com o cobertor sobre os ombros, me aproximo para investigar. *Harry & Sally* e *Nunca fui beijada*. Algumas das melhores comédias românticas têm menos a ver com o cara, por quem você suspira, e mais a ver com a heroína, com quem você se identifica. Um sorrisinho distende meus lábios. Uma noite com Meg Ryan e Drew Barrymore será *perfeita*.

Olho para a ampla janela e fico curiosa. Em vez de cortinas, ela tem venezianas de madeira que se abrem para dentro. Solto o gancho de metal e as escancaro.

Uau. É uma bela vista.

Girassóis até onde os olhos alcançam, seus rostos amarelos e sorridentes voltados para o sol. Devemos estar em uma encosta suave, porque a trilha para carros faz curvas, descendo e contornando o terreno. O horizonte é uma explosão de dourado e verde emoldurada por colinas de terra cultivada. É de tirar o fôlego.

Limpo a vidraça para ver melhor, depois tento abri-la, mas está emperrada. Empurro com força até conseguir destravá-la. O ar é gelado, e os pássaros parecem me criticar por ter aberto a janela.

Ajeito o cobertor para me aquecer melhor e sento sobre o parapeito. Tem duas joaninhas vindo em minha direção, o que me faz pensar em *Sob o sol da Toscana*. Ela diz que vivia procurando joaninhas, mas nunca conseguia encontrar. Quando finalmente desistiu de procurar, começou a vê-las em todos os lugares.

Talvez eu tenha procurado demais. *Tentado demais*.

Reajusto o cobertor sobre os ombros, me debruço na janela e olho além do campo de flores amarelas. Esse seria o lugar perfeito para pintar. Encho os pulmões com o ar gelado e vejo mais joaninhas. Depois sinto o arrepio.

Mas o que...

Alguma coisa está... Ah! Ela está andando em mim! Salto do parapeito, jogo o cobertor longe e sacudo a camiseta. A joaninha cai dentro dela. A coisinha rastejante está dentro da minha roupa! Andando sobre a minha pele. Grito e tento derrubá-la, mas as perninhas pegajosas agora estão agarradas na minha blusa. *Ela não cai!*

Sai! Estou balançando como louca. Arranco a camiseta e a jogo do outro lado do quarto. Estendo os braços para uma inspeção maluca. Examino a frente do corpo, procurando outros invasores, depois me contorço para ver os ombros, as costas e...

Shane está apoiado no batente da porta.

Envergonhada, sorrio e cruzo os braços para esconder o peito nu. Ele está coberto apenas por uma toalha, com os cabelos encharcados e colados à nuca e à testa em cachos molhados. Não posso deixar de notar a tatuagem que se estende do ombro ao braço esquerdo. Essa é nova. É preta, tribal, e acompanha o contorno de cada músculo.

— Ah, uma joaninha... entrou dentro da minha camiseta.

Seu sorriso é jovial, malicioso.

— Joaninha de sorte.



Gatinha e gatão

O Carriage House fica na encosta de uma colina e é todo branco, com uma parede de pedras no andar de baixo. O velho celeiro foi completamente reformado. É incrível. Estou realmente impressionada; não, mais que impressionada.

Estou boquiaberta.

— Shane, isso é... *uau* — comento quando subimos os últimos degraus em direção ao deque superior, nos fundos. Luzes cintilantes tremulam em um pergolado, dando às mesas embaixo a garantia de uma noite estrelada.

Shane caminha com um sorriso largo que alcança seus olhos, provocando linhas nos cantos.

— Teremos mesas para refeições regulares dentro e fora do prédio. Mas a melhor parte... — Shane destranca a enorme porta dupla do celeiro e desliza metade para cada lado, abrindo-a. — Está aqui.

O espaço ainda está em construção e é enorme, com vigas e postes expostos em todos os lugares. Estamos no nível de um mezanino parcial, e na parede ao fundo há uma tela cuja altura corresponde a dois andares.

— A cozinha está abaixo de nós, e os murais, os *seus* murais — Shane aponta as paredes vazias de ambos os lados — serão espalhados por toda a área. Venha.

Eu o sigo escada abaixo. Meus olhos ainda estão inchados de tanto chorar, e não consegui comer muito no café da manhã. Não sei ao certo o que estou fazendo aqui ou o que estou fazendo de maneira geral, mas me sinto grata pela

distração e impressionada com o que ele conquistou. Shane sempre teve grandes ideias, e eu sabia sobre o Carriage House, é claro, mas ver o projeto em desenvolvimento é espantoso. *Ele está realmente fazendo tudo isso.* Talvez tenha crescido.

Shane se anima ao me mostrar a cozinha, a área de jantar e o cinema. Gosto de vê-lo assim. Apesar do jeans velho e do cabelo todo bagunçado, ele nunca esteve melhor. Bem, talvez com a toalha, há pouco.

Meus olhos encontram os espaços vazios destinados aos murais. Meu trabalho, meus murais vão estar... em todos os lugares. Um pequeno tremor de animação encontra o caminho até a superfície e bate no meu coração. Abro a boca e pisco, sem acreditar no que vejo.

— Não acredito.

Há três telas penduradas no corredor. *São minhas.*

As mesmas que Shane imprimiu a partir dos meus álbuns do Facebook e exibiu na sala de reuniões, na agência. As duas ilustrações figurativas de casais e o retrato em color blocking invertido — as pinturas que estavam embaixo da minha caixa e desapareceram.

Minha mãe *não jogou* fora minhas pinturas.

Eu as guardei sem moldura. Ele mandou emoldurar? Estão penduradas na altura dos olhos, com um foco de luz sobre cada uma. E parecem... *lindas.*

Olho para Shane. Ele prende os polegares nos bolsos do jeans e se apoia na parede; um sorrisinho brinca em seus lábios. Estou atordoada.

— Mas como? Como você conseguiu as pinturas? Quando? — Penso em todas as implicações. Abaixo um pouco o queixo; os olhos vagam entre ele e meu trabalho.

— Passei na casa dos seus pais mais ou menos um mês antes da reunião na agência. Almocei com seu pai, aliás.

— O quê?!

— Eu apareci lá e, bom... começamos a conversar.

— Você *apareceu*? Por quê?

Ele sorri e balança a cabeça, como se a pergunta não fizesse sentido.

— Para te ver. Nunca tive a intenção de aparecer do nada na agência. Já contei que comecei a desenvolver o conceito do Carriage House em grande parte por sua causa. Então, passei nos seus pais para perguntar se você estaria

interessada em desenvolver o conceito comigo. — Um sorriso suave levanta os cantos de sua boca. — E era uma razão legítima para te ver.

— E depois? Almoçou com meu pai e mudou de ideia? — Esse pensamento me rouba o fôlego. — Não me diga que ele te contou...

— Não. Não, pelo contrário. Ele foi muito gentil e tivemos uma longa conversa. Contei a ele meus planos comerciais, ele me falou onde você trabalhava, e eu já estava considerando contratar sua agência, porque meu conceito era baseado nas suas pinturas, no seu amor pelo cinema... E, quando o deixei em casa, ele pegou as pinturas para mim.

— Ele te *deu* meus trabalhos?

Shane ri.

— Eu não pretendia ficar com eles, só queria usar para demonstrar o que eu estava procurando, naquela primeira reunião sobre o conceito. Mas eu gosto deles aqui...

Estou confusa.

— Você usou impressões do meu álbum do Facebook

— Eu sei.

— E você nunca me procurou. Quer dizer, falou comigo pelo Facebook, mas nunca disse nada sobre...

— Eu sei.

Levanto as mãos. Ele não está explicando nada.

— *Shane...?*

— Seu pai me contou que você estava noiva, então... — Ele muda de posição, apoiando o ombro na parede. — Sei lá, eu não quis interferir.

Dou risada e torço o nariz.

— Eu diria que você meio que...

— Isso foi depois de te ver com ele e... — Seus lábios se comprimem em uma linha fina, e toda a expressão fica fria. — Ele não merecia você. Deixei os escrúpulos de lado.

Recuo um passo, refletindo sobre essas palavras, e me lembro de Ren. *Sua mãe ficou muito chateada quando você foi embora. Seus pais brigaram por causa disso.* Por isso minha mãe me ignorou quando fui procurar minhas pinturas, e eles não falaram nada porque Bradley estava lá. Ela deve ter ficado brava com meu pai e, ai, a culpa pesa em meu coração. Ela provavelmente não mencionou

o assunto ao telefone porque, bem, não queria Shane voltando à cena. Minha mãe sempre defendeu Bradley. *Será que ainda o defende?*

— Então, sim, eu ainda estou com as suas pinturas. E gosto delas de verdade. Não encontrei o momento certo para...

Eu me aproximo e o surpreendo com um beijo no rosto e um sorriso.

— Você comprou minhas cadeiras.

— Não faço ideia do que você está falando. Mas, se isso te faz feliz, então, sim, eu comprei suas cadeiras.

Meu sorriso se torna mais largo.

— O filme *Fenômeno*, lembra?

Ele pensa um pouco. Não espero a resposta.

— Lace, a personagem de Kyra Sedgwick, fazia cadeiras e tentava vender. E de repente elas começam a ser vendidas, então ela faz mais cadeiras. — Não sei se ele se lembra do filme, mas continuo: — Era o John Travolta quem fazia o personagem masculino, George. Ele comprava todas as cadeiras. O quintal dele ficou cheio delas. — Dou de ombros, desistindo de ajudá-lo a lembrar, e mostro as pinturas na parede. — Você comprou minhas cadeiras.

— Comprei. — Shane sorri com afeto, depois se endireita. — Já volto, sente um pouco — diz, apontando um sofá. E desaparece na cozinha.

As caixas de som presas às paredes são ligadas, e a música começa quando Shane reaparece com... Franço o cenho.

— O que é isso? — Flores. *Uma guirlanda de flores?*

— É para você — ele diz e coloca a guirlanda sobre a minha cabeça, com cuidado e precisão.

Com ele tão perto, o cheiro da loção pós-barba invade meu nariz. É uma mistura familiar de madeira e Shane. Tiro as flores da cabeça para poder vê-las. São flores do campo, formando uma coroa simples, em tons de rosa e branco. Sorrio, ainda intrigada. *O que ele está fazendo agora?*

— Não. — Shane toma a coroa de minhas mãos e a devolve à minha cabeça, prendendo-a com firmeza. Depois de um último ajuste, ele a solta. Mas seu olhar não se desvia do meu. — Isso tem que ficar aí. Agora espere mais um pouco... — E desaparece de novo nos fundos.

Meus dedos tocam a guirlanda. Um sorriso tímido se forma em meus lábios quando vejo novamente as pinturas iluminadas por focos de luz suave no salão.

Expostas. Não em uma gaveta, mas para todo mundo ver. Lágrimas inundam meus olhos.

A música continua tocando. É “If You Leave”, do OMD. Mexendo nos punhos da jaqueta, canto baixinho, acompanhando a canção. Não a ouço há anos. *Seven years went under the bridge, like time was standing still...* “Sete anos ficaram para trás, como se o tempo tivesse parado...”

Foram sete anos... Engraçado... E o verso seguinte pergunta o que vai acontecer agora. Essa é a pergunta que não quer calar, não é?

Meu telefone vibra dentro do bolso. Está vibrando o dia todo. Reafirmo com veemência as regras em minha cabeça. *Não posso* ouvir as mensagens. Vou olhar a tela, *só isso*.

Três chamadas perdidas.

Rolo a tela e vejo duas ligações de Ellie e uma de Bradley. Em vez de ouvi-las, abro a caixa de e-mails para ver a lista de filmes. Sei que ele está aprontando alguma coisa.

1. *Sintonia de amor*
2. ~~*Uma linda mulher*~~
3. *O diário de Bridget Jones*
4. ~~*Vestida para casar*~~
5. ~~*Dirty dancing: ritmo quente*~~
6. *Gatinhas e gatões*
7. *Simplemente amor*
8. *Digam o que quiserem*
9. *Mensagem para você*
10. ~~*O casamento do meu melhor amigo*~~

É o número seis. Quando vejo Shane voltar da cozinha, sei que acertei. Estou usando uma coroa de flores. Ouço “If You Leave” e... ele se aproxima com um bolo de aniversário. Meu coração flutua no peito como um balão.

Trata-se de *Gatinhas e gatões*.

E é surreal.

Shane sorri.

— Você precisa sentar ali em cima, acho. — E mostra, com um movimento de cabeça, uma mesa de madeira. — Com as pernas cruzadas.

Sinto um aperto na garganta e já estou com os olhos cheios de lágrimas quando subo na mesa. Cruzo as pernas e ajeito a saia sobre elas. No filme, o aniversário de Samantha fica em segundo plano por causa do casamento da irmã. Eu senti que meu casamento ficou em segundo plano por causa da gravidez de Ren. Sou invisível. Ninguém se importa, e meus grandes momentos não valem nada. E aqui está Shane, exatamente como o belo Jake Ryan, fazendo tudo isso por mim. *Só por mim.*

Depois de deixar o bolo na minha frente, ele pisa na cadeira e senta na mesa.

— Tudo bem. Que bom. Eu não tinha certeza se ela aguentaria meu peso.

Dou risada e olho para ele por entre as lágrimas.

Shane sorri de lado.

— Obrigado por ter vindo.

— Obrigada por... ter ido me buscar. — A fala do filme é engolida por minha respiração. Sorrio com a boca fechada, engasgada pela emoção.

Enxugo os olhos, pigarreio e vejo Shane acender as velas. São... duas, quatro, seis...

— Sete? Só tem sete velas?

Seus olhos dourados procuram os meus. Ele se aproxima, inclinando o corpo, e sussurra:

— Eu só perdi sete aniversários.

Sinto um frio na barriga. Eu tinha vinte e três anos quando ele foi embora. Há sete anos. Sete aniversários. Uma vida inteira entre aquele momento e agora. Mas, como diz a canção, é como se o tempo tivesse parado.

— Feliz aniversário, Kensington. Faça um pedido.

Olho para o bolo e me lembro da fala. Da cena.

O beijo.

Estou brilhando por dentro. Borboletas agitadas são atraídas por essa luz interior. Talvez estejam muito perto da luz. Elas podem se queimar.

Levanto o olhar, mordo o lábio e tento decidir se devo reproduzir a fala, sabendo o que vem a seguir. Sabendo que não estou preparada. Sem saber o que ele espera.

Mas Shane não me dá uma chance.

Apoiando a mão à frente do corpo para se equilibrar, ele se inclina e fala:

— O meu já se realizou. — Sua voz soa baixa, arfante, os lábios bem perto dos meus.

Depois de um instante, ele beija meu rosto lentamente, provocando um frenesi entre as borboletas. Qualquer coisa além disso teria sido demais. Qualquer coisa menos não teria completado a cena.

Não há mais falas.

Os créditos sobem sobre a imagem estática de Samantha e Jake, congelados em um beijo. A melodia hipnótica embala esse último quadro, exatamente como agora. Os espectadores sabem que tudo vai ficar bem. Samantha está bem. Alguém finalmente a enxerga.

Alguém me enxerga.

Shane sempre me enxergou.



— Cor favorita? — Era azul. Quero saber tudo, nem que seja só para me distrair do telefone. Dos meus pensamentos. Do meu nervosismo.

Estamos em cadeiras de balanço, na varanda do andar de cima da casa principal. O cenário é tranquilo, com a brisa agradável e a paisagem do quintal. Lembro-me de sentar aqui com os avós dele, anos atrás, e beber chá gelado.

— Hum, acho que é azul — Shane diz, finalmente.

— Ainda é azul? Só azul? Não azul-celeste ou azul-marinho? — Dou impulso com a ponta dos pés para balançar a cadeira. — Existem cinquenta e nove tons de azul, e isso se não contarmos os tons inventados, como azul-água-de-privada.

— Azul-água-de-privada? É, perfeito para uma paleta de cores. — Ele sorri.
— Eu fico com o azul simples.

— Tudo bem, azul. — Torço o nariz. — Vamos em frente. Número favorito?

— Hum, eu diria que é o número dois. E o cinco. É, eu gosto muito do número cinco.

Franzo a testa ao compreender o que ele quer dizer.

— Número cinco é *Dirty dancing*, e número dois é *Uma linda mulher*. Você gostou de fazer compras?

— Gostei de ver você fazer compras.

Sorriso.

— Acho que você gostou das Marys se derretendo por sua causa.

Ele dá de ombros.

— Gostei de te ver feliz, Kensington.

Sinto o calor invadir meu rosto quando olho para ele. Há uma pausa, um pulso, uma compreensão. Talvez uma pequena centelha de felicidade.

— Eu precisava disso — sussurro. — Obrigada, Shane.

— Não tem de quê. — Ele inclina a cabeça para trás e fecha os olhos. Seus lábios estão distendidos em um sorriso de contentamento.

Árvores farfalham como papel na brisa leve, e pardais fazem uma algazarra em torno de um alimentador pendurado em um galho mais abaixo. Movo o corpo para balançar a cadeira outra vez.

Isso é bom.

— Acho que o seu avô teria gostado do Carriage House. Tenho certeza que ele se orgulharia do que você está fazendo. — Shane não falou muito sobre a morte do avô. Só que ele herdou tudo, inclusive a avó para cuidar.

Sua cadeira para, e seus olhos buscam os meus.

— Já pensou em deixar a Safia? Ter seu próprio ateliê, finalmente?

Olho para o horizonte. As sombras amareladas agora ganham tons de castanho com a chegada do anoitecer.

— Ah, não sei.

— Bem que poderia. — Shane está debruçado sobre o braço da cadeira. — Eu te contrataria. Você nem precisaria voltar para a Safia.

— O quê? — Uma ruga surge entre minhas sobrancelhas. — Está sugerindo que eu trabalhe para você?

Ele ri.

— Não, você trabalharia para si mesma, e o Carriage House seria seu primeiro cliente, ou o único, e aí você poderia... sei lá, pintar.

Meu coração bate alto dentro dos ouvidos. Isso é o que eu sempre quis fazer. A vida seguiu em frente e, de algum jeito, nunca tive a oportunidade. Estou

perdida em pensamentos sobre o que é, o que não é, o que deixei para trás. Quero as mesmas coisas que queria ontem. Quero me casar. Quero um filho. E neste momento estou muito longe de ambas as coisas.

Mas talvez esteja mais perto de mim mesma, de alguma maneira.

— Gostou do chalé? — Shane pergunta com entusiasmo evidente na voz.

— É claro que sim. E você tem razão, a vista é linda.

— E se o transformarmos em um ateliê? O seu ateliê.

— Mas por que o...

— É só algo para se pensar. Você poderia se instalar aqui, se quisesse. A cidade fica cheia de turistas no verão. Pode usar a oportunidade para estabelecer seu nome. — Ele se inclina um pouco mais, baixando a voz. — Eu sei que adoraria ter você por perto.

Ele me quer por perto.

Recosto-me na cadeira a fim de pensar no que ele disse. Fecho os olhos, tentando imaginar o chalé e me ver dentro dele. Estou pintando. As janelas estão abertas, e através delas sopra a brisa vespertina, dissipando o cheiro de tinta. Faço muita sujeira. Deus sabe que faço sujeira quando pinto. Sempre tem tinta em todos os lugares.

Shane gosta do meu trabalho. Ele me quer aqui. Por que estou brincando de *Uma linda mulher* outra vez? Edward oferece a Vivian um apartamento, um carro, compras ilimitadas, o que ela quiser. Mas o que ela queria era ele. “Isso é tudo de que sou capaz agora”, ele diz.

Shane está me oferecendo um lugar para morar, meu próprio ateliê, ele? Mas agora, neste momento... isso é mais do que eu sou capaz.

Recostada na cadeira de balanço, olho para ele.

— Acho que isso tudo é rápido demais... Ter meu ateliê e tentar de verdade é exatamente o que eu quero fazer, mas...

Shane sopra o ar dos pulmões. Seu sorriso é hesitante.

— Mas não aqui...

— Não *ainda*. — Umedeço os lábios, engulo e me endireito. — Acho que tenho que fazer isso sozinha primeiro. Ficar sozinha por um tempo. Faz sentido? Quer dizer, até ontem eu estava noiva, e até a semana passada acreditava que essa era a direção certa para dar à minha vida, e aí você apareceu e...

Shane olha dentro de meus olhos.

— Você não é mais a garota impulsiva que conheci um dia. Não mergulha de cabeça com a mesma rapidez, é um pouco mais reservada. — Seus lábios se erguem ligeiramente nos cantos. — Ela cresceu, não?

Sorriso e suspiro profundamente. Depois de ver este lugar e o que Shane conquistou, não posso deixar de pensar que talvez nós dois tenhamos crescido.

O som de pneus e cascalho na entrada principal interrompe a quietude do campo. Deve ser a avó dele.

Shane parece confuso.

— Já volto. — Ele se levanta e sai.

Eu também fico em pé. Ajeito os cabelos e aliso o vestido. Estou nervosa por vê-la depois de tanto tempo. Mas não deveria estar. Ela sempre gostou de mim. Tudo vai ficar...

Shane volta à varanda e se apoia na porta com a mandíbula tensa.

Sinto meus olhos se abrirem mais que o normal.

— O que foi? O que aconteceu?

— É o Bradley.



Confusão a toda prova

Shane corre para a escada. Eu me aproximo rapidamente da janela e olho para fora. *Merda, Bradley está aqui.* O BMW dele está parado ao lado do SUV de Shane. *Que diabo ele está fazendo aqui?* Meu coração bate três vezes mais depressa que o normal. Corro até a porta do quarto, mas volto para perto da janela. Não vejo ninguém.

Vozes lá embaixo. Não é uma conversa amigável. Ah! Ah, não, não, não... Sem pensar, voo pelo corredor. Estou no meio da escada quando os vejo. E Bradley me vê. Descendo a escada. Da casa de Shane. Sei que impressão isso dá. Tenho certeza de que ele acha... Bradley aperta os olhos. Sim, ele acha isso mesmo.

Paro no último degrau e fico ali imóvel, muda. Eu não devia me importar. Ou me sentir culpada por estar aqui. Mas me sinto. Estou sufocada com esses sentimentos.

— Pode nos dar alguns minutos, Bennett?

Shane encara Bradley.

— Sim, se a Kensington quiser que eu saia. — Uma palavra errada, um movimento rápido, e ele atacará. Posso sentir.

Ambos olham para mim.

Meus dedos apertam o corrimão de madeira.

— Seja o que for que tem para dizer, Bradley, fale de uma vez. — Minha voz soa tensa.

Ele contorna Shane.

— O bebê não é meu, Kenz. Sinceramente, não sei nem se ela está grávida mesmo.

E isso importa? Engulo em seco. Ele me traiu. E eu terminei o noivado antes de saber disso.

— Eu *não* te trai. — A voz dele soa carregada de emoção. — Tivemos um casinho antes de você e eu nos conhecermos, mas nunca foi nada sério. — Bradley abaixa a cabeça. — E depois, sim... uma vez. Aconteceu. A gente tinha brigado, lembra? Eu bebi e... — Ele passa a mão no queixo. — Fiz besteira. Eu sei que fiz besteira.

Meu estômago se contorce. Exatamente como Tonya e Shane. *Eu estava bêbado. Não significou nada.* O furacão Tonya está varrendo minhas entranhas com ventos furiosos, arrancando todo fragmento de verdade. Não me sinto bem.

— Kenz, foi um erro — Bradley abaixa a voz. Ele agora está ao pé da escada.

Não me movo.

Ele fala depressa e se aproxima lentamente.

— Eu não sabia o que fazer. Estraguei tudo. Por favor, Kenz, eu te amo. Foi um erro, só precisamos nos esforçar para superá-lo.

Olho para Shane. Bradley segue meu olhar.

— Não me fale que isso tem a ver com *ele*. — De frente para mim outra vez, Bradley inclina a cabeça. Seus olhos azuis ficam mais suaves. — Ele está usando essa história para te envolver. Amor, não... não jogue tudo fora. *Por favor.* Podemos resolver e superar tudo isso.

Ele transou com ela... E eu terminei o noivado antes de saber... Tonya pode ou não estar grávida... Minha família está chateada. Sento no degrau lentamente, segurando o corrimão com as duas mãos.

Bradley começa a subir o primeiro degrau, mas Shane se aproxima dele por trás, e sua voz soa baixa e firme:

— Conte a verdade a ela. *Agora.* Ou eu vou contar.

O choque é como um soco em meu peito. *Tem mais verdade?* Acho que não suporto mais uma verdade hoje.

Bradley gira e dá um passo na direção dele.

— Vai se foder.

Shane estreita os olhos e enrijece a mandíbula. Todos os músculos estão flexionados.

— Conte a ela onde você esteve no último...

— Cuidado, Bennett — Bradley grunhe, a voz uma oitava mais grossa.

A sala está girando. Eu me apoio no corrimão. Acho que vou desmaiar.

— Então pegue a porra do seu carro e vá embora. — A voz de Shane sugere que ele está com dificuldades para se conter. — Ela terminou com você. Acho que já deixou isso bem claro.

Bradley se coloca na frente de Shane, e eles se encaram.

— Ela terminou? Então por que ainda está com o anel? *Imbecil.*

Ai, merda.

Eles continuam se encarando. Depois de um instante, Shane olha para mim. Sua cabeça está inclinada.

— Você ainda está com o anel que ele te deu?

— É clar...

— Cala a porra da boca — Shane empurra Bradley com uma das mãos.

Bradley dá alguns passos para trás com as mãos erguidas e abertas. E um sorriso afetado.

Eu me endireito, tentando me recuperar e raciocinar.

— Ele não... Ele não aceitou o anel de volta. — Minha voz soa pequena, perdida. Meu coração sangra. Não consigo inspirar ar suficiente.

— Porque decidimos pensar melhor, dar um tempo. — Bradley cruza os braços e parece cada vez mais arrogante.

Shane passa a mão pelos cabelos despenteados. Parece frustrado, furioso.

— Você está com o anel, Kensington?

Dessa vez, não gosto de como meu nome soa em seus lábios.

— Eu... eu terminei o noivado antes de...

— Sim ou não? — A voz dele é firme.

Meu coração dá um salto.

Lembro-me de piscar.

Assinto.

Ele olha para Bradley.

— Conte para a sua *noiva* que eu te encontrei no Hotel Canterbury com a Tonya. Você devia ter pesquisado melhor onde o Clive hospeda os clientes.

Primeiro no Champps, depois no saguão do hotel, na semana passada.

Meu estômago revira, e cubro a boca com a mão. Não consigo respirar.

Bradley olha para mim.

— A gente se encontrou para falar da possível grav...

— Eles não estavam conversando.

Bradley ataca.

Ele segura Shane pela camisa e o empurra. Bradley é maior. E é todo coragem e força bruta. Empurra Shane contra a parede. Com força. Pinturas emolduradas balançam. Uma cai, e o vidro se quebra.

Shane se dobra e escapa das mãos de Bradley. Shane é boxeador. E é rápido, então Bradley não tem tempo nem de saber o que o atingiu.

Na primeira, na segunda ou na terceira vez.

Bradley reage e consegue acertar um soco no queixo de Shane. Vejo sangue, mas não sei de quem é.

Isso é loucura.

Cubro os olhos. Não consigo olhar.

— Parem — diz uma voz fraca. — Parem com isso imediatamente! — Uma mulher pequenina entra pela porta aberta.

É a avó de Shane. Ela ainda tem os mesmos olhos firmes, cor de mel, e o mesmo tom de voz sensato.

— Parem com isso! Qual é o problema com vocês? Você, não sei quem é, mas vá para aquele canto. E você. — Ela olha para Shane com ar severo e um dedo em riste. — Para lá.

Shane recua e limpa o nariz. Tem sangue nele. Bradley olha para mim e ergue os ombros. A avó de Shane acompanha seu olhar.

— Ah, nossa, eu nem tinha visto... — Ela para e tenta enxergar melhor. — Kensington? Kensington Shaw? O Shane disse que teríamos uma convidada especial para o jantar, alguém de quem eu me lembraria...

Acho que não é o momento para um “oi, como vai?”, por isso não digo nada. Ela me examina da cabeça aos pés. Com as lágrimas e a expressão chocada, tenho certeza de que não sou a melhor das visões agora.

— O que acha de ir me encontrar na cozinha em alguns minutos, Kensington? — O olhar dela se detém em mim por um instante. Não é realmente um convite, e sei que não devo discutir ou protestar.

Levanto-me com as pernas bambas e olho para o idiota do Bradley, depois para Shane. Ele mantém os lábios comprimidos em uma linha dura.

Com minha última reserva de forças, murmuro:

— Você sabia?

Ele abaixa a cabeça.

Não espero para ouvir seus motivos. Ele sabia sobre Bradley e Tonya e não falou nada. Mesmo depois que eu descobri, ele nunca disse nada.

Tonya *pode* estar grávida. E pode *não estar*. Mas nada disso importa, certo? Só que Shane *sabia*. E essa história toda tem a ver com Tonya. De novo.

A questão da confiança teve uma resposta alta e clara. De novo.

Meu mundo virou catastróficamente de cabeça para baixo.

De novo.



Lá em cima, na varanda, sento-me outra vez na cadeira de balanço e, tonta, espero. Encontro meu celular e ligo para Ellie. *Por favor, atenda. Por favor...*

— Alô? Kenzi?

Graças a Deus.

— Oi. Eu, hã... — E isso é tudo que consigo dizer.

Ela é tomada por uma fúria verbal.

— ... e eu tentei ligar, mas você não atendia... o Bradley, que merda, e depois ele disse que ia até aí... estou a cerca de meia hora daí. Você não acha? E o Ran...

Eu me levanto na cadeira, prontamente revigorada.

— Espere! Espere, Ellie. Você está vindo para cá? Agora?

— Sim! Foi o que eu disse. O Rand foi para Indianápolis com o Shane, mas o Shane saiu com você do campo de paintball, e ele ficou a pé... Você pode voltar comigo, se quiser. Se preferir ficar na casa do Shane, tudo bem, eu posso...

— Você é incrível, Ellie. *Sim*, eu preciso sair daqui. Diga ao Rand que estou na casa principal, tá bom? — Ela repete o que acabei de dizer. Um profundo

suspiro parece brotar da minha alma.

Ellie começa a perguntar o que aconteceu, mas simplesmente não posso conversar. Não agora. Desligo e ainda não me mexo. Não tenho coragem de descer e encarar a avó de Shane, ou qualquer um deles. Só quero ir para casa.

Olho pela janela. Tenho certeza de que há uma treliça ali. É sempre assim nos filmes. Posso esperar Ellie na estrada.

Estou realmente considerando essa ideia? Sim, e isso mostra como minha vida está bagunçada. E é claro que tem uma treliça. Debruço-me sobre a grade da varanda e sacudo a escada improvisada de madeira contra a parede da casa. Parece segura. Tento arrancá-la da parede, mas não consigo.

Respiro fundo, passo uma perna por cima da grade e encaixo a ponta da bota no vão entre as ripas. Tudo bem. Respiro fundo de novo e passo a outra perna. Seguro firme, apoiando todo o peso do corpo na treliça. Ela aguenta. Pulo no lugar para ter certeza. Balanço o corpo para ter mais certeza. Muito bom. Vamos lá.

É surpreendentemente mais fácil do que parece nos filmes. Sem nenhuma dificuldade, vou descendo. Não acredito que estou saindo escondida. Isso se qualifica como um novo fundo do poço. Mais um passo e... chego ao chão com um baque, mas inteira. Suspiro e arrumo a saia.

— Pensei que podia querer sua bolsa. — É a vovó.

Eu me endireito. *Este é o novo fundo do poço.*

Ela está parada perto da parede, segurando minha bolsa com uma expressão desconcertada. Esteve ali o tempo todo? Tenho a impressão de que alguém torce meu estômago como uma toalha, tentando extrair dele até a última gota de ácido. Pigarreio, me aproximo e pego a bolsa da mão dela, me sentindo ridícula.

— Se não me engano, você nunca gostou muito de portas.

O comentário é uma alusão a todas as vezes em que subi ao quarto de Shane no dormitório, e à vez em que ela o visitou de surpresa e ficou até tarde. Ela não foi a única que se espantou quando apareci na janela.

Ela se vira e volta para dentro da casa.

— Venha, vou fazer um chá.

De cabeça baixa, eu a sigo em silêncio.

— Bem, vai ter que ser café. O Shane nunca tem nada nos armários. — Ela abre uma porta e pega duas xícaras. — Eu agora moro no chalé dos fundos. São

três, todos próximos.

Não vejo nenhum sinal de Bradley ou de Shane. Estaco à porta, sem saber o que dizer. *Eu deveria dizer alguma coisa.* Em vez disso, mexo no vestido.

— Bem... sente-se — ela diz e põe uma xícara diante de mim, sobre a mesa de madeira grossa.

Eu me sento e seguro a alça da xícara.

— Não foi assim que imaginei vê-la de novo — digo.

— Não, imagino que não. Quer açúcar? — ela pergunta, enquanto enche minha xícara.

— Sim, por favor. — Acrescento uma colher de açúcar ao café e mexo, fazendo barulho com a colher na xícara. E se ela me disser que não sirvo para Shane? Não foi isso que minha mãe fez com ele?

Ela puxa uma cadeira e se acomoda a minha frente.

— Não tem creme nem leite, infelizmente. — E cruza as mãos sobre a mesa, os olhos sérios fixos em mim. — Esse homem que apareceu aqui hoje... Me fale sobre ele.

Levanto o olhar. Ela lê minha mente antes de os pensamentos se registrarem com clareza.

— Ah, eu o mandei embora, meu bem. E mandei o Shane ir buscar suas coisas no chalé.

Minhas coisas. Meu coração fica apertado. Eles querem que eu vá embora. Bem, eu vou. Ellie está a caminho.

— Nós estávamos noivos até... ontem. — *Isso soa péssimo.* Foi ontem? *Meu Deus, isso é péssimo.* Brinco com a alça da xícara. — Minha família o adora. Mas, depois de um tempo, percebi que eu não o amo, não o suficiente, pelo menos. Não como deveria. E depois... — Meus olhos encontram os dela. *Conto sobre Tonya?* — Hã, eu descobri que ele me traía... e ela pode estar grávida. — Pronto, falei. Sim, sou patética. — Foi com... alguém que eu pensava ser minha amiga.

— E como o Shane se encaixa em tudo isso? — ela pergunta, levando a xícara aos lábios. Olhos atentos me observam por cima da borda.

Havia me esquecido de como ela é direta. Ajeito minha xícara, virando a alça para o outro lado sem nenhum motivo. *Como Shane se encaixa em tudo isso?*

Começo a pensar em como ele me adicionou no Facebook, no primeiro dia em que estive na Safia, na lista de filmes, em todos os momentos do cinema.

Encaro a avó de Shane. Ela espera, paciente, que eu formule uma resposta.

— Ele, hum... Ele apareceu no meu trabalho, como cliente, e estamos trabalhando juntos. E tem uma lista... e ele... — sorrio, olho para ela e abaixo a cabeça.

— Entendo. — Agora ela segura a xícara com ambas as mãos, os cotovelos apoiados na mesa. — Lembro quando ele voltou para casa sem você. — E junta as sobranceiras, como se refletisse. — Não foi fácil para ele. Os dois anos seguintes não foram muito melhores. — Ela se recosta na cadeira.

Estou ouvindo com atenção.

— Quando meu Charles morreu, no ano passado, deixou tudo para o Shane, com provisões para mim, é claro. O pai do Shane, meu filho, não concordou, pois achou que tudo devia ficar para ele. E havia uma moça com quem o Shane estava saindo.

Não sei se quero ouvir isso. Bebo um gole de café. *Por favor, não diga que ele ainda a ama.*

— Shane se preparava para uma carreira promissora com o pai, e a moça se preparava para ter um marido promissor. Mas, quando meu Charles deixou para ele o dinheiro da família e a fazenda nos Estados Unidos... Bem, se ele se mudasse para cá, todo o resto seria impossível. — Ela se debruça sobre a mesa e segura minha mão, com o nariz franzido pelo sorriso. — Fico feliz que ele tenha vindo.

Ele nunca me contou nada disso. Ele não me conta muitas coisas.

— Ela queria que Shane vendesse a propriedade, porque assim poderiam começar a vida com esse dinheiro. O pai dele concordava com a moça. Juntos, eles tentaram convencê-lo de que essa seria a melhor decisão. E quase conseguiram.

Ela bebe um pouco do café. Não sei o que dizer. *Devo dizer alguma coisa?*

— O Shane teve escolha. Ele poderia vender a fazenda, pegar o dinheiro e me deixar sozinha. Ou poderia voltar para os Estados Unidos e cuidar de mim. Talvez começar tudo de novo. — Ela estreita os olhos. — Escolher é o ato de viver com propósito. E acho que ele fez a escolha certa. Talvez você também tenha feito.

Recosto-me na cadeira e sorrio para ela.

Ela sorri de volta, depois olha para a porta.

— Shane, pode entrar, já ouvi você aí fora. — Ela pisca para mim. — Eu escuto tudo, ele fica maluco com isso.

Shane ouviu a conversa? Ouço movimentos, mas estou concentrada na xícara de café, na força com que a seguro.

— Você precisa comprar comida, pelo menos um pouco de creme para o café. — Ela se levanta. — Kensington, foi um prazer ver seu rostinho bonito outra vez. Espero vê-lo mais vezes.

Levanto a cabeça e a vejo sorrir antes de se dirigir à porta. Em seguida, vejo Shane. Ele está apoiado no batente, o polegar pendurado no passante da calça jeans, a cabeça meio inclinada. Os lábios que beijaram meu rosto menos de três horas atrás agora estão um pouco inchados, e há um corte no lábio inferior. Seus olhos mergulham nos meus. No momento, ele parece mais o garoto que conheci do que o homem que eu tinha esperança de conhecer.

Ele respira fundo, como se estivesse prestes a romper o silêncio, mas a campainha soa antes de sua voz. Shane ergue os ombros e parece refletir. Olho para minhas sacolas atrás dele.

Fechadas. Prontas. Decididas.

— É minha carona — explico num sussurro. Levanto-me em um instante. Meu ombro toca seu braço quando passo por ele para pegar minhas coisas.

— Kensington, espere. — Ele estica o braço na frente da porta, para me impedir de sair. Seu queixo está abaixado, os olhos suaves.

Não tem nada de que eu gostaria mais do que ouvi-lo dizer que eu entendi mal. Que ele não sabia sobre Bradley e Tonya. Que posso confiar nele. Mas eu ouvi bem. Ele sabia. *Todo mundo sabia.*

Estou balançando a cabeça.

— Eu, hum... preciso pensar em tudo isso.

Minhas mãos tremem quando pego minhas coisas e passo por baixo do braço estendido diante da porta.

Shane vem atrás de mim.

— Kensington, *por favor.*

Não paro. Na verdade, eu corro.

Mas para que estou correndo?

Limpo a torrente de lágrimas e evito o olhar de Rand Peterson quando passo. Ellie arregala os olhos ao me ver. Estou visivelmente perturbada e cambaleante ao dirigir-me até o carro.

— Aqui. Aqui, peguei. — Ela tira as sacolas de minhas mãos e as joga no porta-malas.

Deslizo no assento do passageiro, bato e tranco a porta. Depois me recosto no banco, prendo o cinto de segurança e faço uma verificação mental. Ellie se acomoda ao volante e estaca, com a mão na ignição. Sei que Shane está parado do lado de fora da minha porta.

— Por favor, me leve para casa, Ellie. — Sou tomada de assalto pela verdade, e ela é dolorosa. *Deus, isso dói.* Mas nesse momento as lágrimas pararam. Talvez eu tenha finalmente alcançado meu limite. Em relação a todos.

O idiota do Bradley já teve chance de falar. E Shane disse muito falando pouco. Ele não achou importante ter visto Bradley e Tonya juntos? Bastava um simples: “Ei, sabe quem eu encontrei?”

Mas por que falaria? Ele nunca me contou o que minha mãe ou Tonya disseram. Naquele tempo, ele era um moleque, eu entendo; ele se desculpou, eu aceitei. *Mas e agora?* Agora ele é um adulto, e fez a mesma coisa *de novo*.

Talvez seja hora de *eu* falar o que penso.

Começando por... *Tonya*.



Guerra é...

Ellie me deixou em casa e foi embora quando prometi que ia dormir um pouco. Mas, no mesmo instante em que vi o carro dela arrancar, pulei no meu e fui para a casa de Tonya. Estou sentada do lado de fora do apartamento dela há quase uma hora.

Observando.

Esperando.

Comendo.

O apartamento está escuro. Ela não está em casa, mas tudo bem, porque sei ser paciente. Meu carro tem bancos aquecidos. E eu tenho café quente e uma dúzia de donuts da padaria. Assisti a *Guerra é guerra*, sei como funciona uma vigilância. E estou oficialmente em uma.

Sou Lauren, personagem de Reese Witherspoon, mas com as habilidades de disfarce de Chris Pine e Tom Hardy. Porém, à exceção do celular, me falta o mesmo incrível equipamento de espionagem.

Noto que ela deixou de ser minha amiga no Facebook *Que vadia*. Podia pelo menos ter me dado a satisfação de excluí-la. Ela é a mentirosa traíçoira.

Verifico a lista de amigos de Ellie para ver se Tonya ainda está lá. Sim. Eu devia postar algo no mural de Ellie, assim ela ainda veria.

Alguma coisa como: “Eu tenho um sanduíche. Você gosta de sobras, não é?”

Não, isso é muito suave. Talvez eu esteja canalizando demais a personagem de Reese Witherspoon. Não quero ser agradável. Não sei o que eu quero. Talvez

um sanduíche. Os donuts estão me deixando enjoada.

A amiga de Lauren, no filme, diz: “Não escolha o melhor homem, escolha o homem que faz de você uma mulher melhor”. Bem, nenhum dos dois. Com Bradley, eu me acomodei. E Shane ainda não se acomodou. Então escolho FDR, o personagem de Chris Pine em *Guerra é guerra*. Ele gosta de cinema e tenta conhecer arte, então está bom para mim. Talvez eu assista a esse filme hoje à noite.

Luzes iluminam o interior do meu carro quando um SUV entra no estacionamento. Eu me abaixo, depois levanto um pouco, até meus olhos ficarem acima da abertura da janela. Meu coração dispara num misto de açúcar e adrenalina.

É ela. E não está sozinha. Mas não consigo ver com quem está. Pressiono a testa contra o vidro e tento enxergar melhor. Quem é? Bradley? É ele? Arfo e embaço a janela. Não pode ser. Limpo o vidro com a manga e recupero o foco. Não, não é Bradley, é... Não sei. Eles vão para o apartamento dela. *E agora?*

Sento ereta e pego um donut. É combustível de carboidrato para o meu tanque de pensamento. Planejei um interrogatório, não uma interrupção. Agora não posso entrar. Não posso abrir o jogo se tiver alguém lá com ela. Uma luz se acende no apartamento.

Preciso saber quem está com ela.

Não estou pensando. Estou agindo. Jogo o donut na caixa, mas reconsidero. O donut, não a ação. Posso terminar de comer primeiro.

Pronto... agora eu vou. Agora vou agir.

Vou me esgueirando pela beirada da calçada, com a gola levantada e o queixo abaixado. Um passo mais largo aqui. Uma abaixada ali. Avanço para o prédio de Tonya e olho em volta.

Felizmente, ela mora no térreo. Ando colada à parede dela, progredindo centímetro a centímetro. *Merda, os arbustos são densos*. Ai. Os galhos espinhosos arranham minha pele. Meu cabelo fica preso nos ramos e sinto a dor quando viro a cabeça. *Que diabo de planta é essa?* Não está funcionando. Tento me virar... Vozes. Ouço vozes! Alguém se aproxima.

Abaixo-me tanto quanto posso, mas não estou vestindo camuflagem, não vou me misturar à folhagem. Alguém pode me ver.

Fecho os olhos e fico quieta entre os arbustos, tentando permanecer imóvel até os vizinhos passarem. É assim que se sente um espião da CIA? Não sei como eles conseguem. Sinto coceira no tornozelo.

Continuo abaixada. Meu tornozelo está pegando fogo, e, depois de todo café que tomei, preciso fazer xixi.

Eles já foram? Acho que sim. Tudo bem, coço a perna e me ergo. Vou conseguir.

Viro e colo o corpo à parede. Dou um passo de lado entre o arbusto e os tijolos, com as costas voltadas para fora, as mãos coladas ao concreto. Meus dedos tentam alcançar a janela, quase consigo, quase... pronto. *Sim!* Estou bem embaixo dela.

Devagar... Levanto a cabeça. Vou subindo pouco a pouco, com cuidado para não atrair a atenção de quem está lá dentro. Paro. Só o topo de minha cabeça ultrapassou o parapeito. Nenhum grito, nenhuma exclamação do tipo “Ai, meu Deus, de quem é aquele cabelo”.

Sufoco uma risadinha. Isso seria esquisito. Olhar pela janela e ver só uma testa. O que eles diriam à polícia? Não poderiam me prender por estar espionando. Ninguém espiona com a testa.

Levanto mais um pouco... mais... pronto. Meus olhos estão agora um pouco acima do parapeito. Vejo Tonya e as costas do homem misterioso. Não é Bradley. O porte é diferente, ele não tem bunda. Mas... é estranhamente familiar. Eles estão discutindo. Tonya diz alguma coisa, mas só escuto grunhidos abafados.

Ah! Ele a está beijando. Ela o empurra, mas... agora está correspondendo ao beijo! Eles pararam e... por que ele toca a barriga dela como se... Espere, cheguei a pensar que ela não estava grávida? Agora ele está falando com a barriga de Tonya.

Ela *está* grávida!

Tonya se solta e vai para a outra sala, falando alguma coisa. Ela é como um Charlie Brown adulto e irritado. Tudo que escuto é *uh, uh, uh, uh*. As janelas têm um excelente isolamento.

Vamos lá, vire.

Vire.

Ele está virando... É... É...

— Puta merda!

Ai, falei alto. O isolamento não é tão bom quanto eu pensava. Olhos se voltam para mim.

Eu caio.

Merda. Merda. Merda. Tenho que ir embora! Atravesso o caminho de arbustos em tempo recorde, quebrando galhos e rasgando tecido enquanto corro. Estou fora. *Merda, para que lado?* Posiciono-me como um quarterback, espero o arremesso, olho para a direita, depois para a esquerda, direita de novo. Preparar, atenção, *correr!*

Pisando sobre um canteiro de flores, viro uma esquina e colo o corpo à parede. Ah! Com uma das mãos sobre o coração, cubro a boca com a outra; respiro, ofegante, pelo nariz.

Quando meu coração se acalma um pouco, espio pela quina da parede. Não tem ninguém ali fora. Mais uma olhada cautelosa, e corro alucinadamente para o carro.



Dirigi nervosa o caminho inteiro. Estaciono na minha garagem sem lembrar o trajeto que fiz até em casa. Não entendo o que está acontecendo. Estou completamente confusa por mais uma volta da roda do destino. Não estou só de cabeça para baixo, mas girando em confusão.

Pego a chave do apartamento e...

— Kenzi? Você está bem?

Ele se aproxima de mim. Estou parada na calçada, ainda tentando entender o que vi. O que estou vendo. *Por que ele está aqui?*

— Bradley? O que você quer? — Não suporto mais nada.

Ele segura meu queixo, vira minha cabeça, examina meu rosto.

Eu o empurro.

— O que você está fazendo?

Seu olho esquerdo está inchado, quase fechado, com uma mancha roxa que promete virar um hematoma amarelo.

— Tem um... Aqui. — Ele estende a mão e tira pedaços de galho do meu cabelo. — E... posso? — Lambe o polegar, passa perto da minha boca e examina o próprio dedo. — Calda de açúcar? — Bradley olha para mim com um olho só cheio de preocupação.

O outro olho não deve estar enxergando nada.

Em vez de um Gaston loiro, ele agora parece um Quasímodo caolho. Limpo o rosto e suspiro. *Sim, calda de açúcar dos donuts.* Quando olho para baixo, vejo arranhões em minhas pernas, a saia rasgada e o braço sangrando.

— Venha, você precisa se limpar.

Não discuto. Sigo Bradley até a porta do meu apartamento e espero que ele a destranque. *Preciso pedir de volta a cópia da chave.*

— Jesus Cristo. O que aconteceu aqui, Kenz? — Ele está parado na entrada, olhando para dentro do apartamento.

Ah, sim, não limpei nem arrumei nada depois da bebedeira ao estilo Bridget Jones, resultado do beijo depois da sinfônica no sábado.

— Vou tomar uma ducha — aviso, já passando por ele. Não tenho expressão nem explicação. Estou exausta. Nem me importo por ele estar aqui. Estou muito além da raiva, porque, francamente, que importância tem isso?

Quando abro o chuveiro, vejo meu rosto no espelho. *Ai, meu Deus.* Bradley foi gentil. Sou a imagem da destruição. Deixo escapar um suspiro profundo e tiro pouco a pouco as folhas que se prenderam no meu cabelo.

Uma taça de vinho me espera ao lado do sofá quando volto à sala. Bradley está com uma caixa de curativos nas mãos.

— Vem cá. Quero olhar melhor esse braço.

Estendo-o, para ser inspecionado. O corte é grande, mas superficial. Não me lembro de ter sentido quando aconteceu. Bradley termina o exame e eu me encolho no sofá, com uma perna embaixo da outra, e bebo o vinho em dois goles determinados. Bradley se senta na minha frente, apoia os antebraços sobre os joelhos e espera.

Eu o faço esperar um pouco mais.

— Tudo bem — digo finalmente. — Chega de mentiras. Só a verdade. Uma chance de falar a verdade. Então, desembucha.

A verdade é a mesma de antes. Eles tiveram um caso antes de eu ir trabalhar na agência, e depois aconteceu outra vez. Sim, a verdade é uma droga. Ele é uma droga. Minha mandíbula está tensa. Não há nada que ele possa dizer para mudar alguma coisa.

Bradley troca a cadeira pelo chão e se ajoelha diante de mim. As mãos seguram as minhas.

— Há umas duas semanas, ela me contou que estava grávida e eu... entrei em pânico, tá? Ela me seguiu até o carro antes de eu ir para Lansing, exigiu que eu fizesse o que era certo e casasse com ela. *Casar com ela*. Era meu pior pesadelo, amor, você tem que acreditar em mim...

Um olho azul fita o meu. Eu devia ir pegar gelo para o olho inchado e congestionado, mas não vou.

— E sobre o que o Shane disse? Que viu vocês juntos no hotel? E que *não era* trabalho? — Estreito os olhos.

— Amor... — Bradley começa cuidadoso enquanto se aproxima um pouco mais. Seus braços agora estão apoiados sobre minhas pernas, as mãos seguram as minhas. — Às vezes eu sou um cretino...

Obrigada, capitão Óbvio! Eu bufo.

Ele ignora.

— Mas, se ela estivesse esperando um filho meu, eu não me furtaria à responsabilidade, você sabe disso.

Arranco minhas mãos de entre as dele e me endireito. *Não se furtaria à responsabilidade? E eu?*

Bradley franze a testa e balança a cabeça.

— Não, eu quis dizer que apoiaria a Tonya. E sustentaria o bebê. Quero me casar com *ocê*. E tenho quase certeza que ela mentiu sobre a gravidez, de qualquer maneira. Então, essa não é uma preocupação agora. Certo?

Merda. Ele não sabe o que acabei de ver. E não tem nada certo. Seja como for, não tem nada certo.

— Eu conversei com o Grayson sobre tudo isso...

— Espere, *o quê?* Meu irmão sabe sobre a Tonya e...? — Não consigo acompanhar nada. A injeção de açúcar se transformou em um melado pegajoso.

— Eu precisava de apoio, precisava saber como lidar com toda essa situação. Desculpa. Desculpa por ela. Por ter insistido em apressar o casamento. Acho que

pensei que, adiantando tudo, talvez.. Não sei. Seria mais difícil você me abandonar quando eu contasse tudo. E poderíamos resolver a situação juntos. Merda, isso é uma confusão, e eu peço desculpas.

Estou atordoada; escuto a voz de Bradley, e as palavras parecem ir e vir. Tento discernir o que faz sentido. O que não faz. E por que meu coração dói.

— Ainda podemos planejar o maior casamento que já se viu, tudo o que você quiser. Você só precisa dar outra chance para nós dois... Você quer filhos? Sabe que eu também quero. Podemos tentar logo depois... Vou até fingir que não sei nada sobre o Bennett, está bem?

Bennett. O nome dele me traz de volta. Pisco e arregalo os olhos para o nada.

Bradley ainda me quer. Ele está delirando. Depois de tudo isso, ele acha que eu reconsideraria? Esqueceu que terminei o noivado antes de saber disso tudo? Não era certo antes, e não é agora.

Levanto, pego minha bolsa e abro o bolsinho interno.

O anel.

Minha voz soa fraca, só um sopro de palavras unidas em uma declaração verdadeira, quando o coloco na mão dele.

— Bradley... eu não posso. — Dessa vez, não há a mínima indecisão na minha voz — *Eu não quero.*

Não sei o que tudo isso significa ou o que eu quero.

Só sei que *não é ele.*



Cinismo para você

Bradley havia ido embora quando acordei no sofá. Deixou um bilhete dizendo que me amava, que lamentava muito e me pedindo para reconsiderar, *por favor*. Isso foi ontem. E foi ali que fiquei. No sofá. Hoje, pedi pizza, usei duas caixas de lenços, vi várias comédias românticas e mudei de canal muitas vezes.

Estou pensando que posso acabar sozinha. A imagem da minha futura filha com uma placa de “Você está demitida” me atormenta. Ela não precisa me demitir... *pois eu nunca consegui o emprego*.

Ellie me fez prometer que sairíamos juntas quando me deixou em casa na outra noite, e continua cobrando a promessa. Na verdade, ela está aqui se arrumando, embora só vamos sair às sete da noite, e são três da tarde ainda. Tudo o que quero é voltar para o sofá.

Consegui me arrumar pela metade. Meu cabelo está preso em bobes e a maquiagem está feita, mas continuo de calça de moletom e chinelo. Não sei aonde vamos nem o que vou vestir. Pelo menos sei o que *não* vestir, depois de duas horas assistindo ao TLC.

— Gostei, é uma graça — digo a Ellie quando ela gira, exibindo o vestido em minha sala de estar, antes de voltar ao banheiro.

Debruçada sobre a mesa, olho o Facebook enquanto espero. Eu tinha esperança de que Ellie telefonasse antes sugerindo um lugar, propondo que nos encontrássemos lá. E em vez dela seria... mas tanto faz. Não vai acontecer. Ele não está aqui, não telefonou, não fez nada além de desaparecer outra vez.

Sim, as cenas de filme terminaram. Os créditos subiram na tela, o fim foi péssimo e os críticos de cinema deram uma nota ruim.

Noto uma nova solicitação de amizade e clico no ícone. *NY152?* Quem é NY152? Meu mouse aponta para a foto, mas é só o avatar genérico. Quando vou clicar em “Agora não”, percebo que há uma mensagem.

Querida ShopGirl,

Quero começar a escrever como se já estivéssemos no meio de uma conversa. Espero que considere a possibilidade de continuarmos essa troca. O que você diria? Estarei online, esperando impaciente por aquelas palavrinhas, *você tem um novo e-mail*, ou, nesse caso, uma nova mensagem.

Ai, meu Deus. É Shane. É Mensagem para você.

Leio de novo, formando cada palavra com os lábios. A curiosidade abre um buraco dentro de mim. Clico em “Confirmar” e vejo que a conta é nova. Sou a única amizade de NY152.

No filme, Meg Ryan e Tom Hanks não conhecem a verdadeira identidade um do outro. Todos os dias, eles conversam sobre coisas comuns. Nada muito pesado. Nada de grandes questões.

Eu tenho questões. Mas não estou preparada para perguntar.

Abro a caixa do bate-papo. Roo uma unha e me concentro, tentando lembrar as cenas do filme. Ele fala sobre o cachorro e sobre Nova York no outono... *O que ela diz?* Procuro no Google o roteiro do filme, para obter o texto exato.

Querido NY152,

Quer saber o que eu diria? Às vezes, eu penso em minha vida. Faço isso porque gosto ou porque não tenho sido corajosa? Não quero uma resposta. Estou só colocando para fora.

Olho para a tela por alguns minutos, sem enviar a mensagem. Posso ser corajosa, posso fazer isso. *Clique.*

Talvez eu possa ser corajosa em relação a tudo. Talvez já tenha passado da hora. Como lidar com minha mãe, com minha família... Eu tentei com Tonya.

Devia tentar outra vez. Forçar um confronto. Então eu poderia superar. Talvez.

Inspiro profundamente pelo nariz e me recosto na cadeira.

— Ellie? Preciso usar sua conta do Facebook.. Como se fosse você. Tudo bem?

Ela sai do banheiro.

— Por quê?

— Se eu for até a casa da Tonya, ela não vai me receber. Mas, se a fizer sair fingindo que eu sou você, posso pegá-la de surpresa.

Ellie cruza os braços.

— Só para conversar. Preciso falar para ela tudo que estou pensando, de uma vez por todas. — Inclino a cabeça. — Por favor.

Ellie assente e se aproxima para fazer o login. Abro a caixa do bate-papo e começo a digitar uma mensagem para Tonya como se fosse Ellie, sob seu olhar vigilante. O computador emite um sinal sonoro.

Tonya: Oi, Ellie-Bellie.

Estreito os olhos.

— Ah, com você ela fala, é claro.

— O que você vai fazer exatamente?

— Você vai ver. — Chego para o lado na cadeira, deixando um espaço para Ellie sentar ao meu lado, e começo a digitar.

Ellie-Bell: Eu sei o que você fez.

Tonya: Jura, Einstein? Todo mundo sabe. O Bradley gritou para todo mundo ouvir.

Digito mais depressa, com mais força, e aperto enter.

Ellie-Bell: Eu vi você com ele. O bebê NÃO é do Bradley, é?

Enter. *Tec, tec, tec*, enter.

Ellie-Bell: Me encontre na Safia às cinco. Precisamos conversar.

Ellie chega mais perto.

— O que você viu? Pensei que tivesse passado a noite toda em casa.

Eu a ignoro. Meus olhos estão fixos na tela, antecipando a resposta de Tonya. Meus dedos estão prontos para digitar. Na parte de baixo da caixa de mensagens, letras acinzentadas avisam: “Tonya está digitando...” A mensagem persiste, me provocando. Meu coração bate no mesmo ritmo.

Meu Deus, o que ela está escrevendo?

Espere, a mensagem sumiu. Chego mais perto da tela para ver se estou enxergando corretamente. A bolinha verde sumiu. Clico na caixa de mensagem e o Facebook avisa que “Tonya não está disponível, mas você ainda pode mandar uma mensagem”.

O quê? Ah, eu vou mandar uma mensagem. Ela *vai* receber a mensagem. Digo, batendo nas teclas:

Tonya, eu sei que você está grávida e que o filho não é do Bradley. E sei de quem é. Também sei o que você está tramando. Esteja no escritório às cinco horas, ou todo mundo vai saber também.

Não estou certa de nada. Mas tenho minhas suspeitas. Pego o braço de Ellie e minha bolsa.

— Você dirige. Vamos.



— Não, deixe as luzes apagadas — falo para Ellie quando entramos na agência. Ela desativa o alarme, e nos movemos como ratos.

— Se eu estiver certa... — Olho para o relógio na parede. — Ela vai chegar em menos de dez minutos. Preciso de você para fazê-la admitir o que está

acontecendo de verdade. — Não conto a Ellie minha teoria da conspiração. Não tenho certeza.

Pode ser louca *demais*.

Ellie balança a cabeça.

— Já sabemos o que está acontecendo. Dois caras, um era o Bradley. E ela está grávida.

— Faça-a falar, só isso. Por favor. Depois eu falo com ela... e posso deixar tudo isso para trás, tá bom? — Ou postar no Facebook, se ela não admitir a verdade para Bradley e todos os envolvidos. Pretendo gravar a confissão.

— Tudo bem, sou a favor de esclarecer e encerrar os problemas, mas, se formos presas, sua foto vai ficar horrível. É só isso que eu digo.

Ainda estou de chinelo, calça de moletom e minha cabeça está cheia de bobes. *Tanto faz*. Olho para o relógio. *Merda, ela mora a cinco minutos daqui*.

— Precisamos nos esconder!

Nós duas olhamos em volta, aflitas, como se alguém anunciasse: “Prontas ou não, lá vou eu”.

— Espere. — Ellie para, confusa. — Por que vou me esconder, se marquei um encontro com ela?

— Porque não quero que ela saiba que você já está aqui. A Tonya tem que entrar e se afastar da porta. Não pode ter chance de escapar.

Tudo bem, onde? Vasos de plantas, cabides para casacos, mesas. A mesa de Maggie. Posso me esconder embaixo dela, já que os painéis de madeira chegam ao chão.

— Banheiro! Vá para o banheiro! — Aponto a porta para Ellie. — Sim... isso vai funcionar. Vai dar certo. Vai, vai, vai.

Ellie corre em direção ao banheiro, os saltos batendo no chão. Puxo a cadeira de Maggie, que gira num movimento maluco. Desvio-me da cadeira com um pulo, seguro-a e mergulho embaixo da mesa, batendo a cabeça. Um bobe se solta e fica meio dependurado.

Abaixada, alinho os olhos com a fresta, para enxergar lá fora. Tento um olho de cada vez. Esquerdo, direito, esquerdo, direito. Sim, eu posso ver. Isso é bom. Agora espero.

Destrovo a tela do celular para poder gravar. Tenho uma mensagem. É de NY152.

Meu coração dispara. Leio-a rapidamente.

Querida ShopGirl,

Você já se sentiu a pior versão de si mesma? Alguém provoca e, em vez de lidar com a provocação com um mínimo de classe, você reage. E reage mal?

Deixo escapar uma risada nervosa. Mais trechos de *Mensagem para você*, mas a sincronia é irônica. Estou encolhida debaixo da mesa, com a cabeça cheia de bobes e pronta para... *Espere, o que estou fazendo?*

Preciso confrontar Tonya, não pular de trás da mesa como um boneco de mola de dentro de uma caixa.

Saio, bato a cabeça e o bobe se solta de vez e rola pelo chão. Uma mecha de cabelo balança como uma mola. Ouço um tilintar. Paro onde estou. *Barulho de chaves?* Chaves na porta! Corro para o banheiro e bato com a porta em Ellie.

— Ai, merda! Que diabo?

— Shhh! — sussurro, quase como se gritasse, balançando as mãos diante dela e cuspidando um pouco. — Ela chegou!

— Então por que você está aqui?

— Para avisar que ela chegou! Agora vai!

Ellie está na porta, espiando pela fresta minúscula.

— Estou ouvindo uma voz na sala principal — ela sussurra e abre mais a porta quando me aproximo. — Quem ela está chamando?

— Você. Eu era você, lembra? Vai! — cuspo de novo.

— Espere. — Ellie fala alto demais, vira e me acerta na testa. Outro bobe se solta e cai no chão com um clique-clique, rolando.

— Shhh — nós duas fazemos, batendo uma na outra.

Eu praticamente a empurro porta a fora.

— Tonya? Desculpa, eu estava no banheiro. Não pensei que já estivesse aqui. — A voz de Ellie desaparece quando a porta se fecha.

Abro-a novamente, para poder ouvir a conversa. Mas preciso ver. Colo o corpo ao batente, empurro a porta lentamente e passo pela fresta me espremendo.

— Bom, você queria conversar. Pode falar. — Tonya já está irritada.

— Ah... Eu queria falar com você porque... eu sei sobre o Bradley e o *outro* cara.

Isso! Boa, Ellie, muito bem. Colada à parede, caminho em direção à sala principal, com duas mechas de cabelo pulando como molas a cada passo. Devagar... Tenho que ir com calma.

Tonya bufa como um dragão.

— Acho que você não sabe de *nada*, Ellie.

— Tanto faz, eu sei que você traiu a Kenzi.

— E?

Vadia! Começo a gravar a conversa pelo celular e, usando o braço como um periscópio, seguro o telefone além da parede. Não consigo ver nada. Espero que elas não vejam meu braço.

— E sei que são *dois* homens, e não acho que o Bradley saiba sobre o outro cara.

Isso! Perfeito!

A porta da frente se abre. *Espere, não, ela está indo embora?*

— Ela chamou você também? — Tonya pergunta, surpresa.

Chamou você? Quem está ali? Inclino um pouco o corpo, tento ouvir, preciso ver...

Apoio a lateral da cabeça no canto da parede. Mais um pouco e... um bobe se solta com um estalo e cai. Clique, clique.

Três pares de olhos se voltam em minha direção. As antenas formadas por meu cabelo acenam um oi.

É ele. O pai do bebê.

Clive.

— Kenz? — Tonya arregala os olhos. — Que diabo está acontecendo?

Hora da ação. Começo do jogo. A festa vai começar. Agitação. Aí vamos nós. Eu me endireito e entro na sala.

— Você. Foi. Desmascarada. — Uso o celular para enfatizar cada palavra. — Por que não admite, Tonya? O bebê muito provavelmente é *dele*...

— Bem, eu não colocaria dessa maneira — responde Clive, com as mãos nos bolsos e um ar contido.

— O quê? Ei, ei, ei... — Ellie está chocada, boquiaberta, com as mãos abertas e levantadas, olhando de mim para Tonya e... Ela dispara: — *Você é o pai do bebê?*

— Só agora você entendeu? Sêrio? — Tiro o saca-rolha do olho, porque assim Ellie pode apreciar todo o meu sarcasmo debochado. Em seguida, levanto o telefone e acrescento: — Tenho tudinho aqui, está preparada?

Ellie assente, com os olhos arregalados.

Dou um passo em direção a Tonya, apontando o celular para ela.

— Ela é uma mentirosa, uma amiga de merda. Quer dizer, sêrio mesmo, Tonya? Primeiro com o Shane na...

— AI, MEU DEUS! — Ela joga a cabeça para trás com um olhar enlouquecido. — Você está brincando comigo? Isso foi há uma eternidade! Quem se importa?

— Eu me importo! E sobre o presente? Eu estava noiva... e você... agora está *grávida*? — Inclino a cabeça em direção a Clive. — E ele é o pai? Ele é *casado*! É seu chefe. Você poderia ser mais patética?

Tonya recua um passo em direção à mesa de Maggie. Eu a acompanho, ainda apontando o celular como se fosse uma arma mortal.

— Você ameaçou contar para a esposa dele ou alguma coisa assim? Por isso a Safia está em dificuldades? Ele está comprando seu silêncio, ou é só culpa? — *E aí está minha teoria.*

— Meu Deus, Tonya, sêrio? — Ellie está completamente boquiaberta. — Você faria isso mesmo? — Ela parece ter acabado de receber a notícia de que Papai Noel não existe.

Com um movimento dramático de minhas mechas de mola, dou mais um passo à frente.

— Tenho certeza de que o sr. Incapaz de Ficar Dentro das Calças comprou o silêncio dela. Estou certa? Estou. Certa?

— Sêrio, Clive? — Agora foi a vez do Coelhoinho da Páscoa.

Tonya bate com o traseiro na mesa. Não tem para onde correr. Encurralada como um rato, e estou só começando. Nenhum dos dois nega nada. Meu Deus. *Eu estava certa?*

— Tira essa coisa da minha cara — Tonya tenta bater no telefone, e começamos um jogo de ataque e esquiva.

Seguro o aparelho no alto, depois à direita, agora atrás das costas. Seus braços longos me envolvem, e a mão acerta o celular. Ele voa longe. E, no meio do voo, ouço o som de notificação.

Tonya bate com o indicador no meu peito.

— Escuta aqui, Medusa, já cansei dessa merda.

Ah, não, não mesmo.

— Cansou, é? *Você?*

Ellie pegou o telefone. Ela o segura com as duas mãos, andando de lado e meio abaixada. Aponta o celular para Clive, depois para nós. Não sei se o aparelho ainda está gravando.

— Sabe de uma coisa? — Empurro Tonya contra a mesa de novo. — O Clive ia me demitir, sabia? É, ele disse que estávamos com *problemas financeiros*.

Os olhos de Tonya estão vermelhos e brilhantes, como se ela lutasse contra as lágrimas.

Eu continuo:

— Não quero saber que tipo de acordo existe entre vocês. Não quero. Mas por que você nunca me contou que já teve alguma coisa com o Bradley? Você disse que tinha namorado alguém que trabalhava aqui. Não é a mesma coisa, Tonya! — Minha voz treme de emoção. Toda a raiva reprimida vibra em cada palavra. — E por que transar com ele agora? Como você pôde fazer isso comigo, Tonya? Ou com ele? *Por quê?*

Clive dá um passo em minha direção.

— Não se aproxime! — Ellie está entre nós. — Estou falando sério.

O que ela vai fazer, sacudir o telefone contra ele?

Clive levanta as mãos num gesto de rendição e arqueia as sobrancelhas para Ellie, depois olha para mim.

— Do que vocês estão falando? O que está acontecendo com o Bradley?

Meu queixo cai.

— *Ele não sabe?* Meu Deus, Tonya. *Sério?* — Agora estou gritando. Isso é demais. Olho para Clive. — O que, você pensou que o Bradley simplesmente soubesse sobre vocês dois? Sobre a gravidez dela? — Volto a encarar Tonya. — Merda! Você não sabe quem é o pai, não é? — Quase sinto pena dela. Quase. — Clive, a Tonya também está transando com o Bradley. Então, sim, o bebê pode ser dele.

O Cupido acaba de ser atingido pela própria flecha. Clive recua com a força do impacto. Quase espero ouvir a fala de Scooby Doo: “Ela teria escapado, se não fosse por essas crianças intrometidas”. Em vez disso, folhas de papel voam em todas as direções quando Tonya passa a mão sobre a superfície da mesa e pega... um recipiente de metal com tachinhas neon?

— O que você vai fazer com isso? — pergunto, dando uma gargalhada.

Um movimento e as tachinhas voam em minha direção. Fui atacada! Clive está berrando. Ellie está gravando. Se isso for parar no Facebook, eu vou... eu vou...

Tonya joga mais papéis em minha direção.

— Ai! — Enfio a mão no pote de pot-pourri perfumado que fica em cima da mesa de Maggie e jogo um punhado nela. — Você é a *pior* amiga que alguém poderia ter. — Estou me movendo, andando sobre tachinhas e coisas que nem sei o que é.

O rosto de Tonya se acendeu de raiva.

— O que você tem de tão especial, Kenz? Por que eles sempre querem você?

— O quê? Se você gostava de verdade do Bradley... — Jogo mais um pouco da mistura perfumada. — Por que nunca disse nada? — Um pouco mais. O cheiro de capim-limão invade o ambiente.

— Porque ele não me queria desse jeito, tá bom? Feliz agora? — Ela aponta para meu rosto. — Mas você apareceu e tudo ficou sério, cheio de flores e anéis. Com *você* ele quer se casar!

Eu paro.

— O quê? Meu Deus, você está com ciúme? — *Ela está com ciúme de mim?* — Com o Shane também foi por isso, não foi? E agora o Bradley? — Encho a mão de folhas secas e jogo tudo nela. Com força.

— Você não merece ele! — grita Tonya. — Todo mundo pensa que você é *tão* especial...

— O quê? — Viro o pote e jogo nela o que resta de galhos e folhas.

— Para com isso... — Ela estende as mãos para a vasilha. — Para de jogar essa coisa!

Não paro. Jogo as últimas migalhas que ainda restam.

Ela pula, pega a beirada da vasilha e a arranca de minha mão. A tigela gira no ar e cai com um estrondo pavoroso, se espatifando em mil pedaços.

Assim como a nossa amizade.

Assim como o meu coração.

— Você é muito cínica. — Olho para Clive e falo em voz baixa: — Vou trabalhar fora do escritório para encerrar minhas contas. — Olho para Ellie, indicando que é hora de irmos, e caminho para a porta pisando em cacos.

Isso põe o ponto-final em nossa amizade.



Digam alguma coisa

Ellie e eu estamos voltando para casa pela rua principal, a dez minutos do meu apartamento. Tiro o chinelo do pé e começo a arrancar tachinhas neon da sola, grata por ela ser grossa. Estou agitada, furiosa e...

— Se isso faz você se sentir melhor, sempre odiei a Tonya um pouquinho — diz Ellie, o rosto contorcido em desgosto.

Olho para ela com um meio-sorriso de reconhecimento. Ellie é a melhor. É ela que telefona para mim, pergunta se estou bem, faz coisas comigo. No fundo, eu sempre soube que Tonya era uma iniamiga, e da pior espécie.

Abaixo o pé e me reclino no banco do carro.

— Vou procurar um novo emprego.

Ela olha para mim, suas mãos apertam o volante.

— Ah, então eu também vou. Isso, vamos procurar juntas.

Engulo as lágrimas e assinto.

— Você se importa se ficarmos em casa? Não estou com disposição para ir a lugar nenhum esta noite. — Meu coração está apertado. — E amanhã tenho o minichá de bebê da Ren e o noiv... Merda! — Quase engasgo com as palavras. — Só quero ficar em casa, está bem?

— Tudo bem, claro. Não é uma má ideia, considerando esses... cachinhos explodindo na sua cabeça. — Ela olha rapidamente para mim e sorri.

Olho para cima, afasto uma mecha de cabelo do rosto e bufo.

Ela tenta me confortar.

— Kenz, vai ficar tudo bem. Tudo vai dar certo. — A buzina atrás de nós anuncia que o farol abriu.

Por força do hábito, verifico o telefone. *A mensagem.* Chegou outra, quase esqueci. Abro-a, leio e descubro que é a mesma de antes, com um texto adicional.

Leio em voz alta para Ellie, com o mesmo tom sonhador de *Mensagem para você*. Levanto as sobrancelhas quando olho para ela.

— Chegou mais cedo. Apropriada, não?

Ela sorri com os lábios selados, e eu continuo lendo:

— “Sei que é um pouco tarde para perguntar, mas você é casada?”

— É uma fala de *Mensagem para você*? — Ellie pergunta, ao entrar na minha rua.

— É. — Paro para pensar. — É sim. Mas é de Kathleen para Joe Fox.

Ellie aumenta o tom de voz.

— Ah, aposto que ele quer saber sobre o Bradley. Se você vai voltar com ele. — Há um brilho de animação em seus olhos.

Estou ocupada respondendo, com o coração acelerado. Leio a resposta em voz alta:

— “Querido NY152, que tipo de pergunta é essa? Ah, espere. Entendi. Seus amigos estão dizendo que o motivo para não termos nos conhecido é que eu sou casada. Estou certa?”

Clico em “Enviar”.

— Essa é a resposta de Joe Fox. — Outra mensagem chega quase imediatamente. — “Querida ShopGirl, a gente devia se encontrar.” — *O quê?* — Não — balanço a cabeça. — Ele me induziu a isso. Não vou encontrá-lo, ainda não. Eu... não. — Ainda preciso de tempo para pensar. Ele tem sorte por eu estar aceitando a brincadeira com *Mensagem para você*. Guardo o celular e, agitada, começo a procurar minhas chaves na bolsa.

Ellie entra no condomínio onde moro e para o carro sem dizer mais nada. A única coisa que quero é voltar ao meu sofá e abrir um vinho, talvez. Ainda estou procurando as chaves quando saímos do carro. Bato a porta com o quadril, amaldiçoando mentalmente o tamanho de minha bolsa.

— Kensington.

Meu coração para. *Sério?* Incrédula, levanto a cabeça. É o sr. NY152. Aqui, no meu estacionamento. Nada de “vamos nos encontrar”. Shane já está aqui.

Por que ele está de terno? Seu cheiro é de almíscar e tentação, comprovando que o Diabo realmente veste Prada. Pelo menos eu acho que é Prada. Não importa. A ideia prevalece.

Shane está ali parado, esperando que eu diga alguma coisa. Pisco. É aqui que um dos seis bobes restantes tem que pular e soltar mais uma mecha de cabelo. *Ai, Deus, meu cabelo.*

— Oi, Shane. — Ellie sorri com doçura, arregala os olhos para mim, depois se aproxima de... *Ah, que ótimo.* Rand Peterson. A turma toda veio.

Não estou preparada para lidar com isso. Começo a andar, a mão ainda dentro da bolsa, revirando o conteúdo e redistribuindo tudo no espaço infinito. Não consigo achar as chaves.

Onde estão? Ando mais depressa, sem dizer nada nem reconhecer que ele está ali. Vestido daquele jeito, me seguindo enquanto estou vestida desse jeito. É mais que constrangedor.

— Você está linda — Rand diz a Ellie, com um sorriso radiante, quando passo por eles. Seu rosto expressa desânimo quando me vê.

Tanto faz. Estou lançando uma nova tendência. Seco a região embaixo dos olhos e noto a mancha preta em meus dedos. *Ótimo, meu rímel escorreu.*

Ellie está contando nossa desventura a Rand.

— Então estávamos no banheiro, e a Kenz, ai, meu Deus, ela...

— Kensington, espere, por favor — Shane fala atrás de mim com um tom afetuosos e, possivelmente, uma expressão divertida.

Não tem importância, não estou me divertindo e não vou esperar, isso é certo. Só quero me esconder. Meus chinelos crivados de tachinhas fazem um barulho irritante a cada passo que dou no piso de concreto. Minhas antenas de cabelo pulam e dançam ao ritmo da caminhada. Eu me sinto como um inseto com calçados de sapateado.

— Kensington, por favor. Precisamos conversar. — Shane está ao meu lado, acompanhando meus passos rápidos e barulhentos.

Paro na frente da porta, enfio o braço inteiro na bolsa e vasculho o conteúdo como se cavasse um buraco. Finalmente, meus dedos tateiam metal e plástico. Pego as chaves, destranco a porta e me afasto para deixar Ellie e Rand entrarem.

Mas, quando Shane dá o primeiro passo, eu me coloco na frente dele, entro e bato a porta. Não estou preparada para conversar.

— Kensington. — As palavras dele soam abafadas do outro lado.

O prédio é feito de tijolos, então ele pode bufar e soprar quanto quiser. Quando me viro, Ellie e Rand estão olhando para mim.

— Ela bebeu? — Rand pergunta a Ellie, apontando em minha direção.

Ellie ri.

— Ainda não. Não vai deixá-lo entrar?

Toc, toc, toc. Ignoro.

— Não. Acho que não.

— Kensington — Shane fala mais alto. De novo, *toc, toc, toc.*

— Precisamos de vinho. Converse com ele, Kenz — Ellie sugere e se dirige à cozinha.

— Eu, hum... — Rand aponta para Ellie e vai atrás dela.

Boa ideia. Batidas de novo. Dessa vez, o lobo está realmente parado na porta. E que grandes mentiras ele contou. Bem, tecnicamente, acho que ele não mentiu, mas omitiu. Ele sabia sobre Tonya e Bradley. A lógica me diz para não confiar nele.

Porém há uma vozinha persistente que pula, animada, e repete: *Mas ele está aqui, ele está aqui.* Ela até espalha glitter no ar.

Fecho um olho e espio pelo olho mágico com o outro. Ele é bonito até distorcido. Ondas escuras emolduram os olhos cor de metal e... *Ai, ele está olhando de volta!* Recuo de um salto. *Ele não pode me ver, pode?*

— Kensington, posso entrar, por favor? — A maçaneta vira para a esquerda, depois meio centímetro para a direita antes de travar.

Continuo perto da porta.

— Acho que não é uma boa ideia neste momento. — Quase digo “Pode esperar sentado, seu lobo mentiroso”. Mas já pareço maluca, não preciso falar como uma doida também. Apoio-me na porta e torço as mãos.

O peso de Shane sacode a porta e me sacode quando ele se apoia do outro lado.

— Tudo bem. Eu não vou embora, então vamos conversar assim.

— Como quiser. — Eu só preciso me afastar. Não ficar aqui. Mas meus pés estão presos ao chão. E, para ser justa, ele tem direito à mesma cortesia que

dispensei a Bradley, certo? Viro e pressiono um ombro na porta. — Minha proposta é a seguinte: você tem uma chance para falar a verdade. Eu pergunto, você responde. Certo?

— Pode perguntar.

Meu estômago dá um salto. Não estou pronta. O que quero perguntar, exatamente? *Por que você não me contou sobre o Bradley e a Tonya? Você sabe sobre o Clive? Como posso confiar em você de novo? Por que está com as minhas pinturas?* E, com uma voz baixa e fraca que vem de algum lugar muito profundo... *O que você sente por mim?*

— Kensington?

Minha cabeça balança e bate na porta. Eu a deixo ali.

— Você sabia sobre eles desde o começo. Por que não me contou sobre o Bradley e...

— Você teria acreditado em mim? De verdade? Depois de tudo que aconteceu no passado? Isso só teria te afastado ainda mais. Não, você tinha que fazer essa escolha por si mesma.

Eu terminei o noivado antes de descobrir sobre a traição e a gravidez. Então, fiz a escolha por mim. E, não, acho que eu não teria acreditado em Shane. Na verdade, me irritei simplesmente ao ouvi-lo dizer que Bradley não servia para mim. *É, faz sentido.*

— Kensington?

— Tudo bem, acho que isso eu entendo. — Uma onda de indignação me invade. — Mas por que você não me impediu de ir embora? Você me deixou ir.

— Eu tentei impedir, mas... você ainda estava com o anel. — A voz dele soa baixa.

Verdade. Minha mão se abre sobre a porta.

— Não estou mais, Shane. — Juro que posso senti-lo do outro lado. Fecho os olhos. *Diga, apenas diga.* — Preciso saber o que você espera que aconteça entre nós. O que você quer. Porque eu ainda quero me casar e formar uma família... e todas essas coisas. — Pronto. Falei. Pus para fora. E dessa vez preciso de uma resposta.

Há uma pausa. A mais longa e torturante pausa que jamais houve.

Sinto a porta se mover, mas ele não fala nada. *Diga alguma coisa, qualquer coisa. Por favor.*

Olho novamente pelo olho mágico. Perco o ar. *Ele foi embora?* Foi. Não o vejo mais. Inclino a cabeça para um lado e para o outro e só vejo o corredor e a escada vazios. Abro a porta e me debruço para fora.

Nada de Shane.

A vizinha animada que espalha glitter agora ri de mim e grita: *Você estragou tudo, falou como uma pessoa carente e exigente e... ele não quer essas coisas.* Ele não quer.

Mas eu quero.

E, pela primeira vez, isso é tudo que importa.

Fecho a porta, confusa e irritada. O sofá me chama, então pego o telefone, caminho até lá e me jogo, a cabeça rodando. Qual é o propósito? Quer dizer, por que ele veio até aqui?

Abro o Facebook e leio as atualizações. Fotos do que as pessoas fizeram para o jantar e mais um convite de jogo. Abro o e-mail. *Nova mensagem de Shane?* O assunto é “lista atualizada”. Leio a mensagem:

1. *Sintonia de amor*
2. ~~*Uma linda mulher*~~
3. *O diário de Bridget Jones*
4. ~~*Vestida para casar*~~
5. *Dirty dancing: ritmo quente*
6. ~~*Gatinhas e gatões*~~
7. *Simplemente amor*
8. *Digam o que quiserem*
9. ~~*Mensagem para você*~~
10. ~~*O casamento do meu melhor amigo*~~

É isso? É só a lista. Nenhum comentário, nada. Não consigo deixar de pensar nos momentos dos filmes que vivi com ele. Mas não sei ao certo o que ele está fazendo. Quer dizer, ele sabia sobre Tonya e Bradley. E depois vem aqui e vai embora... *O que significa isso?* Inclino a cabeça para o lado e me concentro em um barulho que vem de fora. O volume começa a subir.

É música. *Música?*

Deixo o celular de lado e escuto. Letra e melodia são familiares. Conheço essa canção. É “In Your Eyes”, do Peter Gabriel.

— Ai, meu Deus.

É *Digam o que quiserem*. Ele está repetindo uma cena de *Digam o que quiserem*.

No filme, Diane Court não olha pela janela. Não vê Lloyd Dobler e sua expressão sofrida. Não, ela fica deitada na cama, escutando. Sabendo que é a música que tocava na noite que eles passaram juntos, que ele está do lado de fora, que cada palavra é para ela.

In your eyes. I am complete. “Em seus olhos. Eu me completo.”

Sorrio entre lágrimas quentes. Não sou Diane Court, sou Kensington Shaw e vou olhar. Vou até a janela da frente, afasto um pouco a cortina e espio.

A risada é instantânea. Shane está mesmo fazendo isso. Ele segura um aparelho de som sobre a cabeça e... *Que roupa é aquela?* Um sobretudo comprido e largo sobre o terno, como no filme.

Afasto mais as cortinas e ele me vê. Ficamos nos encarando pelo vidro, enquanto a canção termina.

Sei que cada palavra é para mim. Sei exatamente o que eu quero. Talvez o que sempre quis.

Em um instante, chego à porta, abro e corro para ele, ainda calçando meus chinelos cravejados de tachinhas. Meu cabelo saltita a cada passo. Desço as escadas e paro bem na frente dele.

Shane olha para o meu cabelo maluco, para o meu rosto borrado de lágrimas e para os chinelos, como se tivesse esquecido o que havia do outro lado da porta. Sinto o calor subir ao rosto quando ele deixa o aparelho de som no chão.

Torço o nariz.

— Ainda me quer?

Shane dá um passo à frente com cuidado deliberado e afasta um cacho do meu rosto. Ele se aproxima, reflexos dourados a um centímetro, e sorri.

— Definitivamente.

Levanto os olhos molhados e tomo outra decisão. Não tenho mais o anel no dedo, então peço:

— Me beija. — Minha voz é um sopro fraco, imediatamente capturado pelos lábios dele.

Lábios que se movem lentamente sobre os meus. Minhas mãos enlaçam seu pescoço quando ele me puxa para perto. *Caramba*. Fogos de artifício, vagalumes, estática... Tudo que é remotamente elétrico agora circula dentro do meu coração. É uma provocação suave, uma doce tortura.

Um beijo muito bom.

Shane se afasta apenas o suficiente para sussurrar em meu ouvido:

— Eu sei que tem sido difícil, e amanhã, no chá de bebê, não vai ser mais fácil, então tenho uma surpresa. Não está na nossa lista. E talvez seja melhor você se trocar. — Shane beija meu rosto, depois recua para fitar meus olhos. O olhar dele é cheio de sugestões.

Snap. Um dos últimos bobes se solta, rola por cima de um ombro e cai com um barulho abafado. Com uma risadinha baixa, eu sorrio.



— É um Rolls-Royce vintage 1955 — diz Shane, olhando pelo espelho retrovisor. O carro vibra e trepida quando ele sai do estacionamento. — A empresa onde aluguei disse que ficou desmontado por quase vinte anos. Eles restauraram.

Essa é a minha surpresa. Um carro antigo, como em *Titanic*. Tudo bem, o filme não faz parte da nossa lista, o carro não é uma réplica exata e a história não tem final feliz, mas e daí? A cena do carro é quente, e isso basta.

O interior tem um visual de aviação, com o velocímetro grande e o mostrador de combustível no painel revestido de mogno envernizado. Os assentos são de couro. É incrível.

— Isso é... uma bela surpresa — comento sorrindo. — Aonde vamos?

Shane me olha de lado.

— Para as estrelas.

Eu rio.

— Essa fala é minha. No filme, a Rose diz “para as estrelas” e puxa o Jack para o banco de trás, lembra?

— Então acho que vou ter que te puxar lá para trás. — Os olhos de Shane dançam, cheios de malícia.

Sinto que estou fervendo por dentro e sorrio, depois desvio os olhos, certa de que estou ruborizada.

— Então, jantar? Dançar? Estou vestido para o que você quiser fazer.

Apesar de ter trocado de roupa, o que aconteceu hoje com Tonya não mudou. Nem o interrogatório sobre Bradley que, eu sei, terei de enfrentar amanhã. Ah, e o minichá de bebê de Ren e o que deveria ser minha festa de noivado. Olho pela janela para o céu do começo de noite, com reflexos rosa e vermelhos, e suspiro.

— Não estou a fim de dançar.

— Está com fome?

Olho novamente para Shane e balanço a cabeça.

Nossos olhos se encontram, e ele segura minha mão. Seus dedos acariciam minha palma, aberta contra a dele. Mordo o lábio e sorrio, acanhada.

Shane sorri de volta, e, por sua expressão, consigo adivinhar o que ele está pensando. Meu coração bate acelerado no peito quando considero tudo isso.

— Você sabe que eu preciso de um tempo antes de poder assumir esse compromisso, né? — falo, olhando para nossos dedos entrelaçados.

— Sei, e é compreensível. — Ele inspira devagar, profundamente, depois me olha de lado. — O que você vai fazer?

— Hum... reavaliar tudo. Recomeçar. — Dou de ombros. — Talvez pintar.

— Se você pode pintar, eu posso esperar, Kensington.

Meu coração flutua no peito. São as últimas falas do filme *Tarde demais para esquecer*. Bem, quase.

— Você sabe que é *ela* quem diz isso, e a fala é: “Se você pode pintar, eu posso *andar*”, certo?

Shane me olha nos olhos.

— Eu não pinto e não estou andando.

Mais um salto de meu estômago.

— Então, você disse jantar, dançar, o que eu quiser?

Ele olha rapidamente para mim, mas não diz nada.

Meu coração está batendo depressa. Eu me aproximo dele no banco do carro, levanto sua mão, que ainda segura a minha, e a levo aos lábios. Beijo

delicadamente seus dedos e sussurro:

— Ponha as mãos em mim, Shane. — É o que Rose diz para Jack no carro, em *Titanic*.

Segundos depois, ele estaciona em um dos pequenos mirantes ao longo do rio White, por onde passeávamos. É um lugar isolado e sem iluminação. Shane desliga o motor, e seus lábios encontram os meus com voracidade e desejo.

Depois, ele abre a porta e me puxa para fora, só para me empurrar novamente para dentro do automóvel, mas no banco de trás.

— Não era por cima do banco? — pergunto.

— Assim é mais rápido — ele explica, ofegante. Está beijando meu pescoço, a clavícula, a orelha.

Isso é, hum... Um gemido escapa quando ele morde a ponta da minha orelha. Uma dor agriçoce se acumula logo abaixo do meu umbigo, quando ele chupa com suavidade a ponta do lóbulo. Meu coração dispara. A barba por fazer é áspera e arranha minha pele quente.

Deslizo as mãos por dentro do paletó de Shane, até os ombros, para tirá-lo. Depois meus dedos abrem os botões da camisa um a um, até minhas mãos encontrarem sua pele nua. A necessidade de tocá-lo é como uma dor física.

Ele traça os contornos do meu corpo com a ponta dos dedos. A lentidão é uma agonia. Eu preciso dele. Eu *quero*. Quero me dar inteira para ele. Corpo e coração. *Todo* meu coração.

Shane abre o zíper do meu vestido e o tira devagar por cima de minha cabeça, depois me faz deitar com gentileza. Seus olhos semicerrados e acobreados mergulham nos meus. Palavras sussurradas e beijos cobrem meus olhos fechados, minha testa.

Já fizemos isso antes, Shane e eu. E, de algum jeito, a sensação agora é de voltar para casa. É maravilhoso estar feliz. Esquecer tudo, mesmo que amanhã tudo volte. Porque agora estou perdida neste momento. Em Shane. Sou imediatamente dominada pela emoção. Sinto meus olhos se encherem de lágrimas, e uma delas escorre.

Os beijos de Shane se espalham em meu pescoço, em meu rosto. Ele me olha fundo nos olhos. Com o polegar, enxuga minha lágrima.

— Não chore, ShopGirl, não chore.

A próxima fala é “Eu queria que fosse você”. Mas as palavras não são necessárias.

Então não falo nada.



Quatro xingamentos e um chá

Inclino a cabeça para olhar para Shane. *Meu Deus, ele é lindo quando dorme.* Está reclinado contra a porta, as pernas estendidas no banco de trás do carro vintage, e eu estou em seus braços. Minhas pernas estão praticamente em cima dele. Shane veste só a cueca boxer, eu estou de calcinha. O paletó é nossa coberta. É um belo jeito de acordar.

Espera... acordar? Hoje é... Não, não pode ser.

Droga!

É sábado.

Ai, não! Merda. Merda, merda, merda! Isso não é bom. *Por favor, que seja um sonho.* Que seja um daqueles sonhos realmente estranhos que parecem continuar mesmo depois que abrimos os olhos. Que não seja sábado. Por favor, que não tenhamos adormecido. Eu pisco, aperto os olhos com força e... abro. *Tudo bem, vou tentar de novo.* Fecho... abro. Fecho, abro. Fecho, abro. Fecho, abro.

Ainda estamos no carro.

Não é um sonho. Hoje é o chá de bebê de Ren.

Sacudo Shane.

— O qu...? — Os olhos dele se abrem, cheios de espanto.

Eu me sento.

— Ainda estamos no carro. Já amanheceu. Não sei que horas são. Acho que é cedo, mas... — Respiro fundo. As roupas... Onde está meu sutiã?

— Tudo bem. — Shane esfrega os olhos e os abre ainda mais, com um bocejo profundo, lento. Sem pressa, vira o pulso para ver as horas.

Olho para ele e espero. *Por favor, que seja supercedo.* Por favor. Cerro a mandíbula e espero. Os olhos dele encontram os meus. E estão muito abertos.

— Merda! — Shane já está vestindo a camisa.

— Merda? — *Ah, merda!* Não é supercedo. Isso não é bom. Encontro o sutiã e o seguro em torno do corpo, tentando decifrar as alças. Costumo usá-las cruzadas nas costas. *Quem inventou essa coisa?*

Shane estica o braço para pegar a calça. Quase prendo a mão dele na alça do sutiã.

— A que horas você tem que estar lá?

— Hum, não lembro se começa às onze ou ao meio-dia. Era meio-dia? Não sei. Minha mãe quer que eu chegue cedo. Por volta das dez. — Vesti o sutiã, mas acho que as alças estão cruzadas de um jeito esquisito. Um seio está puxado para a esquerda. Pego o vestido, enfio por cima da cabeça e tento puxá-lo para baixo.

Estou presa!

— Estou presa! — Meus braços estão levantados sobre a cabeça, e não consigo dobrá-los para fazer o vestido passar pelos ombros. Está tudo enrolado. E estou presa de verdade. Eu me debato, tentando encontrar um jeito de fazer o vestido descer. Meus braços balançam no ar. — Merda! Ai! — Acho que o cotovelo dele me acertou.

— Fique parada... — As mãos de Shane seguram a roupa, puxando para baixo. Com um movimento rápido, o vestido desce.

Tudo bem, agora consigo enxergar de novo. Meus braços estão livres. Levanto o traseiro do banco e acabo de abaixar a saia. Pego os sapatos dele e os empurro contra seu peito.

— Aqui.

Shane abre a porta e sai com os sapatos embaixo do braço, pulando em um pé só, para enfiar o outro na perna da calça. O ar da manhã ainda é frio. Percebo que o carro está embaçado por causa da diferença de temperatura, e há muitas marcas de mãos nas janelas.

Talvez tenhamos nos empolgado com a cena de *Titanic*.

Shane liga o carro e começa a dar ré. Eu me jogo no banco da frente e tento achar meus sapatos.

Ele sorri.

— Viu? Um de nós passou por cima do banco, afinal.

Bato nele.

— Que horas são?

— Está tudo bem. Deixo você primeiro, depois vou devolver o carro. Meu carro ficou na locadora, então eu volto com ele para te pegar e te levar até a casa dos seus pais.

Ai, meu Deus. Minha família. Ainda não tivemos *aquela* conversa. Eu não contei nada a eles. Minha mãe, Grayson... eles vão perguntar por Bradley. O carro vintage está gemendo como um liquidificador, em resposta à aceleração repentina. É barulhento e vagaroso.

— Shane, que horas são?

Ele faz uma curva e passa com uma roda sobre a calçada, me jogando para o alto. Eu grito. Ele olha para mim. A camisa está abotoada do jeito errado, e só metade foi posta dentro da calça. Ele não calçou os sapatos, e o cabelo... Bem, o cabelo é uma maravilhosa confusão. Ele abaixa a cabeça com ar de quem se desculpa.

— Quinze para as onze.

QUINZE PARA AS ONZE?

— Rápido, você precisa ir mais rápido! *Vai!* — Bato nele de novo, talvez mais de uma vez. Não sei. Como não tenho um acelerador do meu lado, isso é o melhor que posso fazer. Não consigo respirar. — Mais rápido!

— Estou acelerando o máximo que o carro aguenta. — O automóvel velho protesta ruidosamente contra nossa pressa. Está vibrando e tremendo, a setenta quilômetros por hora pelas ruas da cidade. É como se estivéssemos em *Quatro casamentos e um funeral*, mas, em vez de um casamento, estamos atrasados para um chá de bebê, e o funeral será meu.

Este é, definitivamente, um momento de filme que eu não queria na lista.

Como terei tempo para me arrumar? Minha família inteira... O farol está amarelo. Não vamos conseguir passar. Está mudando.

— Não, você precisa passar! Vai, vai, vai! *VAI!* — Estou batendo nele mais uma vez, para ajudá-lo a ir mais depressa. Passamos, mas o farol já está vermelho.

Assim como as luzes atrás de nós. Estamos sendo parados.

Sério?

— Minha carteira. — Shane apalpa os bolsos sem encontrar nada quando para no acostamento. — Não acho minha... o paletó. Cadê meu paletó? — Ele olha em volta, visivelmente aflito.

Vejo o paletó no banco de trás. Mergulho por cima do encosto e o pego. Shane abre a janela; o policial saiu da viatura. Eu procuro a carteira nos bolsos do paletó, espalhando recibos e tickets de estacionamento da noite passada em todas as direções.

— Aqui, achei. Achei. — Jogo a carteira para o banco da frente. Ela bate no painel e cai no chão.

Respiramos, ofegantes. As janelas estão embaçadas outra vez. Shane tenta pegar a carteira do chão. Agora, balanço o banco para apressá-lo. O guarda se aproxima. *Ele está vindo!*

— Peguei. — Shane tira a carteira de motorista e passa uma das mãos nos cabelos.

— Carteira de motorista e docum...

O policial olha para Shane, para o desleixo das roupas, a camisa abotoada toda torta. Sigo a direção dos olhos dele para as marcas de mãos nas janelas embaçadas. Ele me vê no banco de trás e observa meu vestido, que, só agora percebo, está do avesso, e nota meus seios tortos embaixo dele. Posso imaginar o estado do meu cabelo. Os olhos dele sobem e encontram os meus. E se arregalam com incredulidade.

— Você de novo?

— Oi — respondo com um aceno fraco do banco de trás.

É o mesmo policial da perseguição no dia do paintball.

Merda, merda, merda, merda.



Estou atrasada. Não é o fim do mundo, certo? Não fui presa. Isso teria sido pior. Porém dessa vez levamos uma multa. Bem, Shane levou. Eu ouvi um sermão. A situação toda nos custou mais vinte minutos. É quase meio-dia. Eu devia chegar lá por volta das dez para ajudar, mas ajudar em quê? Minha mãe não vai cozinhar, pois contratou um bufê. Sim, eu posso me atrasar. Tomei banho, estou apresentável e atrasada. *Eu posso.*

Então, por que não consigo respirar?

Meu celular está tocando de novo. Ela já telefonou três vezes. Estamos quase chegando, mas eu devia atender. Resolver isso logo. Dou mais uma olhada no relógio, depois olho para Shane atrás do volante e, relutante, atendo.

— Oi, mãe.

— Kensington, sou eu, sua mãe.

— Eu sei, mãe. — Ouço Ren falando com Grayson ao fundo. Tem música tocando e tilintar de pratos. Ela está na cozinha. A reunião já começou.

— Onde você está? O que acon...

— Desculpa, eu sei que estou atrasada. Chego em cinco minutos. Vou ajudar com...

— Bem, agora já fizemos tudo. Estamos nos preparando para sentar e comer. Não, isso não é aí, vamos deixar lá na frente — minha mãe diz, irritada. — E agora não tem mais nada em que ajudar, viu? Tive que fazer tudo sozinha. Sim, Ren, é a Kensington, eu a encontrei.

Eu não estava perdida. Bem, talvez estivesse. Mas não estou mais. Ouço Grayson resmungando sobre quanto isso é típico.

— Sua tia tentou ajudar, mas sabe como ela é. Sim, nós a encontramos. Parece que está a caminho.

— Estou na esqu...

— Ah, tudo bem. Não posso falar. Chegue logo. É hora de comer.

A ligação é interrompida. Sinto como se estivesse girando em várias direções, como um giroscópio. Meu senso de orientação entra em colapso.

— Tudo bem?

— Sim. *Não.* — Cubro a boca com a mão. Meus olhos estão muito abertos.

Ah, eu não posso fazer isso! Não posso.

Shane está parando o SUV.

— O que você está fazendo? Estou muito atrasada! — praticamente grito. Minha agitação é incontrolável.

Ele coloca a mão sobre a minha.

— Kensington, você é uma mulher bonita, inteligente e charmosa. Vai dar tudo certo, seja como for. Eu garanto. — Seu polegar acaricia meus dedos com afeto. — Estou aqui. Eu apoio você. Eu te enxergo. Vai ficar tudo bem.

Mantendo os olhos fixos nos dele, afago sua mão e concordo com um aceno de cabeça. Ainda não conversei realmente com ninguém sobre toda a situação envolvendo Bradley, Tonya e o fim do noivado. Meu estômago protesta.

Este deveria ser um dia especial para mim. Um dia para celebrar um casamento que se aproximava e sonhar com uma futura família. Agora estou muito longe disso. Olho para Shane, e meu coração fica um pouco mais leve. Estou... bem, feliz. Um pouco assustada e confusa, mas feliz. Ontem meu mundo mudou. Hoje, ele está em um lugar diferente. Mas talvez seja o lugar certo.

Talvez eu esteja mais perto do que imagino.

— Podemos ir. Estou bem. — Talvez eu esteja mesmo. Pelo menos minha aparência é boa. Minha escolha foi um vestido pregueado sem estampas. Não tive tempo de arrumar o cabelo, por isso o prendi num coque frouxo. Surpreendentemente, o resultado é bom.

Seguro a bolsa com mais força quando Shane adentra a vizinhança. Agora, não há mais como voltar atrás. Nós entramos na zona das donas de casa impecáveis.

A rua está tomada por carros estacionados dos dois lados. Não era um minichá de bebê só para a família? Tem até manobrista? Minha mãe costuma contratar um manobrista para as festas de Natal da família Shaw. Não sei por que ela chama aquilo de Natal em família. Vai todo mundo que ela conhece. Estamos estacionando. Chegamos.

O que está acontecendo?

— Você vai ficar bem — Shane afaga minha mão.

Eu queria mais que tudo que ele pudesse ir comigo, mas... essa deveria ser minha festa de noivado com Bradley. E agora sou só eu. Então, tem que ser só eu.

Meu status de relacionamento no Facebook passou de “Em um relacionamento sério” para “Noiva” e para “Solteira”. Eu devia mudá-lo para “É

complicado”. Porque é definitivamente complicado. Deveria ter a opção “Não pergunte”.



— Ai está você. Estão todos lá no fundo. Já vamos comer. — É Ren. Ela usa um vestido de jacquard de mangas curtas e está linda. — Que diabos aconteceu? Sua mãe está uma pilha...

Não falo nada. Estou ocupada demais olhando em volta. A ideia de minha mãe sobre um minichá de bebê e uma pequena comemoração de noivado se transformou em...

— Sim, ela convidou *todo mundo* para sua festa de noivado. E quis fazer surpresa.

O quê? Meu estômago protesta de novo. Sim, estou muito surpresa. A única vez que minha mãe decide mostrar interesse...

— Hum, Kenz.. — Ren me segura pelo cotovelo e me leva para a sala. — Você está bem? Eu sei o que o Grayson me contou, mas...

— Ai, meu Deus, minha mãe sabe, né? Sobre o Bradley? Não estamos mais noivos. Eu contei a ela, mas a gente não... você sabe, a gente não conversou realmente sobre isso. — Estou balançando a cabeça, os olhos bem abertos. — Eu devolvi o anel, ah... — Isso é pior do que eu poderia ter imaginado. Vai ser na frente de todo mundo, não só do olhar desaprovador da minha família.

— Ela sabe, mas eu acho que você precisa saber que...

— Kenzi, por Deus, você está atrasada. Pensamos que... — É minha prima Ashlen, barulhenta, obstinada e que praticamente sustenta o spa clínico do meu pai com suas aplicações de botox.

Minha mãe está mandando um garçom para o pátio e não para. Quando passa por mim, ela diz apenas:

— Foram mais de cinco minutos, Kensington. Já começamos a servir. Venha.

— Oi, mãe — respondo em voz baixa, mais para mim mesma.

Ren se aproxima para falar no meu ouvido.

— Hum, Kenz, eu realmente...

— Ah, já sabem sobre o primo Jimmy? Sim, acho que sim... — Ashlen não nos deixa falar. Ela agora está entre nós, com um braço enganchado no braço de cada uma, levando-nos para o fundo da casa.

O pânico cresce dentro de mim. Vou ter que fazer um anúncio. O que vou dizer? *Hum, desculpem, mas eu cancelei o casamento. Meu noivo pode ter engravidado minha falsa amiga, mas, por favor, fiquem e saboreiem os canapés?*

Ashlen ainda está falando quando passamos pelas portas de correr.

— Ah, é lindo, não é? Eu ajudei...

O pátio está realmente muito bonito. Minha mãe encomendou ao paisagista uma grande tenda com duas enormes mesas retangulares embaixo. As toalhas brancas balançam, embaladas pela brisa, e aquecedores apropriados afofentam o frio. Tem até um trio tocando sob as árvores.

Um minichá de bebê para Ren e uma festa surpresa de noivado para mim. *Para mim.*

Nós nos afastamos para dar passagem a um garçom com uma bandeja de comida.

— Está ouvindo, Kenzi? Você me ouviu? Ah, lá está... — Ashlen se dirige a uma cadeira vazia ao lado de... *Ai, merda.*

É Liza Evans. Bem, futura Liza Evans Matison, e seu noivo Ryan. A mãe dela está sentada com eles. Ashlen aproxima sua cadeira, e Liza acena para mim.

Hum, oi. Meus dedos sem anel dançam num aceno desanimado.

Ren segura minha mão com força.

— Então, o que estou tentando lhe dizer..

— Muito bem, vamos fazer silêncio. — Alguém está batendo em uma taça. Todos olham para a mulher de voz fina lá na frente.

Sério?

— Ora, ora, se não é a futura sra. Bradley Connors, nossa convidada *superespecial*. — É Bethany Chesawit, a extraordinária organizadora de casamentos e, acho, coordenadora do evento chá de bebê/noivado.

Quero morrer. Quero morrer agora.

Grayson está sentado à ponta da mesa, com meu pai. Vejo tia Greta e sorrio. Acho que estou sorrindo. Meu rosto está fazendo alguma coisa. Ah, ela trouxe um

rapaz novo. Ele é magro e careca. Queria saber como é o nome deste. Minha mãe está em pé, ao lado da cadeira de meu pai, supervisionando tudo.

Bethany Chesawit acena, nos chamando para perto dela.

— Venham, venham e sentem-se, queridas. Você, ao lado do futuro papai orgulhoso. E você, bem ali, para esperar seu lindo noivo.

— Ele está bem ali. — Ashlen aponta para o bar, gritando.

O quê?

Ouçõ Ren falar no meu ouvido:

— Era o que eu estava tentando lhe dizer. Eu não sabia o que estava acontecendo.

Caminhando em direção à mesa com uma expressão constrangida, eu vejo...
Bradley.

— *Nãããão!* — Não consigo segurar, e a exclamação continua soando.

Escuto uma resposta coletiva, um espanto balbuciado. A música para, tudo para. Dá para ouvir as cabeças se virando para mim com um *vuush*.

Todos os olhos estão cravados em mim.

O sorriso de minha mãe é largo e forçado. Ela assente, enquanto as pessoas olham para mim e para Bradley. Acho que ela não está respirando. Não acredito que ela fez isso comigo.

— Hã... quer dizer... não acredito! — A voz emerge de minha garganta com uma risada alta e aguda.

Bethany Chesawit está completamente confusa. Liza Evans cochicha para a mãe, olha para Bradley e para mim.

Estou morrendo. Morrendo!

— Uau. — Levanto as mãos e dou de ombros. — Hum, haha, me pegaram. — Levanto um dedo e o balanço. — Bom trabalho. Ah, oi, tia Lindy. Gostei do suéter. E o seu, Liza. Seu vestido, quero dizer. É claro que não é um suéter... Hum... — *Meu Deus, estou falando sem parar.*

Os olhos de Grayson estão arregalados. Minha mãe está mortificada, fazendo sinal para que eu pare. *Ela quer que eu pare?*

— É mesmo? — Olho para ela, incrédula, depois para Bradley. — Podemos, hã... Posso falar com você um minuto? — Aponto para a porta. — *Lá dentro?* — Levanto as sobrancelhas.

Bradley olha em volta.

Consigno forçar um sorriso tenso.

— Tudo bem. Excelente. Até logo. — E me viro.

Bem na frente de um garçom.

Tropeço nele, e nos enroscamos em uma confusão de braços e pernas. Ele recua um passo. A bandeja balança. Pratos escorregam. Mais um passo trôpego para trás e... comida voando. Convidados gritando. O garçom caiu no colo de alguém. A mão dele está onde não deveria.

A minha está cobrindo minha boca aberta. Cheguei há dez minutos e... e... Tia Greta está em pé. Meu pai revira os olhos. Prima Ashlen ri alto. Os olhos de minha mãe são duas frestas finas. Seu rosto está vermelho. Os lábios estão apertados. A cabeça balança, desaprovadora. Para mim. *Sério? Ela está brava comigo?* Não posso acreditar.

Uma dor contida retorce minhas entranhas, alimentando a tensão até que ela explode, ruidosa e poderosa.

— Está *brincando comigo*, mãe?!

Ai, meu Deus.

Time Kenzi: cem milhões de zilhões negativos.



Finalmente amor

Bradley foi embora. Eu o mandei embora definitivamente. E não vai voltar. Acabou. Estou tremendo, chocada com a audácia dele. Que raios ele estava pensando? Não sei como ele convenceu minha mãe de que estávamos resolvendo tudo. Tudo bem, eu sei. Ela queria acreditar nisso. Eu entendo.

Porque, por muito tempo, eu também quis acreditar.

Mas, caramba, mãe!

Isso é horrível. Mas não estou chorando. Estou constrangida. Tudo bem, *humilhada...* Mas não choro. Estou fazendo minhas escolhas. Pela primeira vez, sinto que estou me impondo. Fiz a escolha relacionada a Bradley. Estou escolhendo Shane. Mas, mais importante, estou escolhendo a mim mesma.

Ding. Ding. Ding. Ding. Um ponto para o Time Kenzi.

— Kensington? — É tia Greta. O cabelo dela ainda está vermelho, mas agora tem um tom mais escuro. Eu não havia notado antes.

Quando me viro, vejo Ren ao lado dela. Levanto a mão e aceno. Não consigo falar.

— Excelente discurso, meu bem — tia Greta fala, com um sorriso astuto.

Olho de Ren para minha tia. A fala do filme *Bridget Jones* simplesmente escapa de minha boca:

— Também estou disponível para bar mitzvahs e batizados. — Dou uma risadinha, que é ecoada por elas.

— Pense da seguinte maneira — sugere Ren, sem entender a referência. — Você definitivamente sabe como fazer uma entrada grandiosa.

Olho para ela e torço o nariz.

— Desculpe por ter estragado seu chá.

Ela balança a mão, como se não se importasse.

— Não se preocupe com isso. — E bate um ombro no meu.

Tia Greta me envolve com um braço.

— Tudo o que preciso saber agora é se você está bem. Está?

Ofereço um sorriso fraco.

— Sabe, eu acho que sim... estou sim.

Ou pelo menos estou trabalhando para isso.



Vejo tia Greta me observando do outro lado da mesa, fazendo o possível para fingir que não olha para mim. Eu me esforço para manter uma conversa educada, mas não consigo me concentrar. É como se todo o fiasco envolvendo o discurso, Bradley e o garçom não tivesse acontecido. O trem da loucura está de volta aos trilhos e segue em frente a toda velocidade. Estou colocando açúcar no meu chá e me sinto atordoada, mas... bem.

— Então, Kensington. — Meu pai se apoia sobre um cotovelo. — Como vão as coisas na agência? Soube que tem um novo cliente.

Abro mais os olhos, a colher fica parada no ar. Ele se refere ao restaurante de Shane? Sei que eles almoçaram juntos, mas ele vai tocar nesse assunto agora?

— Hum, é. Estou trabalhando em um novo restaurante temático, desenvolvendo um conceito relacionado ao cinema — respondo com hesitação e continuo adoçando meu chá. Olho para minha mãe.

Ela fala alguma coisa. Eu sorrio sem entusiasmo. Ou penso que estou sorrindo. Volto a apoiar as costas na cadeira, mexo o chá e bebo um gole. *Uau, bem doce.*

O novo namorado de Greta se chama Rolly. Ele olha para mim e limpa a boca com um guardanapo azul.

— O banco está considerando novos projetos de marketing. Talvez eu deva conversar com você, Kenzi.

Tia Greta sorri e dá um gole de sua bebida.

— Ótima ideia, Rolly.

— Você não pediu demissão? — pergunta minha mãe em voz alta. Ela se inclina para que eu possa ver claramente sua decepção. — A Tonya telefonou ontem à noite para perguntar se você estava aqui. Disse que você não respondia às mensagens dela. Está preocupada.

De repente, Ren se interessa.

— *Espera*. Você ainda fala com a Tonya? Pensei que...

— Um completo mal-entendido — minha mãe fala apressadamente, depois pede para Ren passar o molho.

Eu pigarreio. *Sou capaz disso*.

— Não houve nenhum mal-entendido com a Tonya, mãe. O que ela fez está perfeitamente claro. E eu não pedi demissão. — Olho para meu pai em busca de apoio.

Ele assente discretamente. É tudo de que preciso.

— Vou trabalhar por conta própria. Estou terminando meus projetos fora do escritório enquanto me dedico ao plano de negócios do meu novo ateliê. — Eu me endireito e olho para minha mãe. — Já tenho um contrato garantido.

— Talvez dois — diz Rolly e sorri com carinho para minha tia.

Gostei dele.

Grayson olha de minha mãe para mim.

— Você já tem um contrato? Quem é o cliente?

Não sei bem como o contrato de Shane com a Safia vai ficar quando eu sair, mas ele disse que me contrataria; então, trabalhos futuros, talvez? Respiro fundo e sigo em frente:

— A fazenda de Shane Bennett, para começar.

O rosto de minha mãe agora expressa desgosto. Não sei se é por causa da menção a Shane ou se é pela palavra *fazenda*.

Ela bufa.

— Esqueci que a família dele tinha uma fazenda.

Deve ser pelos dois motivos.

— Sim, e ele desenvolveu um restaurante com cinema e tem planos de transformá-lo em uma rede. O primeiro fica na propriedade dele. É incrível. Faz fronteira com La Porte, aquela pequena área turística, lembra? — Como alguma coisa e sustento seu olhar. Meu coração bate num ritmo estranho.

— Eu gosto de fazendas — Rolly me diz. — Adoro todos os animais. Eles têm cavalos? São animais muito espertos.

— Como você vai se sustentar com um cliente, Kenzi? — Grayson olha para meu pai. — Isso não é viável.

A garçonete enche mais uma vez o copo de tia Greta.

— Obrigada. — Ela olha para Rolly. — Porcos são mais espertos, na verdade. Mas não sei se a fazenda tem animais, Rol.

— Tenho certeza que ter o restaurante Carriage House como primeiro cliente é suficiente para começar. — Meu pai encara Grayson. — Além do mais, ela pode fazer o trabalho de design gráfico do spa.

Sorrio para meu pai.

— Mesmo?

Ele sorri e assente.

— E espero um bom desconto.

Rolly limpa a boca de novo, agora com um guardanapo cor de rosa.

— Sabia que os porcos são limpos? Eles têm má reputação.

Percebo que minha mãe está quieta. É inútil tentar convencê-la de que está errada. Seria esforço desperdiçado. Não posso mudá-la. Mas posso mudar o jeito como reajo a ela.

— A festa está linda, mãe. — *Mesmo que a intenção tenha sido mal orientada.*

— Está, hum, impressionante.

— Eu não disse que eram sujos, disse que eram espertos. Porcos são espertos — tia Greta diz a Rolly, balançando a cabeça.

O exterior frio de minha mãe se derrete com o elogio. Ela é assim, sempre preocupada com as aparências. É assim que ela vê o mundo.

Eu vejo de um jeito diferente.

— Ah, obrigada. — Ela sorri para mim. — É muita gentileza sua notar. Eu não sabia se devíamos servir frango ou peixe, mas acho que o frango foi um sucesso.

Rolly se inclina sobre a mesa.

— Eles têm galinhas?

Bebo um pouco de água, olho em volta e percebo que Ren está me encarando. Ela faz uma careta, arregala os olhos e eu sorrio. Aparentemente, estamos pensando a mesma coisa. Eles são todos malucos. Mas são minha família. E, no fim, é isso que importa.

Em *De repente 30*, a personagem de Jennifer Garner, Jenna, quer ter trinta anos, ser sedutora e bem-sucedida. Com um pó mágico, seu desejo é atendido, mas as coisas não são como ela esperava. No fim, ela tem uma segunda chance. Uma oportunidade de fazer tudo diferente.

Ainda não tenho trinta anos, e minha vida não é bem-sucedida. Mas, como Jenna Rink, tenho a chance de recomeçar e escolher uma nova direção. Parece que vou poder fazer tudo diferente, afinal.

E não precisei de pó mágico. Só de coragem.



Ren e Grayson estão sentados à mesa da frente, cercados por lindos pacotes com laços azuis e cor de rosa. Eles abrem os presentes para o bebê, enquanto os convidados saboreiam as sobremesas e assistem à cena. Sinto uma dorzinha no peito quando os vejo assim.

Minha mãe mantém as mãos unidas, animada com a reação de Ren quando Bethany Chesawit traz seu presente *superespecial*. É a bolsa de fraldas da Gucci sobre a qual minha mãe me falou, e está cheia de presentes menores.

— Obrigada, sogrinha! — Ren está chorando e elas se abraçam. Todos comentam a generosidade de minha mãe, seu bom gosto e sua delicadeza. A bolsa passa de mão em mão para ser admirada. É linda.

O presente seguinte vem embrulhado em papel verde estampado com pequenos guarda-chuvas.

— Este é da... Ashlen — diz Ren, removendo o papel. Com cuidado, ela tira o objeto de dentro da caixa. — Ah, é um cofrinho. — Uma tartaruga de prata. — Lindo, Ashlen. Obrigada.

Viro a cabeça num estalo. Eu tirei esse presente da lista. Talvez Ashlen tenha apenas gostado dele.

O próximo... outro cofrinho. Um urso de cerâmica. Sei que não pus esse objeto na lista. Não é nem bonitinho.

— Nunca é demais — Ren comenta com um sorriso exagerado, que não ilumina seus olhos. A cada presente, seu sorriso se torna mais duro e forçado.

Um gemido baixo e incômodo escapa do meu peito. Dou uma olhada rápida para tia Greta. Ela está séria, com as sobrancelhas próximas, tentando ler minha expressão. Movo os lábios, sem emitir som:

— Eu acrescentei presentes à lista, mas depois tirei.

— O quê? — ela cochicha do outro lado da mesa.

Ren abre mais uma caixa... e tira... cabides. *Cabides de plástico para bebê?* Meu desânimo é imediato. Por um instante, Ren parece horrorizada. Depois sorri. Não, ela ainda parece horrorizada.

Tento desesperadamente entender aquele dia. Lembro-me de ter removido e adicionado novos itens. Acrescentei lindos conjuntos de lençol para berço, roupinhas verdes e amarelas, até um moisés de madeira.

— Eu tenho certeza que consertei — sussurro para tia Greta. Estou balançando a cabeça, incrédula.

Tia Greta balbucia:

— O quê? — Ela levanta as mãos abertas. E repete a pergunta com ar perplexo.

Estamos conversando sem emitir nenhum som, só movendo os lábios. Não entendo o que aconteceu. *Ah... ah, não.* Shane aconteceu. Ele apareceu e a funcionária da Fossie's nos expulsou de lá.

— Shane — eu falo, movendo os lábios.

Ela disfarça a risada fingindo tossir.

Corro para Ren e cochicho no ouvido dela:

— Eu não salvei. Acrescentei algumas coisas acidentalmente, eu ia te avisar, mas esqueci de ligar, depois voltei na loja e consertei tudo, mas não salvei as alterações. Me desculpa, Ren. Vou devolver tudo, eu juro. Não fique brava.

Ela parece ainda mais confusa, mas consegue exibir um sorriso meio torto quando Grayson lhe entrega a última caixa. Tímida, ela remove o papel amarelo e olha para mim.

— Esse é meu, Ren. — Tia Greta se levanta com a câmera na mão, pronta para registrar o momento.

Ren afasta o papel de seda e espia dentro da caixa. Seu rosto se contorce entre o desgosto e um sorriso.

Ela levanta o presente... *ah!*

O flash da câmera de tia Greta me ofusca.

É o monstrengo de pelúcia verde e rosa, cruzamento de porco com hipopótamo, com os olhos saltados. Cubro a boca com as duas mãos. Tia Greta dispara outro flash quando os olhos de Ren pousam sobre a coisa que ela está segurando.

Ren olha para mim, depois para tia Greta... e ri.

Todo mundo ri.

— Não se atreva a devolver esse — anuncia tia Greta, provocando mais risadas.

Alguém toca a campainha.

— Eu atendo — grito, feliz por poder escapar. Entro em casa. O garçom em quem tropecei antes me vê e dá três passos largos para o lado. *Engraçadinho.*

Continuo caminhando em direção à porta da frente. Seguro a maçaneta, abro a porta... *Shane?* Sou tomada pela confusão. Ele não pode estar aqui. Nós conversamos sobre isso. Preciso de um tempo. Saio e fecho a porta atrás de mim.

— O que você está...?

Shane cola o dedo indicador nos lábios. Meus olhos encontram os cartazes que ele segura com a outra mão.

— Shane, você não pode...

Ele me silencia mais uma vez. Vira os cartazes e, do outro lado, vejo que há algo escrito. Ele sorri, tímido, e move a cabeça, me incentivando a ler:

“Não diga que são cantores de Natal...”

— O quê? — sussurro, confusa. — Por que eu diria... — Ah... Já sei o que é isso.

É *Simplesmente amor.*

Ele vai fazer isso agora? Aqui? Pelo canto do olho, noto o movimento da cortina da sala. Tem alguém espiando.

Shane move os cartazes e chama minha atenção novamente.

É a cena de Juliet e Mark. Ele está perdidamente apaixonado por ela, mas Juliet é casada com o amigo dele. Então, ele para diante da porta da casa dela e declara seus sentimentos com uma série de cartazes. No filme, é época de Natal, e ele diz a ela para falar que eram cantores na porta. Meu coração bate descompassado quando ele levanta o cartaz seguinte:

“Com sorte, no ano que vem...”

No filme, o cartaz depois desse tem fotos de modelos e a frase “Estarei saindo com uma dessas garotas”, porque Mark sabe que não pode ter Juliet. Shane mostra mais um cartaz, sem fotos. Ele não está seguindo o roteiro. *Boa escolha*. Eu sorrio.

“Talvez esta seja a nossa festa.”

Nossa festa? *Uma festa de noivado?* Meus olhos buscam os dele. Estou formigando. Arrepios sobem e descem por minhas costas, enquanto Shane muda o cartaz. Encolho os dedos dos pés dentro dos sapatos.

“E eu serei convidado para entrar.”

Dou uma gargalhada. Outro cartaz:

“Mas, por ora, só quero dizer que...”

Estou sorrindo e mordendo o lábio, esperando ansiosamente, com os olhos saltando dele para o cartaz:

“Eu te amo, Kensington.”

Sorrio com todo o coração quando vejo aquelas palavras.

Ele me ama. *Shane Bennett me ama*.

Estou flutuando. Quase não consigo respirar. Shane levanta a mão. É um sinal, dizendo que ainda tem mais. *Mais?* Estou no limite. Não tenho onde me segurar. Ele mostra o cartaz seguinte:

“Eu gostaria de marcar um encontro.”

Shane inclina um pouco a cabeça, numa expressão esperançosa.

“Dia dos Namorados. Nova York. Estarei esperando no alto do Empire State Building, ao anoitecer.”

Vejo nos olhos dele o garoto que conheci um dia. Um garoto despreocupado e com grandes ideias. Shane abaixa os cartazes. Não é o garoto que está

propondo o encontro. É o homem. O homem que ele se tornou.

O homem que eu amo.

Assinto, sorrindo entre lágrimas.

A porta se abre atrás de mim.

— Kensington? — É meu pai. — O que está...? — Ele olha para Shane, depois para mim.

Shane coloca rapidamente os cartazes embaixo do braço.

— Sr. Shaw, é um prazer vê-lo mais uma vez. — Ele estende a mão.

— Shane. — Papai aceita lentamente o aperto de mão firme. Mais um olhar dele para mim. — Kensington, por que você não vai ver se a sua mãe ou a Ren precisam de alguma coisa?

— Hum... — Olho para Shane, depois para meu pai. — Eu, hã...

Meu pai abaixa o queixo. *Tudo bem.* Entro em casa com o olhar fixo em Shane. Papai fecha a porta rapidamente, me excluindo da cena.

Ai, meu Deus. *O que será que ele vai dizer? O que devo fazer?* Vou até a janela da frente e, sim, lá está Ren atrás das cortinas, ainda segurando o monstro de pelúcia. Eu sabia que havia alguém ali.

— Meu Deus, Kensington! — Ela dá um passo para o lado para me dar espaço, depois se apoia em meu ombro.

Estamos as duas atrás das cortinas fechadas. Só nossos pés podem ser vistos da sala de estar. Lá fora, vejo as costas de meu pai e a cabeça de Shane. As mãos de meu pai se movem enquanto ele fala, mas não consigo ouvi-lo. Tudo que ouço é a voz de Ren em meu ouvido.

Ela mantém a mão sobre a base do pescoço.

— E aqueles cartazes? Foi tão lindo, meu Deus, me fez chorar. A gente sabia...

— O quê? — Viro completamente para encará-la, e as palavras simplesmente jorram. — Vocês sabiam *o quê?* — Minha pulsação entra na zona de risco.

— Bom, com o Bradley telefonando para casa o tempo todo para falar com o Grayson, e o Shane conversando com o seu pai... E você sabe como o Grayson e o seu pai conversam... — Ela dá de ombros.

Não tenho palavras. Balanço a cabeça.

A cortina se abre com um ruído estridente, provocado pela fricção das argolas no varão.

Nós duas pulamos. Levo a mão ao peito.

— Que diabos vocês duas estão fazendo? — É Ashlen.

Ren e eu trocamos um olhar rápido de cumplicidade. Ashlen tem a boca grande.

— Nada. É só conversa de mulher — diz Ren, saindo de trás da cortina com o monstro embaixo do braço. — A gente já estava indo procurar um lugar para sentar. Não é, Kensington?

Olho para fora. Meu pai está com as mãos nos bolsos, e Shane move a cabeça.

Ashlen agarra meu braço e começamos a andar.

— Ótimo. Vou sentar com vocês, então. A Liza estava me irritando. Ela achou que o Bradley fosse britânico. Que anta...

Deixo de ouvir o que ela diz. Shane me ama. Meu pai está falando com ele. Ren está sendo legal. Minha família inteira sabia o que estava acontecendo. Talvez não com todos os detalhes, mas...

A porta se abre. Meu coração para. *Shane ainda está aqui.* Ashlen olha de Shane para mim, de mim para Ren, e um sorriso curioso surge em seu rosto.

— Ren, Ashlen, por que não voltam para o pátio? — diz meu pai. Não é uma sugestão. — Shane, tenho a impressão de que o veremos com mais frequência a partir de agora. Nós nos reunimos uma vez por mês para o brunch de domingo. Adoraríamos ter você conosco.

— Espero que sim, e seria maravilhoso. Obrigado, senhor. — Eles trocam mais um aperto de mão, e meu pai pisca para mim antes de voltar para o pátio.

Ele piscou?

— Humm, eu já vou — aviso, me aproximando de Shane.

Paramos na metade da alameda pavimentada na frente da casa, e ele segura minhas mãos.

— O que você disse ao meu pai?

Shane sorri.

— Conteí minhas intenções com a filha dele e disse que, apesar de preferir ter o apoio e a bênção da família, dessa vez só preciso ser aceito por você.

Um sorriso bobo se forma em meu rosto. Meu pai o convidou para o brunch. Shane me ama. Vamos nos encontrar no Dia dos Namorados.

Ouço um ruído estranho, depois uma explosão molhada.

Grito.

Em segundos, estamos encharcados. Tentando absorver o choque causado pela água fria, Shane e eu nos entreolhamos e rimos.

Meu pai instalou o sistema de irrigação Super 3000 na primavera passada. Ele produz jatos de água que sobem e se espalham em tempo recorde. Minha mãe deve ter se esquecido de desligar o temporizador dos borrifadores no jardim da frente.

Shane deixa cair os cartazes e me abraça.

— Parece que acabamos de viver *Bridget Jones*, afinal.

— Acho que esse eu fiz sozinha — respondo, rindo.

Shane me puxa para um beijo. Eu me levanto na ponta dos pés, minhas mãos seguram seu rosto e os lábios úmidos encontram os meus. A barba por fazer é áspera sob meus dedos. Relaxando em seus braços, desço lentamente e piso com os pés inteiros no chão, depois recuo um pouco para recitar a fala de Bridget, com sotaque e tudo:

— Espere um pouco. Bons rapazes não beijam desse jeito.

Ele ri.

— Ah, sim, eles...

Shane não termina a frase. Seus lábios são capturados pelos meus. Sou uma bomba-relógio de felicidade. Posso explodir em confetes de felicidade, imitando os jorros de água. *Puff!* Não vai sobrar nada de mim.

Ouço minha mãe gritando, pedindo para Ren desligar o sistema de irrigação, e me afasto a tempo de ver minha família nos observando da porta. Tia Greta e Ashlen riem. Meu pai sorri. Minha mãe parece tensa. Deve estar preocupada com o que as pessoas vão pensar. Grayson está abraçando Ren, que acena com a pata do monstro de pelúcia. Rolly está atrás de todos e levanta o polegar, animado.

Ding. Ding. Ding. Ding. Ganhei o prêmio máximo! Time Kenzi: não precisa mais contar pontos.

Sorrio para Shane. Seus cabelos encaracolados formam cachos molhados em torno do rosto. Gotas de água brilham sobre a barba por fazer. Reflexos dourados

transbordam de seus olhos e aquecem meu coração. Ele me abraça apertado e me levanta para mais um beijo.

Só falta um momento da nossa lista de filmes. Voltamos ao ponto de partida.

Mas não é o fim.

Porque a vida não é um filme.

Na verdade, ela é *melhor*.

EPÍLOGO

Shane & Kenzi: feitos um para o outro

Não lido bem com aviões. Mas estou assistindo a *Sintonia de amor* no meu tablet, para me acalmar e passar o tempo. É a cena em que a personagem de Meg Ryan, Annie, assiste a *Tarde demais para esquecer*, e Becky, amiga dela, diz minha fala favorita: “Você não quer se apaixonar, quer se apaixonar em um filme”.

Ela pede a Annie para ler a carta que esta está escrevendo para Sam, e é Becky quem sugere que eles se encontrem no alto do Empire State Building, no Dia dos Namorados. Também é Becky quem manda a carta.

Ellie estava ajudando Shane o tempo todo. E me ajudou a organizar a viagem para encontrá-lo em Nova York. Acho que ela está tão animada quanto eu. Porque, assim como Becky, ela quer o que todos nós queremos: *magia*.

— Senhoras e senhores — diz a voz pelo alto-falante. O aviso de apertar o cinto de segurança se acende, e somos orientados a desligar todos os equipamentos eletrônicos e permanecer sentados até a aterrissagem.

Verifico meu cinto e arrumo minhas coisas. Meus ouvidos estalam enquanto o avião pousa. Pela janela, vejo o sol já bem baixo no céu, criando uma névoa fosca que é como um cobertor sobre a silhueta de Nova York. Apoio-me na janela e vejo Manhattan tomar forma. Nunca estive aqui. São tantos prédios que parecem se enfileirar numa sequência sem fim.

Três meses se passaram desde que Shane apareceu na porta de meus pais e disse que me amava. Nenhum telefonema, nenhuma conversa pelo Facebook,

nenhum e-mail depois disso. Nada. É claro, isso foi o que eu pedi. Espaço para me situar, mas...

E se ele mudou de ideia?

Devemos nos encontrar ao anoitecer do Dia dos Namorados, como no filme original; mas, como no filme, estou atrasada. Meu avião ficou retido por duas horas em Indianápolis, por causa das condições climáticas.

Mal posso esperar para contar a ele tudo que tem acontecido. Além do trabalho de design gráfico para a empresa do meu pai, somei duas pequenas empresas a minha lista de clientes. Shane tem contrato com a Safia pelo Carriage House, e Clive me pediu para terminar o projeto como contratada, e foi o que eu fiz. Espero ainda ter chance de fazer os murais.

Quatro das minhas telas estão expostas em uma galeria local, e duas foram vendidas recentemente. Uma delas é de uma garotinha que me inspirou no parque; a outra é da vista da janela do chalé de Shane. Colinas beijadas pelo sol, uma sequência de marrons e amarelos que se estende até onde os olhos podem alcançar.

Não falei mais com Bradley nem com Tonya. Ellie continua na agência, apesar de estar procurando outro emprego, e diz que o clima por lá é tenso. Bradley tem sido discreto e trabalha o tempo todo; Tonya foi para a concorrência e está realmente grávida; e Clive enfrenta seu segundo divórcio. O teste de paternidade já foi solicitado.

— Lá está o Empire State Building — diz a mulher na poltrona do meio, inclinando-se em direção à janela. — Está iluminado para o Dia dos Namorados, viu?

Onde? Espere, tem um prédio alto com centelhas brancas e cor de rosa perto do topo.

— É aquele?

A mulher sorri. Acho que eu esperava o coração, como no filme. Meus ouvidos estalam novamente quando perdemos altitude, depois o avião balança. Hum, não sou realmente uma boa passageira. Meu estômago se revira.

Fecho os olhos e me distraio imaginando o mapa, como os personagens fizeram em *Sintonia de amor*. A câmera se afasta e vejo linhas tracejadas surgindo a partir de Indianápolis, descrevendo um arco alto sobre os estados e

descendo para o aeroporto lá embaixo. Não é tão dramático quanto no filme, não estamos tão longe.

Pena eu ainda ter que atravessar Midtown dentro de um táxi. O Empire State Building fica a menos de quinze quilômetros do aeroporto, mas, com trânsito, posso levar entre vinte e quarenta minutos para chegar lá. Olhei no Google.

Minha bagagem é só uma valise pequena, para economizar tempo, e comprei o ingresso expresso online para o observatório no 86º andar, evitando assim o guichê da bilheteria e as filas no elevador. Mas sei que vou ter que passar pela verificação de segurança, então preciso considerar também esse tempo de espera.

E se ele pensar que eu mudei de ideia?

numero-cap

O motorista do táxi disse que o trânsito não estava tão ruim, mas o que isso significa? Só vejo filas intermináveis de carros e pessoas andando a pé. De repente me sinto muito Centro-Oeste e fora do meu ambiente. Vejo que horas são na tela do celular. Seis e quinze. Anoteceu às cinco e meia. Sei disso porque também olhei no Google. Mando uma mensagem de texto para Ellie:

Ainda no táxi. Voo atrasou. Apavorada

Ah, lá está! O Empire State Building. Apoio-me no encosto do banco da frente e tento ver o topo do edifício pelo para-brisa. Acho que me debrucei demais; estou praticamente fungando na orelha do motorista.

— Desculpe — digo e tento ver o prédio pela janela lateral.

Por que paramos? Estamos ali estagnados. Devo descer, como Annie, personagem de Meg Ryan, fez no filme? Meu coração bate depressa, quero correr. *Eu devia correr.*

— Hum, com licença... — O táxi volta a andar. Estamos em movimento. Tudo bem, talvez ir de carro seja melhor. Lá fora faz frio. *Quase chegando!* Estou praticamente pulando no assento. O entusiasmo é grande.

Procuro na bolsa o ingresso e o dinheiro para o táxi. Quando ele reduz a velocidade, já estou com as notas na mão.

— Obrigada! — Saio do carro e ando depressa. O ar é úmido e frio, do tipo que penetra nos ossos. Pelo menos não está nevando ou chovendo. *Estava chovendo no filme?* Não consigo lembrar. Sigo para a entrada, acompanhando o fluxo constante de pessoas. *Como tem tanta gente?*

Tudo bem, cheguei. Uau, esse lugar é enorme. Art déco e mármore em toda parte, no chão, nas paredes... Olho para cima: até no teto. Bandeiras americanas por todos os lados. *Elevadores, onde?* Mostro o ingresso para um homem uniformizado.

— É um expresso, posso...?

Ele olha o ingresso e aponta para a terceira fila. A segurança é o que provoca a espera. Sigo em frente e vejo as horas no celular: seis e meia.

E se o Shane não estiver aqui? Tenho a foto dele dos tempos de faculdade sobre o criado-mudo, em um porta-retratos. Aquele é novamente o rosto para o qual dou bom-dia todas as manhãs e que estou desesperada para ver. Sinto falta dele. Eu o amo. Eu nunca disse isso. E se não tiver a oportunidade?

Ouçõ o sinal sonoro de mensagem de texto. É Ellie.

Chegando?

Respondo depressa:

No prédio. Parada na segurança. Ainda apavo...

Paro de digitar, porque sou a próxima. O guarda me devolve a bolsa e eu pego minha valise, que na verdade é só mais uma bolsa, porque sei que esse tipo de bagagem não é permitido. Sim, também vi no Google.

— Tudo certo? — Caminho para o elevador. Vamos, vamos, *vamos...* A cabine está cheia, as portas se fecham e lá vamos nós.

Meu estômago protesta contra a subida brusca. Uma voz soa pelos altofalantes, nos dando as boas-vindas ao Empire State Building em vários idiomas, mas tem muita gente falando, é difícil ouvir. Os números no painel luminoso pulam do dois ao dez. *Uau!*

Vinte... trinta... cinquenta andares! O cara ao meu lado está falando que o trajeto todo dura só um minuto. *Um minuto é tempo demais!* Sessenta e seis... Setenta... Agora o painel mostra cada andar e eu sinto a redução na velocidade. Setenta e oito... setenta e nove... oitenta!

As portas se abrem. Eu saio! Sigo diretamente para a grande placa de metal que saúda os visitantes no observatório. Meus olhos procuram Shane com desespero. Examinos os rostos. Onde ele está? Depressa, percorro toda a área interna, depois entro na fila para ir à parte externa e...

Ah, uau.

Sou momentaneamente distraída pelas luzes brilhantes, muitas luzes. Encaixo-me entre duas pessoas e me debruço sobre o muro de cimento para olhar por cima dele. Há uma névoa densa, mas dá para ver além do rio até New Jersey. O homem ao meu lado aponta o Chrysler Building para sua esposa. Um helicóptero distante voa abaixo de nós. É estranho, mas, com exceção da conversa, tudo ali é quieto, quase pacato.

Shane.

Viro e começo a andar pelo observatório. Mando uma mensagem de texto para Ellie:

Finalmente aqui em cima, mas não o vejo!

Cadê? Homem com cabelos escuros... Ando depressa e... não é ele. Estou virando, olhando em volta e... nada de Shane. Tem tanta gente... O lugar está muito cheio e é muito maior do que eu esperava. Volto ao ponto de partida e começo a segunda volta. O medo percorre minha espinha.

Mais uma vez, escrevo para Ellie:

Não encontro o Shane! Já percorri toda a área.

Ela responde imediatamente:

Fique parada. Perto dos elevadores, talvez?

Boa ideia. Volto à porta principal, por onde os visitantes chegam à área aberta. Assim, posso ver quem chega e quem sai. Levanto a gola do casaco, cruzo os braços e abaixo o queixo para suportar o frio.

Um casal de mãos dadas passa por mim. Bem, muitos casais de mãos dadas. É Dia dos Namorados. *Talvez ele tenha mesmo mudado de ideia.* O pensamento me faz contorcer por dentro. Acho que não vou suportar outra decepção nessa data. Olho novamente o horário na tela do celular. É tarde. Eu me atrasei.

Ouçõ um estalo em algum lugar lá em cima. Olho em volta, como todo mundo. O que é isso? São os alto-falantes. É... é música e... *a voz de Tom Hanks?*

— É você.

— Sou eu. — *Agora é Meg Ryan.*

— É *Sintonia de amor!* — digo em voz alta.

A mulher a meu lado me olha de um jeito estranho, mas repete a informação para a amiga.

Estão tocando as falas do filme pelo alto-falante?

— Adoro esse filme — responde a outra mulher.

— Talvez seja alguma coisa relacionada ao Dia dos Namorados — sugere alguém.

As pessoas se entreolham, falando o que acham que está acontecendo. Meus olhos estão muito abertos e seguem de uma pessoa a outra. Mas nada acontece, só as falas do filme soando altas e claras pelo alto-falante.

— É melhor a gente ir — diz Sam, personagem de Tom Hanks. — Vamos?

Começa ao fundo a canção familiar, “Make Someone Happy”, com sua cadência marcante, *bomp bomp... bomp bomp...* É o fim do filme. Ela soa mais

alto e... *bomp bomp... bomp bomp...*

Agora, todo mundo olha em volta.

It's so important to make someone happy... “É tão importante fazer alguém feliz...”

— Ah! — exclama a multidão.

Eu me inclino para ver. Dois casais começaram a dançar. Outro casal os segue. E mais um.

— É um flash mob! — gritam várias vozes.

Nunca vi um ao vivo. Toda a área do observatório parece ter sido ocupada por dançarinos de todas as idades. Mais dançarinos começam a girar e a se mover ao som da canção icônica.

Make just one someone happy... “Fazer só um alguém feliz...”

Dou risada e recuo um passo para abrir espaço. *Isso é tão legal.* Queria que Shane estivesse aqui comigo para ver. As pessoas pegam os celulares para gravar a cena. Talvez eu devesse...

Eu ouvi meu nome? Viro, mas não vejo ninguém. *Sim, ouvi de novo.* Dou um passo para o lado, tentando enxergar alguma coisa em meio aos dançarinos. Eles se afastam para os lados, e, caminhando por esse corredor central, vejo um menino de cabelos escuros usando um casaco vermelho e uma mochila vermelha e amarela.

Não pode ser.

Ele para e puxa o casaco de uma mulher sorridente.

— Com licença, você é a Kensington?

Meu coração dispara. Não posso ter ouvido direito... *Ouvi?* Meus olhos já se enchem de lágrimas. *Não, não pode ser.*

Ele olha para o outro lado, e tenho de me abaixar para ver entre os dançarinos. O menino agora fala com uma mulher de cabelos escuros e curtos. Não consigo ouvi-los, mas vejo quando ela balança a cabeça. Todos olham para ele, sorriem, comentam. Os dançarinos acenam em torno dele no ritmo da música, quase com o garoto.

Agora ele está andando... *ai, meu Deus,* ele está andando... em *minha* direção.

— Com licença, você é a Kensington?

Meus olhos estão arregalados. Não consigo falar, então sorrio e respondo

movendo a cabeça para cima e para baixo. Ouço sussurros à minha volta: “É ela! É aquela garota!” Meu peito está apertado. Olho em volta e vejo que todos me observam.

— Então o que está na minha mochila é para você. — Ele se vira.

A voz rouca de Jimmy Durante continua cantando sobre o amor e sobre se apegar àquele alguém especial. Estou no topo do Empire State Building no Dia dos Namorados, falando com... bem, com *Jonah*. É surreal.

Olho em volta mais uma vez, e o casal a meu lado me incentiva:

— Vá em frente, veja o que tem aí dentro.

Umedeço os lábios, respiro profundamente para controlar o nervosismo, depois abro a mochila. *Ai, meu Deus*. É o monstro de pelúcia. Dou risada e o pego, provocando cochichos e risadas. Percebo o flash de uma câmera. Outro.

De repente, uma exclamação:

— O pescoço dele!

Olho para o pescoço do bicho. No colar feito de balas há um anel. Lágrimas turvam completamente minha visão. Cubro a boca com a mão, e as lágrimas correm sobre e entre meus dedos. *Um anel!*

Levanto a cabeça. *Onde ele está? Onde?*

Os dançarinos se afastam, e, acenando como doida, eu vejo...

— Ellie? — Ai, meu Deus! — Mãe? Pai? — Estou mais que surpresa. Ren aparece atrás de Grayson, aponta para o monstro e ri. Tia Greta sorri com lágrimas nos olhos e a câmera na mão. Mais um flash.

Toda a minha família está aqui. *Todos eles estão aqui*. Meu coração é inundado de felicidade. Ele fez tudo isso por mim. Mas onde está... Minha família se afasta para os lados.

Shane.

Vestindo jeans, suéter cinza de tricô e casaco, ele parece ter saído das páginas de uma revista. Os cantos de seus olhos se enrugam quando ele sorri, e é isso, estou perdida. As lágrimas caem tão depressa que, mesmo que as enxugue, não enxergo nada.

— Aqui, meu bem — alguém me estende um lenço de papel.

Sufoco uma risada e tento secar as lágrimas. É inútil. Estou dominada pela emoção. Trinco os dentes com força, respiro fundo, abraço o monstro de pelúcia e mantenho uma das mãos sobre a boca.

O garotinho ainda está ao meu lado quando Shane se aproxima. A música desaparece, e o silêncio domina o ambiente. Juro, está tudo tão quieto que é como se o mundo todo prendesse a respiração.

Shane se apoia sobre um joelho, provocando um “Ohhhh” coletivo. Ele está com a mandíbula cerrada, tentando se controlar. Seus olhos brilham muito. *Ah, como senti saudades desse rosto.*

— Casa comigo? — é tudo o que ele diz.

E, Meus Deus, é tudo o que ele precisa dizer.

É melhor que qualquer discurso ou fala de filme.

Sorriso com todo o coração e sussurro:

— Eu te amo, Shane.

Aplausos explodem. Tia Greta abraça minha mãe, que enxuga os olhos e sorri. Meu pai está radiante. Até Grayson tem os olhos úmidos. Ellie e Ren estão rindo e chorando.

Olho no fundo dos olhos castanho-acobreados, agora tomados por um brilho esperançoso e terno, e vejo toda a nossa história se desenrolar.

Foi assim que Shane e Kenzi se conheceram.

A magia do garoto que conhece a menina, a angústia da conquista e da perda, a serendipidade do que tinha de ser. Não importa se a comédia romântica segue um curso previsível; reagimos porque ela é baseada na verdade. Na *magia*.

Isso significa um perfeito final feliz? Não, na verdade eu não quero a perfeição. Quero os solavancos. Pelo menos o solavanco inesperado previsto para chegar em cerca de seis meses. Sorrio para Shane. Aposto que ele não está esperando por *isso*.

Todos aplaudem quando ele me toma nos braços e me beija. Um beijo de cinema. Um beijo que encerra nossa lista de filmes e começa nossa nova vida.

Uma *vida* de cinema.

Estrelas da vida real

Obrigada à minha crítica, sócia e amiga, Kaci, que torceu por esta história desde o primeiro manuscrito. Sincera gratidão à minha incrível equipe beta: Cristin, Amy, Stacey, Sharon, Claudia, Rox, Andrea e Nicola. Adoro cada uma e todas vocês.

Um agradecimento especial à minha superagente, Jenny Bent, por acreditar nesta história e me colocar sob sua impressionante asa. À minha fabulosamente divertida editora, Abby Zidle, e a todo o elenco dos bastidores, que não só levaram este título à luz como garantiram seu brilho.

E, é claro, agradeço aos leitores! Assim como Kenzi, acredito que todos nós queremos uma vida cheia de grandes momentos mágicos. *Um amor de cinema* certamente foi, para mim, um desses momentos, e espero que, com a leitura deste livro, você se lembre de viver os seus com propósito e no centro do palco.

Por fim, mas jamais menos importante, agradeço a Deus, o grande diretor, por provar que, quando a vida segue roteiros sinuosos e imprevistos, sempre há um outro caminho para o final feliz.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de
Serviços de Imprensa S.A.